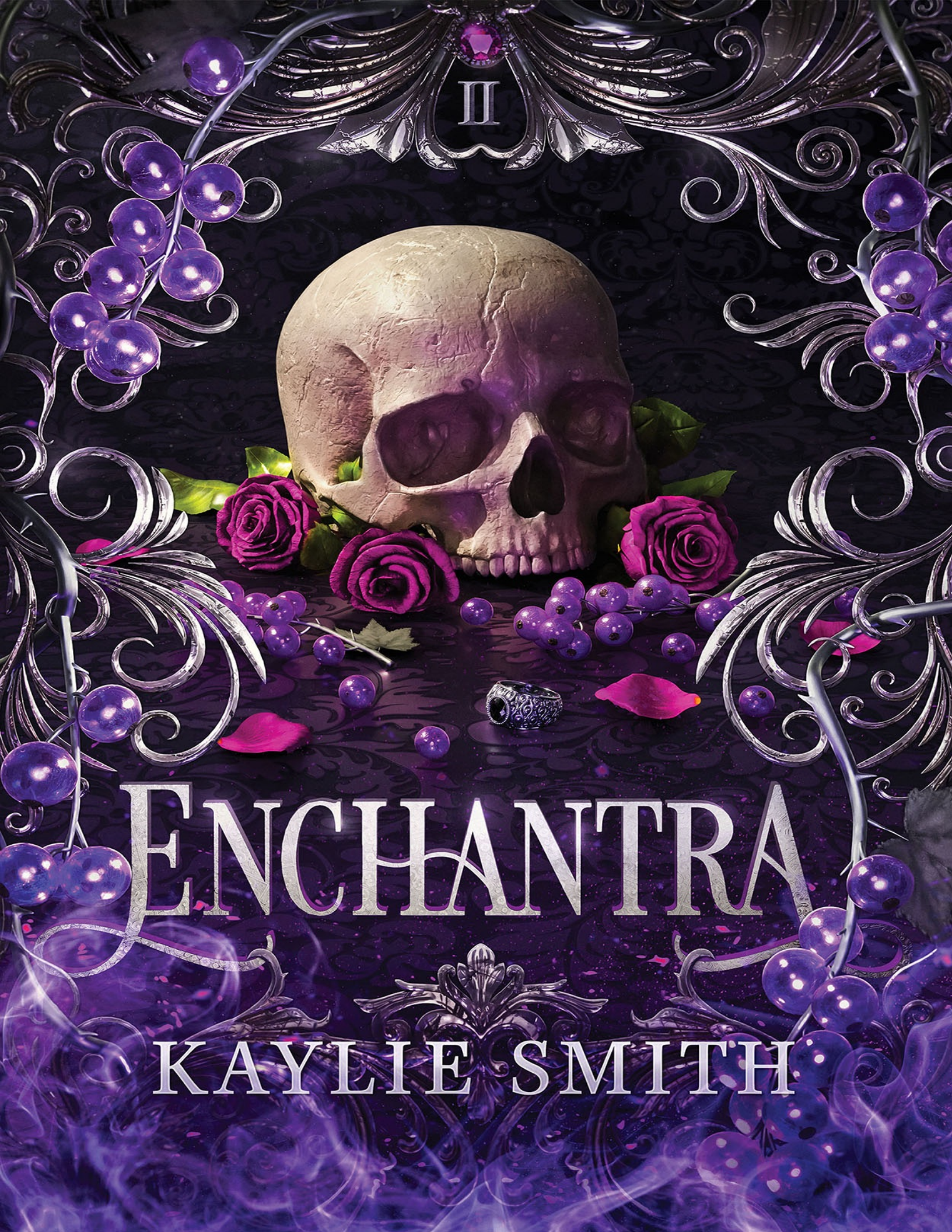
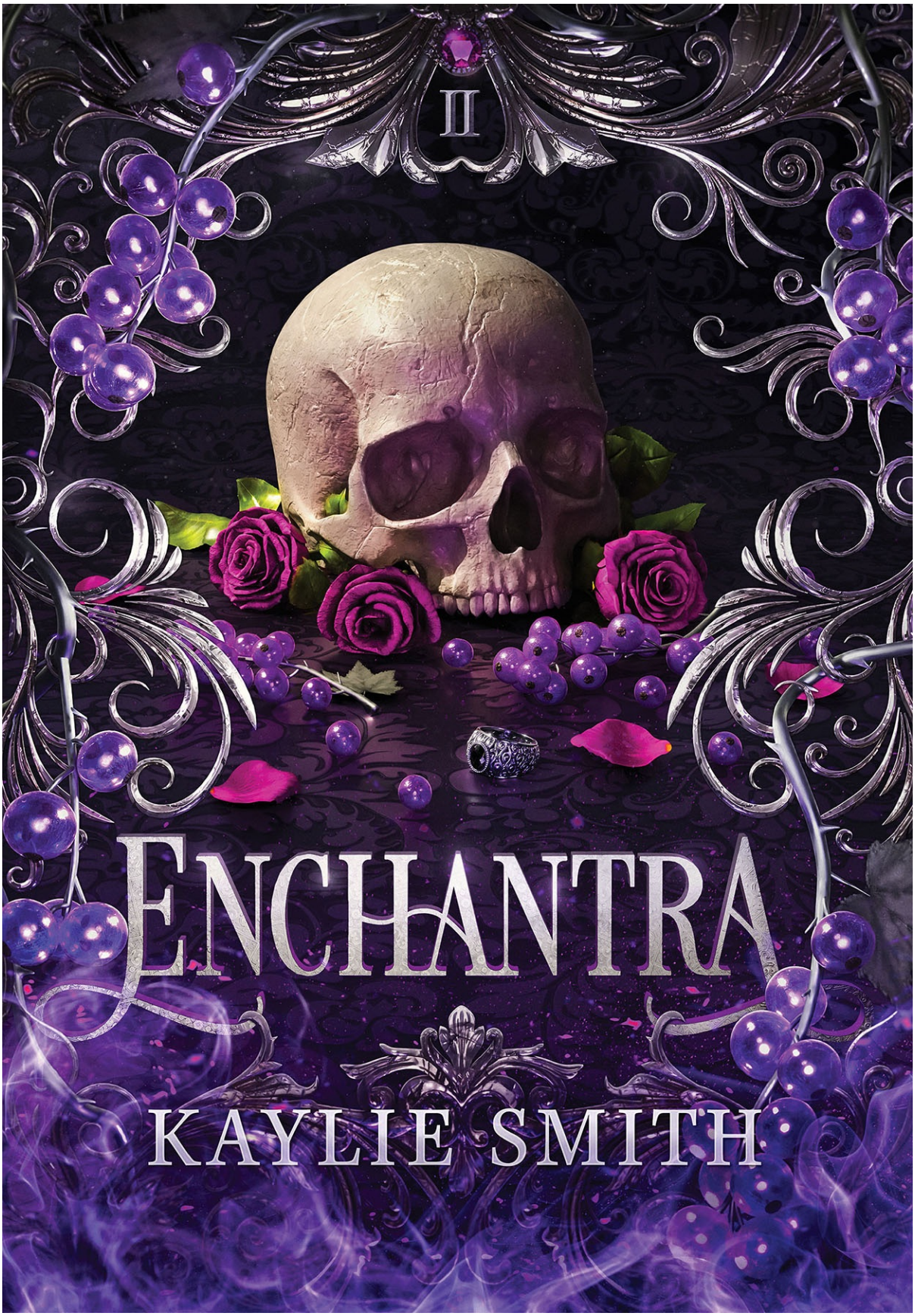
II



ENCHANTRA

KAYLIE SMITH


II
ENCHANTRA
KAYLIE SMITH

ENCHANTRA

KAYLIE SMITH

Tradução de
Mel Lopes



Copyright © Kaylie Smith, 2025

TÍTULO ORIGINAL
Enchantra

COPIDESQUE
Ilana Goldfeld

PREPARAÇÃO
Gabriela Peres

ARTE DE CAPA
Alexandra Purtan | Fenix Cover Designs

IMAGENS DE CAPA
© depositphotos | alf061, S Silver, getgg

E-ISBN
978-85-510-1900-9

Edição digital: 2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S646e

Smith, Kaylie
Enchantra [recurso eletrônico] / Kaylie Smith ; tradução Mel Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2026.
recurso digital (Jogos perversos ; 2)

Tradução de: Enchantra
Sequência de: Phantasma
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1900-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lopes, Mel. II. Título. III. Série.

CDD: 813
26-105533.0 CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

 intrinseca.com.br

 @intrinseca

 editoraintrinseca

 @intrinseca

 @editoraintrinseca

 intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Alerta de gatilho

Hierarquia de Seres Paranormais

Epígrafe

Prólogo | Escuridão

O início

- Capítulo 1 | Presságios

Véspera do equinócio de primavera

- Capítulo 2 | O convite
- Capítulo 3 | Frutinhas
- Capítulo 4 | Uma recepção calorosa
- Capítulo 5 | Espectro
- Capítulo 6 | Familiar
- Capítulo 7 | A proposta
- Capítulo 8 | Reflexo maligno
- Capítulo 9 | Um erro terrível

Capítulo 10 | A tentação de desistir
Capítulo 11 | Noiva
Capítulo 12 | Votos terríveis

Equinócio de primavera
Capítulo 13 | Bisbilhoteira
Capítulo 14 | O anel
Capítulo 15 | Uma presa dourada

Noite do equinócio de primavera
Capítulo 16 | Baile de máscaras
Capítulo 17 | Relações escandalosas

Primeira rodada
Capítulo 18 | Entorpecida
Capítulo 19 | Duas verdades
Capítulo 20 | Perseguição
Capítulo 21 | Joguinho
Capítulo 22 | Brutal
Capítulo 23 | Brechas
Capítulo 24 | Ficção

Segunda rodada
Capítulo 25 | Observação astuta
Capítulo 26 | Campina
Capítulo 27 | Longa história
Capítulo 28 | Emblema
Capítulo 29 | Santuário
Capítulo 30 | Bastante convincente
Capítulo 31 | Tradições

Terceira rodada

Capítulo 32 | Reflexos e reflexões

Capítulo 33 | A raposa mandou

Capítulo 34 | Impostora

Capítulo 35 | Algo real

Quarta rodada

Capítulo 36 | Inferno

Capítulo 37 | Um presente

Capítulo 38 | Final trágico

Quinta rodada

Capítulo 39 | Qualquer outra pessoa

Capítulo 40 | Abrasador

Capítulo 41 | Dada como morta

Sexta rodada

Capítulo 42 | Favorita

Sétima rodada | O combate final

Capítulo 43 | A raposa

Capítulo 44| A lebre

Capítulo 45| Desvanecer

De volta ao início

Capítulo 46 | Encrencada

Capítulo 47 | Cartas

Dois meses depois

Capítulo 48 | O anel

Capítulo 49 | Lembranças

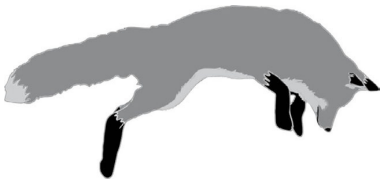
Capítulo 50 | Verdade

Epílogo | Luz

Agradecimentos

Sobre a autora

Para as almas valentes que queimaram as pontes entre si e seus demônios. E para aquelas que ainda estão tentando acender o fósforo: esperaremos por vocês.



E para Deanna, Becca e Night, que me ajudaram a manter a sanidade para que este livro pudesse existir. Obrigada por sempre atenderem às minhas ligações.

ALERTA DE GATILHO

Esta obra apresenta conteúdo sexual explícito e cenas de violência com sangue e morte, bem como referências a drogas, consumo abusivo de álcool, automutilação e adulteração de bebidas com um afrodisíaco mágico.

Hierarquia de Seres Paranormais

Rei dos Diabos

Príncipe dos Diabos

Diabos

Demônios

Descendentes de Diabos com outros seres paranormais

Assombrações

Descendentes de Demônios com outros seres paranormais

Outros Seres Paranormais Imortais	Seres Paranormais Mortais
Vampiros	Necromantes
Metamorfos	Videntes
Familiares	Feiticeiras
Espíritos	Espectros

classificação das assombrações

Assombrações das Sombras

São o tipo mais comum de Assombração. Capazes de controlar as sombras, bem como se transformar em sombras para se moverem pela escuridão em alta velocidade. Suas sombras apresentam habilidades de cura. Recarregam a própria magia com sono profundo.

Assombrações de Luz

Podem controlar a luz e o fogo, e, em alguns casos, usar a luz para se transportarem por longas distâncias. Têm a capacidade de curar outros seres com grande rapidez. Usam o sol para recarregar a própria magia.

Assombrações de Sangue

Podem controlar e manipular o sangue. Também têm o poder de controlar outros seres ao lhes

oferecer um pouco do próprio sangue. Recarregam a própria magia drenando energia de outros seres vivos.

Assombrações do Vazio

São o tipo mais raro de Assombração. Capazes de tornar a si mesmos e aos outros invisíveis, além de controlarem a luz e as sombras. Podem abrir portais entre diferentes lugares e planos lineares, e pausar o tempo em intervalos muito pequenos, embora isso lhes exija uma grande quantidade de energia.

“Estou do lado de fora com lanternas, procurando por mim mesma.”

— Emily Dickinson

PRÓLOGO



ESCURIDÃO

O Inferno era feito de um turbilhão de escuridã o e segredos, assim como o homem à frente dela.

— Eu te odeio — vociferou ela, conforme os tentáculos negros de magia que deslizavam das mãos dele se enroscavam nos pulsos e no pescoço dela, empurrando-a de costas contra o muro do labirinto.

A energia sensual que sempre percorria a pele dela quando estavam tão próximos assim a fez cerrar os dentes para resistir à onda de atração que aos poucos aquecia suas veias. Da última vez que as sombras dele a envolveram daquele jeito, havia bem menos roupa entre os dois.

Ele seguiu as próprias sombras, avançando até seu peito encostar no dela.

— Amor. Ódio. Mesma paixão, nomes diferentes — declarou. — E é incrível a facilidade e a rapidez com as quais a linha entre os dois pode se tornar tênue, não acha?

— Não — retrucou ela. — Sempre será muito claro para mim que eu te *odeio*.

Inclinando-se devagar, até seus lábios estarem bem próximos à orelha dela, ele disse:

— Então prove.




O INÍCIO




CAPÍTULO 1



PRESSÁGIOS

O primeiro presságio apareceu para Genevieve Grimm no coração de Roma.

No início, os corvos chegavam um de cada vez, grasnando ao fundo durante as caminhadas matinais dela até a *pasticceria* que se tornara seu lugar preferido para o desjejum. As tarteletes de geleia de lá eram uma das coisas de que iria sentir falta quando partisse de Roma rumo ao desconhecido.

Todas as manhãs, ao longo da última semana, ela fazia e desfazia as malas, com receio de escolher os vestidos errados ou esquecer seu perfume favorito… ou qualquer outra coisa que, a seu ver, pudesse causar uma ótima primeira impressão. À tarde, explorava a cidade, tentando visitar todos os pontos turísticos importantes em poucos dias para que sua irmã, Ophelia, jamais suspeitasse de que ela havia se desviado do itinerário estabelecido.

Ou, pelo menos, essa era a desculpa que dava a si mesma.

A verdade era que ela estava enrolando. Achava que talvez tivesse sido um erro depositar tantas esperanças em um estranho que nem sabia que ela existia. Ou que deveria esperar por um sinal inequívoco antes de destruir todos os planos traçados de forma tão meticulosa pela irmã.

Tinha sido durante o café da manhã, alguns dias antes, na *pasticceria*, que ela percebera pela primeira vez o comportamento estranho dos corvos. Um dos monstrinhos a observava do galho de um oleandro rosado e florido enquanto ela bebia chocolate quente do lado de fora da confeitaria e folheava um livro, um grimório do acervo de Ophelia que ela havia trazido escondido em seu baú. Ela voltou a contemplar o pássaro e viu algo um tanto astuto demais em seu olhar. Algo que não parecia natural. Mas a possibilidade de que pudesse ser *sobrenatural* nem lhe passara

pela cabeça.

Muito menos a ideia de que os animais iriam se transformar em verdadeiros presságios.

No dia seguinte, porém, outro corvo acompanhou o primeiro, e os dois foram trocando grasnados enquanto ela caminhava até o mercado de pulgas de Porta Portese, e a cena se repetiu na volta para a casa que Ophelia havia reservado para seus dias na cidade. Foi naquela noite que a dupla se transformou em um trio, bicando a janela do quarto dela até altas horas da madrugada.

No entanto, apesar de estar evidente que havia algo esquisito com os pássaros, Genevieve ainda não estava pronta para encarar suas suspeitas quanto ao motivo daquela perseguição. Foi somente após sua visita ao Coliseu, onde ela deveria ser só mais um rosto em meio a um mar de turistas igualmente comuns, que ficou impossível ignorar os corvos.

Ela optara por uma roupa discreta e sem graça, na esperança de evitar a atenção indesejada dos pássaros. O vestido era de chiffon rosa, com lindos babados na bainha e nas mangas, e os cachos castanho-dourados estavam presos em um coque simples. Não havia se dado ao trabalho de usar luvas ou qualquer tipo de joia… assim como ela, os corvos adoravam coisinhas brilhosas.

Seu esforço foi recompensado quando a caminhada até o antigo anfiteatro transcorreu sem incidentes. Ela manteve um ritmo constante à medida que se afastava cada vez mais da casa, sem avistar um único dos monstrinhos emplumados. Tampouco foi incomodada enquanto acompanhava um guia pela atração magnífica.

Foi só quando o sol enfim se pôs no horizonte, transformando tudo que era dourado quente em prateado frio, e ela voltou para o lado de fora com o restante do grupo de turistas, que os grasnados do bando soaram. Havia um corvo empoleirado em cada telhado e poste de luz, e a imagem de cem olhares penetrantes cravados no rosto dela em meio à multidão agitada provavelmente jamais se apagaria da memória de Genevieve. Nem a queimação que sentia nos pulmões enquanto corria pelas ruas de paralelepípedos de Roma e era perseguida por um frenesi de guinchos e asas.

Em nenhum momento os corvos a machucaram. Não a deixaram com um arranhão sequer enquanto davam rasantes e provocavam gritos aterrorizados na multidão ao redor. Também não tocaram em um único fio sequer de cabelo dela. Apenas a agraciaram com a sensação inescapável de estar sendo incitada a se apressar.

Ela havia esperado por um sinal e, sem dúvida, recebera um.

— Já vou! — gritou para os pássaros. — Só preciso de mais um tempinho!

Foi então que eles chegaram perto *demais*, as asas roçando em seus cabelos, suas costas, seu vestido, conforme a impeliam na direção da casa num ritmo cada vez mais acelerado.

Genevieve disparou pelo caminho até a porta da frente, tateando o bolso da capa em busca da chave dourada enquanto os pássaros voavam baixo e começavam a pousar nos parapeitos das janelas e na sacada acima. Ela enfiou a chave na fechadura e esperou o clique antes de se lançar dentro da casa e correr em direção às escadas.

Para que eu fui pedir um sinal?, repreendeu-se mentalmente. *Agora não posso mais adiar.*

Após abrir as portas duplas da suíte principal, ela arrastou um baú para cima da cama. Encolheu-se ao ouvir bicadas frenéticas reverberando nas janelas da parede oposta. Garras arranhavam o vidro e emitiam um barulho arrepiante ao mesmo tempo que penas escuras esvoaçavam logo além das vidraças.

Enquanto retirava vestidos, saias e roupas íntimas e jogava tudo na cama, ela murmurou:

— Deve estar aqui em algum lugar.

Quando enfim chegou ao fundo do baú e apanhou o item que estava procurando, as bicadas cessaram.

Era um envelope preto com um intrincado desenho de filigrana gravado em relevo, cujos padrões espiralados reluziam em tom prateado. O selo de cera da mesma cor exibia a imagem de um galho espinhoso adornado com rosas silvestres e frutinhas vermelhas, com uma grande letra "S" estampada no centro. Dentro, havia um pedaço de pergaminho aveludado, mais luxuoso do que qualquer papel que ela já tocara, e as palavras tinham sido escritas de forma elegante em um tom intenso de azul-safira.

Genevieve puxou a carta do envoltório já rasgado e a desdobrou enquanto uma sensação opressora se instalava sobre seus ombros. O sangue dela esquentou ao reler o conteúdo.

Do gabinete da Mansão Enchantra

Querida Tessie,

Peço sinceras desculpas pela demora em responder. A situação com minha família ficou cada vez mais complicada com o passar dos anos, e receio que tais questões tomaram muito

do meu tempo. Não irei aborrecê-la com os detalhes.

Sei que temos muito a conversar, muito além dos assuntos mencionados em suas cartas, e, portanto, insisto que nos encontremos pessoalmente.

Você não imagina o quanto lamento por termos deixado as coisas naquele estado e por não ter entrado em contato antes. Ainda assim, gostaria muito de corrigir meus erros.

Envio, junto da carta, uma pequena contribuição para suas despesas de viagem. Por favor, não encare isso como caridade, pois sei bem como você é, mas como uma forma de compartilhar algo que minha família e eu temos em excesso, pois mal sabemos o que fazer com tanto dinheiro. É o mínimo que posso oferecer para reatar nossos laços. Sei que o equinócio de primavera está próximo, mas insisto que nos visite antes da véspera, quando terei um breve período sabático dos meus deveres com Knox. Eu exijo que nos visite, na verdade. Além disso, as frutinhas-do-demônio vão estar bem maduras.

Até breve.

Seu velho amigo,

Barrington Silver

Ao abrir a carta pela primeira vez, ainda em casa, Genevieve havia percebido que a tinta de algumas letras havia se espalhado um pouco, fazendo com que partes de certas palavras parecessem mais grossas que outras e revelassem uma forma bastante familiar em meio às linhas.

Um corvo.

— Mas que pássaros desgraçados — murmurou ela.

O presságio estava evidente àquela altura, assim como a sensação que emanava do pergaminho. A leve vibração de calor era algo que ela vinha treinando para reconhecer nos últimos meses. Magia.

Sei que o equinócio de primavera está próximo, mas insisto que nos visite antes da véspera.

A intenção de Genevieve sempre tinha sido sair de Roma com tempo de sobra antes do equinócio, mas, em meio ao nervosismo e a todas as atrações da cidade…

Antes tarde do que nunca, certo?

Ela enfiou o convite em meio às páginas do diário e fechou o baú. Estava na hora.

Atrás dela, o som pressagioso dos corvos chegou ao ápice, com os bicos atingindo as vidraças com tanta força que ela não sabia dizer como ainda não tinham se estilhaçado. Seus grasnados eram estrondosos, e as asas frenéticas continuavam a

bater em sincronia com o coração de Genevieve.

— Estou indo — resmungou ela enquanto arrastava a bagagem para fora da cama, mal conseguia carregar o peso dos baús.

Quando enfim deu a volta, pronta para sair, os pássaros tinham desaparecido.

VÉSPERA DO EQUINÓCIO DE PRIMAVERA

CAPÍTULO 2



O CONVITE

A luz da tarde entrava pela janela, banhando o vagão-leito da primeira classe com um tom encantador de dourado. A paisagem rural da Toscana devia ser uma das vistas mais deslumbrantes que Genevieve já tinha contemplado, mas ela mal conseguia prestar atenção, de tão nervosa que estava, à medida que o trem avançava veloz rumo ao destino.

O último carrinho de refeições passou pelo corredor em frente à sua cabine privativa, e o som de copos e pratos batendo uns contra os outros foi desaparecendo devagar conforme se afastava. Ela batia o pé no chão num ritmo constante de impaciência ao esperar a parada seguinte.

A viagem pelo interior da Itália tinha sido desconfortável, exaustiva e, pior de tudo, *enfadonha*. No início, ela tentou reler os livros em seu baú, mas, após confirmar que a praga de corvos que a perseguia devia ser resultado do tipo de magia conhecido como sortilégio, ela logo se viu entediada.

Com a mão direita sobre a esquerda, ela fez o movimento de mexer em um anel que sempre esquecia que não usava mais. Deixou as duas mãos caírem no colo com um suspiro de frustração. Estar confinada entre as mesmas quatro paredes sem sequer uma alma interessante com quem conversar era sua versão pessoal do Inferno. Ela sentia já ter experimentado o suficiente daquela sensação durante a infância na Mansão Grimm.

Enquanto sua falecida mãe, Tessie Grimm, havia treinado a primogênita na arte da necromancia, Genevieve vivera enfurnada com nada além de seus bichinhos de pelúcia e bonecas como companhia. Como a filha mais velha, Ophelia seria a única a herdar a magia da mãe, e Genevieve havia levado anos para perceber como o foco de Tessie em

Ophelia fizera com que se sentisse filha única. E a deixara com uma necessidade constante de estar no meio de uma multidão. Ou na cama de outra pessoa.

Genevieve tinha se acostumado a esconder a própria magia, com pavor de que a mãe descobrisse seu poder e a sufocasse como fazia com Ophie. Ela dizia a si mesma que não queria nada com o mundo esquisito de Tessie Grimm. Então a mãe morrera poucos meses antes, e Ophelia assumira o legado da família. Em vez de seguir a abordagem da mãe, Ophelia decidira fazer jus ao seu título de Necromante e se tornar uma espécie de solucionadora de problemas para todos os seres paranormais que chegavam à Mansão Grimm nos últimos meses: Feiticeiras, Espíritos, Vampiros, *Diabos*. A situação levou Genevieve a perceber como havia sido ingênua em relação ao mundo.

A experiência em Phantasma, a competição infernal da qual ela e Ophelia haviam participado no outono anterior, a fizera querer aprender o máximo possível sobre assuntos paranormais. A competição em si não a preocupara muito a princípio. Sabia que o tipo de magia que herdara do pai a ajudaria a evitar todos os horrores e provações físicas dentro da Mansão do Diabo. Mas tinha sido frustrante pensar que, se não fosse por tal magia, provavelmente não teria sobrevivido a um dia sequer na competição.

Genevieve tivera muitas oportunidades de contar a Ophelia sobre aquela sua nova sede de conhecimento. Mas, sempre que tentava, ela se via incapaz de admitir a própria tolice por ter fugido da família, e de si mesma, por tanto tempo.

Tampouco estivera pronta para admitir a principal razão de ter abandonado o desprezo pelo sobrenatural: já não almejava conquistar o afeto de um homem que nunca a amara…

Um apito soou de algum ponto do vagão, interrompendo os pensamentos dela para anunciar que o trem logo se aproximaria da parada seguinte: Florença. A cidade mais próxima a seu destino final.

O reflexo de Genevieve na janela se animou.

Estava muito perto. Muito perto de descobrir outra família como a dela.

Enfiou a mão no bolso da capa e tirou uma fotografia. Ela a encontrara no quarto da mãe, escondida com outras lembranças da vida que Tessie Grimm levara antes de se estabelecer em Nova Orleans. Uma vida que até mesmo Ophelia desconhecia.

A foto em tom sépia mostrava um homem ao lado de Tessie Grimm, com o braço em volta dos ombros dela de um jeito que evidenciava a intimidade entre os dois. Mas

o que sempre atraía a atenção de Genevieve era o fato de ambos usarem medalhões idênticos em formato de coração.

Desde o momento em que encontrou a fotografia, Genevieve se via encucada com as mesmas perguntas. Ela sabia que o medalhão da mãe estava ligado à linhagem de sua família, que sempre fora destinado a ficar com Ophelia após a morte da matriarca. O homem na foto também seria um Necromante? Ele tinha filhos? Algum deles era… como ela?

E, assim, sua curiosidade foi crescendo ao longo dos anos. Até se tornar insuportável.

Ela virou a fotografia nas mãos e leu os nomes no verso, escritos na caligrafia elegante da mãe.

Barrington Silver e Tessie Grimm.

O apito do trem a vapor ecoou pela segunda vez, e Genevieve enfiou a foto bem fundo no bolso da capa. O som rítmico das rodas do trem sobre os trilhos diminuiu de forma gradual ao se aproximarem da nova estação, e o zumbido suave da locomotiva foi se acalmando enquanto ela se levantava para recolher seus pertences.

Apesar da orientação no convite para visitar Enchantra *antes* da véspera do equinócio, ela não achava que o sr. Silver fosse se negar a recebê-la. Primeiro, por causa do fervor evidente na carta dele. Havia marcas profundas no pergaminho, que a caneta quase perfurara com a intensidade da escrita. E, segundo, porque, caso ele se recusasse a falar com ela depois de atormentá-la com o sortilégio, ela poderia ficar tentada a matar o sujeito.

Talvez esta última posição não fosse lá muito cabível. Afinal, o convite era endereçado à mãe dela, e era provável que Genevieve jamais devesse ter aberto o envelope. Sem mencionar a culpa que sentia por ter iniciado a troca de cartas com o sr. Silver meses antes da morte da mãe, na esperança de reaproximar os dois e, com isso, receber esse exato tipo de convite. Ela havia enviado seis cartas, assinando cada uma delas com o nome de Tessie Grimm. Mas, quando enfim recebeu uma resposta, a mãe já havia falecido…

Uma batida rápida na porta de sua cabine a arrancou dos devaneios com um susto.

— Srta. Grimm — saudou o concierge, cheio de simpatia com seu sotaque italiano carregado. Tinha cabelos pretos volumosos e um rosto quase pueril. Os dois haviam trocado algumas palavras durante a viagem, uma interrupção bem-vinda na solidão enlouquecedora. — Gostaria que eu preparasse uma refeição para a senhorita levar?

Genevieve negou com a cabeça. Estava empolgada demais para comer.

— Não, obrigada, Luca. Mas, se puder me ajudar com um dos meus baús, eu agradeceria muito.

Luca assentiu.

— Sem dúvida, srta. Grimm.

Ele deu um passo à frente, pegou o maior dos baús e retornou ao corredor, onde ficou de prontidão. Sem nem olhar para trás, ela saiu logo do cômodo abafado, acompanhando o concierge pelo corredor estreito, aliviada por enfim seguir com a viagem. Enquanto caminhavam, o quadril dela se chocava contra o baú e a parede. Toda vez que ajustava a pegada na alça da bagagem, o dorso da mão batia de forma dolorosa no painel de madeira. Se havia uma coisa que a irritava naquele continente era que tudo era pequeno demais para suas curvas amplas e o espaço que ela ocupava.

Olhando por cima do ombro para ter certeza de que não havia ninguém logo atrás, ela liberou um pouquinho de sua magia e a estendeu pelo braço esquerdo até o baú que segurava, fazendo o volume, e seu punho, desaparecerem por completo.

Quando enfim alcançaram a frente do trem, ela devolveu a mão e a bagagem ao estado sólido antes que o pequeno grupo de passageiros e funcionários notasse algo estranho. Com um leve chiado, as portas do vagão se abriram, revelando a estação movimentada bem no meio de uma cidade encantadora. As roupas coloridas da multidão e a fragrância floral no ar representavam os sinais mais evidentes da primavera, apesar das nuvens repentinas no céu. A brisa fresca era cortante em sua pele, mostrando que a estação ali era bem diferente da de sua cidade natal. Mais vibrante.

Genevieve deixou Luca desembarcar na plataforma desgastada diante deles e esperou que ele colocasse o segundo baú no chão antes que a ajudasse a descer também. O concierge fez uma pequena mesura enquanto ela pegava um maço dobrado de cédulas novas da bolsinha dourada pendurada na *châtelaine* em volta da cintura, sob a capa.

Um sorriso caloroso se abriu no rosto de Luca quando ela lhe entregou a gorjeta.

— Foi um prazer conhecer a senhorita. Sentirei falta da sua companhia animada.

— Estou arrasada por você — disse ela com sinceridade, abaixando-se para pegar os dois baús, pronta para se afastar do trem. — Tente não ficar muito deprimido por causa da minha gritante ausência na sua vida.

Ele deu uma risadinha quando ela se virou e abriu caminho pela multidão dispersa

de viajantes rumo a uma fila de homens com uniformes impecáveis perto da entrada da estação. Em seguida, ela lançou o olhar sobre cada um deles com falsa admiração e esperou para ver quem iria morder a isca.

O primeiro a ceder foi um sujeito de meia-idade, com barba cerrada e uma bengala retorcida.

— *Hai bisogno di un passaggio, bella ragazza?* — perguntou ele.

— Desculpe, meu italiano não é lá grande coisa. Por acaso o senhor fala inglês?

— Inglês, não — respondeu o homem, balançando a cabeça, depois ergueu a bengala e apontou para outro cocheiro algumas carruagens à esquerda. — Morello.

Genevieve agradeceu com um "*Grazie*" antes de seguir até o outro homem. Este era bem bonito, apenas um ou dois anos mais velho que ela, com cabelos escuros penteados para trás e olhos esverdeados que enrugavam nos cantos quando ele sorria. Algo que ele fez, e muito, quando ela se aproximou.

— Você é o Morello? — quis saber ela, dirigindo um sorriso lisonjeiro para o homem.

— Sou. Como posso ajudar?

Ela largou os baús aos pés dele.

— Vou para um endereço a alguns quilômetros da cidade. Tenho um mapa com todos os detalhes.

Ela pegou o mapa desenhado à mão que também roubara entre os pertences da mãe e o estendeu para o rapaz. Ele mordeu o lábio, e, por um segundo, ela se perguntou se talvez o próprio sotaque arrastado fosse um problema. Quando o viu se voltar para a direita, porém, na direção de um pai e um filho se abraçando em despedida, ela percebeu que ele tinha apenas parado para refletir sobre a proposta.

Um guincho estridente ecoou acima dela.

Genevieve olhou para o céu, observando um trio de corvos voando em círculo.

Estou tentando!, quis gritar para eles.

Então desviou o olhar das criaturas e pigarreou para chamar a atenção de Morello, certificando-se de que as palavras seguintes transbordassem com o sotaque sulista meloso que sempre parecia hipnotizar os alvos dela.

— Prometo dar uma gorjeta generosa — afirmou. — Deve ser um pouco mais longe do que você está acostumado, mas eu ficaria muito grata se pudesse fazer essa gentileza.

Os olhos esverdeados se arregalaram diante da expressão suplicante no rosto dela,

tornando-se um pouco vidrados, e ela soube que estava prestes a conseguir o que queria.

Com um aceno vigoroso, o rapaz se abaixou para pegar a bagagem. Olhou para a mão dela, visivelmente procurando uma aliança, e disse:

— Sem problemas, senhorita…

— Grimm — completou ela.

— Srta. Grimm. Venha por aqui.

Quase três horas depois, a carruagem enfim percorria a longa e sinuosa entrada da propriedade de Barrington Silver. Genevieve afastou a cortina de veludo que cobria a janela do coche e olhou para fora a fim de apreciar a paisagem romântica que se estendia ao seu redor. Os pássaros continuavam a voar logo adiante, acompanhando-a pelo céu muito mais limpo que o da estação.

Pelo menos estão quietos agora, pensou ela enquanto sua atenção retornava ao horizonte.

Aninhado nas colinas verdejantes da paisagem rural, o vinhedo se desdobrava como um sublime quadro artístico da natureza. Fileiras intermináveis de parreiras apoiadas em estacas se estendiam sobre os campos podados de forma meticulosa, com árvores floridas contribuindo com toques de cor em todas as direções enquanto o sol dourado atravessava seus galhos. Conforme a carruagem seguia pela trilha, um portão enorme surgiu à vista. Os detalhes espiralados da estrutura em metal prateado eram tão intrincados que quase encobriam o nome escrito em seu desenho ornamentado.

Enchantra.

A carruagem parou, e Genevieve ouviu Morello chamar seu nome, confuso. Quando a porta se abriu um instante depois, os olhos dele expressavam preocupação.

— Srta. Grimm, receio que suas instruções estejam equivocadas.

Ela o encarou sem entender.

— Por quê?

O rapaz estendeu a mão e lhe ofereceu ajuda para descer da carruagem, esmagando o cascalho sob suas botas.

Um momento depois, os dois se encontravam diante do portão prateado. Os olhos dela percorreram as trepadeiras espinhosas emaranhadas entre as barras de aço e se concentraram nas frutinhas roxas peculiares que se espalhavam pelos espaços vazios e

cobriam o chão a seus pés.

Genevieve retirou o convite do bolso mais uma vez, com Morello observando tudo com curiosidade arrebatada, e, tal como ela imaginara, as trepadeiras e frutinhas eram idênticas às gravadas no selo de cera.

— Este é, sem dúvida, o lugar certo — confirmou ela para si mesma.

Morello olhou do envelope para a propriedade além dos portões.

— Mas…

E ele estava certo. Com certeza havia um *mas* na situação.

Do outro lado dos portões, até onde a vista dela alcançava, não havia nada além de um campo vasto e vazio.

CAPÍTULO 3



FRUTINHAS

— Posso levar a senhorita de volta à cidade — assegurou Morello. — Sem cobrar nada a mais.

Genevieve continuou a observar o campo além dos portões. Alguma coisa na cena a estava deixando desconfiada…

— Srta. Grimm? — insistiu Morello.

Por um segundo, ela se perguntou se deveria interpretar aquilo como um sinal para aceitar a oferta e retornar à estação. Mas então algo do outro lado *tremeluziu*. Como uma miragem.

Foi só ela piscar que o efeito desapareceu.

Uma série de grasnados beligerantes soou no alto. Genevieve voltou a atenção para o céu, escuro com a promessa de chuva. Os três corvos descreviam círculos intermináveis no ar, como se esperassem algo acontecer.

Ela tinha vindo de tão longe, corrido tantos riscos e sonhado tanto com aquele momento que não havia como recuar àquela altura.

Tem alguma coisa para mim aqui, pensou. *Tem que ter.*

Depois de ajeitar a postura, Genevieve se virou para Morello e declarou:

— Eu não vou embora. Agradeço a corrida e espero que você retorne em segurança antes que a chuva caia.

— Mas não posso abandonar a senhorita aqui — protestou Morello. — Se é de um lugar para se hospedar que precisa, eu…

— Você pode e vai me deixar aqui — interrompeu ela, com um gesto da mão. — Eu vou ficar bem.

— São quilômetros sem nada por perto — argumentou ele. — Não pode esperar

que eu largue uma dama no meio do nada.

Genevieve suspirou. Havia se esquecido de como alguns homens ficavam enfeitiçados pela ilusão de inocência que ela projetava, mas não tinha tempo para dispensar aquele ali com delicadeza. Precisava que ele *se mandasse*.

Imitando os olhares apavorantes da mãe e da irmã, ela assumiu a expressão mais arrepiante de que era capaz. Genevieve era obrigada a admitir que não tinha todos os atributos medonhos de uma Necromante que favoreciam as duas, como os olhos gélidos e a pele pálida, mas daria o jeito dela.

Buscando dentro de si uma centelha de sua magia, ela começou a fazer a própria silhueta oscilar, entrando e saindo de um estado invisível e incorpóreo enquanto entoava:

— Quem disse que eu sou uma *dama*?

Morello hesitou, depois cambaleou para longe conforme ela continuava a usar sua magia. Os olhos esverdeados dele foram do choque ao pavor à medida que qualquer encanto que julgava ter visto nela desaparecia por completo.

Ela deu um passo à frente.

— A menos que queira acabar como uma daquelas lendas contadas aos sussurros… de um homem que se perdeu com uma *bela* desconhecida no meio do nada, desapareceu e nunca mais foi visto… sugiro que vá embora. *Agora*.

Morello engoliu em seco e recuou na direção da carruagem, embora, em defesa dele, não tenha corrido.

— Pelo jeito, pessoas contempladas com uma aparência tão encantadora como a minha só conseguem intimidar os outros até certo ponto — refletiu Genevieve em voz baixa.

O olhar gélido de Ophelia muitas vezes era descrito como inquietante, ao passo que os olhos de Genevieve eram de um azul-celeste caloroso e *convidativo*, emoldurados por cílios fartos e um rosto em formato de coração que tinha sardas *encantadoras* espalhadas pelo nariz e pelas bochechas rosadas. Sem mencionar seu corpo voluptuoso, cujas linhas suaves das curvas jamais se mostravam angulosas, mesmo de espartilho. Detalhes pelos quais seus pretendentes haviam suspirado repetidas vezes.

Suas sardas são uma graça.

Você tem os olhos mais lindos do mundo.

É tão doce que não faria mal a uma mosca.

Genevieve apostaria um bom dinheiro que Farrow Henry se arrependera de ter dito aquela última frase. Ele mal reconheceria a pessoa que afugentara Morello.

E afugentara mesmo, porque, naquele momento, Morello subia apressado para o assento do cocheiro, sem a gorjeta prometida, e puxava as rédeas do cavalo para se afastar o mais depressa possível. À medida que o som da carruagem desaparecia ao longe, foi sendo substituído por um súbito trovão. Genevieve ergueu o olhar, viu várias nuvens escuras se formando e suspirou. As roupas dela com certeza iriam para o brejo.

Então voltou a ficar de frente para o portão e forçou a vista para enxergar além dele, agarrando as barras prateadas e ignorando os espinhos soltos que se cravavam em suas palmas.

Um segundo se passou e… *arrá!*

O tremeluzir da magia.

— Eu sei que você está aí — sussurrou ela.

Foi como se as palavras tivessem despertado alguma coisa, pois logo a sensação repentina de estar sendo observada lhe provocou um arrepio na espinha. Ela espiou por cima do ombro, mas não havia nada ali, exceto a entrada sinuosa e as fileiras intermináveis de parreiras cobertas de frutinhas.

Crá!

Genevieve deu um pulo e olhou para cima. Um dos corvos grandes havia acabado de pousar no topo do arco do portão. Ela observou, cautelosa, enquanto a ave começava a bicar as frutas que pendiam do aço esculpido.

Além disso, as frutinhas-do-demônio vão estar bem maduras.

Genevieve estendeu o braço para colher uma das frutinhas brilhantes e arroxeadas da trepadeira, depois a segurou diante do rosto para uma inspeção mais atenta. Não era bem uma uva, nem um mirtilo, mas, apesar de estranha, com certeza a deixou com água na boca.

Mas é lógico que deixou, conseguia imaginar a voz de Farrow dizendo. *Afinal, você também é um Demônio.*

Genevieve cerrou os dentes.

Ela havia entrado em Phantasma em parte para fugir dele, mas encontrara os corredores da mansão repletos de tênues ilusões de Farrow, à espreita em cada um dos cantos cheio de teias de aranha. O rosto dele lhe aparecia no meio da noite quando ela não conseguia dormir, e em seus pesadelos quando conseguia. E ele, de alguma forma,

conseguira seguir seus passos aonde quer que ela fosse, mesmo depois de ela ter escapado das paredes ensanguentadas da casa mal-assombrada.

Ele estava no reflexo do chocolate quente em cada cafeteria. No calor de cada lareira. Nos rostos dos poucos amantes que ela tivera desde que ele partiu seu coração em mil pedaços. Em alguns dias, a sensação agoniante do que acontecera entre os dois persistia de tal maneira que deixava nebuloso tudo o que ela pensava saber sobre si mesma. Como se, durante todo esse tempo, ela tivesse acreditado estar respirando ar puro, mas de repente percebesse que a fumaça apenas demorara para sufocá-la.

Ela alimentara a esperança de que as lembranças indesejadas cessariam quando enfim saísse de Nova Orleans, mas, assim que lampejou em sua mente a imagem opaca daqueles olhos azuis como o mar a observando através de uma parede de chamas alaranjadas, ela soube que nenhuma distância apagaria o ardor da memória dele.

Ophelia podia ser a Necromante, mas Genevieve também lidava com fantasmas. Só que os dela ainda estavam vivos.

Trate de esquecer, ordenou a si mesma ao pôr a fruta sobre a língua, degustando o sabor doce do sumo que inundou sua boca quando rompeu a casca gelada com os dentes.

— *Hummm* — murmurou com satisfação.

Então apanhou outra. E uma terceira.

As frutas eram tão deliciosas que ela não percebeu de cara a mudança que ocorria ao redor. Quando recobrou a atenção, a última fruta que havia colhido caiu de sua mão frouxa. O véu mágico que ela vira ondulando no ar enfim se dissipava do outro lado dos portões.

Um intrincado labirinto de sebes se estendia pelo terreno adiante, com os muros verdejantes altos demais para que ela visse o que poderia estar escondido em seu interior. Mas nem mesmo o labirinto imponente era capaz de bloquear o brilho prateado da mansão diante da qual se erguia. Duas estruturas quadradas que pareciam torres delimitavam a fachada frontal, elevando-se tão alto no céu escuro que quase beijavam as nuvens. Todo o exterior de pedra era incrustado de pérolas de prata e coberto pelas mesmas trepadeiras espinhosas do portão. Ela podia ver que o acesso de veículos continuava logo além da entrada trancada, bifurcando-se antes de chegar ao labirinto de sebes e contornando ambos os lados da propriedade. E tudo estava coberto por uma camada branca e imaculada de algo semelhante a talco.

Neve? Que estranho…

Ela colou o corpo contra as grades como se isso fosse tornar sua visão mais nítida, confirmando que os flocos de neve que revestiam tudo do outro lado dos portões não eram alucinações dela. A cerca prateada rodeava todo o perímetro até onde a vista alcançava, mas, com a imensidão do terreno e os olhos de uma mera mortal, ela não conseguia identificar direito até onde a propriedade de fato se estendia.

— Acho que terei que ir até lá descobrir por conta própria.

Antes de invocar sua magia, hesitou por um momento. Ela se perguntou se essa decisão seria tão irrevogável quanto algumas das outras que havia tomado. Assim que cruzasse os portões, sabia que poderia ser mudada pelo que encontrasse do outro lado, e já tinha mudado muitas vezes no último ano. Seu reflexo no espelho não era mais o da garota ingênua que costumava ser.

No entanto, todas as mudanças foram justamente o que a haviam levado a Enchantra. Existia algo mais à espera, do outro lado dos portões, a resposta para um anseio que ela tinha havia muito tempo. Uma história que talvez a ajudasse a entender por que a mãe nunca fora capaz de lhe dar o que precisava. Um companheirismo que a fizesse sentir que havia um lugar, fora da Mansão Grimm, onde ela se encaixava.

Crá!

Genevieve se empertigou e olhou feio para o corvo, depois deixou a magia aquecer suas veias enquanto se tornava incorpórea por tempo suficiente para deslizar por entre as grades. Assim que atravessou o portão e se tornou sólida de novo, percorreu o restante do caminho de acesso, seguindo à direita na bifurcação para evitar o labirinto bem aparado à frente.

Um momento depois, a estranha sensação de estar sendo observada a dominou mais uma vez. Ela se deteve.

— Olá? — chamou, espiando por entre os arbustos densos.

Quando um breve farfalhar soou de dentro das cercas vivas, ela inspirou com força. Um vulto escuro saltou de repente do muro verde, e Genevieve soltou um grito de surpresa enquanto cambaleava para trás, tropeçando na barra do vestido e perdendo o equilíbrio antes de cair no chão.

Ao se endireitar, a atenção dela recaiu sobre um par de olhos luminosos cor de âmbar. Uma raposa preta.

A criatura inclinou a cabeça para ela e se acomodou em uma posição muito consciente de si, sentada com as patas dianteiras cruzadas com delicadeza. Como se

esperasse uma explicação sobre o motivo da invasão.

— Eu fui convidada — declarou Genevieve para a raposa, ciente de como soava ridícula. — Olhe, eu tenho um convite…

A criatura avançou e arrancou o papel das mãos dela antes de se enfiar de volta no labirinto.

— *Ei!* — gritou Genevieve enquanto a mão alcançava a ponta felpuda do rabo da raposa, que escapuliu e desapareceu. — Está de *sacanagem?*

Por instinto, ela transmutou para seu estado invisível e mergulhou na vegetação atrás do bicho. Do outro lado da cerca viva, viu-se dentro de um dos muitos corredores sinuosos do labirinto. A raposa escapou para a direita, então Genevieve ergueu as saias do vestido e correu atrás dela.

Para sorte de Genevieve, a criatura começou a desacelerar conforme a conduzia para o interior do labirinto, pensando estar em segurança. Para azar da raposa, a invisibilidade de Genevieve facilitou a aproximação furtiva por trás.

Após se materializar, ela agarrou a raposa pelo cangote, deixando o animal se contorcer e espernear enquanto, com a mão livre, tentava lhe arrancar o envelope preto da boca. A raposa apenas travou a mandíbula com mais força.

Ela estalou a língua.

— *Solte isso!*

A raposa emitiu um som baixo e queixoso com a garganta enquanto os olhos astutos e dourados a encaravam de uma forma humana demais.

— Não rosne para mim! *Você* é a ameaça aqui — repreendeu ela, ainda tentando recuperar o convite. — Se não soltar, eu vou ter que…

Antes que pudesse concluir a frase, a raposa e o envelope evaporaram em uma camada densa de fumaça preta. Genevieve se limitou a piscar, incrédula.

Que porra foi essa?, perguntou, com o coração acelerado, girando o corpo para buscar uma explicação nos arredores.

Crá!

Ela voltou o olhar para o céu.

— Xô! — gritou com raiva para o corvo quando ele deu um rasante baixo demais. — Eu vim até aqui! Você fez o seu trabalho! Está na hora de *se mandar* e…

A frase ficou pela metade, porque o pássaro tombou no chão com um baque seco e inerte. Ela o fitou por um instante, tensa, observando a barriga inchada dele.

Teria sido culpa das… frutinhas?

— Hum, isso não é um bom sinal — murmurou, enquanto sua visão escurecia aos poucos.

Ela tentou dar um passo para trás, na esperança de sair do labirinto enigmático, mas tudo ao redor começou a girar e os pés dela se recusavam a obedecer.

Um instante depois, o mundo desapareceu por completo.



Algo frio e úmido cutucava o rosto de Genevieve conforme as sombras recuavam dos recantos de sua mente. Ela sentiu fungadas rápidas soprarem sua bochecha antes de ser erguida do chão e aconchegada contra algo sólido e quente.

— Farrow? — murmurou ela, tentando abrir os olhos e se libertar de quem a segurava.

Mas estava fraca demais para lutar, e o captor, quem quer que fosse, parecia mais robusto que Farrow. O cheiro dele, hortelã com um toque adocicado, não se parecia em nada com a colônia almiscarada com que Farrow se encharcava.

— *Apuell abon*, Umbra — sussurrou uma voz grave e desconhecida.

E, de alguma forma, Genevieve entendeu o que aquela voz estava dizendo. *Muito bem, Umbra.*

Ela não conseguiu distinguir o restante das palavras quando as sombras tornaram a invadir sua mente e a misturar os sons de fora. Ela tentou uma última vez abrir os olhos, para ver quem estava ali, mas tudo o que conseguiu vislumbrar foi um breve lampejo dourado antes que a escuridão a engolisse por inteiro.



O pesadelo era sempre o mesmo.

Ele pairava sobre ela com um fósforo aceso enquanto ela, desesperada, tentava desaparecer.

— Você é um Demônio. Quem me dera nunca ter te conhecido. Agora você vai queimar.

Quando Genevieve enfim acordou, com um gosto amargo na boca, estava do lado de fora dos portões de Enchantra, ao lado de seus baús, sem nenhuma lembrança de como chegara ali.

CAPÍTULO 4



UMA RECEPÇÃO CALOROSA

Genevieve se sentou com um grunhido. Um calafrio lhe percorreu os ossos, e ela fez uma careta ao sentir o gosto horrível que persistia na língua.

— Que *porra*… — sussurrou para si mesma, esfregando as têmporas latejantes.

Quando se virou para os portões, não viu nada para além deles, mas algo no fundo de sua consciência lhe dizia que aquilo estava *errado*. Então se ajoelhou e se inclinou para a frente, estreitando os olhos para as frutinhas peculiares que pendiam em volta das grades.

Um lampejo de lembrança atravessou sua mente: ela colhendo uma das frutas e a colocando na língua…

Então, outro momento: ela passando por entre as grades e observando uma mansão reluzente surgir diante de seus olhos, com um labirinto frondoso diante dela. O corvo morto. A raposa.

Será que enlouqueci?

Ela respirou fundo, estendeu os braços para se segurar nas grades e ficar de pé…

… e gritou de dor.

Retirou as mãos do metal em um movimento brusco, aninhando-as contra o peito, e deixou escapar um silvo furioso ao sentir o zumbido agudo de magia que ainda persistia na pele. E de repente tudo se encaixou. Ela não tinha enlouquecido. Houvera um corvo. Uma raposa. Um personagem misterioso… a sensação de ser carregada…

Genevieve se pôs de pé, baixou o olhar para tirar a poeira do vestido e quase engasgou ao ver como estava sujo e amarrotado. Bufou ao erguer os baús, virando-se para o portão com uma determinação ferrenha enquanto acionava a própria magia e atravessava as grades prateadas mais uma vez. Assim que voltou para o outro lado, foi

como se uma película espessa e turva tivesse sido retirada de seus sentidos. De repente, a mansão oculta reapareceu em toda a sua glória. Ela se perguntou se as frutinhas tinham cumprido seu propósito. Ao ser colocada de volta no outro lado, a magia delas deveria fazê-la esquecer o que tinha visto.

— Como sempre, a magia é uma pedra no meu sapato… — resmungou ela, permanecendo no estado incorpóreo ao atravessar o frondoso muro externo do labirinto de sebes.

Ela foi passando por arbustos e corredores vazios entre eles antes de enfim se ver livre do labirinto, a metros do alpendre da enorme mansão. Ao se aproximar dos degraus de mármore branco, reparou na mesma letra "S" do selo gravada em relevo nas portas duplas.

Após se materializar, ela largou a bagagem na varanda e ficou na ponta dos pés para levantar a aldrava de prata. A argola da estrutura era um diadema primoroso de trepadeiras espinhosas, cujas pontas se cravaram em sua palma quando ela a bateu contra a porta, produzindo um tinido pesado e metálico para anunciar sua chegada.

Por um longo minuto, nada aconteceu. O silêncio no ar era sinistro, e a ausência de vida ao redor era inquietante. Antes que ela tivesse tempo de perder a coragem, no entanto, a porta à direita se abriu com um rangido. Ela arquejou ao sentir o estranho poder que crepitou no ar quando uma figura se aproximou da soleira, apoiando um ombro no batente enquanto a observava com um olhar astuto. Os olhos da figura eram de um tom de âmbar que lhe parecia familiar.

O estranho de olhos dourados era uns trinta centímetros mais alto do que os *muito respeitáveis* um metro e sessenta e cinco centímetros dela. O cabelo preto desgrenhado dele era um pouco mais comprido do que o estilo popular entre os homens de Nova Orleans, penteado para trás de maneira desleixada e com leves cachos nas pontas. Seu rosto tinha uma beleza convencional: queixo quadrado, maçãs do rosto salientes, nariz muito reto, de um jeito que poderia parecer sem graça em qualquer outra pessoa. Porém, a argola dourada que perfurava o lábio inferior carnudo e o dourado hipnotizante dos olhos cativaram Genevieve de um jeito *pecaminoso*.

Ele vestia uma camisa preta feita sob medida que contrastava com a pele clara, e o colete de seda usado por cima se ajustava com perfeição ao físico musculoso. A calça preta com pregas caía de forma elegante da cintura, presa por um cinto de couro da mesma cor, incrustado com pedras de ônix. Inúmeros anéis de obsidiana adornavam a maioria dos dedos da mão e, apesar do toque acentuado e inconfundível de escuridão

pairando ao seu redor, havia algo muito intencional e refinado em sua aparência. Bem diferente dos solteiros insossos da cidade natal dela, que, por algum motivo, achavam que menos esforço equivalia a *sofisticação*. E, sem dúvida, o extremo oposto do homem de cabelos dourados e olhos azuis que ela via em seus pesadelos.

Noite e dia.

Genevieve afastou a lembrança, repreendendo-se por deixar Farrow correr solto em sua cabeça, e voltou a atenção ao estranho à sua frente. Ela pigarreou, abriu um sorriso animado e cumprimentou o sujeito com um simples "olá".

O estranho não disse nada enquanto a examinava com tanta atenção quanto ela fizera com ele, e foi difícil ficar parada sob a intensidade daquele olhar.

Ela ergueu o queixo.

— Meu nome é Genevieve Grimm.

— E daí? — perguntou ele, devagar. — O que você quer aqui, porra?

Ela não havia esperado uma recepção calorosa depois de ter aparecido sem aviso após as datas propostas no convite, mas a irritação nas palavras dele a intrigou.

— Posso entrar?

— Não — respondeu ele, a voz não muito alta, mas sem dar margem para discussões. — Mais alguma coisa?

— Na verdade, sim. Eu quero ter uma conversa com Barrington Silver, e não vou embora até conseguir, *porra*.

Por um breve segundo, ela poderia jurar que os cantos da boca dele se curvaram para cima, mas, em um piscar de olhos, a carranca estava ainda pior.

— Acho que você está perdida — declarou ele, com uma ameaça latente sob as palavras. — Dê meia-volta e retorne para o buraco de onde veio. Está invadindo propriedade privada.

E bateu a porta na cara dela.

A princípio, a única reação de Genevieve foi continuar ali, boquiaberta, sem acreditar.

Quando se recuperou do choque, com um grunhido gutural de irritação, ela agarrou a aldrava prateada mais uma vez. Os modos do sujeito eram terríveis, mas ela havia se esforçado demais para chegar até ali e deixar um grosseirão daqueles frustrar seus planos. Estava torcendo para que ele fosse apenas um membro da criadagem, alguém encarregado de espantar qualquer um que se deparasse com a propriedade por acaso.

Embora parecesse *bem* provável que ele fosse um Necromante.

Ela bateu a aldrava uma, duas, três vezes. Quando as duas portas tornaram a se abrir com violência, havia um turbilhão agourento de sombras dançando ao fundo, criando uma espécie de aro de fumaça ao redor do corpo musculoso do estranho. Conforme as sombras começaram a sair pela porta aberta, Genevieve quase caiu dura para trás, ofegante quando os tentáculos escuros foram se enroscando ao redor dela. A pele dos braços se arrepiou com o poder desconhecido que envolvia o sujeito, mas ela permaneceu plantada no lugar, recusando-se a ceder um centímetro, mesmo com seus instintos gritando para que ela desse o fora dali.

A menos que Ophelia esteja escondendo algumas habilidades de mim, acho que já deu para sacar que, no fim das contas, esse cara não é Necromante coisa nenhuma.

— Você não percebe quando não é bem-vinda em algum lugar? — sibilou ele.

— E você não percebe que deve tratar bem uma convidada? — retrucou ela, com a voz um pouco mais ofegante do que gostaria. — Enfim, como eu ia *dizendo*, tenho uma carta do responsável por esta propriedade me convidando para Enchantra. E não tente dizer que vim ao lugar errado. O nome está escrito no portão da frente.

— Muito bem — concordou ele, cruzando os braços, com as sombras ainda se contorcendo ao seu redor feito serpentes prontas para dar o bote. — Por que não me mostra esse tal convite, então?

Ela enfiou a mão nos bolsos, mas, quando não encontrou o envelope, veio o estalo. *A raposa.*

Assim, voltou a olhar para o rosto do estranho e viu que um sorriso sarcástico havia substituído a carranca.

— Você sabe *muito bem* onde está o meu convite — acusou ela, apontando o dedo na cara dele.

O sujeito não disse nada, e, quando ela bateu o pé com impaciência, os olhos dele acompanharam o movimento, cintilando com algo parecido com diversão, ao contrário do que os dentes cerrados sugeriam.

— Então, como isso funciona? — perguntou ela, com a mão na cintura. — A raposa. É alguma espécie de ilusão mágica? Um bichinho adestrado? Ou era *você*? Por acaso você tem algum tipo de habilidade de metamorfose? O que você *é*, aliás?

Porque, Necromante ou não, ele com certeza era *alguma coisa*. E, embora parecesse ser apenas cinco ou seis anos mais velho que do ela, a mera *presença* do sujeito a fazia se perguntar se aquela aparente juventude não era ilusória.

— O que *você* é? — rebateu ele. — Além de encrenca. Como raios conseguiu passar de novo pelas medidas protetoras do portão?

— Arrá! — exclamou ela, satisfeita. — *Você* me colocou do outro lado depois que desmaiei. Não ia nem se certificar de que eu iria acordar? De que eu não estava *morta*?

— Não seria problema meu se estivesse — disse ele, com uma expressão de tédio nos peculiares olhos dourados.

— Você é o maior canalha — comentou ela, torcendo o nariz. — Sua conduta é abominável.

O sorriso que se formou nos lábios dele diante do insulto era perigoso.

Ele se debruçou até os olhos estarem na altura dos dela, os narizes quase se tocando.

— Não quer aturar minha conduta? *Vá embora*.

Ela cerrou os punhos.

— *Não*. Eu já avisei que não vou embora sem falar com o sr. Silver. Muito menos sem saber se qualquer sortilégio lançado sobre mim foi desfeito. Tem ideia de como é ser seguida para cima e para baixo por centenas de pássaros barulhentos?

A expressão dele se tornou zombeteira.

— Tão agradável quanto esta conversa, imagino?

— Fui convidada para vir aqui, e você sabe disso — insistiu ela, ignorando o comentário.

— Acredito que alguém chamada Tessie foi convidada. E foi instruída, de forma explícita, a chegar *antes* da véspera do equinócio, de acordo com o tal convite — contrapôs ele. — Esse prazo já expirou, e você disse que seu nome era Juniper…

— *Genevieve*.

— Portanto, o convite não se aplica a você. Vou dar um último aviso: *vá embora*.

A batida da porta na cara dela foi menos inesperada dessa vez.

Ela continuou parada por um minuto, tentando decidir se arriscaria deixar o local sem a confirmação de que seu probleminha com o bando de corvos havia sido resolvido. Só que o estranho cometera o erro de atiçar a curiosidade e a teimosia de Genevieve, de modo que ela se viu muito mais interessada em descobrir o que ele tanto queria esconder dentro da mansão. Sem mencionar que ela não sabia se conseguiria viver com a ideia de deixar aquele mala pensar que havia vencido.

Eu mereço achar outras pessoas como eu, lembrou a si mesma. *Se eu encontrar Barrington e lhe mostrar a fotografia, tenho certeza de que ele também vai querer isso para*

mim.

Além do mais, o que seria pior? Chegar tão perto de tudo o que ela vinha buscando havia tanto tempo e desistir feito uma covarde ou lidar com mais um homem insuportável?

Existe um desses a cada esquina, pensou.

Depois de pegar a bagagem, ela se transmutou em sua forma incorpórea e atravessou a porta antes que pudesse pensar duas vezes. Quando se deixou materializar do outro lado, largando os baús no chão xadrez cinza e branco do saguão, esperava encontrar o estranho hostil ainda por ali. Mas não havia nada em volta, a não ser um silêncio sinistro.

CAPÍTULO 5



ESPECTRO

O saguão se destacava pela imponência, do jeito grandioso que só era alcançado por quem tinha tanto dinheiro que mal sabia o que fazer com ele. O teto era um mosaico do céu noturno, incrustado com o que ela quis acreditar serem diamantes à guisa de estrelas cintilantes. Murais em cores vivas da paisagem rural italiana cobriam a metade superior de cada parede, com detalhes brilhantes em folhas metalizadas realçando as pinceladas das nuvens espiraladas e das árvores floridas. A metade inferior era adornada com os lambris mais bem trabalhados que ela já vira, com os frisos pintados de um azul-escuro intenso.

A estrela da cena, no entanto, era o candelabro. Seis fileiras de cristais em formato de pera espalhavam partículas de luz iridescente por todo o cômodo. Velas compridas se aninhavam nas luxuosas arandelas que pendiam a cada um metro e meio ao longo das paredes. E cada centímetro do cômodo estava coberto de poeira.

Uma opulência decadente. Que desperdício.

Do outro lado do saguão, via-se um conjunto de portas de madeira enormes encaixadas entre dois pilares de mármore. À esquerda de Genevieve, havia um corredor que parecia levar à parte principal da mansão, com janelas que se estendiam ao longo da parede frontal de modo a permitir que a luz natural, ou, no caso, a penumbra da tempestade de neve, se derramasse sobre as suntuosas cortinas cor de ameixa. Grandes molduras retangulares cobertas por lonas amarronzadas pendiam de todas as paredes. Sem conseguir se conter, Genevieve se aproximou de uma das peças escondidas, perguntando-se por que alguém cobriria tanta arte. Só que, ao afastar o tecido grosso, viu que não era arte: tratava-se de um espelho de prata.

Que estranho…

À direita dela, ficava um corredor, com o lado esquerdo ladeado por portas. Na parede oposta, porém, havia uma fileira de enormes retratos a óleo, todos com molduras de prata entalhada com arabescos. Genevieve começou a percorrer o corredor, imaginando se conseguiria encontrar alguém em um dos cômodos, mas a estranheza do primeiro retrato chamou sua atenção e a fez parar.

A garota da pintura não era muito mais velha que Genevieve, com cabelos brancos marcantes que iam até a cintura e uma franja fina repartida no meio da testa para emoldurar o rosto. Os olhos eram negros feito breu sob os cílios fartos, um contraste gritante com o restante das feições muito claras. Assim como os lábios cor de vinho, desenhados para dar a impressão de que ela guardava um segredo que o observador desconhecia. A garota posava em uma poltrona de veludo cinza de espaldar alto, usando um vestido azul-claro, e a seus pés repousava um leopardo-das-neves adulto.

Genevieve piscou duas vezes para o grande felino malhado.

Não pode ser um animal de estimação, pensou enquanto arrastava os pés até a pintura seguinte.

Essa retratava um homem cujas feições lembravam muito as da garota ao lado. Em vez de cabelos claros e olhos escuros, porém, ele tinha longas madeixas rebeldes da cor do nanquim, quase azul-marinho, enfiadas atrás das orelhas, onde grandes brincos de safira pendiam de cada lóbulo. E seus olhos… eram de um tom de cinza tão claro que pareciam quase brancos.

Genevieve estremeceu. *Se alguma vez na vida achei que os olhos da Ophie fossem de dar medo…*

O homem estava apoiado na mesma poltrona que a garota, e, embora não houvesse nenhum leopardo a seus pés, uma *coruja* preta estava empoleirada sobre seu ombro. O olhar do pássaro tinha sido pintado de um jeito que parecia seguir o observador.

Antes que Genevieve pudesse passar para a pintura seguinte, um baque ecoou de algum lugar acima. Ela se virou e correu de volta para o saguão, na esperança de encontrar uma escada que a levasse ao responsável pelo barulho. Se desse sorte, seria o próprio dono da propriedade. Ou pelo menos alguém que não fosse o estranho de olhos dourados.

Ela percebeu então que as portas duplas nos fundos estavam entreabertas. Caminhou até lá e afastou mais uma delas, parando na mesma hora ao se deparar com o cômodo do outro lado. Um grande salão de baile. Do tipo que ela costumava imaginar como cenário para seus devaneios.

O teto se elevava muito acima da cabeça dela, decorado com afrescos vibrantes retratando batalhas entre vários seres paranormais e efêmeros: Diabos com garras vermelhas dilacerando Metamorfos a meio caminho da transformação, Devaneios derramando seu sangue opalescente na boca de Vampiros, Anjos arrancando as asas uns dos outros. Nas paredes havia cortinas douradas abertas e amarradas para revelar as janelas altas arqueadas que permitiam que a luz prateada se espalhasse sobre a pista de dança de mármore e iluminasse mais espelhos cobertos na parede logo em frente. Entre duas dessas janelas repousava um enorme relógio de parede dourado. Os algarismos romanos das horas ficavam no centro de doze grandes círculos, todos pretos, exceto o das quatro horas atuais, tão dourado quanto o mostrador. E, no canto mais distante do salão de baile, ela vislumbrou o que estava procurando: uma grande escadaria. Os degraus levavam a um patamar no segundo andar, onde uma galeria se estendia por três lados da pista de dança.

Genevieve avançou até a escada atapetada, passando os dedos pelo corrimão dourado para deixar um rastro em meio à poeira espessa ao subir, tentando identificar qualquer coisa viva em meio às sombras adiante. Ao atingir o patamar, notou algo pelo canto do olho se desenrolando como fumaça.

E virou a cabeça de forma brusca na direção da raposa.

— *Você* — disse Genevieve.

A raposa balançou a cauda em um gesto de deboche antes de dar meia-volta e sair em disparada. Genevieve foi atrás, contornando uma curva cerrada à esquerda e entrando em um amplo corredor com portas fechadas em ambos os lados. Ela forçou a vista na escuridão, mas ou a raposa estava toda camuflada em meio às sombras ou havia desaparecido.

— Olá? — chamou ela enquanto caminhava devagar pelo corredor. — Tem alguém aqui em cima?

Ela se aproximou da primeira porta à direita e girou a maçaneta, surpresa ao encontrá-la destrancada. O quarto estava… vazio. Sem cama, sem móveis, apenas paredes brancas. Ela fechou a porta e verificou o cômodo ao lado. Também vazio.

Que desperdício de espaço…

— Quem diabos é *você*? — sibilou alguém.

Genevieve recuou da soleira do cômodo vazio e deu meia-volta para encarar a pessoa parada na entrada do corredor. Ela havia falado em uma língua que Genevieve não reconhecia, e que com certeza não deveria ter compreendido, mas, ainda assim,

cada palavra entrara com clareza em sua mente.

À medida que se aproximavam uma da outra, Genevieve percebeu que era a garota da pintura. Só que seu cabelo branco fantasmagórico havia sido aparado em um corte reto mais curto e elegante, com os fios mal alcançando a altura dos ombros ao balançarem com a rapidez de seus passos.

— Como entrou aqui? — questionou a garota na mesma língua enquanto seu olhar percorria o estado do vestido de Genevieve.

— Pela porta da frente — respondeu Genevieve, alisando as barbatanas do corpete.

Devia estar com uma aparência terrivelmente desleixada. Bem diferente da boa primeira impressão que gostava de causar.

A garota bufou pelo nariz.

— Você é bem descarada, sabia? Se é uma das convidadas do Knox, chegou cedo. E está muito fodida. A Caçada é *amanhã*.

A Caçada?

— Não que você vá durar até lá, já que seu funeral será hoje à noite — continuou a garota, com um tom de voz displicente demais para as palavras que estava proferindo.

— Não sei do que está falando. E como eu consegui te entender antes? Você não estava falando minha língua…

— Você é desmiolada? — perguntou a garota, parecendo de fato preocupada enquanto examinava o rosto de Genevieve. — Como foi que veio parar aqui?

Opa.

— Tinha uma raposa preta…

— Umbra?

Os olhos da garota se estreitaram com perspicácia.

— Por acaso *Rowington* deixou você entrar aqui?

Umbra. Rowington.

Genevieve guardou aqueles nomes para mais tarde.

— "Deixou" não é bem a palavra certa…

— Ellin? — ecoou uma voz grave vinda do outro lado.

Por um instante, o estômago de Genevieve se revirou de tensão com o confronto iminente, mas, quando ela e *Ellin* se viraram na direção da voz, ficou aliviada ao descobrir que não era o cretino de olhos dourados. Não, esse homem era um pouco mais magro, com o cabelo preto impecável penteado para trás, as laterais um tantinho

mais aparadas do que a parte superior. A pele do peito, que aparecia sob a camisa abotoada pela metade, era tatuada com marcas grosseiras de contagem, assim como a parte dos pulsos que despontava logo acima dos punhos. O detalhe mais impactante nele, no entanto, era a cor dos olhos: carmesim.

Bem, os olhos e o fato de que ele era talvez a pessoa mais atraente que Genevieve já tinha visto. Era impressionante o quanto era bonito, para falar a verdade. O bastante para fazer Genevieve corar.

— Ellington, chega de enrolação — repreendeu o homem, devagar, com o que parecia ser um pirulito no canto da boca, andando sem pressa.

E, mais uma vez, Genevieve percebeu que ele falava a mesma língua que a garota falara antes, porém ela não teve dificuldade em compreender.

— Rowin já arrumou todos os nossos quartos e vai ficar irritado se descobrir que me sujei de sangue com…

O homem fez uma pausa abrupta quando enfim avistou Genevieve, e então voltou a encarar Ellin, com os olhos vermelhos se estreitando em uma típica encarada entre irmãos. E Genevieve tinha quase certeza de que ele era, de fato, irmão da garota. Não apenas pela semelhança perceptível nas curvas acentuadas do nariz, no formato do olho e da boca, nos olhares de pena e julgamento… mas porque a expressão no rosto dele era aquela que só um irmão poderia exibir antes de ajudar o outro a arrumar uma bagunça e depois chantageá-lo por isso. Ophelia usara a mesma expressão muitas vezes na infância delas.

— Que *porra* é essa, Ellin? — protestou o homem enquanto tirava o pirulito vermelho-cereja da boca. — Você deixou a Boca do Inferno aberta de novo? Dois séculos depois e você ainda não está cansada de ver Knox massacrando pessoas?

De que raios ele está falando?

Ellin apoiou as mãos na cintura.

— Não fui *eu* que a deixei entrar. Acabei de topar com ela aqui, seu babaca. É melhor você ir perguntar para Rowin…

— *Rowin?* — interrompeu ele, descrente.

Ellin deu de ombros.

— Ela mencionou Umbra.

O homem voltou a atenção para Genevieve.

— Você está aqui com Rowin?

— E se eu estiver? — perguntou Genevieve.

O questionamento surgiu porque ela não entendia muito bem aonde eles queriam chegar, mas as palavras anteriores do sujeito ainda ecoavam na mente dela como um alarme.

Dois séculos depois e você ainda não está cansada de ver Knox massacrando pessoas?

Knox. Este era o nome que Barrington mencionara na carta. Algo sobre ter uma breve pausa de seus deveres com *Knox*.

— Se estiver com Rowin, tenho algumas perguntas — prosseguiu o homem, mudando para o idioma de Genevieve com a mesma facilidade de Ellin. — Mas, se não estiver, acho que seria mais bondoso acabar com seu sofrimento antes que Knox ou Grave a encontrem aqui.

Com a mão livre, ele desembainhou uma faca do cinto como se não fosse nada.

— Sevin, em cima do tapete não — ralhou Ellin, com um suspiro.

Genevieve teve o cuidado de não esboçar reação, apesar do coração acelerado ao ver a faca e da ameaça persistente nas palavras do sujeito. O que diabos havia de errado com os moradores daquela casa?

— Estou com Rowin — afirmou Genevieve às pressas quando *Sevin* mudou o peso do corpo de um pé para outro, à espera da resposta dela.

— Maravilha, porque já derramei sangue demais — admitiu Sevin ao mesmo tempo que Ellin perguntou:

— Com Rowin? Como assim?

Antes que Genevieve pudesse responder a qualquer um dos dois, ouviu-se um grito repentino vindo de algum lugar lá embaixo. Os irmãos trocaram um olhar carregado.

— Isso foi Grave? — perguntou Ellin.

Genevieve deu um passo cauteloso para trás. Eles não pareceram notar.

O sorriso que se abriu nos lábios de Sevin foi apavorante.

— Quero muito ver a cara do Grave quando ele encontrar *essa aí*.

Ellin bufou.

— Que merda você acha que Rowin está aprontando? Não é possível que ele esteja…

Genevieve transmutou para seu estado invisível, deixando o resto da discussão esmorecer atrás de si enquanto passava despercebida pelos dois e voltava correndo para a escada. Ela disparou pelo salão de baile e suspirou de alívio ao chegar ao saguão, ficando sólida apenas para pegar sua bagagem.

Antes que conseguisse agarrar as alças dos baús, no entanto, foi empurrada contra a parede.

E se viu frente a frente com furiosos olhos cor de âmbar.

Rowin.

Genevieve tentou se esquivar pela parede, mas ele apenas espalmou as mãos contra a superfície plana de cada lado dela e a prendeu no lugar com os braços.

Aquele sujeito já estava lhe dando nos nervos.

— Você é um *Espectro*? — indagou ele entre dentes.

— Isso te incomoda? — retrucou ela, doida para meter o joelho entre as pernas dele e *obrigá-lo* a sair do caminho.

— O que me incomoda é você ser incapaz de escutar, caralho — sibilou ele, trazendo os pensamentos dela de volta ao presente. — Se eu soubesse que você conseguia passar pelas proteções do portão, não teria me dado ao trabalho de te ajudar a se recuperar das frutinhas-do-demônio. Tem alguma ideia do que fez? De que jogo está participando agora? Desconfio que não, ou nunca teria vindo aqui.

— Qual é o seu problema? — perguntou ela antes de deixar sua magia fluir através de si e escapar dele.

Ele girou o corpo.

— E que história é essa dos seus irmãos ameaçando *acabar com meu sofrimento*? Qual é o problema de vocês?

— Não faça perguntas se não estiver disposta a arcar com as respostas — alertou ele.

— Ah, eu garanto que estou morrendo de curiosidade para saber qual é a explicação absurda para essa sua hospitalidade pavorosa. Eu cresci em uma casa cheia de mortos, e era menos hostil do que esta aqui. Vocês foram todos criados pelos animais dos retratos? Contraíram raiva? Ou eu deveria me preocupar com a qualidade da água?

Ele a encarou com uma expressão indecifrável por um bom tempo. Então, perguntou:

— Você conheceu meus irmãos?

Genevieve arqueou uma sobrancelha diante da mudança abrupta de assunto, mas ainda assim acenou com a cabeça.

— Ellin e Sevin, certo?

— Mais alguém?

— Não, ainda bem. Ou teria perdido as contas de quantas ameaças recebi na última meia hora — murmurou ela. — E quem é Knox? E Grave? O que é *a Caçada*? Onde está Barrington Silver? Por que eles falaram comigo em uma língua que não conheço e, ainda assim, eu consegui entender?

— Você terá essas respostas em breve — prometeu ele, de um jeito que fazia as palavras soarem quase como uma ameaça. — Espero que não tenha ninguém à sua espera. Um pai, uma mãe ou um marido que…

Ele parou de falar, rígido de repente, e Genevieve ficou inquieta com o jeito como a encarava. Os olhos dele começaram a escurecer quando se concentraram… nas mãos dela?!

Genevieve baixou a atenção para as luvas de camurça. Tingidas de um lindo tom rosado e adornadas com pele, eram as preferidas dela por causa dos pequenos botões de pérola. Ainda assim, achava improvável que ele estivesse tão interessado nos detalhes das peças.

— Você é casada? — indagou ele, estreitando os olhos para o dedo anelar esquerdo dela.

Genevieve levou a mão ao peito.

— E por que isso seria da sua conta?

Que pergunta estranha.

O sorriso que começou a se formar nos lábios dele disparou um alarme na mente dela.

— Você não faz a menor ideia da encrenca em que se meteu.

— Então eu vou embora — declarou ela.

No entanto, quando tentou dar um passo em direção aos baús, ele bloqueou seu caminho mais uma vez.

— Ir embora deixou de ser uma opção no instante em que você pôs os pés dentro desta casa.

— *Saia* da minha frente. Já te aguentei por tempo demais.

Ele soltou uma risada abafada.

— Bem, é melhor você se acostumar.

— Como assim? — perguntou Genevieve, irritada.

Estava exausta da viagem e desesperada por um bom banho e uma refeição quente. Não tinha energia para decifrar mais ameaças enigmáticas.

O sorriso do sujeito se tornou sombrio, mas ele não deu maiores explicações. Tudo

o que disse foi:

— Umbra.

As sombras que ela tinha visto rodopiando ao redor do sujeito começaram a reaparecer, saindo *dele* bem devagar, Os tentáculos que lembravam fumaça assumiram a forma de membros sombrios. Ela observou com espanto quando alguns filamentos escuros se desprenderam e se transformaram na raposa. Genevieve fez cara feia para a criatura peluda que se enroscava de maneira afetuosa entre as pernas de Rowin. Umbra a encarou com seus grandes olhos amarelados, da mesma cor dos de Rowin, e, mais uma vez, Genevieve se perguntou que tipo de ser ele era.

— Umbra, pode cuidar da nossa *convidada* enquanto vou procurar meu pai? — pediu ele à raposa, pronunciando a palavra "convidada" como quem queria optar por outra bem mais desagradável.

Antes que qualquer um deles pudesse sair do lugar alguém chamou:

— Rowington.

O rapaz virou o rosto quando uma figura alta apareceu à esquerda deles em uma nuvem rodopiante de fumaça violeta.

— Você sabe muito bem que, se Knox chegar e os espelhos ainda estiverem cobertos, ele vai ficar furioso — continuou a voz enquanto os filamentos roxos de magia se dispersavam por completo no ar parado.

Genevieve ficou boquiaberta diante do recém-chegado. Ela teria reconhecido aquele homem em qualquer lugar.

Barrington Silver.

CAPÍTULO 6



FAMILIAR

A primeira coisa que Genevieve notou enquanto olhava para Barrington foi a ausência do medalhão que ele usara na fotografia dele e da mãe que havia encontrado.

A segunda foi que, embora a foto devesse ter sido tirada havia pelo menos algumas décadas, o homem não parecia ter envelhecido um mísero dia desde então.

Imortal.

A mãe de Genevieve tinha uma magia poderosa, mas envelhecera como qualquer mulher comum. Barrington Silver não era um Necromante. Era outro tipo de ser, um muito diferente.

Uma sensação gélida de medo e decepção se instalou na barriga de Genevieve. Ela havia cometido um erro ao ir para aquele lugar. Aquela família não era nem um pouco como a dela. Ainda na Mansão Grimm, descobrir a explicação para os medalhões iguais parecera uma ideia genial. Mas, àquela altura, ela sabia que não passara de uma esperança precipitada.

Barrington era mais alto que Rowin, mas não muito, com o cabelo grisalho e as íris em um tom de roxo vibrante. Lado a lado, a semelhança entre os dois era nítida com a exceção de que Barrington parecia *caloroso*.

Talvez seja apenas o efeito de conhecê-lo há muito tempo por meio de uma fotografia, pensou Genevieve. *Ou o fato de Rowin ter se mostrado insuportável desde o momento em que abriu a porta… e a boca.*

— Se não se importam, eu gostaria de partir agora — anunciou Genevieve enquanto alternava o olhar entre os dois homens.

De repente, a atenção de Barrington se voltou para Genevieve, como se não tivesse percebido antes que ela estava ali. O rosto dele perdeu a cor. Como se estivesse vendo

um fantasma.

— Pai — saudou Rowin, impassível. — Houve um… incidente.

— O que você *fez*, rapaz? — sibilou Barrington.

A expressão de Rowin permaneceu serena.

— Tentei impedir a entrada dela, mas a visitante não responde muito bem a ameaças.

— Mas já estou indo embora — insistiu Genevieve antes que a estranha tensão que fervilhava entre os homens pudesse transbordar. — Eu só queria fazer algumas perguntas ao senhor. E depois poderão retirar as proteções do seu portão e eu sairei daqui…

— Eu já disse que ir embora não é mais uma opção — interrompeu Rowin. — A magia nos portões da frente vai fritar você se voltar lá agora.

— Receio que você não esteja compreendendo a situação, querida — concordou Barrington, os olhos ainda faiscando de incredulidade ao dar um passo na direção dela. — Não é culpa sua, claro…

— Quanto a isso eu discordo — interveio Rowin. — Ela foi avisada *várias* vezes.

— Mas não cabe a nós retirar as proteções, pois não são nossas — concluiu Barrington, como se o outro não tivesse falado. — Nunca deveriam ter deixado você pôr os pés dentro de Enchantra.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Ela é um *Espectro*, porra — disparou Rowin, furioso. — O que mais queria que eu fizesse? Que a mutilasse para que ela não pudesse voltar andando?

Genevieve soltou um muxoxo indignado.

Rowin a encarou com indiferença antes de se dirigir de novo ao pai.

— A garota se meteu nessa encrenca sozinha, agora paciência. O que, por acaso, pode ser uma *vantagem* para mim. O senhor não acha que essa ideia *casa* bem?

Barrington encarou o filho com uma expressão estranha. Em seguida, seus olhos se iluminaram com algo que Genevieve não compreendeu. O homem ficou alternando a atenção entre ela e Rowin como se tivesse sido acometido por algum tipo de epifania, mas não se deu ao trabalho de explicar nada. Rowin assentiu.

— Parem com essa comunicação silenciosa — protestou Genevieve.

— Tem razão, que grosseria a nossa — respondeu Barrington. — Rowington, por que não vai informar aos seus irmãos o que está acontecendo?

Rowin logo se retirou, e o homem mais velho voltou toda a sua atenção para

Genevieve.

— Você é filha de Tessie Grimm — afirmou ele.

Genevieve arqueou as sobrancelhas, surpresa por ter sido reconhecida. Ela não era a filha que puxara à Tessie Grimm. Em nenhum sentido.

— Sim, eu sou.

— Ophelia?

Ela fez que não.

— Meu nome é Genevieve. Vivi, se preferir. Ophelia é minha irmã.

Barrington fechou os olhos por um instante.

— O que sua mãe te falou sobre mim?

— Nada.

A resposta foi automática, instintiva. Na verdade, qualquer pergunta que começasse com "O que sua mãe te falou sobre…" teria sempre a mesma resposta.

— Mas encontrei uma fotografia de vocês dois. E li algumas de suas cartas antigas. Achei que talvez você também fosse um Necromante. Eu tinha esperanças de que… Bem, agora não importa mais.

— Que maldição, Tessie — resmungou Barrington, apertando o ossinho do nariz como se estivesse com enxaqueca. — Parece que houve alguma confusão. Eu gostaria muito de levar a senhorita de volta para casa, para sua mãe, mas hoje é o único dia do ano em que visitar Enchantra é… catastrófico. Ir embora daqui não será simples, e vou precisar da sua colaboração.

— Minha colaboração com *o quê*?

O homem suspirou e fez um sinal para que ela o seguisse.

— Venha. Ainda não terminamos todos os preparativos. E, como meus filhos se recusam a fazer qualquer coisa útil nesta casa, uma ajudinha extra seria muito bem-vinda.

Ele caminhou até um dos espelhos cobertos na parede do saguão, e Genevieve o ajudou a puxar o pano que o cobria, levantando uma nuvem de poeira. Ela tossiu, abanando a mão no ar para afastar a poeira, enquanto Barrington seguia para o espelho seguinte. Ela bufou e foi atrás.

— Quero saber quem é Knox. E o que é a Caçada? Quem controla as proteções nos portões? Por que eu consigo entender o que vocês estão dizendo mesmo que não seja na minha língua? Com o que o senhor quer que eu colabore? — disparou Genevieve conforme ele ia de espelho em espelho, retirando os tecidos. — E por que

diabos existem tantos espelhos nesta casa?

— Você, sem dúvida, é filha de Gabriel White — murmurou Barrington.

Ela puxou o ar de forma brusca.

— Você conheceu meu pai? Pensei que talvez você e minha mãe tivessem parado de se falar antes de…

— Eu o conheci muito, muito brevemente.

Barrington se virou de forma abrupta e começou a andar até a entrada do salão de baile. Ela o seguia de perto.

— Quando eu disse que não cabia a mim remover as proteções da propriedade, é porque foram feitas por um Diabo muito poderoso chamado Knox — explicou ele ao virar à direita dentro do salão de baile. — A magia dele também é a razão pela qual você consegue compreender nossa primeira língua: a língua do Inferno. Muitos tipos diferentes de seres vão percorrer estes corredores em breve, e a magia da tradução nos permite entender uns aos outros. Daqui a pouco, você nem perceberá a mudança entre os idiomas.

Genevieve parou no meio do caminho.

— Espere aí: Knox é um *Diabo*? Já lidei com mais Diabos do que gostaria ao longo da vida.

— Você nunca encontrou um como o Knox — prometeu Barrington enquanto arrancava o pano de um dos enormes espelhos paralelos às janelas em arco na parede oposta. — A consequência de surpreender Knox com uma intrusa, justo no dia de hoje, em geral envolveria um banho de sangue. Mas, por sorte, Rowington é o mais prático dos meus filhos.

— Perdi o fio da meada. Então o senhor trabalha para esse Diabo?

— Não é uma questão de trabalhar para ele, srta. Grimm. Sou o Familiar dele — revelou Barrington, com um tom sombrio nas palavras. — Tem alguma experiência com Familiares?

— Eu… ouvi falar deles — admitiu ela.

Enquanto caminhavam de volta para a frente da casa, Genevieve tentou recordar a classificação dos seres paranormais que estudara na Mansão Grimm. Familiares eram criaturas sem magia própria, vinculadas a um hospedeiro poderoso, como um Diabo. Eram classificados como imortais, pois sua expectativa de vida estava ligada à de seus hospedeiros. Se um hospedeiro vivesse por toda a eternidade, seu Familiar também viveria.

No entanto, era raro que um humano se tornasse um Familiar. A maioria era composta por animais.

Os animais nos retratos, percebeu Genevieve conforme percorriam o saguão rumo ao corredor das pinturas. O leopardo-das-neves. A coruja. *Umbra*.

— Os laços entre um Familiar e seu hospedeiro são quase indestrutíveis — retomou Barrington. — É por isso que estou preso a Knox desde que me entendo por gente, e é por isso que a maioria das pessoas escolhe animais em vez de seres sencientes. Imagine estar vinculado por toda a eternidade a alguém que você odeia.

— Por que concordou com esse vínculo, então?

— Foi uma tolice da minha parte. Um homem mortal que descobriu o mundo dos seres paranormais e se viu insatisfeito com sua vida passageira.

Ele fez um som de escárnio, zombando de si mesmo, conforme se aproximavam da pintura bem no meio do corredor, a única que estava coberta. À direita, havia um retrato do próprio Barrington, embora ele não estivesse ao lado de um Familiar como os demais. Era apenas o homem encarando o observador com seus olhos violeta, embora Genevieve pudesse jurar que, de certos ângulos, as íris dele exibiam um brilho dourado familiar.

— Por intermédio do meu trabalho para Knox, conheci minha esposa, Vira — contou Barrington, depois retirou o pano do retrato ao lado do dele. — Como pode ver, ela é um Demônio.

A mulher na pintura parecia ter a mesma idade de Ophelia, talvez um pouco mais velha, mas a ilusão de juventude era quebrada pela seriedade em seus olhos vermelhos. Os cabelos eram brancos como a neve, entremeados com uma única mecha escura, e seu sorriso era caloroso, apesar da pele pálida.

— Nós nos casamos com a permissão de Knox, e, com o tempo, tivemos nossos sete filhos: Gravington, Covington, Rowington, Remington, Sevington, Wellington e Ellington.

Ele indicou com a mão os demais retratos no corredor.

Apesar do tom solene do homem, Genevieve teve que se segurar para não rir. Todos os nomes eram *tão* ridículos.

Mais uma vez, ela relembrou seus estudos sobre seres mágicos.

— Se sua esposa é um Demônio e o senhor já foi mortal, isso tornaria seus filhos…

— Assombrações, isso mesmo.

Genevieve conteve um calafrio. Sabia pouco sobre Assombrações, e nada desse pouco era bom. Os livros diziam que eram seres feitos de escuridão, que ansiavam pelo sangue e pelas almas alheias. Por sorte, Barrington não pareceu notar sua inquietação.

— Por causa do meu trabalho com Knox — prosseguiu ele —, não pude acompanhar de perto o crescimento dos meus filhos. Quando eles se tornaram adultos, eu sabia que precisava dar um jeito de… me aposentar.

— Sr. Silver, o que tudo isso tem a ver com as minhas perguntas? — indagou Genevieve, em tom suplicante. — Eu só quero ir embora.

— Você me perguntou sobre as proteções… e a Caçada — relembrou ele, e fez um gesto para que voltassem ao saguão. — Enquanto eu pesquisava maneiras de romper meu vínculo com Knox, minha esposa foi acometida por uma doença grave. Uma doença rara chamada Deterioração Carmesim. Quando Knox soube da doença dela… e talvez também do meu desejo de me libertar dele… ele me ofereceu um pacto.

Genevieve arregalou os olhos.

Pactos com Diabos não eram meros acordos. Eram enraizados em magia profunda, com termos perigosamente específicos que amarravam ambas as partes. Os Diabos os usavam para se aproveitarem de indivíduos fracos ou desesperados. Genevieve podia não ter aprendido nada com a mãe, mas até ela sabia que fazer um pacto com um Diabo só poderia acabar em desastre.

— Não existe cura para a Deterioração Carmesim — prosseguiu Barrington, a voz mal passando de um sussurro. — Mas existem remédios temporários, elixires raros e caríssimos, que adiam a morte por cerca de um ano a cada dose. E, por sorte, Knox tem acesso a um suprimento desses elixires.

Barrington parou no meio do saguão, com a luz do candelabro refletindo nos espelhos ao redor, iluminando a desolação no seu rosto.

— Eu não me dei conta do teor daquele acordo. Não por completo. Ou talvez tenha me dado conta, sim, e apenas me convenci do contrário. Knox estava de olho nos meus filhos, e o que propôs foi a Caçada. Um jogo que criou como punição por eu ter desejado romper meu vínculo. E um espetáculo para todos os apostadores e fanáticos doentios do Inferno. Ele deu a entender que as crianças só precisariam passar pela Caçada uma vez, e, com base nisso, eu as convenci a participar. Mas os termos do pacto dele… foram astutos demais para mim. Meus filhos têm sido obrigados a jogar todos os anos desde então.

— E como esse jogo afeta minha possibilidade de ir embora? — indagou Genevieve, com um aperto no peito, embora as peças do quebra-cabeça já estivessem começando a se encaixar.

— Hoje é o dia em que a magia de Knox prende os jogadores da Caçada — explicou Barrington. — À meia-noite em ponto, qualquer um que tiver posto os pés em Enchantra, com exceção de Knox e eu, será um jogador. A pessoa não poderá escapar até que vença a Caçada ou até que seja…

— Que seja *o quê*? — sussurrou ela, embora já pudesse adivinhar a resposta.

— Morta, é claro — anunciou outra voz.

CAPÍTULO 7



A PROPOSTA

Genevieve deu meia-volta e se deparou com Rowin encostado no batente da passagem para o corredor, observando-a com uma expressão indecifrável.

— Falou com os outros? — perguntou Barrington.

Rowin confirmou com um aceno.

— Eles não estão contentes comigo, mas isso não é novidade. O senhor e eu deveríamos discutir mais algumas coisas antes da chegada de Knox.

Barrington assentiu. Depois se virou e, com delicadeza, segurou Genevieve pelo cotovelo.

— Venha, menina, vamos para a sala de visitas. Acho que precisa se sentar.

— O que eu *preciso* é parar de ser puxada para lá e para cá por desconhecidos — protestou Genevieve enquanto se desvencilhava e fincava o pé no lugar. Ela lançou um olhar raivoso para Rowin. — O que quer dizer com vencer ou ser *morta*?

— Essas palavras têm algum outro significado que eu desconheça? — provocou Rowin. — Ou você vence a Caçada ou morre ao longo dela. Então espero que sua propensão para disputas verbais também sirva para algum tipo de aptidão física.

Genevieve se voltou para Barrington.

— Mas o senhor disse que eles vêm disputando esse jogo há anos. Se todos, exceto o vencedor, são mortos…

Ela se interrompeu quando a ficha caiu. *Imortais*. Todos eles eram imortais.

— Quando somos mortos na Caçada, a magia de Knox queima nossas almas e as separa das formas corpóreas, depois arranca nossos corpos deste plano linear para transportar ambas as partes de nós de volta ao Inferno — explicou Rowin.

Aquilo soava… medonho. Tratava-se também de uma magia tão poderosa que

chegava a ser assustador, algo que estava evidente até para Genevieve. Almas eram delicadas, e, se a magia de Knox era capaz de transportar uma alma deste plano para o Outro Lado em um instante, ele era mesmo um Diabo poderoso.

— Depois temos que viver o restante do ano sob o comando de Knox — completou Rowin, a voz cheia de amargura.

— O vencedor, por outro lado, pode ficar aqui até que a Caçada recomece — concluiu Barrington. — Mas um mortal… o corpo de um mortal não é capaz de suportar a separação de sua alma sem consequências terríveis, srta. Grimm.

— E eu sou mortal — sussurrou Genevieve.

— Agora você entendeu — resmungou Rowin.

Ela se virou e mostrou os dentes para ele.

— Você é um *escroto*.

Ele deu um sorriso debochado.

— As palavras são as únicas garras que você tem?

— Chegue mais perto para ver — retrucou ela, sua voz em um tom melodioso de falsa simpatia.

Rowin fez menção de se aproximar, mas Barrington ergueu a mão entre os dois.

— *Chega* — vociferou, então estreitou os olhos para Rowin. — Vá esperar no gabinete. Estarei lá em um minuto.

Genevieve observou, um pouco chocada, Rowin começar a se transformar em um emaranhado disforme de sombras e fumaça. Em um segundo, o corpo dele estava lá, e, no seguinte, havia se fundido à escuridão do corredor e desaparecido.

— Não tolero a ideia de nosso jogo amaldiçoado fazer mal a uma das filhas de Tessie — lamentou-se Barrington, o tom um pouco mais firme do que antes. — Existe uma maneira de garantir sua segurança. Só requer um pouco de…

Um estrondo retumbante ecoou pela casa.

O homem soltou um suspiro carregado.

— Por favor, me dê licença. Dá para ver que meus filhos estão determinados a me deixar ainda mais furioso que o normal hoje. Fique à vontade na sala de visitas no final do corredor.

E, com isso, Barrington Silver sumiu de vista, deixando apenas uma nuvem de fumaça roxa para trás.

Genevieve havia decidido que encontrar a sala de visitas e esperar para ouvir a tal solução de Barrington seria bem menos exaustivo do que se arriscar a… como foi mesmo que Rowin dissera? Ser *frita* ao tentar passar pelos portões da frente?

O cômodo era inesperadamente acolhedor, com peças de mobília antiga que não combinavam entre si e flores frescas em vasos de cristal, o que criava um ambiente intimista e convidativo. Havia um conjunto de cadeiras em frente ao pequeno sofá, uma mesa de centro de mogno entre eles e uma cristaleira embutida, feita da mesma madeira avermelhada, ocupando toda a parede no fundo do cômodo. A prateleira acima do guarda-louça estava repleta de copos e garrafas de bebidas variadas. Em frente a ele, havia um balcão de mármore comprido com bancos revestidos de veludo.

— Ora, ora, vejam quem se juntou a nós — comentou uma voz bem-humorada.

Genevieve ficou tensa ao vasculhar o cômodo em busca da origem da voz.

Um sorriso se formou nos lábios de Sevin quando os olhares dos dois se encontraram, e ele mexeu o pirulito na boca para o lado, criando uma protuberância na bochecha esquerda. Genevieve o encarou com ceticismo enquanto ele se afastava da parede oposta e se aproximava a passos firmes.

— Você realizou um belo truque ao sair de fininho mais cedo. Então é do tipo quietinha? — questionou ele, com um brilho malicioso no olhar vermelho, depois apontou para ela com o pirulito. — Ou gosta de gritar?

Genevieve cruzou os braços.

— Acho que minha nova meta de vida é garantir que você nunca descubra essa resposta.

Ele estalou a língua, decepcionado.

— O que acha de adagas?

Ela estreitou os olhos.

— Em que sentido? A habilidade de quem produziu a adaga? A eficácia dela? A sensação de enfiar uma no meio da sua barriga?

O sorriso dele se alargou ainda mais.

— Só queria saber se está preparada para levar uma ou duas facadas.

Uma gargalhada ecoou da porta conforme Ellin entrava no cômodo.

— E o que ela poderia fazer para se preparar para isso, Sevin? — questionou Ellin, e se virou rápido para Genevieve. — Meu conselho é simples: não seja esfaqueada. E, se for, não sangre até a morte.

Como se fosse algo que Genevieve pudesse controlar.

— Não dê ouvidos a Ellin — disse Sevin. — Ela não tem muita experiência com a fragilidade dos mortais. Ou com a facilidade com que eles perdem todo o sangue.

Genevieve ficou rígida. Tinha se esquecido de que os irmãos Silver eram Assombrações. *Então eles devoravam mesmo sangue e almas?*

Antes que ela pudesse fazer a pergunta em voz alta, porém, Ellin se jogou em uma cadeira e reclamou:

— Por que eu passaria tempo suficiente com mortais para saber disso? Eles são um tédio.

— Acho que *tédio* não vai ser o problema desta aqui — comentou Sevin, sorridente, ao voltar a atenção para Genevieve. — Não é?

Genevieve não se deu ao trabalho de responder. Apenas contornou a mesa de centro e tomou a direção da saída. Começava a se sentir como uma lebre encurralada na presença daqueles dois. E não aguentava mais ouvir falar em ser esfaqueada ou sangrar. Barrington dissera que conhecia um jeito de poupá-la do tal joguinho sediado naquela casa amaldiçoada, e Genevieve torcia para que fosse verdade.

— Mesmo que ela seja um tédio — argumentou Ellin —, o plano de Rowin vai tornar as coisas interessantes. Talvez ela até seja uma ameaça pra você na eleição para Favorito.

Antes que Genevieve pudesse reagir, Rowin apareceu no cômodo em meio às sombras rodopiantes. Seguido momentos depois pelo pai.

— Saiam — ordenou Barrington para Ellin e Sevin.

Ellin fez questão de mostrar como era inconveniente ser expulsa, mas Sevin apenas deu uma piscadinha para Genevieve.

— Boa sorte — disse Sevin ao irmão ao sair. — Vocês ficam *lindos* juntos.

Ellin deu uma risadinha de escárnio quando Genevieve fechou a cara, confusa.

— Por que não se senta, Genevieve? — sugeriu Barrington, indicando o sofá no meio da sala de visitas.

Ela empinou o queixo.

— Não, obrigada.

Rowin revirou os olhos diante da recusa dela.

— Sei que é muita coisa para processar de uma vez — retomou Barrington. — Mas a situação só vai piorar daqui para a frente.

— Pior do que ouvir que posso ser forçada a participar de um jogo em que minha única alternativa é ganhar ou *morrer*? — perguntou ela com sarcasmo.

— Isso mesmo — afirmou Barrington.

Foi nesse momento que ela de fato viu a idade de Barrington. O rosto podia ser jovem, mas os olhos carregavam o peso de inúmeras vidas de experiência como pai. Rowin apenas observava a cena sem um pingo de emoção no rosto. Como se fosse feito de pedra.

— Não temos muito tempo antes que Knox chegue e nos impeça de falar abertamente — explicou Barrington. — Até agora, nunca houve outros competidores além dos meus filhos na Caçada. Alguns tentaram participar. Mas a Caçada foi concebida apenas para aqueles com o sobrenome *Silver*.

Pelo canto do olho, Genevieve viu Rowin se mexer. Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça enquanto seus olhos dourados lampejavam de… expectativa?

— Tessie jamais me perdoaria se eu deixasse você entrar neste jogo sem ajudá-la.

A voz de Barrington ficou mais embargada a cada palavra, e aquele pareceu o momento ideal para Genevieve comunicar a morte da mãe. Mas a confissão morreu na ponta de sua língua quando ouviu as próximas palavras dele.

— Ficou decidido que você entrará na Caçada como esposa de Rowington.

Por um momento, o mundo inteiro parou. Genevieve sabia que tinha entendido errado. Que a palavra "esposa" não acabara de sair da boca dele.

A Caçada foi concebida apenas para aqueles com o sobrenome Silver.

Uma risada desenfreada lhe escapou.

— É o único jeito de permitir dois vencedores — continuou Barrington. — Uma brecha que Knox concedeu a um dos meus outros filhos há muito tempo, quando os espectadores tinham se cansado da mesmice da Caçada. Qualquer um dos meus filhos pode usar a mesma brecha, se desejar.

Ela olhou para Rowin.

— Vai ficar aí parado e deixar seu pai pedir que eu aceite me casar com você?

— Por quê? Está sugerindo que gostaria que eu fizesse o pedido? E de joelhos? — indagou Rowin, pronunciando as palavras bem devagar. — É isso que os mortais fazem, não é?

A ideia a deixou ainda mais desconcertada do que a atual conversa, mas, de alguma forma, ela conseguiu manter o tom de voz equilibrado ao retrucar:

— É *um* joelho só, e óbvio que *não* é isso que estou sugerindo. Só quero que você diga a ele que essa ideia é absurda!

— Infelizmente, isso eu não posso fazer — declarou Rowin, com toda a calma,

sem tirar os olhos dela. — Porque a ideia foi minha.

Ela quase engasgou.

— Um casamento é a única maneira de você sobreviver à Caçada, Genevieve — concordou Barrington.

— Embora eu agradeça a falta de confiança de vocês dois na minha capacidade de me proteger — respondeu Genevieve, a indignação evidente em cada palavra —, minha esperança era que encontrassem um jeito de me livrar de vez dessa provação. Se a ideia é eu participar do seu jogo infeliz e me *casar*, acho que prefiro jogar sozinha. Acreditem ou não, não seria minha primeira disputa mortal. Já ouviram falar de Phantasma? Eu participei do desafio na Mansão do Diabo ano passado e, como podem ver, sobrevivi sem problemas.

Ela tinha sete estrelas douradas marcadas na pele como prova.

Barrington meneou a cabeça.

— Jogar sozinha não é uma opção. Knox apenas a mataria. E é o mínimo que devo a Tessie: garantir que você tenha uma chance de lutar.

Ela fez uma careta de desgosto.

— Não vou correr esse risco — insistiu Barrington. — Sem mencionar que também seria vantajoso para Rowington. Uma situação em que todos saem ganhando.

— Ah, então eu sou uma *vantagem*? — alfinetou ela, olhando para Rowin. — E você deu a entender que estava fazendo um *favor* a mim.

— Você é uma vantagem em potencial — corrigiu ele. — Se, de alguma forma, aprender a escutar nas próximas vinte e quatro horas.

— Bem, sou toda ouvidos. Por que não me explica por que sou tão vantajosa para você?

— A brecha de Knox estipula que, se um de nós se casar e convencer o *cônjuge* a participar da Caçada — começou ele, e seus olhos escureceram ao enfatizar a palavra —, os dois poderão jogar juntos por uma temporada, e existe uma recompensa especial caso vençam: o casal será liberado em caráter permanente da Caçada. Há uma ressalva, é claro. Se o casal perder essa primeira partida, o novo membro da família ficará preso à Caçada com o restante de nós. Para sempre. Isso se for imortal.

— O que já estabelecemos que eu não sou.

Rowin comprimiu os lábios em uma linha sombria quando Genevieve flagrou a careta de Barrington.

— Vocês estão falando sério — declarou ela, alternando o olhar entre os dois. —

Acham mesmo que eu vou concordar em *me casar* com um desconhecido?

— Tenho certeza de que você poderia ter acabado com alguém bem pior — argumentou Rowin.

Ela jamais admitiria em voz alta que ele tinha razão. Então, limitou-se a responder:

— Você não conseguiria alcançar meus padrões nem se eu os rebaixasse às profundezas do Inferno.

Rowin abriu a boca, talvez para dar uma resposta mordaz, mas Barrington foi mais rápido.

— Não esqueçam que Knox pode chegar a qualquer momento. Se vocês dois não aprenderem a ser amigáveis, e *rápido*, Genevieve não vai sobreviver a esta noite — advertiu Barrington. — Não, não apenas amigáveis. Vocês precisam ser *parceiros*. Enganar Knox e seus espectadores exigirá medidas extremas de ambos: nada de brigas em público, nada de insultar um ao outro… Ah, e com o máximo possível de demonstrações públicas de afeto.

— Vocês *perderam o juízo* — zombou Genevieve.

— E você perderá sua vida se não cooperar — declarou Barrington, ríspido.

Genevieve torceu os lábios com desdém.

— Não fale assim comigo, sr. Silver. O senhor não é *meu* pai.

Pelo canto do olho, ela jurou ter visto Rowin sorrir.

Barrington deu um longo suspiro, depois passou a mão pelos cabelos.

— Perdão. É que eu não sei como expressar o perigo que você corre. Knox vai matá-la se a encontrar aqui. A menos que descubra que você faz parte da família. Mesmo que concorde em jogar com Rowington, vocês dois precisarão demonstrar que estão apaixonados.

— Então, além de ser obrigada a seguir esse seu plano maluco, ainda preciso fingir que estou *gostando*?

— Knox estará de olho em vocês dois. Assim como todos os espectadores dele, quando o jogo começar. Os espelhos são encantados de modo que quem está no Inferno possa espiar dentro da casa. É por isso que existem espelhos em todas as áreas compartilhadas. E é por isso que meus filhos têm o hábito irritante de cobrir todos eles com panos.

— E eu não posso me casar com um dos outros? — questionou ela.

— Não — respondeu Rowin. — A ideia foi minha. Portanto, você é minha. Se alguém vai se libertar da Caçada, serei eu.

Na mesma hora, Genevieve ficou atordoada. Só não saberia dizer se tinha sido de raiva ou por saber que nenhum homem jamais a tinha reivindicado antes.

De qualquer forma, fez questão de jurar:

— Eu nunca serei sua.

Rowin tirou algo do bolso.

— Este anel vai provar o contrário logo, logo.

— Um anel — disse Genevieve enquanto fitava a aliança de prata na mão dele.

Houve um longo momento de silêncio.

E então Genevieve correu.

CAPÍTULO 8



REFLEXO MALIGNO

Genevieve não sabia muito bem para onde estava indo ao disparar pelo corredor vazio. Tudo o que sabia era que precisava *fugir*.

Ela se apressou pelo saguão até chegar ao corredor dos retratos e percebeu que a primeira porta à esquerda estava entreaberta. Com cautela, espiou lá dentro e ficou aliviada ao descobrir que era um lavabo vazio, com todas as paredes revestidas por um papel de parede de jacquard azul empoeirado que a deixou vesga com seu excesso de detalhes. Depois de trancar a porta com um estalido ecoante, ela apoiou as mãos na bancada de mármore.

Anéis. Casamentos. Diabos. Jogos. É coisa demais, cacete. Eu só queria encontrar alguém com quem conversar sobre meus traumas de infância, não a porra de um marido.

Ela respirou fundo algumas vezes. Estendeu a mão trêmula para abrir a torneira da pia e jogou alguns punhados de água fria no rosto antes de pegar uma das toalhas dobradas em cima do armário e enxugar a pele com batidinhas leves.

Quando ergueu o olhar para o espelho, um grito começou a lhe subir pela garganta ao ver o reflexo maligno que a encarava. Embora fosse o próprio rosto, as íris azul-celeste haviam se transformado em um violeta-escuro, e a boca estava repuxada em um sorriso medonho e largo demais.

Que criaturinha adorável é essa aqui?

Genevieve recuou da bancada até se chocar com a parede logo atrás. O cômodo era estreito demais para criar uma distância confortável entre ela e a ilusão monstruosa no espelho. A voz sussurrante sem dúvida estivera dentro de sua cabeça. Algo que ela só tinha vivenciado uma vez, em Phantasma, com um Diabo chamado Sinclair.

— Quem é você? — perguntou ela, sem desviar o olhar das íris violeta aberrante

no espelho enquanto se esforçava para manter a voz equilibrada.

A voz riu.

Alguns se referem a mim como o senhor da casa. Outros preferem me chamar de Knox. Fica a seu critério. E a senhorita é…?

Foi a vez de Genevieve rir. Ela não ia revelar o próprio nome a um Diabo.

Ah, vamos lá, você pode dizer…

Uma pancada repentina invadiu o cômodo.

— Genevieve, abra a porta — chamou uma voz grave que estava se tornando familiar demais.

Por mais que Genevieve abominasse a ideia de deixar Rowin pensar que poderia mandar nela, a vontade de escapar da presença do Diabo era maior. Ela girou a fechadura da porta, mas, na mesma velocidade que a tranca se abriu, voltou sozinha ao lugar.

Deixe que ele espere, querida. Ainda não terminei com você.

Genevieve abriu a boca na intenção de gritar por Rowin, mas, quando tentou falar, as palavras não saíram.

Ela voltou a olhar para o espelho, e uma risada estrondosa se infiltrou em sua mente quando algo surgiu da superfície e agarrou seus pulsos. Cordas roxas. Ela tentou se libertar, sem sucesso. Os fios cintilantes ficaram ainda mais apertados conforme a arrastaram para a frente. Com um tranco, ela foi lançada direto para a bancada, a quina acertando sua barriga e lhe arrancando um grunhido de dor.

Se parar de resistir, isso será muito mais fácil para você.

As cordas deram outro puxão doloroso, quase arrancando os braços dela das articulações, até que ela enfim soltou um chiado de derrota.

— *Tudo bem* — resmungou ao subir na bancada por vontade própria.

O espelho à sua frente começou a ondular enquanto o Diabo a incitava a avançar e as batidas de Rowin se tornavam ainda mais impacientes. Quando ela se deslocou através do portal estranho, um silêncio absoluto se instalou. Logo ficou evidente que aquele novo lugar devia ser uma réplica exata do lavabo, só que… espelhado. As cordas continuavam enroladas nos punhos dela, porém se estendiam para fora da porta, para o que ela presumia ser a versão do corredor de Enchantra daquele reino espelhado.

Venha me encontrar, querida.

Genevieve desceu da bancada e avançou para a porta com determinação, seguindo

as cordas ao longo do corredor, da disposição invertida da casa e do saguão até a entrada principal. Percebeu, um pouco distraída, que parecia muito mais iluminado ali. Menos empoeirado e, sem dúvida, bem mais silencioso com a ausência da família Silver.

Quando abriu a porta da frente, ficou boquiaberta com o que encontrou lá fora.

Os muros do labirinto estavam cobertos de rosas em plena floração. Todas em tons de fúcsia, rosa-claro e lavanda, banhadas por um sol brilhante conforme se estendiam em direção ao céu. A neve derretida e o frio cortante haviam desaparecido. Em vez disso, Genevieve foi recebida por um calor que a fez querer se livrar de algumas camadas de roupa. Por fim, tirou mesmo as luvas e as guardou nos bolsos.

Como se estivesse em transe, caminhou em direção ao labirinto. As cordas violeta puxavam com mais delicadeza, guiando em vez de forçar. Ela serpenteou pelo caminho tortuoso de cercas vivas, com o som da água corrente cada vez mais alto, até enfim chegar ao coração do labirinto: uma clareira quadrada decorada com o mesmo piso xadrez do saguão dentro da casa. Apenas um pequeno perímetro de grama contornava o mármore cinza e branco. No centro, havia uma fonte prateada deslumbrante, com jatos de água irrompendo da boca de alguns animais muito familiares.

Um redemoinho súbito de fumaça púrpura começou a se agitar no ar à frente de Genevieve enquanto uma figura ganhava forma. Um arquejo estrangulado escapou dos lábios dela, que se viu encarando a impostora que vira no espelho. Aquela versão de si mesma tinha os mesmos olhos violeta e o mesmo sorriso hostil, mas, em vez dos detalhes rosados do seu traje, a impostora usava um vestido preto e violeta. Como se estivesse vestida para um funeral.

— Olá, querida — sussurrou a Genevieve impostora na voz de Knox.

— Que tipo de jogo é esse? Por que você se parece comigo?

A impostora arqueou as sobrancelhas.

— Pareço? Ora, isso é sem dúvida interessante.

Genevieve engoliu em seco quando Knox começou a rondá-la feito um abutre, avaliando cada centímetro dela com uma expressão voraz.

— Por que me trouxe até aqui? — indagou Genevieve, impaciente.

— Não costumo visitar Enchantra antes do baile de máscaras, mas hoje senti que havia algo diferente. Imagine minha surpresa quando olhei através daquele espelho e vi seu lindo rosto me encarando.

— O que você quer?

— Não, acho que a questão é: o que *você* quer? Pelo visto, *você* invadiu a *minha* casa.

— Eu…

A mente de Genevieve foi a mil. Barrington tinha dito que Knox a mataria se soubesse a verdade.

— Eu sou a noiva de Rowington Silver.

Ela não conseguia acreditar que havia externado aquelas palavras. Ainda não tinha a menor intenção de seguir o plano absurdo da família Silver, mas faria o que fosse preciso para sair viva daquele pesadelo.

Um sorriso perigoso se espalhou pelo rosto de Knox, e ele a examinou mais uma vez.

— Rowington arranjou uma noiva?

Genevieve confirmou com um aceno. Não conseguiria proferir a mentira de novo.

— E ele vai tentar…

Ela assentiu de novo.

— Que notícia maravilhosa — comentou o Diabo, aproximando-se. — Então o casamento é hoje à noite?

Genevieve engoliu em seco. E assentiu mais uma vez.

— Tomara que Rowington tenha preparado você para o que a espera, querida. Se eu anunciar que vocês dois vão jogar como casal, meus clientes vão ficar muito animados. O que significa que é melhor nem você nem Rowington mudarem de ideia esta noite. Porque, se meus espectadores decidirem retirar suas apostas, haverá consequências. Quando *eu* perco, *todo mundo* perde.

— Quanto drama — ironizou Genevieve.

Knox parou de andar, e os dois ficaram frente a frente. Era inquietante olhar para si mesma daquele jeito.

— Confesso que estou *morrendo* de curiosidade para saber o que Rowin acha que vai fazer com você. Uma mera mortal. Mas eu adoro uma boa tragédia romântica — declarou, com uma fungada de satisfação. — Aquele lá sempre foi egoísta. Quase duas décadas de liberdade, e ainda assim não é o bastante para ele.

— Liberdade? Permanecer solto enquanto a família está presa no Inferno não é liberdade. Mas tenho certeza de que você já sabe disso.

O sorriso no rosto da impostora endureceu.

— Você e Rowin são farinha do mesmo saco, pelo visto.

Genevieve se esforçou muito para não fazer uma careta.

— Você vai participar de um joguinho agora — anunciou Knox. — Considere isso uma avaliação preliminar de como poderá se sair na Caçada.

— Eu não vou… — começou ela.

No entanto, antes que pudesse terminar, a versão impostora de si mesma e as cordas roxas evaporaram. Genevieve interpretou isso como sua deixa para ir embora.

Ela se pôs a correr até uma abertura entre os muros de sebe, mas a brecha que levava aos corredores internos se deslocou para a esquerda. Detendo-se antes de dar de cara com folhas e rosas, ela só fez piscar, incrédula. Então se aprumou e tentou sair uma segunda vez, mas a abertura se mexeu de novo.

— Este é o caminho errado — gritou uma voz alegre atrás dela.

Ela se virou e viu Sevin, encostado ao lado de outra saída aberta no extremo oposto da clareira quadrada, com os braços cruzados sobre o peito enquanto a observava.

— Você não é real — declarou ela.

— Tem certeza? — perguntou a ilusão de Sevin, inclinando a cabeça.

— Tenho.

Além de ela conhecer melhor que ninguém as ilusões que um Diabo era capaz de criar, faltavam certos detalhes que deixavam evidente se tratar de um impostor. Não havia pirulito na boca. E nenhum lampejo de diversão nos olhos.

— Podemos não ser reais, mas aposto que somos capazes de infligir dor da mesma maneira — comentou uma segunda voz à direita dela.

Genevieve girou o corpo de repente e se deparou com Rowin, que a examinava com pura apatia. Se havia características nessa versão dele que não condiziam com a realidade, não foram tão fáceis de identificar. O cabelo estava mais curto, talvez. A roupa não tinha o mesmo caimento impecável.

— Que tal acabarmos logo com isso? — sugeriu Rowin, interrompendo os pensamentos dela ao se aproximar.

Quando ele se lançou para a frente, Genevieve recuou, evitando por pouco a ponta da adaga que ele havia empunhado de repente. Enquanto ele se endireitava para atacar de novo, ela estendeu a mão para arrancar um punhado de folhas e galhos do muro do labirinto. Ele avançou com a adaga mais uma vez, e ela deixou que a arma atravessasse a palma da sua mão esquerda antes de enfiar o punhado de folhagem direto na boca

dele.

Uma pontada de dor percorreu a mão dela e reverberou por todo o braço enquanto Rowin cuspia as folhas, atônito com o golpe inesperado. Ela olhou boquiaberta para a faca espetada na palma, o sangue escorrendo feito uma cachoeira e respingando na frente da capa e do vestido. Sem emitir nenhum som, Genevieve estendeu o outro braço para agarrar o cabo da adaga e arrancar a lâmina do ferimento, deixando a arma cair com um ruído no chão aos pés deles.

Você deveria correr, disse a si mesma. *Anda logo!*

Mas ela não conseguia fazer nada além de olhar para o sangue estragando o vestido.

Os cantos da boca de Rowin se curvaram para baixo, mostrando seu desagrado, e foi então que ela percebeu o que havia de tão destoante naquele impostor. Ele estava sem o piercing no lábio.

Uma pena, talvez seja a única coisa que eu gostei nele.

A ilusão fez mais uma adaga surgir do nada.

— Posso sugerir que você comece a correr, meu bem? — gritou Sevin com uma risada.

Como se tivesse levado um banho de água fria, Genevieve sentiu o choque enfim passar. Esquivando-se do braço erguido de Rowin, ela se arrastou em direção à abertura no labirinto, só que dessa vez a brecha permaneceu no lugar. Ela disparou pelo primeiro corredor interno, com vários pares de passos ecoando ao seu redor enquanto era perseguida por Rowin, Sevin e pelo menos um outro ser além do seu campo de visão. Algo passou zunindo por sua cabeça, e ela cerrou os dentes quando sentiu uma fisgada de dor na lateral do rosto e o filete de sangue morno que começou a verter do corte. Fez menção de pegar a próxima saída à direita, mas, assim que se aproximou, deu de cara com uma das sebes floridas. Cuspindo folhas e percebendo a ironia, ela viu que, mais uma vez, o labirinto se mexia para a encurralar.

— Uma mortal — zombou uma voz rouca e desconhecida logo atrás dela. — Vai ser moleza.

Genevieve girou o corpo, mas, antes que conseguisse distinguir o rosto do estranho, a adaga dele se moveu. Quando ela tentou invocar a própria magia, percebeu que a centelha de sempre não estava mais lá. O desconhecido enfiou a lâmina no seu ombro direito. A princípio, a dor quase a fez cair de joelhos, e a única coisa que a manteve de pé foi a firmeza com que se segurou nos galhos ao redor. Quando ouviu o

riso abafado de seu agressor, algo dentro dela se rompeu. Ela soltou a cerca viva e estendeu a mão para agarrar a adaga no meio do movimento, sibilando quando o gume afiado cortou sua palma já ferida. O sujeito corpulento hesitou apenas por tempo suficiente para que ela lhe arrancasse a adaga da mão. Em seguida, ela ajustou a pegada no cabo e enfiou a lâmina o mais fundo possível na órbita do olho direito dele.

Após conseguir retirar a lâmina do rosto do agressor, ela a cravou na lateral do pescoço. Repetidas vezes, ela o golpeou, enquanto a raiva e o medo se entrelaçavam em um emaranhado indiscernível. Quando o corpo dele enfim desabou no chão, ela estava ofegante com o esforço de sua fúria. E paralisada de choque pelo que havia feito.

No entanto, a calmaria não durou muito, pois outra adaga avançou na sua direção, quase se alojando na carne macia de sua barriga antes que ela se esquivasse e voltasse cambaleante para o meio da cerca viva…

A abertura no muro havia se deslocado mais uma vez. Ela despencou com tudo no chão. Não conseguia se lembrar da última vez que recebera um golpe físico como aquele. Durante anos, confiara em sua magia para evitar o desconforto de ser humana, enquanto, ao mesmo tempo, se desesperava para tentar parecer humana também.

Estou tão fodida, pensou.

Não sabia quem havia atirado aquela última adaga, nem de quem eram os passos que se aproximavam, mas tinha certeza de que já havia aguentado o suficiente. Então reuniu forças para vencer a agonia que ainda lhe dilacerava o corpo e se levantou aos trancos e barrancos, disparando pelo labirinto mais uma vez. E ou Knox havia obtido toda a avaliação de que precisava, ou Genevieve tinha sido agraciada com a sorte, pois conseguiu sair do labirinto sem novos encontros com muros inconstantes ou irmãos assassinos.

Ela disparou pela casa na direção do lavabo e, enquanto subia na bancada e atravessava o espelho, de volta à realidade, ouviu um último pensamento:

Isso vai ser divertido.

Quando Genevieve despencou no chão com um baque pesado, a porta do banheiro se abriu com violência, estilhaçando a madeira ao redor da fechadura e espalhando lascas pelo chão.

Ela soltou um grito agudo de surpresa quando viu Rowin. Sua mente ainda tentava entender o que tinha acabado de acontecer.

— Caralho. Você falou com Knox? O que ele… — perguntou Rowin, mas Genevieve já estava em movimento.

Rastejando sobre a madeira lascada, ela se esgueirou por ele e saiu do lavabo, pondo-se de pé com esforço antes de cambalear rumo à porta da frente. De volta ao portão de Enchantra.

Ela iria fugir daquela casa, daquela família, mesmo que isso a matasse.

CAPÍTULO 9



UM ERRO TERRÍVEL

O frio no ar noturno não era nada comparado ao fogo nos pulmões de Genevieve enquanto ela apertava o passo o mais rápido que podia.

Ela ativou a magia em suas veias após descer correndo os degraus do alpendre e encontrar a convidativa entrada do labirinto. Conseguia sentir o ar gelado mesmo em seu estado de Espectro, mas o ignorou conforme se aprofundava cada vez mais no labirinto. O coração dela batia de maneira tão irregular que até a magia oscilava, e, ao ouvir passos pesados triturando a neve não muito atrás, perdeu por completo o domínio sobre o próprio poder.

— *Droga* — sibilou, tentando recuperar o controle.

Sua concentração, porém, estava arruinada, e a reserva de magia se esgotava por conta da exaustão. Dava para ouvir alguém se aproximando. Ela sabia que, em sua pressa, havia quase criado uma armadilha para si mesma.

Alguém gritou atrás dela. Seus pés se mobilizaram mais uma vez conforme ela começava a avaliar sua localização no labirinto. Os muros de três metros de vegetação tornavam difícil determinar a profundidade que já havia percorrido, mas pelo menos aqueles não se deslocavam como no reino do espelho. Assim, ela começou a agir na base da adivinhação. Esquerda na primeira bifurcação, direita na segunda. Cada curva parecia levar a um beco sem saída, e, quando ela dobrou uma esquina um pouco fechada demais, um galho espinhoso cortou a manga da roupa e penetrou sua pele. Ela chiou de dor ao ver o sangue fresco escorrendo do corte. Os espinhos poderiam muito bem ser as garras de uma ave, dada a facilidade com que rasgaram o tecido de sua capa.

— Isso deve ter doído.

Genevieve soltou um gritinho de surpresa e parou de repente, com o peito arfando ao vasculhar a escuridão em busca *dele*.

— *Não* se aproxime de mim! — exclamou.

Rowin inclinou a cabeça, com as mãos enfiadas nos bolsos e os olhos dourados reluzindo ao luar.

— Sevin tem razão. Você parece mesmo uma coelhinha indefesa.

Um som de escárnio ofendido saiu da garganta dela. Rowin deu um passo para a frente.

— Vai ser devorada aqui — alertou ele. — Mas imagino que os espectadores vão gostar. Talvez até supere Sevin como Favorita este ano. Se sobreviver por tempo o bastante, claro.

Ela recuou.

— Que merda, do que você está falando?

— Seria ótimo se você parasse de tentar assustar minha noiva, Remi — disse uma voz grave atrás dela.

O cheiro intenso de mel e hortelã de Rowin a envolveu de repente, e ela se virou e o viu se aproximar. Então alternou o olhar entre os dois homens, incrédula. Tirando o piercing no lábio de Rowin e alguns outros detalhes quase imperceptíveis, os dois pareciam réplicas exatas um do outro.

Gêmeos idênticos.

— Puta que pariu, existem *dois*? — perguntou Genevieve.

Remi deu de ombros.

— Nossos inimigos ficam tão decepcionados quanto você.

— Vá embora — ordenou Rowin ao gêmeo. — Nosso pai quer que você ajude Sevin e Ellin a se prepararem para a cerimônia. Ele e Knox estão no gabinete discutindo planos para atualizar os convites para o baile de máscaras, e disse que você poderia encontrar os dois lá.

Remi reagiu com indiferença.

— Como se fosse do meu interesse ajudar você a planejar algo para se livrar desta eternidade no Inferno enquanto o restante de nós fica preso com Knox para sempre.

A amargura envolvia as palavras de Remi, mas não a do tipo que desconhecidos invejosos sentem ao ver outras pessoas receberem algo que *eles* desejam. Não, esse tipo era muito mais complexo. Era a amargura de quando alguém que você *ama* recebe algo que você deseja. A felicidade que sente por essa pessoa se confunde com a raiva. A

sensação de não querer magoar o outro ao lhe tirar a conquista e, ao mesmo tempo, talvez se iludir com a crença de que você merecia mais, e que isso não faz de você uma pessoa horrível.

Genevieve crescera com esse sentimento. Aquilo criou um muro entre ela e Ophelia por tempo demais. Porém, ficou em paz no dia em que percebeu que Ophie sempre seria a prioridade da mãe, mesmo que nem desejasse isso para si. Genevieve viu as esperanças e os sonhos de Ophie serem destruídos aos poucos pela pressão de manter o legado da família, e soube que não era da irmã que deveria sentir raiva.

— Podemos ter essa discussão mais tarde — disse Rowin ao irmão.

— Quando? — indagou Remi, dando um passo para a frente. — Da próxima vez que você se dignar a nos visitar no Inferno? Da próxima vez que nos escrever para contar o que está acontecendo na sua vida? Você não faz nenhuma dessas coisas há quase duas décadas, por isso vou esperar sentado.

— E eu achando que minha família merecia o prêmio de mais trágica e dramática — murmurou Genevieve, mais para si mesma.

Os olhos de Rowin se voltaram para o rosto dela, ardendo de irritação.

Remi bufou e deu uma risada sem humor.

— Espero que ela seja tudo o que você merece, Rowin.

Genevieve viu os fios de escuridão envolverem Remi até ele desaparecer, com a mesma oscilação estranha de sombras que ela tinha visto Rowin fazer antes.

— Você não sabe mesmo quando ficar *quieta*, não é? — sibilou Rowin quando se virou para ela.

— Nunca foi meu ponto forte.

Com dois passos, ele se posicionou diante dela e a obrigou a recuar até estar com as costas coladas aos galhos espinhosos do muro do labirinto.

— De agora em diante, ou você está do meu lado ou está no meu caminho — declarou ele, articulando muito bem cada palavra, tão perto que ela jurou ter conseguido sentir o coração dele batendo. — Não faz ideia do que estou arriscando para salvar a sua pele. Knox apareceu logo depois que você fugiu e está falando com meu pai agora. Mas ele pode decidir se juntar a nós a qualquer momento. Até esta conversa é um risco.

— Achei que já tínhamos estabelecido que *eu* sou a única que corre riscos, ao passo que você está prestes a obter uma recompensa muito grande.

— Grandes recompensas nascem de grandes riscos — explicou ele. — Se você

morrer na Caçada, *nós dois* perdemos, e tudo o que eu vinha construindo vai por água abaixo.

— Então por que insiste tanto para trabalharmos juntos?

— Porque, sim, a recompensa que receberei se *de fato* vencermos vale a pena. E…

A mandíbula dele travou quando as palavras morreram no meio do caminho.

— *E?*

— E você entrou na casa sob a *minha* vigilância. Portanto, é um fardo que eu tenho que carregar — murmurou ele.

— Eu nunca serei *nada* seu para você carregar — jurou ela com uma carranca.

— Vai ter que tomar muito cuidado para não falar desse jeito de agora em diante. Knox já está prevendo triplicar a lista de espectadores e o valor das apostas no jogo deste ano. Se você quiser ser a pessoa a dizer a ele que tudo isso é uma farsa, fique à vontade.

Ela engoliu em seco, e um canto da boca dele se ergueu.

— Foi o que pensei. A cerimônia de casamento precisa terminar antes da meia-noite. Meu pai está explicando a Knox que deixamos para a última hora porque queríamos que minha família comparecesse. E o próprio Knox, lógico. Até onde ele sabe, tivemos um romance-relâmpago e estávamos ansiosos para pedir a bênção dele para nossa união.

Rowin passou os olhos pelo vestido ensanguentado dela.

— A empolgação dele com os lucros parece estar prevalecendo sobre as próprias suspeitas. Por enquanto. Tudo o que precisamos fazer é manter as aparências.

— Eu não sou a pessoa certa para isso — sussurrou ela, tão baixo que mal se ouviu. — Não consigo fingir que estou apaixonada por alguém quando não estou.

— Tenho certeza de que consegue fingir muito bem — murmurou Rowin, depois ergueu a mão e enrolou no dedo um dos cachos que emolduravam o rosto dela. — Tente encarar isso como interpretar um personagem. Dentro dos muros de Enchantra, você não é mais Genevieve Grimm. É minha esposa.

Ele colocou o cacho atrás da orelha dela, deixando as pontas dos dedos roçarem suas bochechas de leve. Ela teve que prender a respiração para resistir à vontade de se inclinar para o toque dele.

— Na frente de todo mundo, você vai sorrir e agir como se de fato gostasse da minha companhia. Não pode haver *discussões*.

Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Rowin ao dizer a última parte, e ela

desviou a atenção antes que um rubor denunciasse como achava aquele olhar atraente.

— E, quando não estivermos lutando por nossas vidas durante a Caçada, se em algum momento pudermos encenar algo para entreter os espectadores, um beijo…

Aquela fala a tirou do transe.

Puta merda, como foi que ele fez isso?

— Não, não. Nada de beijos, nem fingimento, nem *casamento* — protestou ela, espalmando as mãos no peito dele e o empurrando com força.

Rowin nem se mexeu, apenas soltou um suspiro frustrado. A expressão de sinceridade e ardor de momentos antes desapareceu. Isso fez o estômago dela revirar.

— Preciso lembrar que você também tem uma parcela da culpa, se não toda ela — argumentou Rowin. — *Você* resolveu abrir um convite que não era seu. Invadir a casa apesar dos meus avisos claros para ir embora. E que tipo de mãe se esquece de mencionar a maldição sádica de que a família de seu *amigo querido* vem padecendo há séculos…

— O tipo que está *morta* — rebateu Genevieve, espumando de raiva, interrompendo as palavras dele antes que a machucassem ainda mais.

Rowin enrijeceu na hora. Ela o encarou, torcendo para que a revelação o fizesse se sentir péssimo. Antes que ele pudesse oferecer qualquer frase vazia de conforto, alguém fora do labirinto chamou o nome dele. Sevin.

— Precisamos entrar — avisou Rowin, com a voz um pouco mais suave do que antes. — Como eu disse, a cerimônia precisa ser concluída até a meia-noite.

Ele fez menção de ir embora, mas interrompeu o movimento e a esperou quando ela não se mexeu.

— Não — insistiu ela. — Isso é um absurdo.

— Já não tínhamos deixado claro que você não tem outras opções? Se me fizer perseguir você de novo, eu vou…

— Vai o quê? Me matar? Não é esse o meu destino, de qualquer jeito? Pelo menos, se eu te obrigar a fazer isso agora, vou me poupar do esforço.

— Acha mesmo que morrer pelas minhas mãos seria melhor do que se casar comigo?

— E se eu achar?

O sorriso dele se tornou diabólico, fazendo o coração dela martelar.

— Sabe de uma coisa, encrenca? Vamos fazer uma aposta só nossa.

Ela prendeu a respiração.

— Se você conseguir sair deste labirinto e chegar ao portão da frente antes de mim, sem usar magia, eu te darei uma escolha: jogar sozinha ou jogar comigo. Se eu ganhar, você volta lá para dentro e coloca a porcaria de um vestido de noiva.

— Você já conhece o caminho certo.

— Então vou te dar alguns segundos de vantagem.

— Tudo bem. Quando…

— *Agora*.

A palavra mal havia cruzado os lábios dele quando Genevieve se virou e saiu em disparada. O sangue rugia tão alto em seus ouvidos que era difícil até escutar os próprios passos na neve.

Depois de dobrar duas vezes à direita, enfim chegou ao coração do labirinto. Parecia igual ao do reino do espelho para onde Knox a levara. Só que a base circular aos pés da fonte estava congelada naquela realidade; os jatos curvos de água, imóveis. Enquanto ela passava às pressas, percebeu que de cada ângulo via um animal diferente esculpido nos patamares reluzentes. Um grande vison. Uma serpente. Um lobo. Uma coruja. Os demais se misturaram em um borrão conforme ela corria.

Genevieve não sabia quanto tempo levara para sair do labirinto, quantos becos sem saída ou passagens falsas encontrara, mas, quando os portões resplandecentes e espinhosos apareceram mais adiante, com Rowin fora da vista, ela quase chorou de alívio. Poucos centímetros antes de chegar ao portão, um vulto sombrio surgiu bem no meio do caminho. Ela se chocou contra o corpo de repente sólido de Rowin, ricocheteando no peito dele e escorregando no chão nevado.

— Demorou bastante — disse ele, devagar.

Sem perder tempo, passou um braço em volta da cintura dela e a manteve em pé. Ela se desvencilhou.

— *Você disse sem magia!*

Ele deu um sorriso debochado.

— Não, eu disse que *você* não podia usar magia.

A vontade dela era gritar e se revoltar por ter caído naquele truque bobo. Ela sabia que não devia fazer pactos sem escolher bem as palavras.

— Você perdeu — afirmou Rowin, passando por ela com um aceno convidativo. — Vamos acabar logo com isso.

Mas ela não o seguiu. Em vez disso, lançou-se para a frente, atirando as mãos nas grades do portão, ignorando os espinhos congelados que se cravaram na ferida. A dor

foi a menor de suas preocupações. Soltou um grito quando tocou as grades e sentiu uma descarga agonizante percorrer todo o seu corpo Então uma pulsação de poder irrompeu ao redor dela e a fez cair para trás com um baque pesado.

Não. Não. Não.

Ela se levantou com dificuldade, assumindo sua forma incorpórea para tentar de novo. Quando se pôs a atravessar o portão, foi arrancada do estado de Espectro.

— *Que porra é essa?* — sibilou ela enquanto olhava para as mãos, sólidas outra vez.

Qualquer que fosse o encantamento que revestia o metal, parecia anular suas habilidades de Espectro. Ela tentou de novo, e o metal frio a fez voar para trás. A pele parecia ter sido incinerada. Uma sensação que ela conhecia muito bem. Ela se virou e vomitou na neve.

Depois de botar tudo para fora, limpou a boca com o dorso da mão. Flocos de neve caíram do céu e começaram a se dissolver em suas bochechas febris, a cobrir seus cílios. Não. Não. Maldição, isso não podia estar acontecendo. Se ela não conseguia ir embora, então estava presa de novo em um jogo traiçoeiro. Tinha cometido um erro terrível ao ir até ali.

Ela estendeu a mão para tocar o anel no dedo esquerdo, em busca de conforto. Lembrou-se de que não estava lá. E vomitou mais uma vez.

Um par de botas avançou pela neve e parou bem ao lado. Ela não se deu ao trabalho de erguer o olhar quando Rowin se agachou para ficar na altura dela.

— Eu avisei que não tinha como escapar — declarou. — Passar mal por causa disso agora é meio patético, para falar a verdade.

Patético.

Genevieve se enrijeceu ao ouvir a palavra. Uma palavra que ela conhecia muito bem. Uma que a assombrava durante as madrugadas passadas em claro. A raiva que vinha se extinguindo aos poucos em seu âmago reacendeu na mesma hora. Não apenas raiva, *rancor*. Por mais arrasada que estivesse por ter se encurralado mais uma vez, o rancor lhe daria forças. Ela estava acostumada a fazer as coisas motivada pelo rancor. Era muito boa nisso, na verdade.

Imagens do desfile de Mardi Gras do ano anterior cruzaram sua mente. Uma cena orquestrada em detalhes que envolvia Farrow a flagrando com Basile Landry em pleno ato…

Ela logo repeliu as lembranças, concentrando toda a sua raiva no homem diante de si. Então girou o corpo e se jogou para a frente. Rowin grunhiu de surpresa quando

ela o imobilizou no chão, montada em sua cintura.

— Você é um baita *canalha*.

Em um piscar de olhos, Rowin a virou até ela estar de costas sobre o chão sujo, com o gelo derretido encharcando o vestido. Ela soltou um grito de frustração ao tentar arranhar o rosto dele. Sem dificuldade, Rowin agarrou os dois pulsos dela com uma das mãos enquanto apoiava a outra no chão, ao lado da cabeça dela, sustentando parte do corpo para não o deixar pesar sobre ela.

— E você é meio selvagem — observou ele, com uma faísca nos olhos dourados.

Genevieve elevou os quadris, tentando empurrá-lo para longe, mas deve ter apenas reforçado a opinião que ele tinha dela.

— Não vou te soltar a menos que prometa se comportar — ameaçou ele.

Ela deu uma risada amarga.

— Acho que vamos ficar assim para sempre, então.

Rowin a encarou por um instante demorado e carregado de tensão, e algo na intensidade do olhar dele a fez perder o fôlego. De repente, ela percebeu como estavam próximos. Como conseguia sentir o corpo dele pressionado contra cada centímetro do seu. Os contornos definidos da barriga dele, a dureza do seu…

Ele saiu de cima dela, levantando-se com toda a calma em um único movimento fluido. Genevieve suspirou de alívio, até que, um segundo depois, se viu sendo erguida e jogada por cima do ombro dele feito um saco de batatas. Nunca havia sido tratada com tamanha brutalidade.

Com um grunhido de ódio, ela começou a socar as costas dele. Mas Rowin apenas seguiu na direção da casa, sem hesitar.

— Você é um *brutamontes* de merda! — rosnou ela.

E sentiu os ombros dele se sacudirem de tanto rir.

— Você vai se cansar bem antes de conseguir me machucar, encrenca.

Ela travou os maxilares ao conter a força dos golpes, com o sangue subindo à cabeça e lhe causando uma enxaqueca. Em seguida, fez a única outra coisa que lhe ocorreu: ela o mordeu. Bem na bunda.

O grunhido de surpresa dele ecoou pela noite fria, mas Rowin não afrouxou o aperto.

CAPÍTULO 10



A TENTAÇÃO DE DESISTIR

20 de março

Estou escrevendo isto em um cômodo sem espelhos, só para o caso de eu começar a chorar. Seria estranho mencionar esse detalhe se eu não estivesse presa de novo em uma mansão comandada por um Diabo. Este parece ainda mais vaidoso do que o outro Diabo que eu conheço, acredite se quiser, dada a nítida obsessão dele por espelhos.

Eu... estou muito na merda.

Caralho. Caralho. Caralho.

Prometi a Ophelia que esta viagem seria um recomeço para mim. Que eu ia controlar minha boca suja. Enfim, meio hipócrita da parte dela... levando em conta que sua língua se tornou tão imunda quanto a minha depois de passar tanto tempo com Salem.

Também prometi ser um pouco mais cuidadosa com meus rompantes espontâneos...

Receio que só tenha piorado desde que saí de Nova Orleans.

Uma parte de mim coloca a culpa ~~nele~~ por ter tirado tanto da minha alegria a ponto de atos imprudentes serem a única emoção que me resta. Outra parte sabe que não posso jogar a culpa ~~nele~~ por tudo para sempre.

É que esta situação me deixa fodida num nível que é novo até para mim.

Estou prestes a me casar. Isso mesmo. Casar. A poucos dias do meu aniversário de vinte e dois anos. Com um homem que conheço há poucas horas e que me irrita profundamente.

Mas não será a primeira vez que tentei me casar com alguém que eu

odiava. Só espero que este noivado tenha um final melhor.

Ophelia vai me matar. Isso se eu conseguir sair viva desta casa.

Tenho quase certeza de que já disse isso antes.

Um beijo,
Genevieve

— Pronto, as especificações do seu vestido foram repassadas — informou Rowin ao entrar a passos largos na sala de visitas.

Genevieve se apressou em enfiar a caneta entre as páginas do diário e o guardar no bolso do vestido. O outro tinha ido direto para o lixo depois de ter sido arruinado pela neve.

Quando Rowin a levara de volta para dentro, ela havia se recusado a responder a qualquer pergunta dele ou de Barrington sobre suas preferências para aquela farsa ridícula de casamento. Sevin pedira uma cascata de chocolate, todo feliz com a ideia, mas foi logo rejeitado. Assim que Rowin mencionou que Genevieve poderia pedir qualquer tipo de vestido extravagante que quisesse, ela se animou. Só um pouquinho.

Pelo menos uma parte dessa situação tinha que ser prazerosa.

Depois que Barrington e Sevin desapareceram para cuidar de todos os detalhes de última hora, Rowin sugeriu mostrar Enchantra para ela antes que chegasse a hora de se arrumarem.

— Por quê? — questionou ela.

Ele lhe lançou um olhar entediado.

— Porque você vai me agradecer por isso quando ficar encurralada entre os cômodos sem saber onde se esconder.

— Você não vai se esconder comigo? Não é esse o objetivo dessa história toda?

— Acredite se quiser, não seremos costurados um ao outro depois do casamento — retrucou ele com uma voz preguiçosa. — Ou seja, pode acontecer de ficarmos separados uma hora ou outra. E, se um de nós morrer, nós *dois* morremos, e eu não sou o que corre mais risco de causar isso. Então, por que não nos poupa outros dez minutos de discussão e vem logo?

Genevieve bufou e se levantou do sofá da sala de visitas, arrastando-se atrás dele enquanto tentava pensar em qualquer outra coisa que preferisse fazer menos na vida.

Phantasma nem sequer entrava nessa lista.

Ela passou mais ou menos dez minutos seguindo Rowin enquanto ele apontava

cada cantinho e esconderijo que, a seu ver, poderia ser útil, explicando-lhe como cada rodada da Caçada consistiria em uma versão um pouco diferente do jogo, com seu conjunto específico de regras. As versões pareciam ser infinitas, mas ele sugeriu que cada um de seus irmãos tinha suas favoritas e era provável que se mantivessem fiéis a elas.

— E você? — perguntou ela quando entraram no salão de baile. — Tem algum jogo favorito sobre o qual eu deva saber?

A expressão dele ficou pensativa enquanto a conduzia pela ampla pista de dança de mármore.

— Eu gosto bastante daquele em que eu te peço para fazer uma coisa simples e você se recusa a obedecer.

— Que coincidência, eu também adoro esse — debochou ela ao chegarem ao pé da grande escadaria. — Sabe, se você tentasse ser *gentil* comigo, talvez descobrisse…

Antes que Genevieve pudesse concluir a frase, Rowin se posicionou na sua frente. Ela ficou com a respiração presa na garganta quando sentiu o corpo dele contra o seu, o braço a envolvendo pela cintura conforme ele a inclinava contra o corrimão da escada. Os olhos de Rowin estavam semicerrados quando ele baixou a boca até a orelha dela. As mãos de Genevieve estavam presas entre os corpos dos dois, espalmadas sobre os músculos firmes do abdômen dele.

— Relaxe — ordenou ele, em voz baixa — e tente fingir que gosta de estar tão perto de mim. Temos um observador.

Genevieve respirou fundo, trêmula, quando os lábios de Rowin se aproximaram o suficiente para roçar a pulsação no seu pescoço. Antes que chegassem ainda mais perto, ele se endireitou, olhou para o topo da escada e murmurou:

— Ah, é só o Grave.

Genevieve ergueu o olhar e viu um homem parado no topo da escada. Um homem enorme. E que lhe era um pouco familiar…

O estranho não identificado do reino do espelho, constatou ela. Só podia ser. Um instante depois, o sujeito sumiu de vista.

— Achei que fosse Knox — explicou Rowin.

— Os dois têm uma certa aura hostil — admitiu Genevieve, ainda um pouco ofegante graças à proximidade dos lábios dele com sua pele.

Um lampejo de diversão e espanto passou pelos olhos dele, mas desapareceu tão depressa quanto surgiu. Sua máscara pétrea estava de volta quando perguntou:

— Podemos continuar?

Ela o encarou, atordoada.

Estava confusa com a fluidez com que ele alternava entre quente e frio, com a facilidade com que fingia tamanha intimidade enquanto o coração dela dava cambalhotas no peito.

— Acho que esse passeio já deu para mim — decidiu ela, recusando-se a olhar para ele. — Preciso de um tempo para ajeitar meu cabelo antes da cerimônia.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Vai mesmo abrir mão de uma conversa sobre estratégia para garantir que seu cabelo esteja perfeito?

Ela deu de ombros.

— Se vou ser arrastada até o altar, quero pelo menos estar maravilhosa. Só se vive o primeiro casamento uma vez.

— Você é mortal. Só morre uma vez — murmurou ele, e se virou para subir os degraus, sem olhar para trás.

Genevieve bufou enquanto se afastava, pisando duro na direção oposta e retornando à sala de visitas. Ela sabia que Rowin tinha razão, que havia coisas muito mais dignas de sua atenção do que o penteado ou os detalhes do vestido, mas ainda não tinha certeza se a gravidade da situação havia se assentado por completo.

— A Caçada isso, os Diabos aquilo — resmungou sozinha ao caminhar pelo saguão. — Se tiver que estar horrível no dia do meu casamento, *eu* vou ser a coisa mais assustadora desta casa…

Um grunhido repentino ecoou pelo corredor dos retratos, e Genevieve ficou paralisada.

Depois avançou pé ante pé na direção do som e reparou que a porta de um dos cômodos à esquerda estava entreaberta. Um chiado estranho vinha lá de dentro. Ela diminuiu o passo e seguiu de mansinho até a fresta para espiar, esperando seus olhos se acostumarem à escuridão até distinguir a silhueta de um homem de costas no meio do quarto.

Uma grande serpente negra estava tatuada em sua pele, subindo pelas costas entre os músculos definidos dos ombros. Em sua mão havia uma faca, e ele… a deslizava entre as costelas, grunhindo a cada vez que um novo rio de sangue escorria pelo flanco, vindo dos ferimentos superficiais. Um arquejo escapou dos lábios dela, e o olhar do homem logo se voltou por cima do ombro.

— Quem está aí? — perguntou ele com uma voz áspera.

Genevieve recuou, horrorizada, e girou sobre os calcanhares. Ela cruzou o saguão, passando apressada por um Sevin desavisado.

— Tentada a desistir? — gritou Sevin para ela com uma risada.

Genevieve lhe ofereceu o gesto mais grosseiro de seu repertório e seguiu para sala de visitas, provocando uma gargalhada estrondosa. Quando chegou à porta que procurava e a abriu com um puxão…

… quase atropelou Ellin.

— *Aí* está você — disse a garota enquanto estabilizava Genevieve. — Seu vestido de noiva chegou. Está na hora de se arrumar.

CAPÍTULO 11



NOIVA

O som de um punho batendo do outro lado da porta ecoou pelo cômodo.

— Já está pronta? — perguntou Ellin.

Apesar de saber que tudo aquilo não passava de uma farsa, a irmã de Rowin parecera gostar de vestir Genevieve como se ela fosse sua boneca.

Quando Genevieve enfim se virou para conferir seu reflexo no espelho de corpo inteiro que Ellin mandara Sevin arrastar até a sala de visitas, viu os próprios olhos se arregalarem de admiração. A primeira coisa em que reparou foi como a energia nervosa que formigava em suas veias a deixava com o rosto corado, harmonizando com o turquesa dos olhos arregalados. A segunda foi o vestido.

Era absolutamente *encantador*.

A peça era feita de seda, com um brilho opalescente que fazia o tecido parecer quase lilás em vez de branco. Ela nunca tivera nenhum desejo de usar branco puro no dia do seu casamento, e, de qualquer forma, a cor nem se adequava a ela no sentido tradicional. O corpete se ajustava com perfeição às curvas voluptuosas, com as barbatanas formando um "V" logo abaixo do umbigo. O decote mergulhava de modo elegante no busto e deixava à mostra os ombros, que haviam sido polvilhados com um pó perolado, graças a Ellin. As saias de seda se abriam a partir da cintura em pregas lisonjeiras, rígidas o suficiente para que ela não precisasse usar crinolinas por baixo para manter o volume. Pequeninos cristais e pérolas se espalhavam pelo corpete e pelas saias, assim como pelo laço grande posicionado logo acima das anquinhas do vestido, abaixo da abertura profunda nas costas. E as *mangas*. Elas se armavam de forma acentuada sobre os bíceps, fazendo parecer que ela tinha asas de fada, antes de se afunilarem nos cotovelos e envolverem os antebraços até os pulsos feito uma

segunda pele.

Em qualquer outra circunstância, ela teria ficado sem fôlego diante da própria beleza deslumbrante. Os lábios rosados e brilhosos tinham um contorno perfeito. Os cachos castanho-dourados estavam presos com elegância no topo da cabeça, em um arranjo despojado. As pérolas delicadas que pendiam de suas orelhas tinham pertencido à avó. Cada detalhe era a mais pura perfeição.

Naquele momento, porém, era o pavor pesando sobre os próprios ombros que lhe dificultava a respiração.

— *Olá?* — chamou Ellin de novo, a impaciência evidente na voz.

Genevieve enfim abriu a porta, lançando um olhar afrontado para a outra, mas, quando viu a expressão boquiaberta de Ellin, foi difícil permanecer aborrecida.

— *Uau!* — exclamou a garota, com o olhar admirado percorrendo o vestido enquanto Genevieve arrastava os pés até o corredor. —Magnífico, sem dúvida.

— Puta merda — comentou Sevin, afastando-se da parede oposta. Um sorriso predatório se abriu no rosto dele conforme a explorava com o olhar. — Esqueça Rowin. O que acha de se casar comigo no lugar dele? Suas chances de ganhar não seriam tão boas, mas eu sou *muito* mais divertido.

— Cale a boca, Sevin — repreendeu Ellin, revirando os olhos enquanto jogava um pano sobre o espelho. — A única diferença entre se casar com você ou com Rowin é que você esconde sua alma atormentada bem melhor que ele.

— E eu sou mais bonito — acrescentou Sevin, animado. — Não se esqueça dessa parte.

Genevieve encolheu os ombros de leve. Era verdade.

— Lição número um sobre entrar para esta família: não alimente os egos — advertiu Ellin.

Mas Sevin *de fato* era bonito, ao passo que Rowin era mais elegante e mais atraente. Sem falar no magnetismo sombrio…

Genevieve afastou qualquer pensamento do tipo antes que acabasse indo numa direção que não queria explorar. Depois de pigarrear, perguntou:

— Por que está cobrindo o espelho agora?

— Acho que você merece um minuto para se recompor longe de olhares intrometidos — explicou Ellin.

Um breve vislumbre da cena no lavabo cruzou a mente de Genevieve, e ela estremeceu com a ideia de ser observada tão de perto por olhos invisíveis.

Ellin bateu palmas.

— Muito bem. Sevin, vá se certificar de que nosso pai e Rowin estejam prontos no jardim. Vou preparar uma bebida para ela.

Genevieve pareceu surpresa ao ouvir a última parte.

Ellin deu de ombros.

— Você parece estar precisando de uma bebida.

Genevieve nem quis discutir. Apenas ergueu as barras do vestido e se deixou conduzir por Ellin até a sala de visitas enquanto Sevin se dirigia à porta da frente cantarolando a marcha nupcial.

— Ainda não me conformo que Rowin quis fazer o casamento ao ar livre — reclamou Ellin. — Está congelante lá fora.

— Deve ser só para me torturar — murmurou Genevieve.

— Rowin não é cruel de propósito — defendeu Ellin, balançando a cabeça. — Se fosse Grave… com certeza seria esse o caso. É por isso que ele foi banido do casamento. Mas não se preocupe muito com a neve. Meu pai mandou Remi e Covin tirarem o máximo possível do jardim.

— Por que eles se deram a todo esse trabalho? — perguntou Genevieve.

— Por causa de Knox — respondeu Ellin, como se fosse óbvio. — Assim que você subir ao altar, precisa se lembrar de que cada movimento seu pode estar sendo observado. E, se a sua atuação for boa o suficiente, poderá até ser recompensada por isso.

— Recompensada como?

— Na teoria, existem dois prêmios na Caçada. Vencer a Caçada em si já rende um ano de liberdade, mas também há uma eleição para o jogador preferido dos espectadores. O vencedor recebe o título de Favorito, e Knox concede a ele um prêmio de seu célebre tesouro.

Genevieve inclinou a cabeça.

— Que tipo de prêmio?

— Acessórios mágicos. Joias. Artefatos raros. Tudo o que você imaginar. Sevin quase sempre é o favorito, mas Covin conseguiu ganhar ano passado e escolheu uma poção ridícula para aumentar o tamanho do próprio…

— Essa merda ainda não acabou? — ressoou uma voz rouca ao redor delas.

Genevieve se virou e viu dois homens adentrando a sala de visitas. O que falara era o mesmo que antes observara Rowin e ela do alto da escada. Grave.

Se Genevieve tivesse que adivinhar, diria que Grave era uns cinco centímetros mais alto que Rowin, com um corpo feito de puro músculo definido. Havia duas argolas de ônix em seu lábio inferior, e o cabelo curto e raspado nas laterais era tão branco quanto o de Ellin, com uma única mecha preta no lado direito. Os olhos cinzentos eram apenas um ou dois tons mais escuros do que os do sujeito no retrato com a coruja, que Genevieve de repente avistou de pé bem ao lado dele.

— É o dia do casamento dela, Grave. Que tal você não bancar o babaca insuportável até a meia-noite, pelo menos? — sugeriu Ellin enquanto pegava duas taças de cristal dos armários atrás do balcão.

Genevieve lançou um olhar agradecido à garota.

— Vai se foder, Ellin. Isso é uma palhaçada e você sabe disso.

Embora se dirigisse à irmã, Grave encarava Genevieve de um jeito que a deixava louca para correr e se esconder.

— Não acredito que está ajudando — acrescentou. — Se Rowin conseguir vencer com *ela*, estaremos todos fodidos.

— E o que você queria que eu fizesse, hein? — retrucou Ellin. — Desmascarasse Rowin para Knox e deixasse a garota ser morta?

Genevieve ficou rígida quando viu um lampejo de intriga nos olhos de Grave, mas Ellin já estava balançando a cabeça.

— Knox já enviou os convites — avisou Ellin. — Ele vai ficar furioso se, a esta altura do campeonato, você sair espalhando que o casamento é falso. Isso envolve mais do que uma mera mortal, Grave. E mais do que sua obsessão por derrotar Rowin. Mas faça o que achar melhor.

Genevieve já não sabia se continuava tão grata pela defesa de Ellin. Mas, como o grandalhão não abriu mais a boca para discutir, as palavras devem ter surtido efeito e aplacado o desejo evidente do sujeito de tirá-la daquele jogo. Pelo menos por enquanto.

— E aí: uísque ou tequila? — ofereceu Ellin a Genevieve. — Grave? Wells?

— Tequila — respondeu Genevieve no automático, ao passo que Grave e Wells recusaram, preferindo uma garrafa cheia de um líquido roxo.

Enquanto Ellin vasculhava as garrafas de vidro no guarda-louça, Grave se inclinou sobre o balcão para examinar Genevieve mais de perto. Ele deu uma olhada no espelho, como se quisesse confirmar que estava todo coberto, e então resmungou:

— Como você veio parar aqui, para começo de conversa?

— Vim a Enchantra para devolver uma carta que seu pai enviou à minha mãe — respondeu ela, impassível.

Wells pigarreou.

— Quem é sua mãe?

Genevieve respirou fundo e levou a taça aos lábios, entornando o líquido ardente de uma só vez antes de responder:

— Tessie Grimm.

Uma expressão de choque tomou conta dos três. Em seguida, um assobio baixo soou da porta.

— Faz décadas que não ouço esse nome — comentou Sevin ao entrar na sala. Então, jogou o polegar por cima do ombro e anunciou: — Nosso pai disse que devemos acompanhar você até o jardim a qualquer momento.

Uma descarga de adrenalina percorreu Genevieve com as palavras dele, e ela estendeu a taça para Ellin, pedindo mais uma dose. A garota atendeu com um sorriso afetado.

— E você disse que não é Ophelia? — indagou Wells enquanto Genevieve bebericava a tequila, deliciando-se com o calor que se espalhava por suas veias.

— Não, não mesmo.

— Como está Tessie? — perguntou Sevin, retirando algo do bolso do colete.

Um pirulito vermelho.

Ele disse o nome da mãe dela como se de fato a conhecesse, não apenas soubesse de sua existência. Não era como se fosse uma criança que conhecia só de nome os adultos que conviviam com seus pais. Genevieve percebeu, de repente, que todos ali deviam ter *conhecido* Tessie Grimm em pessoa em algum momento.

— Uma pergunta melhor seria: por que nosso pai estava escrevendo para ela de novo? — questionou Grave, grunhindo.

— Bem, ele não estava escrevendo para ela — revelou Genevieve. — Afinal, ela morreu alguns meses atrás.

Sevin ficou de queixo caído. Ellin levou as mãos à boca.

— *O quê?*

Todos viraram a cabeça na direção da voz de Barrington. Ele estava elegante em um terno púrpura impecável, com colete e plastrão de estampa paisley combinando. O único detalhe a destoar era o ar desolado no rosto.

Genevieve se encolheu ao ouvir o som estridente da taça quando a pousou no

balcão, depois se virou para ficar de frente para o homem.

— Desculpe. Eu queria ter mencionado isso antes, mas tudo aconteceu tão rápido e…

— Quando foi? — quis saber ele, os olhos violeta brilhando de emoção enquanto esfregava a boca, horrorizado.

— No último outono. Foi logo antes de…

Genevieve balançou a cabeça quando as palavras falharam.

— Posso explicar tudo mais tarde. Depois do casamento. Acho que o senhor e eu precisamos ter uma conversa que não envolva esse jogo maldito.

Barrington fechou os olhos com força por um instante, mas, antes que ela pudesse se desculpar de novo, ele já estava voltando a atenção para os filhos.

— Wells, Sevin, venham comigo. Vamos abrir as portas e o portão. Ellin, você pode ajudar Genevieve com o vestido e a acompanhar pela neve. Knox estará de volta a qualquer instante.

Ellin e Sevin se entreolharam.

— Quer trocar? — ofereceu ela.

Sevin assentiu para a irmã antes de oferecer um sorriso forçado para Genevieve.

— Não se preocupe. Você estará em boas mãos.

— Rowin estava pouco se fodendo para a gente nos últimos quinze anos, e vocês todos vão mesmo comparecer a essa farsa? — desafiou Grave.

— Saia daqui — vociferou Barrington. — Não é hora de retomar essa discussão. E eu juro pelo Inferno, Grave, que é melhor você não deixar escapar nada sobre esse casamento para Knox.

— Ou o quê? — instigou Grave.

— Ou poderá haver consequências terríveis para a família *inteira* — enfatizou Barrington.

Os dois homens se encararam por um longo minuto, fazendo Genevieve se perguntar o que significava o alerta de Barrington. Para a surpresa dela, Grave seguiu à risca as ordens do pai e se retirou, ainda que de cara fechada, mas arrancou a garrafa de bebida das mãos da irmã no meio do caminho.

— Ei! — protestou Ellin.

Grave tomou um gole direto do gargalo antes de sair do cômodo, acompanhado pelos outros.

— Bem-vinda a essa família maldita — disse Sevin, animado, a Genevieve. —

Estando preparada ou não.

CAPÍTULO 12



VOTOS TERRÍVEIS

Genevieve afastou a manta que cobria o espelho para dar uma última conferida em si mesma. Ela admirou a luz nos próprios olhos antes de se comprometer com um estranho feito de escuridão.

— Pronta? — perguntou Sevin baixinho atrás dela.

Genevieve endireitou os ombros enquanto o rapaz se abaixava para alcançar a cauda singela do vestido. Antes que ele pudesse apanhar o tecido, ela estalou a língua e apontou para o pirulito na boca dele.

— Precisa se desfazer disso aí antes de tocar neste vestido — avisou.

Com um suspiro de tristeza, ele tirou o doce da boca e o jogou em um cinzeiro de cristal no balcão do bar. Depois ergueu as mãos para mostrar que estavam limpas antes de se agachar e recolher com cuidado o tecido nos braços.

— Então… Seu irmão me quer morta, né? — indagou Genevieve.

— Qual deles?

Ele fez um gesto indiferente depois de voltar a se empertigar em toda a sua altura.

— Imagino que todos nós vamos querer você morta quando o jogo começar. Mas nada que acontece dentro dos parâmetros da Caçada pode ser levado para o lado pessoal. Precisamos forçar uma certa encenação, ou Knox dará um jeito de nos punir por não gerar lucros suficientes. Tente se lembrar disso ao se deparar com o pior que há em nós.

Ele lhe ofereceu o cotovelo, e ela se obrigou a aceitar.

— E a sua encenação começa agora — murmurou ele conforme a acompanhava até a porta.

Uma forte tensão sugava o oxigênio do ar quando saíram da sala e foram para o

corredor externo, já repleto de espelhos. O único som no silêncio agourento da casa era o estalo dos saltos dela contra o piso de mármore. Assim que chegaram ao saguão, Ellin abriu a porta da frente e acenou para que passassem. Sevin segurou Genevieve com firmeza enquanto os calçados dos dois esmagavam a camada de neve fresca lá fora. Conforme os irmãos a guiavam para a esquerda da mansão, rumo ao portão de pedra que levava aos fundos da propriedade, uma rajada de vento gelado cortou o ar. Genevieve sabia que deveria estar tremendo de frio, mas a tequila e o nervosismo pareciam ter entorpecido seus sentidos.

Ellin bateu à porta de madeira arqueada embutida no muro de pedra que se estendia da casa até a cerca prateada que circundava o terreno. O rangido de uma tranca de metal reverberou do outro lado antes que Wells abrisse o portão e gesticulasse para os três entrarem.

— Já podemos nos sentar — murmurou Wells para Ellin enquanto Genevieve se maravilhava com a visão à sua frente.

Uma passarela de veludo cor de champanhe se estendia do portão até os fundos da casa antes de fazer uma curva fechada à esquerda, dando acesso ao que parecia ser um jardim cercado pelo mesmo tipo de sebe que compunha o labirinto. Em ambos os lados da passarela, havia cestos e mais cestos de rosas douradas e cor-de-rosa. Entre os arranjos de flores, havia candelabros altos de ouro. Suas chamas pareciam intocadas pelo frio.

Sevin ajeitou a cauda do vestido sobre o tapete às costas dela antes de retornar ao seu lado para conduzi-la até o altar.

— Como…

— Ser um Familiar do Diabo garante acesso a um montão de recursos — explicou Sevin.

— Além de muito bom gosto.

— Bom, essa parte foi o Rowin — disse ele.

Quando chegaram à curva do tapete, Genevieve quase se engasgou com a cena diante de si. Apesar da neve, o jardim estava deslumbrante. Talvez até *por causa* dela. As sebes se encontravam salpicadas de flocos cintilantes de gelo e circundavam uma pequena área quadrada de mármore xadrez cinza e branco. Ladeando as sebes, havia treliças prateadas entrelaçadas com as mesmas trepadeiras espinhosas que decoravam os portões da frente de Enchantra, as frutinhas roxas radiantes pendendo da vegetação feito joias. E, em frente às treliças, viam-se ainda mais roseiras, bem como conjuntos

de velas acesas.

Ao adentrarem o espaço iluminado, Genevieve passou os olhos pelas cadeiras douradas dispostas para os irmãos de Rowin. Ellin e Wells estavam sentados lado a lado atrás de Remi, que não parecia estar ali por livre e espontânea vontade. Barrington estava de pé de frente para todos, na extremidade oposta da área quadrada.

Aguardando no final da passarela, com um brilho malicioso nos olhos dourados, estava o futuro marido de Genevieve.

Rowington Silver era uma obra de arte em obsidiana contra o branco da neve e do mármore sob seus pés. Uma filigrana de seda monocromática adornava o paletó e a calça do terno preto, tudo impecável e ajustado sob medida. O plastrão era de uma seda dourada que combinava com os detalhes das abotoaduras e também com os brincos que pendiam das orelhas. Até seu cabelo estava penteado com elegância para trás, um esforço que a surpreendeu.

Se ele ficou igualmente impressionado com o visual dela, não demonstrou. Ainda assim, os olhos dele se demoraram um pouco no corpete do vestido enquanto Sevin a entregava, pousando a mão dela na palma estendida de Rowin. Ansioso por se ver livre, Sevin a deixou com o irmão e o pai, sentando-se ao lado de Remi e obrigando Genevieve a se manter em pé por conta própria.

Com o coração martelando no peito, ela se perguntou por quanto tempo iria aguentar.

— Respire — sugeriu Rowin baixinho, apertando a mão dela de leve enquanto o pai pigarreava.

Ela respirou fundo quando Barrington anunciou:

— Estamos reunidos aqui hoje para testemunhar a união entre Rowington Silver e Genevieve Grimm na cerimônia sagrada do *Aeternitas*. Eterno matrimônio.

À menção da palavra "eterno", Genevieve sentiu o fôlego diminuir.

— Rowin, começaremos com você. Por favor, repita comigo — ordenou Barrington. — Eu, Rowington Silver, selo meu destino com o seu.

— Eu, Rowington Silver, selo meu destino com o seu — recitou Rowin, o olhar âmbar fixo no de Genevieve enquanto pronunciava cada palavra com clareza.

Barrington concluiu:

— Minha alma é sua alma. Meu coração é seu coração. Meu sangue é seu sangue. Por toda a eternidade.

— Minha alma é sua alma. Meu coração é seu coração. Meu sangue é seu sangue. Por toda a eternidade — disse Rowin a ela.

Não eram votos terríveis… em teoria. Mas Genevieve sentiu o estômago revirar.

— Agora, Genevieve — continuou Barrington. — Eu, Genevieve Grimm, selo meu destino com o seu.

Genevieve abriu a boca, tentou proferir as palavras, mas sua língua não obedeceu. Até onde sabia, podia estar se atando a um pesadelo pior do que Farrow. Sem mencionar que a premissa "por toda a eternidade" era aterrorizante. Ela nunca se mantivera interessada em nada por muito tempo.

— Genevieve — insistiu Barrington com gentileza, arrancando-a do devaneio.

Rowin se mantinha em um silêncio inabalável.

Genevieve respirou fundo algumas vezes, tentando se concentrar no frio cortante, no modo como arrepiava sua pele. Como a deixava anestesiada. Ela era capaz de levar aquilo adiante. De jogar o jogo deles.

Rowin se inclinou para sussurrar no seu ouvido, como se conseguisse adivinhar o que ela estava pensando:

— Não se prenda à parte do "por toda a eternidade". Nada é eterno de verdade. Nem mesmo quando a gente quer que seja.

Então, Genevieve repetiu em voz baixa:

— Eu, Genevieve Grimm, selo meu destino com o seu.

Rowin baixou o queixo em sinal de encorajamento.

— Minha alma é sua alma. Meu coração é seu coração. Meu sangue é seu sangue. Por toda a eternidade — orientou Barrington.

Ela repetiu as palavras no tom de voz mais animado que pôde.

— E vocês dois se comprometem a proteger um ao outro, escolher um ao outro, na saúde e na doença, na luz e na escuridão? — retomou Barrington.

— Sim — disse Rowin, em alto e bom som.

— Sim — concordou Genevieve antes que perdesse a coragem.

O sorriso de Barrington era o mais sincero possível diante das circunstâncias.

— Eu os declaro marido e mulher — anunciou ele, elevando a voz, depois desviou o olhar para o filho. — Agora você pode beijar a noiva.

Barrington se afastou, certificando-se de que a única coisa à vista de Genevieve fosse Rowin. O marido dela.

E foi então que ela sentiu. O olhar carregado de um Diabo.

Knox havia chegado.

O nervosismo tomou conta de Genevieve quando ela tentou desviar a atenção de Rowin para procurar onde o Diabo poderia estar, mas Rowin apertou sua mão como se lhe pedisse para manter o foco.

A sensação era a de que o olhar opressor de Knox a cercava por todos os lados. Mas, quando Rowin estendeu a mão para levantar o queixo dela em direção ao rosto dele até que os narizes estivessem quase se tocando, aquele detalhe pareceu evaporar de sua mente.

Ele passou o braço devagar em volta da cintura de Genevieve e puxou o corpo dela para perto.

— Pronta?

Ela não estava, mas assentiu mesmo assim.

— Respire fundo — instruiu ele.

E então se aproximou e inclinou o rosto para baixo, os narizes enfim se tocando, e o resto do mundo sumiu.

No instante seguinte, os lábios deles se encontraram.

Para um beijo que não nasceu do desejo, foi avassalador. Todos os pensamentos se esvaíram da cabeça de Genevieve à medida que o calor dos lábios de Rowin a queimava de dentro para fora. Ela o sentiu enterrar a mão livre em seu cabelo, enroscando os dedos nas mechas presas com grampos para posicionar seu rosto no ângulo exato que ele queria. Cada movimento dele era determinado, confiante, e, quando ele afastou um pouco os lábios para aprofundar o beijo, ela não hesitou em corresponder. O gosto dele preenchia a sua boca conforme ele a inclinava um pouco para trás. De maneira instintiva, ela estendeu a mão para agarrar os bíceps dele, embora não fosse de fato necessário.

Quando o som de um apito veio de algum lugar distante, bem na hora em que ela ia passar a ponta da língua no piercing no lábio dele, Rowin se afastou de repente.

Genevieve emitiu um ruído involuntário de decepção ao abrir os olhos, piscando e respirando de forma superficial enquanto examinava o rosto dele em busca do que havia de errado. E então se lembrou de onde estavam. Do que estavam fazendo. Passou a mão pelos cabelos, envergonhada por ter se deixado levar daquele jeito. Ele, por outro lado, usava sua máscara habitual de compostura inescrutável.

Dessa vez já era demais.

Como você faz isso?, ela queria gritar. *Como consegue fingir que nada disso provoca*

qualquer reação em você?

Alguém apareceu à esquerda dela: Barrington.

— Bem, agora só preciso de suas assinaturas — solicitou ele enquanto estendia um pedaço grosso de pergaminho amarelado na frente dos dois.

No alto do papel, lia-se *Certidão de casamento* em tinta dourada cintilante. Os nomes de ambos estavam impressos sob duas linhas em branco no centro, e, na parte inferior, havia duas assinaturas já rabiscadas em tinta preta: Sevington Silver e Ellington Silver. As testemunhas.

Rowin pegou uma caneta que ela não havia notado na mão livre do pai e logo assinou o próprio nome na linha em branco. Depois a entregou para Genevieve, que cerrou os dentes enquanto fazia o mesmo.

Com um aceno da cabeça definitivo, Barrington enrolou a certidão e se virou para a plateia.

— Apresento o sr. e a sra. Rowington *Silver*.

Algumas gritos de comemoração ecoaram entre os irmãos de Rowin antes que Genevieve ouvisse o arrastar de cadeiras e um murmúrio que parecia externar a vontade dos convidados de voltar logo para a mansão.

Enquanto os outros iam embora, a presença sufocante do olhar de Knox também os deixou, e Genevieve soltou um suspiro de alívio.

— Knox deve passar um tempo fora enquanto promove nossa união para seus clientes no Inferno. Mas você precisa ser mais cuidadosa — repreendeu-a Rowin, uma vez que estavam mesmo a sós.

— Com o quê? — desafiou ela.

— Deixar seus verdadeiros sentimentos à mostra.

Genevieve desviou o olhar quando as badaladas da meia-noite soaram, reverberando pelo jardim. Ela se assustou com o som estridente.

Passando as mãos pelos cabelos, murmurou:

— Agora que o dia mais estranho da minha vida acabou, acho que é hora de…

As palavras foram ficando mais baixas conforme uma onda de exaustão a invadia.

— Genevieve? — chamou Rowin.

Ela olhou para as mãos e percebeu que sua visão começava a ficar turva. Uma dor aguda e cortante explodiu em suas têmporas um instante depois. Pontinhos pretos dominaram sua visão conforme ela sentia toda a magia em seu interior se esvair.

— *Rowin* — implorou ela.

Só não sabia pelo que rogava.

Pouco antes de atingir o chão, ela sentiu um par de braços fortes envolverem seu corpo enquanto a voz profunda dele prometia:

— Eu te protejo.



— Você é um Demônio. Quem me dera nunca ter te conhecido. Agora você vai queimar.

Ele deixou cair o fósforo enquanto ela berrava, mas o rugido das chamas abafou o som. Ninguém jamais conseguiria ouvir os gritos dela.

EQUINÓCIO DE PRIMAVERA

CAPÍTULO 13



BISBILHOTEIRA

Genevieve acordou na sala de visitas com o burburinho de uma discussão abafada e algo quente pesando sobre o peito. A névoa na sua mente ainda era densa, e foi preciso várias tentativas até conseguir abrir os olhos e ver…

… um olhar dourado e atento fixado nela.

Genevieve soltou um gritinho agudo ao se erguer com esforço, fazendo com que Umbra descesse de onde estivera encolhida sobre o peito dela. Em seguida, passou a mão pelo corpete de seda do vestido amassado e torceu o nariz para a raposa que se lambia a seus pés.

— Esta casa é mesmo dominada por animais — murmurou Genevieve enquanto se levantava do sofá com capitonê, deixando a marca do seu corpo no estofado de veludo.

As vozes atenuadas que ouvira antes vinham do outro lado da parede, e de imediato sua curiosidade foi aguçada. Ela se arrastou para a frente e encostou o ouvido no papel de parede adamascado na esperança de distinguir alguma palavra. Nada.

Segurando as saias do vestido de noiva, ela se dirigiu à porta e abriu apenas uma fresta para espiar o corredor. Estava vazio, mas as vozes se tornaram mais nítidas. Umbra se espremeu pelo vão aberto e escapou para a direita. Genevieve a seguiu, observando a raposa atravessar o arco aberto da sala de jantar e desaparecer de vista. Quando um estrondo alto veio de lá, Genevieve diminuiu o passo e colou o corpo na parede do corredor, inclinando-se apenas o suficiente para observar a cena sem ser notada.

— Precisa mesmo dar esse chilique, Grave? — reclamou Ellin, sentada ao lado de

Wells na ponta da longa mesa de jantar.

— Veja pelo lado bom: ela é uma pessoa novinha em folha para você esfaquear. E você adora isso — argumentou Sevin da cabeceira da mesa, tirando um novo pirulito da boca para abocanhar uma maçã verde.

Ele estava inclinado para trás de um jeito que não parecia nada seguro, apoiado nas pernas traseiras da cadeira. Genevieve se perguntou como era possível que ainda não tivesse se estabacado no chão.

— A verdadeira questão é se Rowin algum dia perdoaria qualquer um de nós por matar a garota — frisou Wells.

— E isso importa? Ele nem fala com a gente fora da Caçada — murmurou Remi, atrás de Sevin.

— Não comece com essa merda — alertou uma voz familiar, fazendo Genevieve varrer a sala com o olhar.

Quando sua atenção pousou no rosto de Rowin, ela encontrou a mesma máscara estoica que ele costumava usar. Os olhos cor de âmbar eram astutos, porém cheios de apatia. A boca se contraía em uma carranca irritada. A mesma boca que tocara a dela pouco antes…

O sangue dela começou a ferver ao se lembrar do beijo, do choque diante de sua reação tão visceral, apesar de não ter passado de uma demonstração elaborada de como Rowin estava dedicado à encenação deles.

Não foi nem o beijo mais apaixonado da minha vida. Ela se repreendeu enquanto afastava a lembrança para o canto mais escuro da mente. *Ele é só um homem qualquer.*

Mas isso já não era verdade, era?

Ele era o *marido* dela.

O calor em seu sangue passou do desejo para algo menos desejável quando ela voltou a se concentrar no outro cômodo. Ao fitar cada um dos irmãos, Genevieve percebeu que jamais vira uma herança genética se manifestar de maneira tão forte. Ela tinha certeza de que saberia que todas aquelas pessoas eram da mesma família até se as tivesse conhecido uma por vez, fora de Enchantra.

— E por que eu não deveria começar? — perguntou Remi a Rowin, e sua expressão refletia a do gêmeo. — Knox está no Inferno, pensando em como anunciar o seu casamento falso. Acho que este é o momento *perfeito* para começar.

Rowin cruzou os braços sobre o peito, encostando-se na parede oposta.

— Tudo bem. Minha correspondência entre um jogo e outro…

— Ou a falta dela — murmurou Ellin para Sevin e Wells.

— Não é relevante para o assunto — continuou Rowin, com as palavras serenas pontuadas de advertência. — Quer vocês decidam ou não concentrar suas atenções apenas em matar Genevieve, a questão é que eu não serei o único punido pela morte dela. Vocês também vão sofrer a punição. Ela é uma ferramenta conveniente. Nada mais, nada menos. Se eu conseguir me libertar, todos vocês têm a ganhar.

— Quando você encontrar uma cura? — reclamou Grave. — Já *chega* dessa história de cura. Não é real, cacete. A Deterioração Carmesim infecta Demônios poderosos há séculos. Outras famílias estiveram tão desesperadas quanto a nossa. E o que encontraram? Nada. Nós continuamos a jogar a Caçada ou nossa mãe *morre*. Fim de papo. Espero que sua patroa peso morto seja boa de luta.

Mesmo de longe, Genevieve conseguia ver que Rowin estava com a mandíbula travada. E, por algum motivo, o fato de ele não se dar ao trabalho de refutar a deixava mais furiosa do que ser chamada de *peso morto*.

— Escutem, todos nós sabemos como isso vai acabar — declarou uma voz rouca vinda do canto à direita de Rowin.

Genevieve quase soltou um arquejo de susto ao avistar o homem em meio às sombras. Ele tinha cabelo preto curto raspado nas laterais e íris carmesim, que, apesar da cor sinistra, mal chamaram a atenção dela. Não, foi a gigantesca serpente cor de ébano enroscada na perna e no torso dele que a fez congelar.

Será o homem que eu espiei se cortando com a adaga?

Então aquela era a primeira vez que ela via todos os sete irmãos Silver juntos. Porque a discussão sobre o destino dela se tornara um assunto de família. Ela também ficou surpresa ao descobrir que só então se dava conta de que toda a conversa tinha sido na língua materna deles e que Barrington tinha razão: ela mal havia notado a mudança.

— E como vai acabar, Covin? — questionou Rowin com um olhar sombrio.

— Ou você vai conquistar mais uma vitória e nunca mais vamos te ver, ou sua sequência de vitórias chegará ao fim e você enfim sentirá o gostinho do Inferno como nós, os pobres coitados. De qualquer forma, o baile de máscaras de amanhã é nossa última chance de sermos civilizados uns com os outros, então eu sugiro deixarmos as brigas de lado para aproveitar ao máximo a festa — declarou Covin, e, enquanto ele falava, Genevieve viu que seu mascote rastejante não era o único com a língua bifurcada.

Ela estremeceu.

— É nisso que está pensando agora? — perguntou Rowin, arqueando uma sobrancelha. — Em festa?

— É nisso que *eu* estou pensando — interveio Sevin.

Covin deu de ombros.

— O que mais nos resta? Nos intervalos entre perder para você e Grave todas essas décadas, e Sevin ganhar o prêmio de Favorito nove em cada dez vezes, eu passei a gostar bastante das festas do Inferno e de Knox.

— Você passou a gostar de dividir a cama com Demônios, isso sim — sugeriu Ellin, revirando os olhos.

Covin tornou a encolher os ombros.

— Disso também.

— Se serve de consolo, é quase certo que o teatrinho romântico de Rowin roube meu posto de Favorito — ofereceu Sevin com pesar. — O que é uma pena, porque estou de olho num relogiozinho de bolso bacana do acervo do Knox há um tempão. Dizem que ele é capaz de informar ao portador quanto tempo lhe resta até…

— Será que podem calar a boca, caralho? — esbravejou Grave.

Sevin atirou a maçã na cabeça dele pela interrupção. Grave pegou a fruta meio comida e a jogou no chão antes de se virar para Rowin.

— Você e sua noiva podem dormir em paz esta noite, mas não esperem piedade da minha parte depois que a Caçada começar — alertou Grave. — Então, sugiro que sigam o conselho de Covin e aproveitem ao máximo o baile de máscaras.

Rowin deu um passo na direção dele, com um sorriso perigoso nos lábios.

— E eu não terei nenhuma piedade de *você* se encostar um dedo na minha esposa.

Um arrepio percorreu as costas de Genevieve.

Rowin contornou o irmão e começou a se dirigir para a saída, obrigando Genevieve a se esconder o mais rápido possível antes que ele a flagrasse ali, feito uma bisbilhoteira. No momento em que ele dobrou no corredor, Genevieve mal havia conseguido se enfiar na sala de visitas, com o coração ainda acelerado.

Assim que Rowin irrompeu pela porta alguns instantes depois, ela percebeu duas coisas. A primeira era que fugas rápidas não eram da sua alçada, pois nunca precisara disso antes. E a segunda era que Rowin sabia que ela estivera bisbilhotando o tempo todo. Um fato pontuado pelo seu olhar penetrante enquanto observava a pele corada dela e os movimentos estranhos e limitados de sua respiração contra o corpete

estruturado.

Antes que ele pudesse acusá-la de qualquer coisa, ela perguntou:

— Por que eu desmaiei?

— Meu pai acha que seu organismo não conseguiu lidar com o bloqueio da sua magia imposto por Knox, combinado com a magia que une nossas vidas para a Caçada. Eu também me senti mal por um tempo.

— Por que raios Knox bloqueou minha magia?

— Não foi só a sua — garantiu Rowin. — Foi a de todo mundo. Durante a Caçada, nossos dias serão divididos em duas metades. As horas de caça e as horas de segurança. Não temos permissão para acessar nossa magia entre meia-noite e meio-dia, pois é quando a Caçada acontecerá. A partir de agora.

— *Merda*.

Aquilo era um desastre. Em Phantasma, ela tinha conseguido superar todos os níveis sem nenhuma preocupação. Ficar invisível quando o mundo ao seu redor se tornava intenso demais sempre tinha sido a salvação dela, o único momento em que não arranjava problemas.

— Ótimo. Enfim entendeu a dimensão do problema — aprovou Rowin. — Acho que está na hora de nos recolhermos ao nosso quarto para passar a noite.

— Que porra é essa de *nosso* quarto? — perguntou ela, elevando a voz.

Rowin se lançou para a frente como se quisesse tapar a boca de Genevieve, mas ela o afastou com um olhar fulminante.

— Cuidado — avisou ela, em tom sombrio. — Eu mordo.

Os olhos dele se estreitaram.

— É, eu sei.

Mesmo assim, ele se aproximou.

— Eu imploro que fale baixo. Knox está no Inferno com meu pai agora, mas deve vir perambular pela casa mais tarde, para discutirem os detalhes do baile de máscaras. Então, se tiver algum pudor sobre dividir o quarto, vai ter que superar isso agora.

Genevieve soltou uma risada incrédula. Não era uma questão de pudor. Só não queria estar tão perto dele enquanto *dormia*. Os pesadelos já a torturavam o suficiente. Não precisava que ele os testemunhasse também.

Ela empinou o nariz para ele.

— Não.

Os olhos dourados de Rowin escureceram.

— Não foi um pedido. Não me faça te jogar por cima do ombro de novo. Pode me morder, não estou nem aí.

No instante em que essas palavras saíram de sua boca, alguém irrompeu na sala. Dois "alguéns": Sevin e Covin.

Covin soltou um assobio baixo.

— Morder, é? Que interessante.

Sevin inclinou a cabeça para Rowin.

— E eu achando que você era mais chegado em enforcar.

Genevieve lançou um sorriso provocador para Rowin.

— *Isso,* eu topo experimentar. Estou querendo te estrangular desde a primeira vez que ouvi sua voz.

Rowin revirou os olhos enquanto Sevin corrigia:

— Não acho que você seria a responsável pelo enforcamento, meu bem.

Genevieve sentiu as pontas das orelhas em chamas ao imaginar a cena insinuada por Sevin. Mas, antes que qualquer um deles pudesse perceber, uma mancha escura atravessou a sala.

— Estou surpreso que os pombinhos ainda estejam de pé — ronronou uma voz rouca quando uma figura alta surgiu entre eles. — Eu jurava que a essa altura haveria uma cabeceira sendo quebrada em algum lugar.

Mesmo que Genevieve não tivesse reconhecido a voz, a postura rígida de Rowin deixava bem claro quem era o recém-chegado.

Knox.

Ele era estonteante. Como a maioria dos Diabos. Mas, mesmo por esses padrões, ele era excepcional. O rosto era todo feito de ângulos bem esculpidos e linhas marcantes. Os olhos violeta, calculistas, eram emoldurados por sobrancelhas e cílios cheios e pretos, e o cabelo de obsidiana era mais comprido que o dela e descia liso pelas costas. Dois chifres curvos se projetavam do topo de sua cabeça, e de imediato ela os reconheceu como a Marca do Diabo dele.

— Já voltou? Cedo assim? — questionou Rowin. — Achei que fosse passar o resto da noite espalhando a notícia do casamento para todo o Terceiro Círculo.

Knox sorriu.

— Só voltei para instalar mais alguns espelhos para meus clientes ansiosos. Estão todos *muito* animados com as núpcias de vocês.

— Que maravilha! Se nos derem licença, Genevieve e eu estávamos indo para a

cama — informou Rowin, antes de se virar para ela e implorar: — Está pronta, encrenca?

Knox observava com expectativa enquanto Rowin oferecia a mão para a esposa.

Genevieve lançou um sorriso radiante para Rowin ao aceitar a mão estendida.

— Com toda a certeza.

Uma centelha brilhou nos olhos de Rowin, mas, antes que Genevieve pudesse desvendar seu significado, já havia desaparecido.

Quando começaram a se afastar, ela disse, com a voz arrastada:

— Tenham todos uma boa noite.

— Foi um prazer conhecê-la oficialmente, srta. Grimm — declarou Knox em despedida.

Genevieve se deteve e encarou o Diabo, encontrando o olhar violeta dele ao corrigir:

— É *sra. Silver*. E é com desprezo absoluto que estou oficialmente conhecendo *você*. Boa noite.

Com isso, ela arrastou Rowin para fora da sala.

Enquanto ele a guiava para a outra extremidade da casa, comentou:

— Poucos mortais teriam coragem de falar com um Diabo desse jeito, sabia?

Ela fitou as próprias unhas.

— Bom, imagino que ele me queira viva para entrar no joguinho dele, certo? Então, por que eu deveria segurar a língua?

— Segurar a língua? Nem me passou pela cabeça que você fosse capaz disso — murmurou Rowin ao chegarem a uma das portas dos quartos na ala da mansão repleta de retratos. Ele empurrou a porta e acenou para que ela entrasse na frente. — Pode ir primeiro, *sra. Silver*.

CAPÍTULO 14



O ANEL

Genevieve e Umbra ficaram se encarando, meio sem jeito, enquanto Rowin trazia os baús dela, que estavam no fim do corredor. A raposa estava sentada sobre o cobertor de veludo preto impecável da cama de Rowin, com a ponta da cauda preta e felpuda balançando de um lado para o outro.

— O que foi? — resmungou ela para o Familiar.

Umbra apenas contraiu as orelhas.

Após desviar o olhar da criatura astuta, Genevieve examinou o quarto de Rowin, impressionada com nível de arrumação e grata por não haver um espelho sequer à vista. Também não havia janelas nem objetos de arte, apenas molduras elaboradas adornando o opulento papel de parede dourado.

O guarda-roupa dele era enorme, digno dos sonhos dela, e organizado com perfeição. As portas eram pintadas de um ébano lustroso, trazendo em relevo duas raposas em disparada, com os focinhos se encontrando na junção central. As únicas fontes de luz vinham das velas finas e compridas nas arandelas que ladeavam a cama.

E, céus, a *cama*. Era a maior que ela já tinha visto. Parecia grande o suficiente para acomodar pelo menos cinco pessoas com conforto, e a mente dela começou a divagar enquanto se perguntava se alguma vez de fato acomodara tanta gente. A cabeceira esculpida era tão primorosa quanto as portas do guarda-roupa, com os detalhes se prolongando pelas quatro colunas que se erguiam de cada quina da estrutura de madeira maciça.

Mas não importava o quanto a cama era grande, nem que parecesse muitíssimo confortável: Genevieve não a dividiria com ele.

Naquele exato instante, Rowin voltou com os baús e os depositou sobre a cômoda,

bem em frente à cama, depois lhe dirigiu um olhar de julgamento.

— Quantas coisas você *trouxe*? — resmungou.

— Se eu não aceito críticas sobre bagagem nem da minha irmã, não é de você que vou aceitar — retrucou ela, depois foi destrancar os dois baús e erguer as tampas, apoiando a parte superior contra a parede. — Sorte sua que eu trouxe *só* isso. Se não fossem aqueles pássaros infernais, eu teria quase um guarda-roupa inteiro.

— O sortilégio não iria permitir que os corvos lhe fizessem mal.

— E como é que eu ia adivinhar? — rebateu ela, enquanto a cena do lado de fora do Coliseu voltava com força total à sua mente. — Acho que já deu de discutir o que eu deveria ou não ter feito antes de vir para cá. A menos que você queira passar nossa noite de lua de mel brigando.

Ela piscou com ar inocente para ele.

— Pare com isso — ordenou ele, a voz assumindo uma gravidade que a fez arquear as sobrancelhas. — Fique de costas.

Ela apoiou a mão na cintura.

— Por quê?

— Porque eu vou desamarrar seu corpete.

Ela gaguejou.

— Está maluco? De jeito *nenhum*.

— Você tem que bancar a difícil com *tudo*?

— Não vou trepar com você só porque somos casados — declarou ela.

Rowin a encarou.

— Me diga, encrenca, o que tem a ver você trocar de roupa com a gente trepar?

Ela olhou feio para ele.

— Você está tentando me despir.

— É verdade, estou tentando me livrar do vestido que está ocupando quase o quarto inteiro — concordou ele.

Ela olhou ao redor. Ele tinha razão. As saias do vestido ocupavam metade do chão em torno deles, sem mencionar o quanto atrapalhavam os movimentos dela.

— Não sei se tenho alguma camisola que seria apropriada para usar na sua frente — admitiu ela, enfim.

Ele bufou pelo nariz.

— Pode ficar tranquila. Não vai ser nada que eu já não tenha visto. — disse ele.

— Detesto quando as pessoas dizem isso. É, *sim*, algo que você nunca viu antes.

Eu. E eu sou um espetáculo.

Ele lhe dirigiu um olhar pensativo, mas não fez mais nenhum comentário.

Por fim, ela suspirou e cedeu:

— Está bem. Desamarre os cordões, mas, se você ao menos *pensar* em colocar suas mãos em qualquer outro lugar…

Num piscar de olhos Rowin estava bem na frente dela, tão perto que era possível sentir o calor dele sobre cada centímetro da pele exposta do pescoço e dos ombros.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — começou ele, com os olhos mais intensos a cada palavra. — Não tenho o menor interesse em colocar as mãos em você, a menos que seja para te proteger de algum perigo ou porque você me pediu. Entendido?

Ela desviou o olhar enquanto resmungava, evasiva.

— Genevieve.

Depois de soltar o ar com força, ela se virou para ele.

— Se vamos ser parceiros neste jogo, temos que *confiar* um no outro — enfatizou Rowin.

Ela empinou o nariz.

— Confiança é algo que se *conquista*. E o que você fez até agora para conquistar a minha? Me forçou a me casar com você?

— Eu deixei que você se casasse comigo como sua única chance de sobreviver neste lugar — lembrou ele. — Isso se enquadra em te proteger do perigo, como eu disse. Quanto à última parte… eu falei sério. O que deveria inspirar confiança pelo simples fato de ser a verdade absoluta, você gostando ou não. Jamais vou mentir para poupar seus sentimentos.

— Como meu marido é romântico! — exclamou Genevieve, arrastando as palavras de maneira dramática, mas odiava admitir que ele não estava errado.

A crueldade da sinceridade sem rodeios podia ser difícil de engolir, mas o fato de ele manter a própria palavra era, no mínimo, admirável.

— Nós temos chances de vencer — afirmou ele. — Eu venci nos últimos quinze anos consecutivos porque, tirando Grave, meus irmãos já se cansaram do jogo. Neste momento, todos os outros acreditam que você pode ser o segredo para enfim conseguirem acabar com a minha sequência de vitórias. Não prove que estão certos.

— Eu não estava planejando me entregar e morrer, se é isso que está pensando.

— Se você não confiar em mim, é isso mesmo que vai acontecer. De agora em diante, todo mundo vai tentar nos colocar um contra o outro, isolar um de nós para

atacar com tudo. A confiança entre nós dois tem que ser incondicional. Somos aliados antes de tudo, mesmo que alguém sugira o contrário.

Genevieve entendia por que aquele poderia ser um pacto prejudicial para os dois.

— Infelizmente, na última vez em que confiei em um homem assim, de forma incondicional, ele partiu meu coração — contou Genevieve. — Não estou muito disposta a fazer isso de novo.

— Este jogo não tem nada a ver com o coração — declarou Rowin, com um lampejo indecifrável nos olhos diante da revelação. — E, seja como for, nunca se pode confiar de verdade em corações.

Rowin fez sinal para que ela se virasse, e o primeiro pedido dele voltou à mente de Genevieve. O corpete. Certo. Ela virou as costas em silêncio, dando-lhe acesso à parte de trás do vestido.

Enquanto ele começava a desatar sem pressa os nós dos cordões em sua cintura, continuou:

— Corações não são comandados por lealdade ou lógica. Eles podem trair você com muita facilidade.

Como se quisesse endossar esse argumento, o coração dela começou a bater forte no peito à medida que as pontas dos dedos dele lhe roçavam a pele das costas e afrouxavam o corpete.

— E você não vai? — perguntou ela, olhando para ele por cima do ombro. — Me trair? Mesmo que sua *família* peça isso?

Rowin então deu a volta para ficar na frente dela, erguendo os braços entre os dois para tirar um dos muitos anéis que usava e pousar o acessório na palma da mão esquerda. Genevieve se inclinou para enxergar melhor a pedra preciosa de ônix incrustada na grossa aliança de prata, notando o padrão espiralado peculiar entalhado na superfície polida. Um sinete.

— Considere isto meu presente de casamento — disse ele ao levantar a mão esquerda de Genevieve e deslizar o anel com delicadeza no dedo anelar dela, onde serviu perfeitamente. — Eu tentei entregar esse anel a você antes. Ele vai te alertar se houver pessoas mal-intencionadas por perto. Quanto mais quente ficar, mais perto elas estarão.

Como no jogo de "quente ou frio" que Ophie e eu costumávamos brincar.

— Está gelado no momento — observou ela conforme fitava a pedra negra e reluzente.

Um canto da boca dele se ergueu.

— Isso mesmo.

— Em geral, eu jamais recusaria uma joia de presente, mas este anel aqui é… feio.

— O objetivo não é ser *bonito* — rebateu ele, e ergueu o olhar para o teto, como se pedisse forças. — É ser útil. Estou oferecendo uma prova inegável das minhas intenções e você está preocupada que não faz o seu estilo?

Genevieve fez um som de desdém.

— Não, estou preocupada que alguém ache que *eu* escolhi esse troço.

— Nossa, que constrangedor — ironizou ele, sem expressão.

Ela engoliu em seco.

— Tudo bem. Estou disposta a… colaborar com você. Temos o mesmo objetivo, certo? Me manter viva?

— Certo. Se a gente bancar o casal apaixonado de vez em quando, talvez você até receba o título de Favorita. Assim, eu ganho minha liberdade no final, e você ganha um prêmio do acervo de Knox. Talvez você não saia de mãos abanando.

— A menos que ele tenha naquele acervo alguma coisa para apagar memórias indesejadas, não dou a mínima para um prêmio de consolação idiota. Mas eu vou entrar na dança. Você tem a minha palavra.

Rowin inclinou a cabeça.

— Acho que teremos que descobrir se a sua palavra vale alguma coisa.

— Vale muito mais do que meu coração — sussurrou ela.

Ele a encarou em silêncio por um tempo, e, mais uma vez, ela se sentiu frustrada pelo fato de nunca conseguir decifrar as emoções dele.

Por fim, ele pigarreou e murmurou:

— Você deveria se trocar.

Ela olhou para si mesma.

— Ah. É verdade.

Após pegar uma camisola no baú, ela entrou no banheiro da suíte. Assim que se trancou em segurança dentro do cômodo espaçoso de mármore branco, deixou o vestido de noiva deslizar pelas curvas fartas, chutando o tecido para longe enquanto o substituía pela camisola de chiffon azul-violáceo. As mangas eram compridas e folgadas, afunilando nos pulsos antes de se alargarem nas pontas. Havia um lindo laço de seda logo abaixo do busto, mas o decote quadrado era tão profundo que o tornava inapropriado para ser usado na frente de um estranho, como ela tinha dito.

Só que ele *não era* mais um estranho. Era o marido dela. Um título com o qual Genevieve precisava se acostumar antes de reencontrar Knox.

Ao voltar para o quarto, ela parou de repente na soleira da porta, e uma onda de calor se espalhou pelo seu corpo ao ver que Rowin também havia se trocado. Ele vestia uma camiseta preta justa, e o tecido aderia aos bíceps e ao tronco como uma segunda pele. Ela podia ver fios de tinta preta, como espirais de fumaça, cobrindo cada centímetro do pescoço e dos braços expostos.

Quero contornar esses desenhos com a língua.

Ela emitiu um ruído chocado diante do próprio pensamento.

Não, com certeza eu não quero fazer isso.

Rowin a observou, confuso, mas Genevieve evitou o olhar dele quando perguntou:

— Onde devo colocar o vestido?

Ele indicou o guarda-roupa com um gesto do queixo.

— Ali. Eu cuido disso amanhã.

Assim que o vestido foi guardado, Genevieve se afastou do móvel e descobriu que Rowin havia separado o colchão ao meio com uma pilha de travesseiros. Parecia ridículo, considerando o tamanho da cama, mas ela não iria reclamar. Quando ele apagou a vela ao lado e mergulhou os dois num breu quase total, um jorro repentino de adrenalina correu pelas veias dela.

— Não acredito que, depois de tudo, você conseguiu dar um jeito de me levar para a sua cama — resmungou.

Um leve sorriso se insinuou nos lábios dele, embora ela tivesse certeza de que ele estivesse tentando esconder.

— Então, agora a gente só… dorme? — indagou Genevieve quando Rowin levantou a ponta do cobertor do próprio lado.

Ia contra todos os seus instintos se enfiar na cama com ele. Seria muito fácil para Rowin lhe fazer mal. Ela já tinha dormido ao lado de muitos desconhecidos antes, mas nunca sem sua magia. No entanto, sentia-se mais segura ali, na cama dele, do que em qualquer outro lugar naquela casa de monstros.

O olhar de Rowin encontrou o dela.

— Tem mais alguma coisa que queira fazer? O dia de hoje não foi agitado o suficiente?

— Bem, tem uma última coisa que precisamos resolver esta noite, não acha?

— E qual seria? — Rowin inclinou a cabeça com expectativa.

E, antes que pudesse conter as palavras, ela falou sem pensar:

— A consumação do casamento.

Uma breve expressão de surpresa passou pelo semblante dele, logo substituída por outra irritante e presunçosa.

— Achei que você tivesse declarado que só porque somos casados não significa que vamos…

— Não foi *nesse* sentido — corrigiu ela, apressada. — É que… você ouviu Knox mais cedo. Será que ele está nos monitorando esta noite? Esperando algum tipo de prova de que nós…

— Nossos quartos não têm espelhos. Se ele resolver nos espionar, terá que ser cara a cara. E eu iria perceber.

Rowin afastou as cobertas quando Umbra pulou na cama e se enroscou em cima de um de seus travesseiros.

Genevieve fez cara feia diante da ideia de dividir a cama com a criatura e podia jurar que a raposa lhe retribuiu o mesmo olhar.

— Sem mencionar que uma prova seria algo bastante arbitrário, já que qualquer um pode trepar — continuou ele enquanto se esticava ao lado da raposa, apoiando a cabeça nos braços cruzados e fechando os olhos. — É a conexão emocional que garante a ele as apostas para o jogo.

Genevieve apagou a última vela antes de se aconchegar no lado dela da cama.

— Que pena. A conexão emocional é bem mais difícil de fingir.

Pela primeira vez, o pesadelo não começou com fogo.

Genevieve estava em seu vestido de noiva no meio de um lago congelado. Até onde a vista alcançava, havia apenas escuridão acima dela e gelo sob seus pés.

— Gostaria de dançar? — disse uma voz grave atrás dela.

Ela se assustou, virando-se apressada em direção à voz. O som de gelo sendo partido reverberou pela clareira congelante. Pelo canto do olho, ela jurou ter visto uma fissura surgindo pela superfície congelada, mas, assim que avistou o dono da voz, todas as preocupações com o perigo desapareceram.

— Não tivemos uma primeira dança de verdade — disse Rowin ao estender a mão para ela.

Sem hesitar, Genevieve colocou a palma da mão na dele e se deixou conduzir por

uma valsa tranquila sobre o gelo. Ela se aninhou junto ao calor dele conforme rodopiavam, e se impressionou com a desenvoltura do marido. Quando os movimentos dos dois diminuíram para um balançar constante, ela fechou os olhos e encostou o rosto no ombro dele.

— Agradeço por confiar em mim — disse ele, com o retumbar da voz grave vibrando contra a bochecha dela. — Sei que não deve ser fácil depois de tudo o que aconteceu com Farrow.

Ela congelou ao ouvir o nome de Farrow, mas, por algum motivo, não teve vontade de se afastar. Quando ele voltou a falar, algo na mão esquerda dela começou a esquentar de um jeito estranho.

— Embora você devesse ter sido mais cuidadosa ao entregar seu coração — continuou ele.

O anel, percebeu ela. Então abriu os olhos, observando o ponto onde sua mão se unia à dele. O anel de prata horroroso parecia esquentar cinco graus a cada palavra que ele dizia.

Quando ela tentou se afastar, ele acelerou o ritmo de novo e a girou para longe de si.

— Rowin…

Só que, quando ela enfim parou de girar, viu que não era Rowin. De repente, o ar gélido ao seu redor ficou escaldante. O gelo sob os pés começou a rachar ainda mais, formando fissuras parecidas com teias de aranha em todas as direções enquanto ele a puxava de volta para si.

— Você é um deles, *Genevieve — afirmou Farrow enquanto retomava a dança. — Você é um bom passatempo, mas acreditar que eu, ou qualquer outra pessoa de boa família, me casaria com alguém como você não passa de um delírio.*

— Me solte — sibilou ela, firmando os pés no lugar quando interrompeu os giros.

Tentou se desvencilhar dele, mas ele não a soltava, rindo enquanto ela se debatia.

— Me solte! — gritou ela mais uma vez.

— Vou te soltar assim que recuperar o que você me prometeu — declarou Farrow.

E então ele mergulhou a mão dentro do peito dela.

Um grito abafado escapou da boca de Genevieve conforme ele lhe arrancava o coração do corpo e o segurava entre os dois. O sangue vermelho-vivo começou a escorrer pelo corpete enquanto ela olhava boquiaberta para o buraco que ele havia feito dentro do seu peito.

— Por quê? Você nem o quer — revoltou-se ela, tentando recuperar o órgão pulsante.

— É claro que não. Mas também não vou deixar que o ofereça para mais ninguém — retrucou ele, e então a empurrou para longe.

Ela caiu para trás, escorregando no chão e atravessando o gelo enquanto um berro furioso rasgava sua garganta.

Genevieve se sentou de um pulo na cama. Com o peito arfando, tentou recuperar o fôlego. As têmporas estavam pegajosas de suor enquanto ela lutava para se afastar dos cobertores sufocantes enroscados nos braços e nas pernas. Nervosa, olhou ao redor no escuro, demorando um instante para se lembrar de onde estava.

Examinou o lado de Rowin na cama.

Ele estava de costas, com o corpo bem rente à beirada do colchão. Um dos travesseiros estava sobre a cabeça, e ela se perguntou se, mesmo sem perceber, ele teria tentado abafar algum barulho que ela pudesse ter feito durante o sono.

Pelo menos ele não acordou.

O mesmo não podia ser dito a respeito de Umbra.

Genevieve tomou um susto quando enfim avistou a raposa no lugar onde ainda estava encolhida, desperta e atenta aos arredores.

Depois de virar as costas para o Familiar, Genevieve se acomodou no travesseiro, com as cobertas até a cintura, enquanto esperava o corpo esfriar.

Farrow estava enganado sobre uma coisa. Alguém se casou, *sim*, com ela. Mas não foi nada parecido com o casamento que ela havia idealizado.

Quando sentiu os cantos dos olhos arderem, ela apertou os lençóis com força, cerrando os dentes até evitar as lágrimas traiçoeiras. Não iria chorar. Não ali.

Tinha um jogo do Diabo para jogar. E, daquela vez, não iria embora sem vencer.

CAPÍTULO 15



UMA PRESA DOURADA

Genevieve acordou com um leopardo-das-neves pulando sobre a cama. Ela soltou um grito agudo quando fugiu do enorme felino e…

… caiu pela beirada do colchão.

A dor da queda jamais chegou, porque, um segundo antes do impacto, seu corpo inteiro desapareceu.

Ela se transmutou para o estado sólido e foi inundada pelo alívio de sentir que sua magia tinha retornado. Ao erguer a cabeça, avistou os olhos escuros do leopardo espreitando logo acima da beirada da cama, com as orelhas para trás e a cauda balançando de expectativa.

— Safira, *junto*! — ordenou Ellin de algum lugar do cômodo.

Um instante depois, a garota apareceu perto da cama, com uma expressão que não demonstrava tanto arrependimento quanto Genevieve gostaria de ver.

— Você tem o sono pesado — disse Ellin. — Eu não sabia mais o que tentar.

Genevieve se levantou, chutando a roupa de cama que havia escorregado quando caíra.

— O que você tentou antes disso?

Ellin deu de ombros.

— Eu bati na porta.

Genevieve apoiou a mão na cintura.

— Quantas vezes?

— Uma só.

Genevieve a fulminou com o olhar.

— Vai ter que aprender a ficar mais alerta durante a Caçada…

Foi tudo o que Ellin ofereceu em vez de qualquer tipo de pedido de desculpas.

E, infelizmente, ela tinha razão. Genevieve nunca tivera que se preocupar com o seu sono pesado. Sempre que seus instintos pressentiam que estava em perigo, ela havia treinado a si mesma para apenas desaparecer. Tirando a noite anterior, ela em geral nem acordava dos pesadelos. Aturava todos eles até a luz do sol surgir no horizonte ou optava por nem sequer dormir.

Ela bufou e esfregou os olhos, tentando afastar a sonolência que ainda persistia por ter acordado no meio de seu torpor. O quarto ainda estava escuro, sem janelas ou luz natural para lhe indicar que horas seriam. Rowin e Umbra não estavam à vista.

— Que horas são?

— Quatro e meia — respondeu Ellin, depois fez carinho entre as orelhas brancas e felpudas do leopardo.

O felino encheu o quarto com seu ronronar.

— Eu dormi por mais de *doze horas*? — perguntou Genevieve, perplexa. — Por que Rowin não me acordou?

— Ele foi categórico sobre deixar você descansar. Disse que você precisava de mais repouso, já que é mortal e tudo o mais. Para ser sincera, estou surpresa que não tenha acordado quando a banda chegou e Sevin e Covin resolveram se apropriar dos trompetes.

— Eles são trompetistas?

— Não.

Genevieve não conseguiu conter o sorriso.

— Uma parte de mim espera que você consiga mesmo passar da primeira rodada, nem que seja para não me deixar sozinha com esses palermas de novo — resmungou Ellin.

— Estou comovida — disse Genevieve, sem emoção.

Ellin apenas deu um sorrisinho afetado enquanto levantava a mão e fazia um gesto amplo no ar ao redor do quarto. Genevieve observou, maravilhada, as velas nas arandelas se acenderem, acompanhadas pela sensação de um poder crepitante sobre sua pele, como eletricidade estática. Foi uma sensação muito próxima da que tinha experimentado da primeira vez que Rowin abrira a porta da frente de Enchantra.

— Fogo? Todos vocês conseguem fazer isso?

— Luz — corrigiu Ellin. — E não. Eu sou a única Assombração de Luz da família.

Genevieve guardou essa informação para mais tarde.

— E Rowin…

— Rowin, Wells e Remi são Assombrações de Sombra. O poder de cada Assombração tende a variar, já que podemos herdar uma infinidade de coisas de nosso progenitor demoníaco — explicou Ellin, fazendo um gesto de pouco-caso com a mão, como se o assunto fosse tedioso demais. Mas Genevieve se recriminava por não ter aprendido mais sobre eles àquela altura. — Está na hora de começar a se aprontar. O baile de máscaras começa daqui a uma hora e meia, e Rowin pediu que eu ajudasse você a se vestir enquanto ele e os outros ajudam nosso pai a se preparar para a chegada dos convidados. Mas eu também preciso me arrumar, sabe.

Genevieve estava prestes a perguntar por que precisaria de ajuda quando reparou no vestido pendurado na porta do quarto. Era a peça mais rebuscada que já vira na vida, muito mais cheia de detalhes do que seu vestido de noiva, e ainda mais opulenta do que as dos bailes de Mardi Gras de sua cidade natal.

Paciente, Ellin esperou que Genevieve se despisse, ficando apenas de roupa íntima, antes de ajudá-la a entrar no vestido. O corpete era de pura seda dourada, com a estrutura de barbatanas afunilando até a cintura em um corte provocador e elegante, antes de dar lugar às camadas de saias volumosas. Ellin apertou os cordões do espartilho até Genevieve quase não conseguir respirar, mas o visual compensava a falta de oxigênio, com o decote quadrado exibindo uma quantidade escandalosa de seu busto generoso. As alças grossas do corpete amarradas com laços no alto dos ombros eram um detalhe adorável, embora fosse o coração anatômico bordado à mão, feito de diamantes e pérolas brilhantes, o que tornava o vestido uma verdadeira obra-prima.

Pedras preciosas em formato de pera emanavam do centro do coração, espalhando-se pelo corpete e descendo pelas saias, fazendo parecer que o órgão estava explodindo em mil gotas de um sangue preto e cintilante. Genevieve deu uma voltinha, testando a facilidade com que as saias se mexiam. Leves como o ar.

— Ele tinha razão. Você fica *mesmo* linda de dourado — comentou Ellin, com naturalidade, enquanto dava um passo para trás a fim de admirar o vestido.

Genevieve abriu a boca para perguntar quem era *ele*, mas Ellin já havia mudado de assunto.

— Lembre-se: a Caçada tem início à meia-noite. Assim que começar, você existirá apenas para o entretenimento *deles* — alertou Ellin. — Sugiro que desfrute da festa e faça bom proveito do último resquício de diversão que ainda lhe resta.

Genevieve fez uma careta.

Ellin suspirou.

— Acho que Rowin não a preparou de verdade para as consequências de se aventurarem neste jogo juntos… ganhando ou perdendo. Para todos os envolvidos.

— Por causa da sua mãe? Isso tudo é por ela, certo? Para encontrar a cura da Deterioração Carmesim?

— É mais complicado que isso. Mas não é problema seu. Você não faz parte da família de fato.

Genevieve se encolheu como se Ellin a tivesse esbofeteado, mas a garota não pareceu notar. Não era que Genevieve pensasse ou sequer quisesse o contrário, mas achava impossível que palavras como aquelas não a magoassem. Com exceção de Rowin, estava nítido que ela era dispensável para todo mundo ali. Não importava que Sevin a tivesse conduzido ao altar. Que Ellin a houvesse ajudado a se vestir e a defendido dos irmãos. Ou que Barrington tivesse sido tão inflexível em poupar a vida dela. Aprendera por experiência que os imortais tinham o dom de parecer empáticos, até afeiçoados a alguém, quando seus corações eram, na verdade, feitos de pedra impenetrável.

Genevieve imaginava que isso fosse um mecanismo de defesa necessário para quem via tantas vidas e mortes irem e virem em suas existências intermináveis. Ainda assim, era um bom lembrete da razão pela qual ela adorava ser mortal. Ela gostava de sentir todas as coisas dessa maneira intensa. Bem, quase tudo. Sem dúvida poderia viver sem as desilusões amorosas.

— Depois que terminar de se arrumar, meu pai quer que o encontre no gabinete dele — informou Ellin, arrancando Genevieve de seu devaneio. — Mas lembre-se de estar no salão de baile às seis. Knox fica bravo quando alguém se atrasa. Ele gosta de fazer uma entrada triunfal.

Ellin revirou os olhos ao proferir aquela última frase, depois se virou para sair, deixando seu Familiar escapar para o corredor à sua frente.

Ao ficar sozinha, Genevieve avistou, na beirada do colchão, uma caixa de presente prateada que não vira antes, ao lado de um par de luvas que iam até os cotovelos. Um envelope roxo estava sobre a caixa, com o lacre de cera prateado voltado para cima. Ela hesitou.

A última vez que abri uma carta tão tentadora…

Quando enfim pegou o envelope e o virou, percebeu que, daquela vez, estava endereçado a ela. Quer dizer, endereçado à *sra. Silver*.

Genevieve deslizou a unha por baixo da aba para romper o lacre e retirou o pergaminho grosso e preto de dentro. Havia três frases e um nome escritos em uma tinta prateada brilhosa no meio da página.

Seu marido exigiu o dourado. Eu exigi a máscara.

Acho que será bastante apropriada.

Knox

Ela jogou a carta de lado e arrancou a tampa da caixa, revelando a máscara dentro. A sensação de pavor que a invadiu ao ver a peça quase a fez se engasgar.

Uma lebre.

O Diabo a tinha vestido como uma *presa* dourada e reluzente.

Genevieve não esperava se deparar com uma multidão de pessoas ao sair do quarto de Rowin.

Assim que abriu a porta, um grupo de personagens mascarados, todos vestidos com trajes luxuosos, virou-se para ela na mesma hora. Foi sinistro como aquilo a lembrou dos corvos.

Alguém nos fundos exclamou, ofegante:

— *Só pode* ser ela! A noiva.

Estavam todos se atracando com o que pareciam ser espelhos de mão, além de vários coquetéis borbulhantes.

Uma das pessoas, que usava um vestido feito de penas com uma máscara de pavão presa na metade superior do rosto, ergueu seu espelho e pediu:

— Mostre-me a noiva.

Quando a imagem de Genevieve apareceu em tempo real na superfície do espelho, todos ficaram boquiabertos. Inclusive a própria Genevieve.

Um sujeito se adiantou neste momento, pairando sobre ela para a examinar como se fosse um inseto inusitado. Sua máscara era de um azul-cobalto luminoso, a mesma cor do olhar cético e do terno de três peças. Ao contrário da fantasia de lebre dela, ou da máscara de pavão, o tema de seu traje parecia ser… um homem mascarado.

O anel de Rowin começou a esquentar, e ela olhou para o dedo em choque.

— De extraordinário você não parece ter porra nenhuma — zombou o homem de azul.

Genevieve brincou com o anel no dedo.

— Sabe, eu estava pensando a mesmíssima coisa sobre você.

O sujeito pareceu achar graça, cruzando os braços sobre o peito ao inclinar a cabeça para ela.

— Por que deveríamos apostar em você?

Genevieve franziu o lábio, cheia de desdém.

— A pergunta mais pertinente é: por que caralhos eu deveria me importar com isso?

O sorriso dele se estreitou. O anel ficou mais quente.

— Não quer ganhar o prêmio de Favorita? — indagou ele, com uma carranca.

Genevieve deu uma risadinha.

— Por que eu iria querer impressionar um bando de cuzões depravados que não têm nada melhor para fazer do que assistir a uma família se destruindo?

— Nossa, ela é desbocada — opinou alguém com chifres de veado presos à cabeça.

— Achei que Rowington fosse preferir alguém mais… reservado — comentou outro.

Genevieve quase riu. *Ele com certeza iria preferir mesmo.*

— Mortais — desdenhou o homem, revirando os olhos em desprezo. — Acha que algum de nós se importa em ser moralmente superior para considerar qualquer coisa que você disse como um insulto? Se você pudesse viver por tempo o bastante, veria que não existe depravação ou pureza… apenas maneiras criativas de passar o tempo.

Alguns brindes tilintaram ao redor.

— Então é isso que eu vou deixar vocês fazerem — retrucou ela ao tentar passar pelo grupo. — Aproveitem sua existência eterna e irrelevante.

O homem deu um passo à frente para bloquear o caminho. O anel ardia no dedo dela.

Antes que Genevieve pudesse gritar para que saísse dali, ele estendeu a mão e a empurrou contra a parede. Os ombros e a parte inferior das costas dela bateram de forma dolorosa na superfície dura, mas tudo o que ela conseguiu fazer foi respirar fundo, em choque, enquanto tentava recuperar o equilíbrio.

— Cuidado, Cedric — alertou o pavão. — Knox vai te matar se você estragar o jogo dele.

— Você fala como se eu fosse mutilar a noiva — debochou Cedric com um sorriso irônico. — Só quero ver do que ela é capaz numa briga. Tenho a impressão de que a contribuição dela vai ser patética.

Patética. Lá estava aquela palavra de novo. Ela precisou de todas as suas forças para não partir para cima dele.

Em vez disso, saiu de perto sem se exaltar. Não daria esse gostinho àquela gente. Tinha certeza de que, em breve, eles veriam bastante disso no jogo.

— Ei, ainda não tinha terminado com você — gritou Cedric enquanto corria atrás dela. — Escute, talvez a gente tenha começado com o pé esquerdo. Tenho uma oferta para lhe fazer e queria ter certeza de que você não seria uma perda de tempo.

— Não estou interessada — retrucou ela, seguindo em frente sem olhar para ele.

— Não quer ao menos saber o que é? Posso deixar nós dois ricos. Bem, eu já sou rico. Muito *mais* rico, então.

— Se você não for embora, eu vou gritar — ameaçou ela, animada.

— Dá para ficar quieta por um segundo, porra…

— Rowin! — gritou ela. — Tem um homem estranho me incomodando… *mmm!*

Cedric tinha tapado a boca de Genevieve com a mão.

Ela afastou a mandíbula e cravou os dentes na parte sensível entre o polegar e o indicador dele com toda a força.

— Sua *vadiazinha*! — uivou Cedric enquanto tentava se desvencilhar, mas ela apenas mordeu com mais força.

Quando ele por fim conseguiu se soltar, ela se virou pronta para cravar outra mordida.

— Fique longe de mim, ou da próxima vez eu juro que vou roer até chegar ao *osso*.

Conforme se afastava, ela olhou para o anel de Rowin no dedo e passou a ponta do polegar sobre ele. A cada passo que dava, o anel ficava mais frio.

Quando Genevieve chegou ao gabinete de Barrington, faltava menos de uma hora para o baile de máscaras.

O cômodo escuro e iluminado por velas era bastante frio, cheio de correntes de ar. Ela sentiu um calafrio enquanto tentava se adaptar à escuridão. Aromas de madeira, tabaco e livros antigos a alcançaram um momento antes do cheiro amargo de alguma coisa carbonizada.

Os braços dela se arrepiaram diante do poder que sentia fluindo para dentro do cômodo, vindo de algum lugar nos fundos. Ao esquadrinhar as estantes atrás da mesa no meio do gabinete, ela encontrou a fonte daquela energia estranha. Um portal

enorme e sem fundo.

A superfície do portal parecia estar ondulando, como uma poça vertical de água escura. Genevieve se viu tão arrebatada e perturbada pelo abismo misterioso que só percebeu a presença de Barrington depois que ele pigarreou.

— Genevieve — saudou ele com delicadeza, parado junto de uma das estantes. — Venha. Sente-se.

Ela caminhou até uma poltrona de couro na frente da escrivaninha, empoleirou-se no braço do móvel e deixou o vestido cair com cuidado pela lateral. Não queria amassar muito o tecido.

— Você está maravilhosa — elogiou ele, mas havia uma tristeza inconfundível em seu tom. — Tem os olhos da Tessie. Bem, os olhos que ela tinha quando a conheci, pelo menos.

Assim que os Necromantes completavam o ritual para herdar sua magia, o azul-celeste quente dos olhos das mulheres da família adquiria um tom gélido. Azul Grimm.

Sendo a irmã mais nova de Ophelia, Genevieve nunca precisou se preocupar em assumir as íris assombrosas que ela sempre vira na mãe. O azul Grimm não combinava tão bem com sua pele ou seu cabelo como combinava com os de Ophie.

— Também tem a determinação de sua mãe — continuou Barrington, trazendo a atenção dela de volta.

— Ophelia chamaria de teimosia — murmurou Genevieve.

Barrington tentou sorrir, mas o gesto pareceu quase doloroso.

Silêncio.

— O que aconteceu? — perguntou ele por fim, com a voz embargada.

Embora suas próprias perguntas estivessem quase explodindo na garganta, Genevieve sabia que era justo começar pelas dele.

— Foi por causa do meu pai. Descobrimos que ele foi competir em Phantasma de novo, e havia uma fase chamada Farsa. A consequência para quem perdia era matar a pessoa que o participante mais amava, e ele…

Barrington apertou os braços da própria cadeira com força, quase sem conseguir conter a própria fúria quando grunhiu:

— Ele ainda está vivo? Gabriel?

— Ophelia e eu não temos certeza. E nenhuma de nós quer continuar procurando a esta altura…

— Eu o encontrarei — declarou Barrington, fervilhando de raiva. — Sempre soube que aquele desgraçado seria o fim dela. Tessie *jamais* deveria ter entrado em Phantasma. Foi por isso que nós…

Ele se interrompeu, comprimindo os lábios.

— Conte para mim — implorou Genevieve. — Tudo. Eu quero saber, *preciso* saber, o que aconteceu para ela ser do jeito que era. Por que ela nunca…

Me amou?

Não, isso não era verdade. Tessie Grimm sem dúvida amara as duas filhas. À própria maneira.

Talvez fosse apenas o fato de que eu poderia ter me tornado qualquer pessoa, qualquer coisa, e mesmo assim ela não sentiria por mim o que sentia pela Ophie. Isso era mais próximo da verdade.

— Eu vim para cá porque estava procurando outra família como a minha — revelou ela. — Eu pensei… Esperava que o senhor fosse um Necromante. E, se tivesse filhos, pelo menos dois, eu poderia encontrar alguém que se sentisse tão perdido quanto eu. Minha mãe não me contou *nada*. Ela era muito rigorosa com Ophelia, porém desinteressada demais em relação a mim. Agora que ela se foi, tem sido difícil para nós duas nos recompormos.

Barrington ficou em silêncio por um bom tempo. Por fim, explicou:

— Tessie e eu nos conhecemos quando eu estava fazendo um serviço para Knox. Eu precisava do sangue de um Necromante.

O coração de Genevieve acelerou. Até que enfim ela estava prestes a descobrir algo sobre o passado da mãe.

— Eu estava em Nova Orleans quando Knox me incumbiu da tarefa, e tinha ouvido falar da família Grimm por meio de um conhecido em comum. Sua mãe ainda não havia recebido a própria magia, mas era a linhagem dela que importava. E ela ficou feliz em ajudar. Creio que sua avó teria ficado furiosa ao saber que ela estava ajudando o Familiar de um Diabo. Mas Tessie era rebelde e impulsiva.

Genevieve ficou surpresa com a definição.

— Minha mãe? Rebelde e impulsiva?

Barrington assentiu.

— É verdade. Foi por isso que nos demos tão bem, ainda mais no começo. Logo nos tornamos amigos próximos. Existe uma década inteira de aventuras da qual não temos tempo para falar. Depois da Caçada, talvez. Por ora, por que não faz suas

perguntas mais urgentes?

— O que causou o desentendimento entre vocês? *Por que* ela entrou em Phantasma? O senhor sabe alguma coisa sobre o medalhão que ela usava? Vi que já usou um igual ao dela.

Genevieve enfiou a mão na dobra oculta do vestido e retirou a foto. Barrington engoliu em seco quando a pegou, as pontas dos dedos mal tocando a borda do papel delicado, como se pudesse destruir sem querer a única prova de que a amizade dos dois um dia existiu.

— Esta foi a última foto que tiramos juntos — sussurrou ele. — Nosso desentendimento começou porque ela queria ir para Phantasma. O treinamento em Necromancia estava quase completo, mas ela ainda não havia recebido sua magia. Mesmo assim, insistiu em participar daquela competição maldita. Como eu disse, a Tessie que eu conhecia podia ser impulsiva. Mas, depois que ela recebeu a magia… e o medalhão… não me surpreende que tenha mudado.

— Sabe por que o medalhão dela era tão especial? O seu também era? E por que não o usa mais?

— O que eu usava não era especial. Pelo menos não como o da sua mãe. O que você sabe sobre Cadeados da Alma?

— Cadeados da Alma? — repetiu Genevieve, sentindo o gosto do nome na boca pela primeira vez.

— São artefatos encantados feitos para coletar e conter almas. Apenas alguns seres sabem como forjar esses dispositivos. O encantamento pode ser colocado em qualquer tipo de objeto, embora medalhões sejam usados com bastante frequência. O que eu estava usando na fotografia tinha sido emprestado por Knox enquanto eu terminava um serviço para ele. Mas o da sua mãe era muito diferente. Estava envolto em uma magia que eu nunca tinha visto, e sua mãe tinha certeza de que abrigava algo incrivelmente poderoso, algo desastroso.

— Desastroso *como*? — insistiu Genevieve.

Barrington deu de ombros.

— Nada que ela conseguisse explicar… era mais uma sensação. Ela mencionou que sua avó sentira o mesmo. Não me surpreende que tenha se tornado rigorosa com Ophelia, a fim de preparar sua irmã para carregar aquele fardo. Uma *grande responsabilidade*, era como ela se referia a ele. Na última vez que a vi, mesmo estando prestes a participar de Phantasma, ela ficava falando sobre como teria que agir de

maneira muito deliberada com a primeira filha. Como a treinaria para o dia em que assumisse o medalhão.

Genevieve, claro, sabia o que acontecera com Ophelia e o medalhão. Como ele levara ao legado da irmã. Ao destino dela. Não descreveria isso como *desastroso*.

Ou talvez tivesse sido, pelos padrões da mãe. Libertar o Príncipe dos Diabos devia ser desastroso para os padrões da maioria das pessoas.

Essas pessoas, porém, não conheciam Salem. Ou pelo menos não tinham a afeição dele.

— Sua mãe te amava, Genevieve — retomou Barrington, após um tempo. — Posso afirmar isso com toda a certeza. Se ela a negligenciou, foi por causa de algo que a atormentava desde muito antes de você nascer.

Genevieve olhou para as mãos enquanto assentia em silêncio.

— Mas isso não significa que você não tenha o direito de ficar brava com ela por causa disso agora — acrescentou ele. — Mesmo que ela tenha falecido. Você tem o direito de sentir essa raiva.

O olhar de Genevieve se voltou para ele.

— Às vezes, os pais cometem erros terríveis. E não há nada que possamos fazer para resolver isso — sussurrou ele. — Só nos cabe deixar vocês ficarem com raiva pelo tempo que precisarem.

— Obrigada — disse ela, e foi sincera.

Não precisava da permissão dele para sentir o que sentia, mas ainda assim foi agradável ouvir aquilo.

— Meus filhos não vão pegar leve com você na Caçada — alertou ele, mudando de assunto. — Mas vejo muito de Tessie em você. E sei que você e Rowin podem vencer. Mas precisa confiar nele. Não deixe que os outros a influenciem. Precisa tomar cuidado com Grave. Ele tem força bruta e determinação. Covin também. Remi e Wells são discretos, porém astutos. Ellin não é impiedosa, mas não desiste fácil… fique de olho nela até o final. E Sevin… Sevin é imprevisível.

Genevieve tentou memorizar todas as informações antes de se levantar e se dirigir à porta. Pouco antes de sair, ela parou e olhou para trás.

— O senhor alguma vez pensou em ir atrás da minha mãe?

— Pensei.

— Por que não foi?

Silêncio.

Então ele disse:

— Às vezes, eu acho melhor não correr atrás das coisas. Às vezes, tudo o que podemos fazer é deixar elas partirem e torcer para que voltem por conta própria.

Enquanto se distanciava do silêncio lúgubre do gabinete, Genevieve soube que aquilo jamais bastaria para ela. Sempre iria querer ser encontrada. Não importava quantas vezes fugisse.

VOCÊ ESTÁ CORDIALMENTE CONVIDADO PARA O BAILE DE MÁSCARAS ANUAL DE KNOX

A Boca do Inferno abre às seis horas em ponto na noite do equinócio de primavera e fecha à meia-noite e cinco. Qualquer um que permanecer em Enchantra após esse prazo será morto de imediato.

A CAÇADA

Todas as apostas começam em mil Moedas da Alma. Todas as apostas para o Campeão, Primeiro Caçador e Primeiro Eliminado devem ser feitas antes da meia-noite no Baile de Máscaras. Todas as apostas para os Dois Finalistas, Mais Mortes e Favorito são flexíveis até que restem menos de quatro jogadores. O Favorito será anunciado logo antes do Combate Final. Assim que a Faca de Caça escolher o Caçador no início de cada Rodada, o Caçador escolherá qual versão do jogo deseja jogar. As horas de segurança começam doze horas depois. Todo o monitoramento será feito por meio dos espelhos de observação unilaterais fornecidos com este convite. Os espelhos devem ser devolvidos à propriedade Knoxium após o término da Caçada.

CATEGORIAS DE APOSTAS

Campeão	Dois Finalistas
Primeiro Caçador	Mais Mortes
Primeiro Eliminado	Favorito

OS JOGADORES

Atual campeão: Rowington Silver

Gravington Silver
Covington Silver
Remington Silver
Sevington Silver
Wellington Silver
Ellington Silver

A NOIVA

Conforme prometido, a Caçada deste ano conta com uma surpresa muito especial. Rowington Silver e Genevieve Grimm se casaram, e ela será a parceira dele na Caçada. Todas as apostas feitas no casal serão, portanto, dobradas. Ajuste suas estratégias. Se Rowington conseguir sua décima sexta vitória consecutiva, esta será sua última Caçada. É bom lembrar que, na ocasião mais recente em que um dos nossos caros irmãos Silver tentou a cartada do casamento, as coisas não terminaram muito bem, não é?

NOITE DO EQUINÓCIO DE PRIMAVERA

CAPÍTULO 16



BAILE DE MÁSCARAS

Enchantra estava deslumbrante.

Quando os sinos ressoaram as seis badaladas, Genevieve entrou no salão de baile com o queixo caído de admiração. O espaço estava repleto de globos flutuantes de luz que pareciam vaga-lumes cintilantes, realçados pelos enormes espelhos de moldura dourada em cada canto do salão que faziam as luzes parecerem infinitas. Muito acima de sua cabeça, faixas de seda se estendiam das extremidades do teto do salão e se reuniam em um único ponto no centro, onde havia uma esfera de orbes brilhantes.

Convidados mascarados se debruçavam sobre a galeria, observando aqueles que já dançavam abaixo e soltando risadas altas e embriagadas. A pista de dança estava lotada de seres animados, e todos pararam de fofocar e beber para observar a passagem dela. Uma orquestra tocava uma valsa luminosa, com as melodias flutuando no ar feito bolhas de champanhe, como o líquido que Genevieve via fluindo numa cascata do outro lado do salão. Ela foi direto até a bebida, ansiando pelo êxtase que sabia estar no fundo de algumas taças do vinho dourado e efervescente. Em geral, pararia depois de uma ou duas taças, mas sabia que deveria seguir o conselho de Ellin para se divertir naquela noite.

Além do mais, havia poucas coisas em que ela se saía melhor do que aproveitar uma boa festa.

— Vai se foder, Sevington Silver, *não* é isso — protestou Ellin assim que Genevieve virava sua primeira taça e enfiava um morango maduro na boca.

O olhar de Genevieve se voltou para onde Ellin, Sevin e Covin estavam reunidos, a poucos metros de distância. Os trajes deles eram, sem surpresa, tão elaborados quanto os dela, se não mais. A máscara de Sevin imitava um lobo prateado. A de Covin, uma

serpente impressionante, com escamas vermelhas do mesmo tom dos olhos dele e de Sevin. E a máscara de Ellin era…

— Vejam só, bem na hora! Uma opinião imparcial de terceiros — observou Sevin quando avistou Genevieve, sem o pirulito que em geral pendia de seus lábios.

Sevin a chamou com um movimento dos dedos.

Genevieve pegou mais duas taças de champanhe antes de se aproximar.

— Pois não? — perguntou, curiosa.

Covin soltou um assobio baixo enquanto a examinava da cabeça aos pés.

— Você está mesmo *deslumbrante*, coelhinha.

— Cuidado, Covin. Apesar do disfarce adorável, ouvi boatos de que nossa nova irmã morde — alertou Sevin, arrastando as palavras.

— Os boatos, como sempre, são verdadeiros — confirmou Genevieve antes de tomar mais um gole da taça.

— Sorte do Rowin — murmurou Covin com um sorriso malicioso, e um murmúrio repentino de cochichos soou às costas de Genevieve.

A atenção dela se voltou para os três espectadores logo atrás, todos vestidos como cisnes e segurando espelhos iguais aos do grupo diante do quarto de Rowin. As palavras "Rowin", "noiva" e "mordidas" se sobressaíram do burburinho enquanto olhavam para ela e para os espelhos nas mãos.

— Não deixam passar nada — lembrou Ellin baixinho.

Genevieve tomou um gole maior.

— Precisamos que você resolva uma questão — disse Covin a Genevieve. — O que acha que a máscara de Ellin representa?

Genevieve não conseguia identificar do que se tratava. Havia um contraste gritante entre o trabalho artesanal da máscara e o do maravilhoso vestido de gala prateado que Ellin usava. Era algum tipo de animal, isso era evidente. Uma criatura que só poderia ser descrita como algo entre um urso transtornado e um gato doméstico.

— Ela mesma fez, caso não tenha percebido — comentou Sevin após um tempo, tentando esconder um sorriso debochado atrás do punho enquanto fingia tossir.

— Era para ser Safira, e vocês dois sabem disso — sibilou Ellin. — Que Inferno! E eu não posso ter um hobby? Algo diferente dos de vocês: trepar, brigar ou cair na farra?

— Talvez devesse reconsiderar sua escolha por artesanato — sugeriu Sevin, devagar.

— Onde Wells se meteu? — resmungou Ellin.

— Nana-nina-não, você conhece as regras: irmãos gêmeos não têm voto decisivo — declarou Covin.

Ellin foi embora pisando duro mesmo assim.

Genevieve arqueou as sobrancelhas.

— Espere aí, Ellin e Wells são…

— Isso mesmo — confirmou Sevin antes que ela pudesse dizer a palavra "gêmeos". Ela demorou um instante para perceber que ele só a interrompera porque a pergunta soaria suspeita para qualquer convidado que estivesse bisbilhotando a conversa. — Bom, vou procurar alguns vampiros. Estou sem pirulitos.

Enquanto ele se afastava, Genevieve ficou inquieta por ter sido deixada sozinha com Covin, que a encarou com seu olhar carmim e perguntou:

— Então… Já tem um favorito entre meus irmãos?

— Qualquer um que esteja longe de mim — respondeu ela.

Covin deu um sorrisinho.

— Pelo menos tem senso de humor.

Antes que Genevieve pudesse dizer qualquer outra coisa, alguém chamou o nome de Covin, e ele lhe deu as costas sem nem se despedir.

As boas maneiras devem ser uma arte esquecida no Inferno, pensou ela conforme esvaziava rapidinho as duas taças e se livrava delas na bandeja de um garçom. Em seguida, foi até a cascata de champanhe encher outra taça antes de voltar para o salão e procurar por entre os convidados.

Onde ele está?

— Está procurando alguém?

Genevieve se virou e encontrou o rosto que tanto buscava, mas não o homem.

Remi vestia um terno dourado, com as mangas dobradas até os cotovelos. Apesar da máscara de raposa, ela sabia que era Remi, e não Rowin, tanto pela ausência de piercings quanto por sua aparência mais desleixada. O cabelo de Rowin estava sempre desgrenhado de uma forma bastante proposital, cada detalhe de suas roupas era pensado e refinado, muito semelhante ao estilo dela. Por outro lado, estava na cara que o cabelo de Remi havia sido penteado com os dedos, e a camisa estava em parte desabotoada, sem abotoaduras nem plastrão.

— Quer dançar? — ofereceu Remi, estendendo a mão.

Genevieve hesitou ao relembrar do pesadelo da noite anterior. Por instinto,

procurou o anel na mão esquerda. Quando as pontas dos dedos roçaram no metal frio e texturizado, ela olhou para baixo, surpresa, e encontrou o sinete de Rowin.

Havia se acostumado a ter um anel ali, e, pelo jeito, também se acostumara a sentir falta dele. Pelo menos voltara a ter algo com que se ocupar quando estivesse inquieta. De quebra, a frieza do anel também lhe dizia que as intenções de Remi deviam ser inocentes o bastante.

— Algo errado? — perguntou Remi.

Genevieve negou com a cabeça e por fim aceitou a mão dele, deixando que a conduzisse para a pista de dança enquanto afastava da mente as imagens daquele sonho horrível. Remi a guiou em uma valsa simples e rodopiante em torno dos outros casais, e ela achou irônico que tivesse chegado àquele país ansiando por um momento igualzinho àquele. Um pretendente bonito que a faria dançar até não aguentar mais antes de levá-la para uma escapada romântica em um canto escondido de um salão dourado.

No entanto, Enchantra não era propensa a romances. Apenas a jogos implacáveis.

— Sinto muito — disse ele. — Por essa situação toda.

Ela olhou para a multidão de curiosos, para os espelhos mágicos em suas mãos.

— Não sei do que está falando, Remi. Sou a esposa de Rowin. Eu não preferiria estar em nenhum outro lugar.

— Verdade?

Genevieve ergueu o olhar para ele.

— Por que está falando comigo, Remi?

— Eu não posso conversar com você? — perguntou ele enquanto a girava com habilidade com uma das mãos.

— Faça o que achar melhor. Mas, depois do nosso primeiro encontro, pensei que você não fosse *querer* fazer isso — comentou ela em pleno rodopio.

E, então, por cima do ombro dele, avistou o homem que estava *de fato* procurando.

Rowin era como uma lâmina de escuridão cruzando o salão de baile. Conforme ele vasculhava a multidão, Genevieve avistou o coração bordado em tons de ouro sobre o peito esquerdo do paletó dele, no mesmo estilo dos detalhes do próprio vestido, e fez um som de escárnio diante da conotação.

Um coração de ouro? Faça-me o favor.

Mesmo sob a máscara de raposa de ônix, ela percebeu quando o olhar de Rowin os avistou ali. Mas não se aproximou, como ela esperava que fizesse. Apenas cruzou os

braços e apoiou o ombro em um dos pilares da galeria no fundo do salão, observando a dança da esposa com o irmão gêmeo dele.

— Você teria ficado feliz ao conhecer alguém que logo teria que ver morrer? — murmurou Remi, trazendo o foco dela de volta à conversa.

— Você sempre pode tentar *não* me matar — retrucou ela com doçura.

— Não existe piedade na Caçada — alertou ele. — Mas isso não significa que eu não fique um pouco triste por você.

Genevieve interrompeu a dança e soltou a mão dele.

— Se está dizendo que tem *pena* de mim…

— Você não teria pena de um rato preso em uma ratoeira? — questionou Remi, mas a expressão ainda irradiava a apatia habitual.

— Pode guardar sua pena para si mesmo.

Remi tinha aberto a boca para acrescentar alguma coisa quando uma voz grave interveio:

— Acho que é minha vez de dançar com minha esposa.

Os dois viraram a cabeça para Rowin ao mesmo tempo. Genevieve ficou chocada diante do alívio que sentiu com a presença dele.

Remi apontou para Genevieve e disse:

— Ela é toda sua.

Rowin trocou um olhar insondável com o irmão ao puxar Genevieve para seus braços e a levar para longe. Rowin a apertou com força contra o corpo, e a música se transformou em algo encantador, com o ritmo aumentando devagar à medida que percorriam o salão.

O mundo em torno deles aos poucos se tornou um borrão de cores conforme Genevieve o acompanhava de forma instintiva, com a mente muito longe dali.

— O que ele disse para você? — quis saber Rowin, seu tom cortante atravessando os pensamentos dela.

Genevieve piscou e ergueu os olhos para ele antes de esquadrinhar a pista de dança. Todos os outros casais tinham parado para observar os dois.

— Não foi nada — respondeu ela, por fim.

Ele a encarou com uma expressão severa.

— Se ele a aborreceu, acho importante se lembrar de que, como seu marido, é meu *dever* defender a sua honra.

Em outras palavras, a percepção de que ele defenderia a esposa em apuros era

muito importante para o público. Só que Genevieve não estava interessada em criar mais uma narrativa falsa a partir de sentimentos tão reais. Não com o peso de tantos olhares sobre ela.

Ela se afastou quando a música chegou ao fim.

— Preciso de outra bebida.

Rowin suspirou ao segurar a mão dela e a puxar para fora da pista de dança. Os convidados se afastaram sem hesitação conforme ele a guiava ao local onde estavam as bebidas. Quando ele foi buscar uma taça de champanhe, um grupo de espectadores mascarados o saudou com entusiasmo, e Genevieve observou uma mulher piscar para ele de forma descarada enquanto ele se retirava da conversa e retornava para a esposa.

— Acho que você tem uma admiradora — cochichou Genevieve, ignorando o formigamento repentino na pele.

— Uma de muitas — afirmou ele sem nem olhar para trás.

Genevieve estalou a língua.

— Elas devem estar muito decepcionadas com nosso casamento.

Rowin deu um sorrisinho sarcástico.

— Claro. Afinal, os seres do Inferno têm o maior respeito pela santidade dos votos matrimoniais, não é?

Bem observado. Por falar nisso…

— Para um baile oferecido por um Diabo, com certeza eu esperava mais devassidão.

Assim que disse essas palavras, levou a taça aos lábios, dando o exemplo.

— Cuidado com o que deseja — advertiu Rowin enquanto a observava terminar a bebida. — Nosso anfitrião degenerado ainda não chegou…

Como se fosse combinado, todas as velas do salão se apagaram ao mesmo tempo. A música ao fundo começou a ganhar um tom mais sinistro, e Genevieve se preparou para a aparição do Diabo.

Em Phantasma, ela já tivera que lidar com uma quantidade suficiente de Diabos, mas era impossível se acostumar a dividir o ambiente com um ser daquele tipo. Eles pareciam ocupar um espaço absurdo onde quer que estivessem, como se seu poder sugasse o ar do cômodo. Um aviso de que, por mais que aparentassem ser benevolentes, ainda podiam destruir alguém só com a força do pensamento.

— Bem-vindos, ilustres convidados — anunciou a voz crepitante de Knox, ecoando pelo espaço silenciado, vinda de algum lugar que ela não conseguia ver. —

Como sempre, quero agradecer àqueles que fazem do meu baile de máscaras sua única excursão anual a este plano linear do Outro Lado.

Houve um breve clarão; em seguida, os globos tornaram a se acender, dessa vez com um brilho vermelho-escuro. Genevieve observou com um fascínio arrebatado a transformação do ambiente. As mesas ao redor da pista de dança foram substituídas por camas com cabeceiras espelhadas, cercadas por cortinas diáfanas para dar uma tênue ilusão de privacidade. Bolas feitas de pedaços minúsculos de espelhos avermelhados começaram a girar no teto acima, entre os globos escarlates, espalhando pontos de luz piscante por todas as direções. As cortinas antes amarradas caíram sobre as janelas com um barulho pesado, bloqueando o luar e mergulhando tudo em uma escuridão sórdida, enquanto os violinos da orquestra assumiam um tom sensual.

Coisas que surgiam do nada não eram novidade para Genevieve, ainda mais depois de passar um tempo com Salem. Contudo, a maneira como Enchantra passara de uma celebração resplandecente para um evento frenético bem diante de seus olhos foi *eletrizante*. Talvez graças a todo o champanhe que corria em seu organismo, enchendo as veias de puro êxtase, mas ela preferiu não se preocupar muito com aquilo.

Ela viu quando pares, trios, *quartetos* se dirigiram para as camas. Alguns nem chegaram tão longe, deitando-se ali no chão mesmo. A pele dela se arrepiou ao som dos gemidos se juntando à orquestra. Ninguém jamais a havia tocado de forma tão desinibida, mas naquele momento ela percebeu que *ansiava* por isso. Uma cortesia da bebida em seu sangue, tinha certeza.

No mesmo instante, um garçom passou por ela, equilibrando uma bandeja de coquetéis cintilantes cor-de-rosa, e uma necessidade instantânea de ingerir o líquido naquelas taças a invadiu.

— *Genevieve, espere* — ordenou Rowin.

Ela não obedeceu, abrindo caminho pelos convidados mascarados até o garçom feito uma mariposa perseguindo uma chama.

A voz de Knox começou a ribombar pelo salão outra vez.

— Em geral, começamos nossa noite em Enchantra com um brinde a toda a família Silver por mais um ano de entretenimento com a Caçada. Esta noite, porém, é meu prazer enfim apresentar um acréscimo muito especial ao jogo deste ano.

Genevieve mal prestava atenção nas palavras do Diabo. Apenas fez sinal para o garçom e surrupiou com avidez um dos coquetéis rosados da bandeja.

— Pela primeira vez, a Caçada tem uma equipe de dois indivíduos. Nosso atual

campeão se casou de forma inesperada com uma adorável *mortalzinha*. E eu sei que todos vocês estavam loucos para conhecer a noiva.

O salão começou a fervilhar com cochichos, e Genevieve riu conforme encostava a borda fria da taça nos lábios. A bebida ácida tinha gosto de frutas cítricas e frutas vermelhas.

Que delícia.

— Com vocês — declarou o Diabo, a voz ainda flutuando de um jeito ambíguo, vinda de algum lugar distante —, a sra. Rowington Silver em pessoa…

Uma figura alta se materializou diante de Genevieve, com um grande holofote irrompendo no alto. Ela se assustou e derramou o líquido rosa no vestido e nos ladrilhos de mármore aos seus pés. O anel de Rowin parecia lava derretida em seu dedo.

— *Porra!* — exclamou ela para a própria mão enquanto tentava enxergar através da luz forte que vinha de cima.

— Que boca suja — ronronou Knox. — Não se preocupe, eu cuido disso.

Ele estalou os dedos e a mancha, assim como o líquido, desapareceu na hora.

— Eu queria a bebida — reclamou ela.

— Tenho algo melhor — disse ele, estalando os dedos de novo. — Experimente esta.

Uma taça de um líquido roxo borbulhante surgiu na mão de Knox. Os instintos de Genevieve gritavam para que rejeitasse a oferta, desse as costas e voltasse para Rowin. Sua primeira reação quando se tratava de Diabos sempre seria fugir. Mas talvez fosse a bebida já em seu organismo que a tivesse deixado louca para experimentar.

— O que é isto? — perguntou ela ao aceitar a taça e a cheirar.

— Fruta da paixão — afirmou ele. — Minha favorita.

— Eu nunca experimentei.

— Vá em frente, então. Só um gole.

Genevieve estreitou os olhos.

— Eu *insisto* — reiterou Knox.

Ela bebeu.

Maravilhoso.

Knox estalou a língua quando ela estava prestes a tomar o resto.

— Não, não, não. Temos que fazer um brinde aos seus companheiros de jogo.

Ele apontou para trás dela com o queixo, e ela girou o corpo para ver Barrington

conduzindo a família, sem Rowin, na direção do círculo de luz. Todos os rostos estavam inexpressivos, tendendo à apatia, exceto o de Sevin, que parecia achar graça da bebida na mão dela.

Genevieve abriu a boca para perguntar onde Rowin estava, dominada por uma necessidade repentina de vê-lo, mas, antes que pudesse proferir as palavras, sentiu o calor estático da presença dele.

— Vá andando — disse ele em seu ouvido enquanto a guiava até o restante da família.

Num piscar de olhos, taças de champanhe apareceram nas mãos de todos os convidados. Knox anunciou:

— Proponho um brinde a mais uma temporada animada da Caçada e a um ano de saúde para a querida Vira.

Ao ouvir o nome da mãe, Grave estilhaçou a taça no punho, espalhando sangue escuro e bebida espumante no chão, ao que Ellin se aproximou para confortar o irmão. Remi e Wells nem se deram ao trabalho de espiar a cena. Já Sevin e Covin trocaram olhares carregados.

Knox ergueu a taça e, por todo o salão, os convidados repetiram o gesto. O tilintar dos brindes ecoou pelo ambiente enquanto cada integrante da família Silver tomava o gole cerimonial do champanhe. Menos Grave, que já se afastava, furioso, do círculo iluminado.

Genevieve inclinou a própria taça e a esvaziou de um gole só.

Depois de lamber a última gota dos lábios, ela piscou e olhou para Rowin, só então percebendo que ele estava fervilhando de raiva ao seu lado. Franziu a testa para ele, de forma interrogativa, enquanto investigava o que poderia estar errado, mas não havia um fio de cabelo fora do lugar. Até o champanhe na mão dele parecia uma delícia…

Só que não era mais champanhe. Era o mesmo líquido roxo vibrante que Knox dera a ela.

— O que houve, Rowin? Não gosta do sabor da fruta da paixão? — debochou Knox. — Eu só queria ter certeza de que você e sua noiva iriam se divertir hoje. Afinal, a lua de mel vai acabar assim que o relógio bater meia-noite.

Genevieve sentiu a cabeça girar, sem entender as insinuações do Diabo. Rowin empurrou o coquetel pela metade para um garçom antes de, sem cerimônia, enlaçar Genevieve pela cintura e se afastar com ela pela pista de dança, rumo ao perímetro externo do salão.

— Você está bem? — perguntou ela.

Rowin aparentava estar sentindo alguma dor física.

— Estou ótimo — retrucou ele.

Não soou nem um pouco convincente, mas ele apenas a segurou com mais força e continuou andando.

Dava para ela sentir os músculos contraídos no bíceps dele, ao qual se agarrava como uma tábua de salvação enquanto tentava não tropeçar. Antes que pudesse se conter, ela deu uma apertadinha. Rowin interrompeu o passo com o susto e logo voltou os olhos para os dela. A música tinha começado a se transformar em algo muito mais… íntimo, e ela se viu cada vez mais colada ao corpo dele conforme os passos dos dois diminuíam para acompanhar. De repente, cada centímetro da pele dela pareceu quente demais, e Genevieve teve o desejo primitivo de arrancar a armação sufocante do vestido ali mesmo. Os dentes começaram a incomodar e a boca salivava por algo indecifrável, mas cujo contorno lembrava perigosamente o nome dele.

O desejo vinha de algum lugar profundo dentro dela, espalhando-se por suas veias até tomar conta de todo o seu corpo e ela mal conseguir pensar em outra coisa além *dele*.

— Você precisa resistir — implorou Rowin, com a voz carregada de… tesão?

Não podia ser isso, e, ainda assim, quando ela observou os olhos dele, viu que as pupilas tinham engolido quase por completo o ouro de suas íris.

— *Nós* precisamos resistir — reformulou ele, com os dentes cerrados.

Quando Genevieve viu a força com que ele travava a mandíbula, o esforço para manter a respiração estável no peito, soube que não era a única prestes a perder a cabeça.

— Eu não quero resistir.

— Caralho — sibilou ele. — Nem eu.

CAPÍTULO 17



RELAÇÕES ESCANDALOSAS

Genevieve não ofereceu a menor resistência quando Rowin os conduziu para as sombras de um recanto escondido sob a grande escadaria. No segundo em que ele a pressionou contra a parede, não havia nenhum protesto nos lábios dela, apenas um gemido queixoso enquanto a pele nua ansiava pelo toque dele.

O grunhido que ele deu em resposta a encheu de uma carência desesperada, fazendo seus mamilos endurecerem a ponto de doer sob o espartilho. As mãos dele desciam pelos seus braços, puxando as luvas e as jogando no chão antes de deslizarem pelas curvas do quadril. Os dedos dele subiram pelo corpete, explorando, até que os polegares roçaram de um jeito delicioso sobre o tecido que cobria os bicos intumescidos, ávidos por atenção. Genevieve empurrou o quadril para a frente de forma involuntária, esfregando-se em Rowin e arrancando um grunhido baixo de prazer da garganta dele.

Um momento depois, outra coisa começou a acariciar a pele de Genevieve, emaranhando-se nos cabelos dela. Algo fresco e leve como uma pluma que vibrava com poder. As sombras dele.

Os olhos dela se fecharam com força quando um dos tentáculos envolveu de leve seu pescoço enquanto os lábios quentes dele se arrastavam pela parte inferior de sua mandíbula, provocando-lhe um arrepio na espinha.

Isso, bem assim. Era disso que eu estava precisando. Prazer. Paixão. Sexo.

As mãos dela não eram nada comparadas ao calor das dele, à força, à maneira como elas…

… desapareceram de repente.

Genevieve resmungou em protesto. Ao abrir os olhos, viu as sombras dele se

dissolverem ao redor dos dois enquanto ele reajustava a máscara sobre o rosto. O peito de ambos arfava com a respiração ofegante de tanto desejo reprimido.

— Por que parou? — reclamou ela, com a voz irreconhecível, carregada de tesão. — Não me importo que as pessoas vejam.

— Não vamos entrar no jogo dele — retrucou Rowin enquanto começava a se afastar.

— Como assim? Achei que era isso mesmo que tínhamos que…

— Não estou falando da Caçada. Mas *disto aqui*. Ele nos drogou. A fruta da paixão. Se a gente ceder, pode levar *horas* até que a magia nos deixe parar.

Genevieve sabia que não tinha sido a intenção dele fazer a ideia de ficarem atracados por tanto tempo, no auge da paixão, soar tão atraente.

— Então você consegue durar horas na cama? — questionou ela. — É isso que está tentando dizer?

— Puta merda — sibilou Rowin, revirando os olhos para o teto, como se rogasse a um poder superior que lhe desse a força de vontade que ela não tinha. Quando lhe dirigiu a atenção, ordenou: — Fique longe de Knox e das bebidas. *E não venha atrás de mim*.

Num piscar de olhos, ele se misturou às sombras e desapareceu de vista. Se ela achava que o vínculo de desejo que a prendia a ele iria se romper de imediato, estava muitíssimo enganada. Na verdade, só pareceu *piorar*. A urgência de ir atrás dele era tão intensa que ela achou que poderia enlouquecer.

Após ajeitar o vestido, ela retornou à festa. Nos breves instantes em que estiveram distraídos, o calor do baile havia se intensificado. E, por calor, ela se referia aos sons de prazer vindos de trás das finas cortinas das camas e dos casais se agarrando na pista de dança. Tudo só aumentava a tortura do próprio desejo frustrado.

Enquanto examinava a multidão em busca de Rowin, avistou vários dos irmãos dele em posições comprometedoras. Covin estava deitado de costas em uma das camas, com as cortinas escancaradas, enquanto duas mulheres se inclinavam sobre sua cintura, atuando em conjunto para lhe dar prazer. Em outro lugar, ela quase não reconheceu Wells, cujo rosto estava quase sendo consumido por um homem de cabelos de um azul vivo, enquanto uma mulher ajoelhada entre eles se ocupava dos dois ao mesmo tempo. Ellin estava montada no colo de um homem enquanto ele lhe oferecia um morango.

— Ele foi lá para cima.

Genevieve virou a cabeça para a direita e viu Sevin encostado na parede ao pé da escada, bebendo um líquido vermelho espesso de um copo.

Sangue.

— A lua de mel já acabou? — perguntou ele, com um sorrisinho de canto.

— Não se depender de mim — murmurou Genevieve. Mas, para Sevin, ela questionou: — Você não vai participar das… festividades? Parece o seu tipo de festa.

— Minha ex está aqui. Então estou na fossa.

Genevieve arqueou as sobrancelhas. De todos os irmãos de Rowin, Sevin era o mais charmoso. Isso sem contar sua *aparência*, então ficou surpresa com o fato de que ele se mostrasse tão reservado em um evento como aquele. Ela quis comentar isso, mas os olhos de Sevin estavam vidrados, assim como os de Barrington ficaram quando sua mente voltara ao passado. Ficou feliz em deixar o rapaz perdido em seus pensamentos.

Quando chegou ao topo da escada, encontrou uma gama bem diferente de relações escandalosas no segundo patamar.

Vampiras.

Para onde quer que Genevieve olhasse, havia aglomerados dos seres paranormais com presas sorvendo pescoços, coxas e seios. Manchas vermelhas pingavam das marcas de perfuração na pele, e Genevieve observou enquanto se alternavam entre beber dos ferimentos das parceiras e do meio de suas pernas.

Acho que aí já é demais para mim, pensou ela enquanto observava um casal próximo.

Uma das mulheres girou um pirulito de aparência familiar nos bicos dos seios da parceira antes de se inclinar para lamber o rastro vermelho e pegajoso de açúcar que o doce deixara. Só que… Genevieve tinha quase certeza de que os pirulitos não eram feitos de açúcar.

— Coelhinha linda — cantarolou a mulher ao encontrar o olhar de Genevieve, enquanto a parceira continuava focada nos seios dela. — Quer experimentar? Temos muitos outros para chupar, se estiver interessada.

Genevieve não sabia o que eram esses *outros* a que mulher se referia, mas achou melhor sair dali antes que descobrisse. O patamar se curvava como uma lua crescente, e a galeria gradeada proporcionava uma visão panorâmica perfeita da festa lá embaixo. Ela avançou pelo amplo corredor onde conhecera Ellin e Sevin. Cinco cômodos se alinhavam em cada lado, e, bem no final, havia um conjunto fechado de portas duplas.

No primeiro cômodo, ela encontrou um casal rasgando os lençóis de uma cama que não estava lá quando ela explorara o ambiente no dia anterior, embora fosse idêntica às camas que Knox havia disposto lá embaixo. Atrás da segunda porta, deu de cara com uma orgia completa, e o suor brotou em suas têmporas.

O terceiro quarto estava vazio, o que lhe surpreendeu, e no quarto seguinte ela achou…

Rowin.

Nem um pouco sozinho.

Ele estava recostado na cabeceira da cama. O paletó havia sido atirado no chão, junto à máscara de raposa. A camisa estava desabotoada até a metade, expondo um trecho maior das tatuagens de espirais sobre os músculos definidos do abdômen e do peitoral. Havia uma mulher em pé à sua esquerda, e ela estava… amarrando o pulso dele a um dos balaústres da cama.

O rosto de Genevieve pegou fogo.

Mesmo que Rowin *amarrado à cama* fosse uma visão e tanto, a mulher era um espetáculo à parte. As extremidades dos dedos eram adornadas com o que Genevieve só conseguia descrever como garras, e as pontas de seus longos cabelos pretos eram feitas de *chamas* alaranjadas dançantes. Chamas também ardiam no centro de suas íris escuras, oscilando entre o laranja e o azul.

E o *rosto* dela. Sua máscara também tinha sido descartada, ou ela nem tinha se dado ao trabalho de usar uma. Genevieve não a julgaria. Afinal, a mulher tinha o tipo de beleza pela qual os homens iniciavam guerras.

Uma rainha do Inferno.

Genevieve sentiu uma pontada de ciúme injusto quando a mulher se afastou das amarras e perguntou a Rowin:

— Apertado o suficiente?

Genevieve pigarreou.

O olhar de Rowin se voltou para ela.

— *Genevieve* — grunhiu ele.

— Querido, cheguei — anunciou ela com ironia, cruzando os braços sobre o peito.

A mulher olhou de um para outro com curiosidade, antes que o reconhecimento ficasse evidente em seu rosto.

— Você é a esposa.

— Por enquanto — disse Genevieve ao mesmo tempo que Rowin declarou:

— É, sim.

A mulher jogou a cabeça para trás com uma risada irresistível.

— *Vá embora* — ordenou Rowin, com raiva.

Mas não estava falando com Genevieve.

A mulher sorriu com malícia.

— Tem certeza?

— Tenho — resmungou ele, como se a palavra lhe causasse dor. — Eu cuido dela.

— Obrigada por me resgatar de Sevin — disse ela a Rowin, e, ao passar por Genevieve, sussurrou: — Acabe com ele.

— De nada — declarou Rowin, com o olhar furioso enquanto a porta se fechava atrás dela. — Eu não disse para você não me seguir?

— Achou mesmo que seria justo hoje que eu começaria a me comportar direitinho para você?

Ele comprimiu os lábios em uma linha fina.

— Mas acho que a questão mais urgente aqui é: o que há de errado *comigo*? — insistiu ela.

Rowin estendeu a mão livre e começou a desfazer o nó.

— Você vai ter que explicar melhor.

Genevieve olhou feio para ele.

— Você me largou para vir aqui com outra pessoa para sabe-se lá qual joguinho sexual que eu acabei de…

Rowin bufou e riu.

— Quem disse que a gente ia fazer algo *sexual*? É a fruta da paixão afetando sua mente. E foi por isso mesmo que eu te deixei lá embaixo.

Como assim não era algo sexual? Ele estava sendo amarrado à cama pela mulher mais linda que Genevieve tinha visto na vida.

— Gwen só estava tentando me ajudar a ficar longe de você — alegou Rowin enquanto terminava de desfazer o nó e se levantava da cama. — Eu devia ter adivinhado que você viria me procurar, já que eu disse, com todas as letras, para não fazer isso.

Ao se aproximar, o olhar dele desceu e se demorou um pouco demais nos lábios de Genevieve, e um calor a invadiu mais uma vez. Ela se esqueceu por completo da própria ira e do motivo da discussão em si. Naquele instante, ela só conseguia pensar em como seria beijar Rowin outra vez. Ser envolvida pelas sombras dele enquanto

contornava com a língua as tatuagens espalhadas no peito e na barriga.

— Não consegui me segurar — sussurrou ela, chegando mais perto. — Eu quero isso.

Rowin permaneceu imóvel, com o peito ofegante servindo como única indicação de que a proximidade dela provocava algum efeito nele.

— Quer *o quê?* Mais uma vez, vai ter que explicar melhor. Não tem ninguém nos observando aqui, então, por favor, não se contenha.

Um calor imediato tomou conta das bochechas dela. Ela tivera muitos amantes, mas nenhum jamais lhe pedira que dissesse o que *ela* queria.

— Quero saber como é te beijar quando não é só encenação.

— Um beijo. Que inocente… — provocou Rowin, fitando o rubor no rosto dela. — Mas não é inocência que estou buscando esta noite. Volte para a festa.

Genevieve bufou com desdém.

— Eu não sou *inocente*. Tenho muita experiência.

Rowin arqueou uma sobrancelha, cético.

— Encrenca, desconfio de que as únicas coisas com que teve experiência foram *doces*. Isso eu jamais seria.

Ela torceu o nariz para ele.

— Pare de me chamar de *encrenca*.

— Então pare de arranjar encrenca.

— Ou você poderia apenas se meter nessa encrenca comigo — sugeriu ela.

Ela viu o momento em que a determinação dele enfim caiu por terra, e, antes que pudesse piscar, Rowin estava na frente dela, com os tentáculos das sombras a empurrando com delicadeza contra a parede.

— Hipoteticamente, se chegássemos a um acordo quanto a isso, seria só uma *foda* — declarou ele, com os olhos âmbar quase incandescentes de desejo.

— Não sei se é possível considerar só uma foda se estamos *casados* — raciocinou ela.

As palavras saíram ofegantes enquanto a tal magia em seu organismo reagia à proximidade repentina da boca dele.

— Ser casado no papel e ter um vínculo emocional são duas coisas bem diferentes. O que rolar entre nós precisa ser sem sentimentos. A teia na qual estamos presos já é emaranhada demais.

Ele tem razão. E eu quero orgasmos, não outro homem que vai partir meu coração.

— Justo — aceitou ela. — Respondendo à sua pergunta: desde que você me faça gozar, não haverá problema algum em ser só uma foda.

O olhar que Rowin lançou a ela naquele instante era *pecaminoso*. As sombras dele começaram a se desenrolar ao redor dos dois, como tinham feito antes, e o corpo inteiro de Genevieve começou a vibrar de expectativa. Ele soltou as abotoaduras da camisa, uma de cada vez, antes de jogar o tecido rasgado no chão. A peça seguinte foi o cinto, que ele retirou com uma das mãos enquanto gesticulava para o vestido dela.

— Precisa se livrar disso. Agora.

Ao contrário do que fizera na noite anterior, ela lhe deu acesso imediato à parte de trás do vestido. Rowin desfez a amarração depressa e, em segundos, a peça deslizou pelas curvas dela e formou um montinho no chão, até que ela estivesse apenas com as roupas íntimas de renda cor-de-rosa.

— Porra — sibilou ele enquanto a examinava da cabeça aos pés.

Genevieve sentiu o próprio sangue ferver à medida que a luxúria se transformava em uma *necessidade* descontrolada. Por um segundo, pensou que poderia morrer se ele não a tocasse.

Ele murmurou outro palavrão ao ver o desejo dela já encharcando a calcinha antes de encarar seus olhos e declarar:

— Você estava certa.

— Sobre o que, em específico?

— Você é diferente de tudo que eu já vi — admitiu ele com a voz rouca. — Você é um espetáculo.

Genevieve ronronou de satisfação e observou as sombras dele começarem a rastejar sobre sua pele com carícias que a faziam querer dar prazer a *elas*.

— Encoste na parede — ordenou ele.

Ela obedeceu, apoiando os ombros na superfície fria. Sentiu a pele se arrepiar de expectativa. Achou que Rowin fosse se aproximar, mas ele permaneceu onde estava.

— Abra as pernas — instruiu em seguida.

— Tire a calça — contra-atacou ela.

Os cantos dos lábios dele se contraíram.

— Tenha paciência, encrenca. Preciso ter certeza de que vou cumprir sua única exigência.

Genevieve não fazia ideia de que exigência era essa. A verdade era que, no momento, ela mal conseguia se lembrar do próprio nome.

— Fazer você gozar — relembrou ele. — É por isso que primeiro vai me mostrar como chegar lá.

A respiração dela ficou presa na garganta.

— Você conduz, eu sigo — disse ele.

Genevieve começou pelos seios, deslizando as mãos sobre a camisa de alcinha e cetim que estava sob o vestido, depois os apertou até doerem. Observou os lábios dele se abrirem com fascínio enquanto ela prendia os mamilos entre os dedos indicador e médio e pressionava através do tecido sedoso. Uma descarga de prazer invadiu seu âmago e encharcou ainda mais sua calcinha.

As mãos de Genevieve então foram descendo, com um dedo traçando círculos lentos sobre a parte externa da calcinha, extraindo um gemido de satisfação ao, por fim, conseguir a fricção de que tanto necessitava. Por um momento, ela se esqueceu por completo de Rowin, fechando os olhos em êxtase enquanto mantinha um ritmo constante e circular.

Ela quase chorou quando o alívio começou a se espalhar pelo corpo. Por um instante, a vontade descontrolada em sua mente se dissipou. Mas, no segundo em que abriu os olhos e viu a expressão de dor e desejo no rosto dele, a névoa da luxúria voltou com força total.

— Pronto, eu mostrei — declarou conforme se aproximava, ainda mais louca de tesão por ter sido interrompida. — Agora, *me toque*.

As sombras dele logo se projetaram e envolveram os punhos dela, detendo-lhe as mãos antes que ela pudesse encostar nele de novo.

— Não.

Ela sentiu o rosto esquentar.

— Você não quer…

— O que eu quero não importa. Não vou tocar em você enquanto tivermos essa coisa no nosso organismo.

— Você… Você me enganou.

Ele a encarou com ar sério.

— Você gozou, bem como eu prometi, não foi?

— Não é a mesma coisa — reclamou ela, bufando. — Você não entende, é como se meu corpo inteiro estivesse pegando *fogo*…

— Eu garanto que entendo para caralho — rebateu ele, entre os dentes cerrados.

Rowin podia ser bom em esconder a emoção no rosto, mas o *tormento* em sua voz

era inegável.

— Tudo bem — sussurrou ela. — Eu vou embora.

Apanhou o vestido do chão antes que qualquer um deles fraquejasse e se tornou invisível, atravessando a parede e saindo do quarto.

Depois de encontrar um lugar para se vestir, o que foi um verdadeiro suplício sem a ajuda de Ellin, Genevieve desceu e passou várias horas dançando com qualquer um que estivesse disponível, tudo para eliminar a fruta da paixão de seu organismo. Os olhos dela permaneciam atentos a qualquer sinal de Rowin conforme uma sucessão de pretendentes a faziam rodopiar pela pista de dança. Parte dela esperava que ele aparecesse toda vez que alguém a tomava nos braços, mas a outra torcia para que ele fosse mais forte e se mantivesse afastado. Longe dele, era mais fácil entender como havia sido ridícula lá em cima. E como estava furiosa por ele ter deixado que ela ficasse tão vulnerável quando já sabia que ia se conter.

Após um tempo, ela se viu cansada demais e se arrastou para fora da pista de dança, esgueirando-se até um pequeno lavabo na outra ponta da galeria do segundo andar.

Alguém bateu à porta de repente, implorando para entrar. Para a surpresa de Genevieve, era o homem cuja mão ela havia mordido antes.

Ele sorriu.

— Oi, princesa. Cedric. Lembra de mim?

O anel no dedo de Genevieve começou a esquentar, e ela tentou fechar a porta na cara do sujeito. Mas ele enfiou o pé na fresta e forçou a entrada, depois chutou a porta e cruzou os braços sobre o peito, olhando para ela de cima. O anel estava escaldante.

Ela recuou o máximo que podia naquele cômodo minúsculo.

— Que porra você acha que está fazendo?

— Não é nada pessoal — disse Cedric, dando um passo a frente. — Mas você não quis aceitar meu suborno.

— Saia. Agora mesmo.

— Ou o quê? Vai chamar seu marido de novo? — perguntou ele, dando risada.

Então avançou, empurrando as costas dela contra a quina do lavatório.

Com um grunhido de protesto, Genevieve se tornou invisível e passou direto por ele.

Ele se apoiou na bancada da pia antes de se virar para trás, com o rosto pálido quando de repente percebeu que qualquer poder que julgava ter para encurralá-la era inútil.

— Ninguém mencionou que você era um *Espectro* — balbuciou ele. — Porra, eu não…

A porta se abriu com tudo antes que ele conseguisse terminar a frase.

Rowin. O calor reacendeu no ventre de Genevieve.

Você só pode estar de brincadeira comigo.

Cedric parecia prestes a vomitar.

— Cedric Wrathblade, é você? — perguntou alguém por cima do ombro de Rowin.

Era Sevin. Ela nem o havia notado.

O olhar de Rowin permaneceu fixo no dela quando perguntou:

— Você está bem?

Genevieve engoliu em seco e baixou o queixo em um aceno positivo.

— Quero ouvir você dizer em voz alta, Genevieve — implorou Rowin. — Você está bem?

— *Estou*. Ele só estava sendo um babaca.

Cedric estendeu a mão para pegar o que parecia ser uma chave pendurada no pescoço.

— Se você me tocar, a Daemonica…

— Diga mais uma palavra e eu arranco sua cabeça — interrompeu Rowin, e a escuridão que saturava seu tom fez Genevieve quase sentir pena de Cedric.

Só que não.

O sujeito ficou em silêncio. Sevin riu.

— Preste atenção — disse Rowin a Genevieve. — Você vai descer e esperar com qualquer um dos meus irmãos, o que encontrar primeiro. Entendeu?

Ela deu um aceno rígido de cabeça.

— A Caçada começa em sete minutos. Você não pode se atrasar nem um segundo — avisou ele.

Sem perder tempo, ela disparou para fora do lavabo e passou por Umbra a poucos metros da porta. Ao chegar ao meio da escada, alguém tremeluziu ao seu lado.

Knox.

Justo quando o anel encantado havia começado a esfriar, a magia do artefato se

acendeu mais uma vez.

— Gostando do baile? — perguntou Knox, acompanhando o ritmo dela.

— É maravilhoso ver que todos os Diabos sabem escolher o pior momento para aparecer — reclamou ela. — E não. Eu *não* estou gostando de porcaria nenhuma.

— Que pena. Eu tinha certeza de que havia encontrado o presente de casamento perfeito.

Genevieve parou no último degrau e o deixou passar. Knox continuou bem mais alto, mesmo estando dois degraus abaixo dela.

— Queria prender a mim e ao meu marido em um estado de transe sexual, era isso?

— A fruta da paixão é uma iguaria capaz de intensificar seus desejos mais profundos. Pensei que talvez você e Rowington pudessem desfrutar de um pouco mais de paixão esta noite, já que não terão lua de mel tão cedo. Se é que terão. Sua presença na Caçada atraiu bem mais espectadores dispostos a esvaziar os próprios cofres, e esse foi meu jeito de agradecer.

— Você é um *canalha* — sibilou ela. — Pensei que fruta da paixão fosse só o *nome* da bebida.

O sorriso dele se estreitou.

— Eu só quis ser gentil.

— Diabos não são *gentis* a menos que isso os beneficie. Salvo raras exceções.

Como Salem. Mas, mesmo nesse caso, Ophelia havia pagado um preço alto para ficar com o Príncipe dos Diabos: sua mortalidade.

— E o que você sabe sobre Diabos? — murmurou Knox, com malícia.

Ela o encarou com um olhar severo.

— Minha irmã mora com um. O nome dele é Salemaestrus. Você reconhece?

Knox ficou pálido ao ouvir o nome oficial de Salem. Genevieve sentiu os próprios lábios se curvarem em um sorriso triunfante.

— Pode fazer os joguinhos que quiser comigo, mas vai ter que lidar com Salem quando eu sair — ameaçou Genevieve. — E Salem me *adora*.

Salem jamais havia admitido tal coisa com essas exatas palavras, mas Genevieve tinha certeza de que era verdade.

— Ouvi boatos de que Salemaestrus enfim havia retornado do exílio — admitiu Knox, as palavras carregadas de tensão. — Sinto-me honrado que uma amiga do Príncipe tenha escolhido participar da minha competição. Que não haja

ressentimentos entre nós. Aliás… talvez eu possa lhe oferecer um pacto a mais caso você vença.

Uma risadinha de escárnio escapou da boca de Genevieve.

— Eu não sou a irmã Grimm que faz pactos com Diabos.

Antes que Knox pudesse reagir, ela saltou os últimos degraus e saiu desfilando na direção de Ellin e Wells, que esperavam no centro da pista de dança. Cada um a cumprimentou com um aceno de cabeça enquanto ela se postava ao lado deles. Barrington e os demais filhos apareceram um por um e entraram no círculo. Genevieve girou o anel no dedo enquanto esperava por Rowin.

De repente, um redemoinho de sombras escuras começou a se formar ao seu lado, e ela quase suspirou. No entanto, quando Rowin emergiu das sombras, ele não se deu ao trabalho de sequer lhe dirigir um olhar.

As badaladas da meia-noite soaram pelo salão momentos depois, e o mostrador do relógio gigante na parede começou a se mover devagar. Quando o décimo segundo algarismo ganhou um brilho dourado, o corpo de Genevieve ficou pesado conforme experimentava a perda da magia pela segunda vez. E ela sabia direitinho o que isso significava.

A Caçada havia começado.

PRIMEIRA RODADA

CAPÍTULO 18



ENTORPECIDA

Se Genevieve imaginou que os espectadores fossem demonstrar qualquer constrangimento à medida que se afastavam das atividades bacanais e se reuniam no salão de baile para o espetáculo iminente, estava muitíssimo enganada. Na verdade, metade dos convidados de Knox exibia uma expressão ainda mais esnobe, e em quaisquer outras circunstâncias ela teria se entretido horrores com as fofocas que sem dúvida surgiriam de um evento como aquele.

Em vez disso, conforme cada um dos irmãos de Rowin retirava a própria máscara, Genevieve teve a sensação de que perdia um pouco de sua armadura. Ela teria preferido se despir a mostrar a todos seu rosto corado.

Então olhou para a expressão tensa de Rowin.

— O que aconteceu? Lá em cima?

— Agora não é uma boa hora para conversar — disse ele.

— A Faca de Caça escolherá o primeiro Caçador agora — declarou Knox para o público extasiado.

O Diabo ergueu uma adaga reluzente no ar como se fosse uma oferenda sagrada antes de apenas… soltá-la. A lâmina encantada pairou no ar conforme Knox e Barrington saíam do círculo, e Genevieve prendeu a respiração enquanto todos aguardavam a decisão da adaga. Aos poucos, a lâmina se posicionou na horizontal, com a ponta girando em torno do círculo, passando por Ellin, Wells e Covin, até enfim parar em…

Grave.

Rowin se retesou ao lado dela.

A Faca de Caça disparou pelo ar como uma flecha, mirando direto no coração de

Grave. Os olhos dele buscaram os de Genevieve quando ele agarrou a adaga pelo cabo segundos antes de ser perfurado pela lâmina. Um sorriso maligno se abriu no rosto dele enquanto aplausos e gemidos de decepção vinham dos espectadores.

— O baile de máscaras acabou — anunciou Knox. — Gostaria de agradecer a todos por mais uma maravilhosa celebração do equinócio. Se o seu sobrenome não for Silver, por favor, volte para a Boca do Inferno *agora*.

O sorriso do Diabo se tornou cruel ao acrescentar:

— Se eu encontrar vocês por aí, não vão gostar do que os aguarda.

A multidão se dispersou. Alguns dos foliões mascarados desejaram boa sorte a seus jogadores favoritos, e Genevieve ficou pasma ao ver aquelas pessoas agirem como se Rowin e os irmãos fossem artistas famosos em vez de reféns presos a uma maldição trágica.

— Que jogo você escolhe, Gravington? — perguntou Knox.

— Cômodos Itinerantes — declarou Grave.

Todos os irmãos grunhiram ao mesmo tempo. Exceto Rowin, impassível como sempre.

— Vai se foder, seu babaca — grunhiu Covin na direção de Grave.

Genevieve tinha certeza de que Rowin lhe explicara essa versão do jogo durante a breve volta pela mansão, mas as regras lhe escapavam. Muita coisa acontecera em pouco tempo, e era impossível acompanhar cada detalhe. E não ajudava em nada o fato de que ela sempre tinha vontade de ignorar tudo o que saía da boca dele.

— Cômodos Itinerantes oferece dez minutos para todos se esconderem — declarou Knox, com um olhar incisivo para Genevieve. — O tempo começa *agora*.

Grave se manteve imóvel quando Covin e Remi dispararam a toda pelo salão. Ellin e Wells saíram correndo em seguida, em direções opostas aos dois primeiros. Apenas Genevieve, Rowin e Sevin continuaram onde estavam.

Rowin se aproximou e cochichou ao ouvido dela:

— Espere por mim no saguão. Preciso fazer uma coisa.

Genevieve soltou um protesto balbuciado enquanto o observava correr rumo à escada.

— Quer uma dica, meu bem? — ofereceu Sevin, enquanto ela olhava boquiaberta para Rowin. — Se Grave está sorrindo, você deveria estar *correndo*.

Com isso, Sevin saiu pavoneando pelo salão.

Um último olhar na direção de Grave bastou para que Genevieve enfim começasse

a se mexer. Ela disparou para o saguão, forçando a passagem pelo restante dos convidados.

Um espectador com uma máscara de urso-polar assobiou para ela do fundo do corredor.

— Se você e Rowin derem um showzinho para nós, voto em você para Favorita. Quero ver se é verdade que ele tem cinco piercings na cabeça do…

— Vai se lascar — retrucou Genevieve com um gesto desdenhoso.

Quando o último convidado arruaceiro foi embora, ela se pôs a andar de um lado para o outro no saguão, contando os minutos enquanto esperava por Rowin. No entanto, quando só faltavam dois e ainda não havia nem sinal dele, Genevieve ficou ansiosa demais para continuar ali.

Desgraçado. Será que tudo isso foi um truque dele?

Ela não ia pagar para ver. Apesar de tudo que compartilhava com Rowin, fossem votos, beijos ou camas, era importante que se lembrasse de que, antes de tudo, precisava confiar em si mesma.

Assim, caminhou a passos largos até a porta da frente e mergulhou no frio lá fora antes que os minutos finais se esgotassem. Era bem provável que acabasse com uma hipotermia, já que não tinha a própria magia para se proteger, mas até por isso o esconderijo do lado de fora pareceu uma boa estratégia. Além do mais, seja lá o que significasse "Cômodos Itinerantes", os outros irmãos Silver não pareceram muito entusiasmados, então evitar qualquer coisa parecida com um *cômodo* parecia a melhor opção. Ou, ao menos, era isso que ela achava.

Conforme seguia rumo ao labirinto, admirou a neve que revestia a vegetação e ficou surpresa ao constatar que tudo havia sido coberto de espelhos em algum momento. As molduras douradas eram sustentadas por trepadeiras e galhos retorcidos a cada poucos metros ao longo dos muros.

— Intrometidos de me-merda — gaguejou ela em voz alta ao correr pela abertura mais externa da cerca, com o frio já penetrando seus ossos.

Ficou ainda mais frio?, perguntou-se ela, mas tinha a impressão de que estivera preocupada demais com seu *casamento* para se lembrar da temperatura exata da noite anterior.

Sua respiração saía em baforadas brancas e ondulantes conforme ela se embrenhava no labirinto, tentando memorizar as voltas e os caminhos. Por fim, emergiu no quadrado no centro e avistou a grande fonte prateada. Aninhou-se em um

canto escuro, encostada nos arbustos, ignorando a forma desconfortável como os galhos se cravavam nos braços e ombros nus. Ajeitou a saia em volta das pernas feito um cobertor e usou a camada superior do vestido para envolver o tronco. As pontas do nariz e das orelhas já estavam entorpecidas.

Ela não sabia quanto tempo conseguiria suportar o frio ali fora sem morrer congelada. E a ironia de estar sufocando com o calor da fruta da paixão poucas horas antes com certeza não lhe passou despercebida. Àquela altura, o Diabo e sua plateia deviam estar às gargalhadas.

Os passos vieram depois do que pareceu uma hora. Logo em seguida, o sinete de Rowin quase derretia a carne do dedo congelado dela.

Genevieve levantou a cabeça, antes apoiada nos joelhos, e ficou atenta aos sons de alguém se aproximando.

Mais passos.

Havia mais alguém no labirinto. E ele a estava caçando.

Depois de se levantar com dificuldade, ela percebeu que o frio havia penetrado em seu âmago e drenado quase toda a sua energia. Tentou avançar, mas os movimentos eram limitados.

Os passos soaram mais próximos.

Genevieve respirou fundo e arrastou os pés para a frente. As articulações se afrouxaram e o coração começou a acelerar, espalhando calor pelo restante do corpo. Ela refez o caminho na ponta dos pés, atenta a quem a perseguia conforme serpenteava para fora do labirinto. Vislumbres de seu reflexo brilhavam ao lado, nos espelhos que cobriam as paredes internas. E, assim que a saída e a casa ficaram visíveis…

— Eu sei que você está aqui.

A voz rouca vinha de algum lugar atrás dela.

Grave. Como ela suspeitava.

Ela começou a correr.

Ao escapar do labirinto, logo percebeu que não conseguiria subir os degraus, cruzar o alpendre e entrar na casa a tempo. Pior ainda, percebeu direitinho como Grave a havia rastreado desde a casa: por meio das pegadas. *Como pude ser tão burra?*

Após agarrar um dos galhos que se projetavam de uma cerca viva à direita, ela o

dobrou e torceu até ele se partir em sua mão. Com pressa, foi varrendo as pegadas na neve atrás de si. Não era uma solução perfeita, pois ainda restava uma trilha, mas pelo menos não era um conjunto de pegadas nítidas e recentes. Ao girar o corpo na direção da casa, avistou uma pequena fresta entre as paredes e a treliça gigante que sustentava as trepadeiras na fachada. Ela avançou até lá e, de fato, havia um espaço oco logo atrás da madeira entrelaçada.

Depois de varrer as últimas pegadas que levavam à treliça, mordeu a língua com toda a força e se enfiou na abertura estreita. O gosto metálico de sangue encheu sua boca à medida que os espinhos lhe atravessavam os cabelos e a pele. Prendendo a respiração, ela espiou a saída do labirinto por entre os vãos das trepadeiras.

Grave surgiu à vista.

Ele segurava a Faca de Caça com firmeza enquanto seus olhos calculistas percorriam o alpendre. Depois, o chão. Logo avançou, como um predador, e Genevieve se forçou a modular a respiração conforme ele se aproximava do esconderijo. Ela podia jurar que o anel tinha começado a vibrar no dedo.

O pequeno teste de Knox no reino do espelho retornava à mente dela com perfeita clareza. A versão impostora de Grave dissera que seria fácil demais ceifar a vida dela…

Na vida real, porém, ele passou direto por ela, seguindo pela parte externa da treliça. Olhou para a fachada da casa por um instante. Então girou o corpo com leveza para voltar para dentro. Uma única lágrima de alívio escorreu pelo rosto de Genevieve.

E, de repente, ele parou.

Porra, é lógico que ele ia parar.

Quando ele se virou para ficar de frente para a treliça mais uma vez, Genevieve apertou o corpo contra a pedra atrás de si, como se isso fosse ajudá-la a permanecer invisível. Prendendo a respiração mais uma vez, só lhe restava acompanhar cada movimento da silhueta de Grave.

E, quando a adaga perfurou a treliça, a menos de um metro de onde estava, ela precisou de todas as suas forças para conter o grito de pavor que subiu pela garganta.

Ele puxou a lâmina de volta, arrancando algumas das trepadeiras e deixando o luar invadir as sombras do esconderijo. Um instante depois, cravou a adaga de novo, mais perto dela.

No terceiro golpe, a faca quase a atingiu em cheio no rosto, passando a centímetros do seu globo ocular. As mãos dela tremiam conforme se esquivava do novo buraco, mas Grave continuou esfaqueando a treliça. Ele pareceu escolher mais alguns pontos

aleatórios antes de *enfim* decidir retomar o jogo e voltar para dentro da mansão.

Genevieve esperou dez minutos inteiros enquanto o anel no dedo esfriava antes de tentar se mexer. Apesar da temperatura tranquilizadora do anel, ela espiou, cautelosa, por um dos retalhos que ele havia feito no emaranhado de trepadeiras. Queria ver se a barra estava limpa antes de se espremer para sair do esconderijo e se arrastar até o alpendre.

Assim que dobrou a esquina e correu em direção aos degraus, ela se estatelou com algo quente e sólido.

Algo não. Alguém.

CAPÍTULO 19



DUAS VERDADES

Rowin estendeu as mãos para impedir que ela caísse, fechando a cara ao avistar os arranhões profundos causados pelos espinhos e as manchas de sangue nos braços dela.

— Precisamos levar você para dentro, *agora* — murmurou ele.

Antes que Genevieve pudesse processar o que estava acontecendo, ele a pegou no colo e a carregou pelos degraus. Parou diante das portas da frente, uma delas um pouco entreaberta.

— O anel não está quente, está? — perguntou ele em voz baixa.

Quando ela negou com a cabeça, ele usou a ponta da bota para abrir a porta entreaberta com um movimento gracioso, depois a carregou com cuidado para dentro da casa. Os olhos dele esquadrinharam cada centímetro do saguão vazio ao se dirigir às pressas para o próprio quarto, onde Umbra o aguardava, paciente, em cima da cama. Ele pousou Genevieve de pé no chão antes de fechar a porta com suavidade, sem passar o trinco.

— Me-me carregar nos braços como uma donze-zela em perigo para o nosso público, que en-encantador — balbuciou ela, com os lábios dormentes de frio.

O ranger dos dentes arruinava o deboche das palavras.

— Eu pedi que me esperasse — repreendeu ele, ignorando o olhar irritado dela. — Mas, reconheço, tentar te dar uma instrução foi muito otimista da minha parte.

— Eu te *e-esperei*! Você nã-não apareceu! Acha que eu de-deveria ter me arriscado em vez de me es-esconder? — protestou ela, esfregando os braços para se aquecer.

— Aí sua ideia brilhante foi se esconder na *neve*?

— I-imaginei que ninguém iria me procurar lá, e funcionou muito bem, não foi?

— Você está roxa de frio — observou Rowin, sem ajudar em nada. — E acho que essa cor não lhe cai muito bem.

— V-vai se f-foder.

Rowin esboçou um leve sorriso antes de se virar e gesticular para o resto do quarto.

— Aliás, não gostei do estado em que você e Ellin deixaram meu quarto. Não sei nem como isso foi possível. Larguei vocês sozinhas aqui por menos de um dia, e você passou a maior parte desse tempo *dormindo*.

E era verdade. O quarto estava *entulhado* com os pertences dela. Grampos de cabelo, escovas e óleos perfumados ocupavam toda a superfície da cômoda. Havia peças de vestuário espalhadas por toda parte, roupas íntimas penduradas nos balaústres da cama, laços de espartilho amontoados no chão ao lado de uma pilha de sapatos. Havia também uma mancha de batom no tapete que ela se esforçara ao máximo para limpar antes de descer para o baile de máscaras.

— Não está tão ruim assim — defendeu-se ela. — Meu quarto em casa é muito pior. Pelo menos ainda dá para ver o chão.

— Por favor…

— Se vai passar o resto da noite só reclamando, prefiro voltar a congelar até a morte. E onde *você* estava, afinal?

Como pôde me abandonar sozinha e permitir que Grave *me encontrasse?*

— Eu precisava resolver uma coisa antes que Knox fizesse uma varredura na casa em busca dos últimos convidados. Não achei que fosse demorar tanto.

Aquilo foi tudo o que ele revelou enquanto se dirigia ao banheiro, gesticulando para que ela o seguisse.

— Passei a última hora procurando por você, mas nunca imaginei que estaria lá fora tentando sofrer uma hipotermia — continuou. — Quando vi Grave sair, achei melhor dar uma olhada. Estou impressionado que tenha conseguido escapar dele.

— Foi por pouco — admitiu. — Mas seu anel ajudou, então acho que devo retirar o que eu disse sobre ele ser horroroso. Mesmo que continue sendo.

Rowin lhe dirigiu um olhar fulminante.

— Por falar em Grave… Como é essa versão do jogo? A Faca de Caça é a única arma que Grave pode usar para nos matar? Não deveríamos estar procurando um lugar menos óbvio que o seu quarto para nos esconder? Como você conseguiu vencer nos últimos *quinze* anos com essa estratégia?

Só então se deu conta de que, com todo o alvoroço e a frustração dos preparativos

para o maldito casamento, ela mal havia se preparado para a Caçada.

— Respire, Genevieve.

Rowin deslizou uma porta de correr dentro do banheiro branco imaculado para revelar um armário de roupas de cama.

Ela mostrou a língua para ele. Depois respirou fundo.

— Cômodos Itinerantes é a versão do jogo preferida de Grave. A cada quatro horas, seremos forçados a nos esconder em outro lugar. São três trocas obrigatórias durante a vez dele. E ficar escondido durante as trocas pode ser difícil.

Ele entregou a ela as pilhas de toalhas dobradas que estavam no fundo do roupeiro.

— E, sim, a Faca de Caça é a única coisa que pode nos matar no jogo. Podemos atrasar os outros como bem quisermos, claro. Quebrando pescoços, cortando gargantas… Apunhalar o oponente no coração o mais rápido possível é a melhor maneira de garantir uma morte segura, mas os espectadores gostam mais quando as coisas são um pouco… dramáticas.

Genevieve se abaixou para observar quando ele começou a tatear a parede no fundo do armário.

— E o meu quarto pode ser um esconderijo muito óbvio, é verdade, mas o cômodo ao lado não será.

A voz dele diminuiu conforme deslizava o painel da parede para o lado, revelando uma abertura para outro banheiro. Umbra entrou correndo sem hesitar.

Rowin fez sinal para que Genevieve fosse em seguida, e ela tentou não reclamar. Não estava preparada para se espremer em mais um espaço confinado. Em geral, contava com suas habilidades de Espectro para evitar circunstâncias desse tipo, e a ideia de se enfiar em outra passagem minúscula fez seu estômago revirar de receio.

Após tomar fôlego, ela se ajoelhou e começou a rastejar pela pequena abertura. As bordas irregulares do buraco arranhavam os ferimentos recentes nos seus braços, e as saias volumosas do vestido atrapalhavam os movimentos conforme ela se contorcia para chegar ao outro lado.

Genevieve sentiu o rosto esquentar ao ficar de pé, sem querer pensar em como devia estar ridícula. Quando se virou e viu Rowin tentando forçar os ombros largos pelo vãozinho estreito, ela teve que levar a mão à boca para conter uma risada.

Rowin bufou de frustração ao se virar de costas para apoiar as mãos na parede e se empurrar para fora. Assim como ela, devia estar acostumado a recorrer à magia para

evitar aquele tipo de situação. Aliás, ela não se conformava que ele tinha passado por aquela fresta. Grave ou Covin sem dúvida não caberiam ali.

Enquanto Rowin ocultava a passagem secreta, ela perguntou:

— Em qual banheiro estamos agora?

— No de Grave.

Ela o encarou, atônita.

— Você ficou doido?

— Se a gente tentasse entrar no quarto dele pelo corredor, logo descobriria duas coisas — começou Rowin, e então se aproximou da pia para cobrir o espelho de toalhas. — Primeiro, que está trancado. E, segundo, que a porta está engatilhada com uma armadilha bem perigosa.

— Imagino que ele não saiba da sua entradinha improvisada para o quarto dele.

— Correto.

Rowin a conduziu até a saída do banheiro.

— Estou surpresa que você e Remi não tenham quartos um ao lado do outro. Eu meio que esperava conhecer o quarto dele.

Rowin parou em frente à porta do banheiro e arqueou uma sobrancelha.

— Por quê?

Ela deu de ombros.

— Acho fascinante vocês terem o mesmo rosto e ainda assim não parecerem muito… próximos. Além do mais, eu queria ver se ele *também* tem um sistema rigoroso para organizar as meias e as roupas íntimas. Tamanho, então cor, depois tipo de material, certo?

Ele olhou feio para ela.

— Você mexeu nas minhas coisas?

— Eu acabei me distraindo enquanto fazia a maquiagem para o baile de máscaras — confirmou ela, animada.

— Remi e eu somos muito diferentes. Falando nisso… O que foi que ele disse para te chatear quando vocês estavam dançando?

— Estou surpresa que você tenha percebido.

Ele a observou, sem entender.

— Por quê?

Porque, apesar de estar sempre rodeada de gente, quase ninguém presta tanta atenção em mim.

Mas não disse isso em voz alta. Optou por responder:

— Ele disse que tinha pena de mim. Que eu era como um rato na ratoeira. E estou cansada de ser tratada como algum roedor. E de homens que dizem sentir pena de mim, mas não estão nem aí para o que acontece comigo. Que só me enxergam como uma garota bonita que outra pessoa deveria resgatar. E digo *outra pessoa* porque *eles* nunca querem fazer o esforço de me salvar.

Rowin se manteve em silêncio por um tempo. Então indagou:

— Salvar você de quê? De si mesma? Porque parece que você consegue se virar muito bem sozinha.

A respiração de Genevieve ficou presa na garganta quando as palavras de Rowin tocaram em uma ferida que ela não esperava que ele identificasse. Ela era, sem dúvida, sua pior inimiga. Cada situação de perigo que já enfrentara era parte de uma teia emaranhada que ela mesma havia tecido. Não gostou da facilidade com que ele percebera isso.

— Era isso que estava fazendo quando interrompeu as coisas antes? — alfinetou ela. — Me salvando de mim mesma? A fruta da paixão não provocou o menor efeito em você?

— Acho que ficou bem claro o efeito que teve em mim — declarou Rowin, com a voz mais grave.

Genevieve cruzou os braços.

— Porque, se não fosse por isso, você nunca teria me tocado?

Rowin exibiu um sorriso provocador e se aproximou.

— Está querendo alguma resposta específica de mim, Genevieve? Sem sentimentos. Não foi isso que nós dois combinamos?

Ela fechou a cara.

— Foi.

Ele não pareceu acreditar, mas não insistiu. Ela observou em silêncio quando ele se virou para a saída e abriu a porta com cautela, enfiando a cabeça no quarto de Grave a fim de se certificar de que era seguro. O cômodo tinha uma configuração quase idêntica à do quarto de Rowin, com a única exceção de que a cama era de um tamanho bem mais normal. Tudo naquele cômodo era pintado de preto, até os móveis. Não era de admirar que o homem fosse tão infeliz. A escuridão do espaço era *sufocante*. A única coisa que ajudava a diminuir o aspecto de caixão eram dois espelhos encostados na parede de frente para a cama. Rowin pegou mais toalhas e os cobriu.

Genevieve se aproximou da porta, procurando pela armadilha que ele mencionara. De fato, havia duas correntes escuras presas ao topo, que se estendiam ao longo do teto até o lado oposto do quarto. Estavam armadas para se esticarem quando a porta fosse aberta, de modo que ergueriam um painel de metal que dava para o batente. Ela não conseguia ver o que o painel cobria, mas imaginava que tivesse o objetivo de mutilar quem entrasse.

Revirou os olhos. *Que dramático.*

— Tente se aquecer — ordenou Rowin, apontando para a cama. — Você ainda está pálida demais.

Genevieve nem tentou discutir: apenas se recostou na cabeceira e se enrolou no cobertor. O alívio foi instantâneo. Um arrepio violento a percorreu ao perceber o quanto estivera com frio.

Rowin se acomodou em silêncio na poltrona no canto do quarto, cruzando os braços atrás da cabeça e deixando os olhos se fecharem.

Depois de um longo minuto, ela perguntou:

— Agora nós só… esperamos?

— Essa seria a parte de *se esconder* do jogo, então, sim.

Silêncio.

— Por quase três horas?

Sem conversar sobre o que aconteceu entre nós? Devo só esquecer que a gente quase…

— Correto — afirmou ele.

Mais silêncio.

— É uma *eternidade* — reclamou ela.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Você não lidaria muito bem com a imortalidade.

Minutos antes, ela estava sendo caçada até a morte, e no momento se via… entediada. Era uma sensação inquietante. Talvez Rowin já tivesse se acostumado, mas o constante vaivém de emoções naquela casa estava deixando Genevieve ansiosa. Ela precisava se distrair.

— Por que não jogamos um jogo? — sugeriu.

Os olhos dele se abriram de repente.

— Já estamos jogando.

Ela lhe dirigiu um olhar exasperado.

— Eu quis dizer um que não envolva *assassinato*.

— Parece chato. Mas tudo bem. Qual é o jogo?

— Duas verdades e uma mentira? — propôs ela. — Eu sempre jogava com meus amigos lá na minha cidade, e, já que você e eu devemos parecer um casal de verdade…

— Quais são as regras?

— Cada um precisa dizer três coisas absurdas: duas verdades e uma mentira. E depois o outro precisa descobrir qual é a mentira.

— Acho que mal não vai fazer. Já que estamos construindo confiança um no outro. Certo?

— Certíssimo.

Ambos ficaram quietos por um momento pensando nas três coisas para dizer. O único som no quarto vinha de Umbra, que se lambia feito um gato doméstico. Genevieve sentiu uma saudade repentina de Poe e da Mansão Grimm.

— Tudo bem, já tenho as minhas — anunciou Rowin.

Ela fez sinal para que ele começasse.

— Sem querer, Sevin e eu oficializamos o casamento de um Demônio com trinta noivas de uma só vez. Eu nunca transei com ninguém no meu próprio quarto. E a última vez que viajei para um lugar mais longe que Florença foi há quinze anos.

Ela franziu a testa. A primeira era tão ridícula que podia muito bem ser verdadeira. Mas as duas últimas…

— A segunda é a mentira — decidiu ela, por fim. — É impossível você ter uma cama daquele tamanho e nunca ter *usado*.

— Errou.

— *O quê?*

— A cama que está no meu quarto era de Covin antes de ele conseguir uma ainda maior. Não gosto de estranhos no meu espaço pessoal, então sempre levei minhas amantes… para outros lugares — admitiu ele. — Você é a primeira pessoa que permiti ficar na minha cama nos últimos tempos.

— Ah, os privilégios de ser uma esposa — cantarolou ela.

Ela podia jurar que ele se segurou para não sorrir.

— Enfim… foram só dezenove noivas.

— Sério mesmo que você tem toda a riqueza e o tempo que alguém poderia querer e não sai daqui há *quinze anos*? Você conquista a liberdade toda vez que ganha este jogo e não tira proveito para viajar o máximo possível? Para escapar deste lugar?

— Não me parece justo — murmurou Rowin. — Desfrutar de tudo que os outros

não podem.

— Então você *de fato* se importa que sua sequência de vitórias os tenha mantido no Inferno por tanto tempo.

Rowin a encarou.

— É lógico que me importo.

Ela sentiu a sinceridade em suas palavras.

Ou você vai conquistar mais uma vitória e nunca mais vamos te ver, ou sua sequência de vitórias chegará ao fim e você enfim sentirá o gostinho do Inferno como nós, os pobres coitados. Covin tinha dito aquilo, mas Genevieve começava a desconfiar de que havia muito mais por trás da vontade de Rowin de vencer.

O silêncio se estendeu entre eles por um tempo, embora Genevieve não o achasse desconfortável. Apenas reflexivo.

Quando ficou opressor demais, ela se viu dizendo:

— Eu achava que o único motivo plausível para ter uma cama daquele tamanho era organizar orgias.

Rowin deixou escapar uma risada pelo nariz.

— Bem, errada você não está, mas ter várias amantes faz o estilo do Covin, não o meu.

Ela tinha visto com os próprios olhos.

— Muito bem — prosseguiu ele. — Sua vez.

CAPÍTULO 20



PERSEGUIÇÃO

Duas horas depois, com a temperatura corporal enfim estabilizada, Genevieve se trancou no banheiro de Grave para dar um alívio ao seu couro cabeludo ao retirar todos os grampos presos com tanto esmero em seus cachos. Ela havia retirado a toalha de cima do espelho e encarava o próprio reflexo como se pudesse ter um vislumbre de todos os olhares ocultos que sem dúvida a observavam.

O jogo das verdades tinha se estendido por duas rodadas antes que a situação se tornasse pessoal demais e Rowin decidisse que preferia o silêncio. Dentre outras coisas, ela descobrira que, certa vez, ele, Remi e Covin ficaram tão bêbados que acharam que seria uma boa ideia roubar o mascote premiado de alguma instituição demoníaca respeitada no Inferno. Também descobrira que ele tinha lido todos os livros da biblioteca da família. E que as tatuagens que cobriam a maior parte do seu corpo eram sua maneira de se diferenciar de Remi. O fato mais surpreendente, no entanto, era que Grave era o favorito da mãe deles.

Foi quando ela perguntou mais sobre a mãe que Rowin decidiu que não queria mais conversar.

Ao contrário de Genevieve, ele não se incomodava com longos períodos de silêncio, algo evidente em sua postura relaxada na poltrona enquanto Umbra dormia encolhida sobre seu peito. Genevieve, por outro lado, se viu à beira da loucura na segunda hora de marasmo. Para não perder a cabeça, inventou maneiras de se entreter. Era algo que fazia com frequência na infância, quando Ophie estava nas aulas de Necromancia. Ela resolveu reorganizar o guarda-roupa de Grave por cores: preto-piche, preto-carvão e ébano. Em seguida, fez origami de cisnes com todos os papéis de carta que encontrou na escrivaninha. Por fim, ocupou-se do cabelo, que, ao longo da noite, começara a

parecer um ninho de pássaro. Enquanto dava uma última olhada no próprio reflexo, franziu a testa para as olheiras arroxeadas que se formavam.

Ela tinha se virado para sair do banheiro, pronta para decidir sua próxima tarefa, quando a porta se abriu de repente e a assustou.

Rowin avançou a passos largos, com Umbra disparando atrás dele.

— O que você acha que está…

Ele levou um dedo aos lábios dela. Umbra estava em alerta máximo, com as orelhas em pé para escutar algo que Genevieve não conseguia detectar.

— Distração — ordenou Rowin a seu Familiar, quase num sussurro.

Umbra ouviu a ordem sem problemas e trotou de volta para o quarto, rastejou para debaixo da cama e sumiu de vista. Inclinando-se até que sua boca estivesse bem próxima ao ouvido dela, Rowin murmurou:

— Quando ele abrir a porta, Umbra vai sair correndo do quarto e criar uma distração no corredor. Eu irei atrás dele e o atrairei mais para longe. Quando a atenção dele estiver focada em mim, você *corre*.

— Grave? Ele está aqui? — sussurrou ela. — Para *onde* eu corro?

— Não importa. Só não se coloque em nenhum beco sem saída. A primeira troca está prestes a acontecer, e já iríamos ter que mudar de cômodo mesmo.

Ele fechou a porta do banheiro até que houvesse apenas uma frestinha. Quando Genevieve se aproximou para espiar, a crinolina do vestido produziu um farfalhar que, no silêncio cauteloso, soava quase como uma explosão.

Rowin praguejou baixinho. Vasculhou o armário do banheiro e encontrou uma navalha de aço. Agachado, começou a cortar as longas camadas de seda e crinolina. O coração de Genevieve doeu ao ver um vestido tão lindo ser destruído. Mas era difícil protestar quando enfim conseguia se *mexer*.

Os dois ficaram imóveis quando a porta do quarto se abriu com um rangido. O anel no dedo dela começou a queimar. Genevieve prendeu a respiração ao ouvir o barulho das correntes presas à armadilha de Grave, mas o artefato não pareceu ter sido acionado.

Rowin fez sinal para que ela se encostasse na parede atrás da porta do banheiro. Passos se aproximaram do outro lado. Quando um baque alto soou de algum lugar mais distante, os passos mudaram de direção.

Ela desviou o olhar para Rowin, que lhe deu um aceno de cabeça tranquilizador antes de sair depressa para o quarto e seguir rumo ao corredor. Do banheiro, ela viu

Rowin parar na soleira e gritar para o irmão antes de correr para a esquerda e sumir de vista. O vulto corpulento de Grave passou em disparada pela porta aberta do quarto, e ela soube que aquela era sua deixa.

Cautelosa, saiu do banheiro e se esgueirou até a porta aberta. Colocou a cabeça para fora apenas o suficiente para espiar Rowin e Grave no fim do corredor. Grave deferia golpes fluidos com a Faca de Caça, mas Rowin se esquivava de todos eles.

Dentinhos afiados morderam o tornozelo dela de repente. A mordida não chegou a machucar, mas serviu como incentivo para seguir em frente.

Ela olhou feio para Umbra.

— Estou indo, pestinha.

Como acontecia com frequência, falar se provou um erro.

— Puta merda, encrenca! — rosnou Rowin. — *Corra!*

A atenção de Grave se voltara para ela diante do som de sua voz. Um sorriso largo e cheio de dentes se espalhou pelo rosto dele.

Se Grave está sorrindo, você deveria estar correndo.

Ela voou pelo corredor e cruzou o saguão, procurando uma rota que não a encurralasse. Mas não era tão fácil, sobretudo quando Grave já estava em seu encalço.

Pelo menos, o ponto forte de seu perseguidor não era *velocidade*. Grave devia pesar uns noventa quilos de puro músculo.

Quando o arco aberto da sala de jantar surgiu mais adiante, Genevieve só pensou em passar direto por ele e usar a mesa como uma barricada entre ela e Grave. Ele riu e foi diminuindo o ritmo até parar. Não parecia nem um pouco cansado.

Genevieve, por outro lado, estava com medo de desmaiar. Pontinhos de luz atrapalhavam sua visão, e uma cãibra reverberava na lateral do corpo. Ela nunca havia corrido tanto na *vida*.

Grave se aproximou devagar da mesa, que estava vazia, a não ser por uma tigela de cerâmica com frutas sobre o tampo polido. Genevieve permaneceu na ponta dos pés, esperando que ele escolhesse a direção do ataque. Onde estava Rowin?

— Desculpe, mocinha, mas eu já persegui e fui perseguido em volta desta mesa por horas suficientes da minha vida para saber que é muito mais fácil passar por cima dela.

Com um único salto, ele aterrissou com um estrondo no centro da mesa. O impacto derrubou a fruteira, fazendo a cerâmica se estilhaçar com um grande ruído enquanto as frutas rolavam pelo chão. Quando Grave do tampo da mesa e pousou a

poucos passos dela, com cacos da fruteira estalando sob seus pés, ocorreu a Genevieve que ela deveria começar a entrar em pânico. Por algum motivo, Rowin ainda não havia aparecido. Não que ela fosse do tipo que rezava para ser salva por um homem, mas, naquelas circunstâncias, achou que seria bom se ele pudesse fazer *alguma coisa*.

Ela deu um passo para trás. Grave a seguiu.

— Se serve de consolo, Covin e Sevin perderam uma boa grana por você ter durado menos de quatro horas no jogo. Assim, todo mundo fica contente. E eu vou ser rápido. Considere isso meu presente de casamento.

A faca desceu.

Sem saber o que deu em si mesma para agir daquele jeito, Genevieve se abaixou para pegar uma das maçãs, mergulhando sob o braço dele em direção à mesa e desviando da trajetória da lâmina. Ambos giraram o corpo para se encararem de novo. Quando a adaga voltou a riscar o ar, ela empurrou a maçã contra a ponta afiada. A arma cravada na fruta desacelerou o impulso de Grave o suficiente para que ela conseguisse cambalear para trás, fora do alcance dele, e bater direto na quina da mesa. Acabou encurralada entre o móvel e o adversário. Grave brandiu a adaga contra a mesa como se fosse um martelo, partindo ao meio a maçã espetada na ponta e deixando um talho feio no mogno.

— A vovó não ia ficar nada feliz por você ter estragado a mesa dela.

Genevieve virou a cabeça e viu Rowin encostado na moldura arqueada da porta, observando o confronto na maior tranquilidade.

— Estou pouco me fodendo — sibilou Grave. — Aquela mulher nunca gostou de mim.

Genevieve começou a se afastar devagarinho enquanto a atenção dele estava em Rowin.

— Ela nunca gostou de ninguém — corrigiu Rowin. — Pelo menos você tem a vantagem de se parecer muito com a mamãe.

— Que tal *me ajudar*? — disparou Genevieve quando precisou se esquivar de outra investida de Grave, quase se estabacando no chão.

— Ei, encrenca? — murmurou Rowin.

— *O quê?* — sibilou ela.

Então endireitou os ombros e continuou a se afastar de Grave.

— Pode chegar um pouquinho mais para a esquerda?

Ela obedeceu e, em um piscar de olhos, Rowin tinha passado pela mesa. Ele

pousou na frente de Grave e o acertou com um soco no queixo, fazendo sua cabeça se inclinar para o lado com um grunhido. Genevieve observou, impressionada, Rowin contornar o irmão e envolver seu braço no pescoço dele com um aperto tão forte que o rosto de Grave ficou azul em segundos. Ela jurou ter ouvido um osso se partir.

Grave tentou se livrar de Rowin, mas, como não conseguiu, cravou a faca bem no bíceps dele. Genevieve se encolheu.

Rowin, no entanto, nem se abalou.

— Valeu por isso — grunhiu Rowin enquanto usava a mão livre para arrancar a Faca de Caça do braço.

Com um chiado de dor, como se a lâmina o tivesse queimado, Rowin a lançou pela sala, através da abertura em arco e para fora da janela do outro lado do corredor. Estilhaços de vidro caíram no chão ao mesmo tempo que uma corrente de ar frio os atingiu.

Rowin soltou Grave no exato instante em que quatro badaladas ecoaram pela casa. Genevieve sorriu.

CAPÍTULO 21



JOGUINHO

— Ora, ora, ora, veja só quem sobreviveu às primeiras quatro horas, no fim das contas!

Genevieve começou a se gabar assim que ouviu as badaladas, mas, antes que pudesse terminar, Rowin a puxou para fora da sala pelo braço.

— Primeira regra para quando pegar um urso numa armadilha: não continue cutucando o bicho — alertou conforme a rebocava rumo ao salão de baile e Grave desaparecia pela porta da frente para resgatar a faca. — Quando ele conseguir sair, vai estar duas vezes mais furioso.

O tom dele era duro, de reprovação, mas ela viu um lampejo de divertimento em seus olhos.

— Ele quase me matou! — argumentou ela com um bufo exagerado enquanto seguiam em direção à grande escadaria, mal conseguindo acompanhar os passos largos dele. — Não tenho o direito de me gabar?

— Só quando nós formos os Caçadores.

Na metade da escada, uma onda repentina de calor a fez parar.

— É só a magia do jogo, um jeito de garantir que todos trocaram de cômodo — explicou ele do degrau abaixo. — Se não tivéssemos saído do quarto ou da sala de jantar, nossa pele estaria fervendo.

— Ah, que ótimo — debochou ela. — Era só o que me faltava mesmo.

Quando chegaram ao corredor no andar de cima, Genevieve ficou surpresa ao encontrar Ellin. A garota mal conseguia respirar conforme se debruçava para apoiar as mãos nos joelhos.

— Cacete… Knox… E os joguinhos dele…

Cada palavra foi pontuada por um suspiro ofegante.

— O que foi desta vez? — indagou Rowin, pelo visto indiferente ao estado lastimável da irmã.

Ellin se endireitou e afastou os fios curtos do cabelo branco grudados no suor do rosto antes de responder.

— Um oásis no deserto… Com cerca de um milhão de escorpiões. E cobras. Foi nojento.

Genevieve deu uma risadinha nervosa.

Rowin deu uma espiada nas portas à direita.

— Quer se esconder com a gente nesta rodada?

Ellin olhou feio para ele.

— Para você me usar como isca na próxima troca de cômodo? Vai se foder, Rowington Silver.

Rowin deu um sorriso culpado.

— Onde ele está? — quis saber Ellin.

— Lá fora. Mas não por muito tempo.

Ellin assentiu e desapareceu.

— Deserto? Escorpiões? *Cobras?* — questionou Genevieve.

— Knox é aclamado por sua criatividade até no Inferno — murmurou ele, como se isso explicasse alguma coisa.

Ele caminhou até uma das portas e a abriu, e Genevieve ficou de queixo caído.

— Cada cômodo vago da casa é encantado para se transformar em uma paisagem diferente. Knox cria novos modelos a cada temporada. Isso nos oferece lugares mais interessantes para nos escondermos do que os quartos uns dos outros. Sem falar que cada um dos cômodos encantados contém um emblema, um objeto simbólico que concede imunidade para uma rodada da Caçada… se for encontrado e capturado, claro.

Genevieve mal registrou as palavras quando deu um passo em direção à porta. Os Diabos que comandavam as provas de Phantasma haviam criado ilusões semelhantes na mansão mal-assombrada. Mas as ilusões de lá eram aterrorizantes e sangrentas. Aquela ali… era como entrar em um sonho.

O quarto, se podia ser chamado assim, era uma vasta e exuberante campina. Um riacho cruzava a clareira ao longe, sobre a qual se curvava uma ponte prateada feita de filigranas sinuosas. Flores coloridas de espécies exóticas se estendiam até onde a vista

alcançava. Pássaros planavam no alto, e nuvens brancas e fofas deslizavam pelo céu azul. Ela fez menção de avançar, mas Rowin a impediu.

— Não vamos entrar? — perguntou ela. — Parece um lugar maravilhoso para se esconder.

— Só existe uma maneira de entrar e sair dos cômodos encantados, então é muito arriscado quando precisamos trocar — explicou ele. — Esses aposentos são jogos mortais por si só. Pode parecer lindo e tranquilo lá dentro, mas tudo que o Knox cria é perigoso. Não viu o estado da Ellin? Ela deu sorte por termos deixado Grave ocupado lá embaixo em vez de ficar esperando por ela aqui.

— Por que Ellin iria se arriscar, então?

— Acho que ela imaginou que Grave fosse se concentrar em nós dois. E estava certa.

Rowin fez sinal para que o seguisse até as portas duplas no final do corredor. Quando ele as abriu para revelar uma biblioteca, Genevieve teve a sensação desconcertante de que estavam sendo observados. Mas o anel permaneceu frio. Havia apenas um espelho em todo o cômodo, acima da lareira de pedra no meio da parede dos fundos, mas, de alguma forma, ela não achava que tivesse algo a ver com o pressentimento sinistro.

Como se escutasse os pensamentos dela, Rowin se aproximou de uma das muitas estantes à esquerda e murmurou:

— Covin está em algum lugar neste andar.

— Onde? Como você sabe?

No que dizia respeito a bibliotecas residenciais, a decoração daquela era bastante sem graça. Era o único cômodo que não tinha a opulência do restante da mansão. Ali, os detalhes dourados e barrocos haviam sido substituídos por algo muito mais aconchegante: estantes de mogno, sofás confortáveis e uma espantosa ausência de poeira em comparação com outros lugares da casa.

Genevieve examinava os títulos dos volumes nas prateleiras ao lado da lareira enquanto Rowin vasculhava os do seu lado do cômodo. Ela retirou um livro grosso de capa dura com *A questão das almas* escrito na lombada e folheou as páginas amareladas. Havia capítulos sobre coleta de almas, o destino das almas depois de extraídas, o processo de transformação em moeda de troca para os Diabos… Ela estremeceu e fechou o livro com força.

— Satã está dormindo em uma das prateleiras lá em cima — observou Rowin, e

ela levou um momento para se lembrar da pergunta que fizera. — Covin deve estar em um dos outros quartos.

— *Satã?* — repetiu ela, preocupada.

Então se aproximou para olhar mais de perto o título de um livro abandonado pela metade em um dos braços do sofá. *Os desejos mais desprezíveis do Diabo*. Genevieve deu uma risadinha, perguntando-se a qual dos irmãos Silver pertencia o romance escandaloso. Isso a lembrou de exemplares esfarrapados semelhantes que sua irmã costumava esconder da mãe.

— Satã é o Familiar de Covin — explicou Rowin ao, enfim, puxar o livro que estivera procurando.

Genevieve observou uma das estantes começar a girar. Afinal, que tipo de mansão encantada seria aquela sem um detalhe assim? Rowin a chamou com um aceno. Ela se espremeu para passar pela poltrona com espaldar alto em frente à lareira e foi até a parede oposta, permitindo que ele a puxasse para junto do próprio corpo em cima da plataforma giratória, pouco antes de ela terminar de girar e levar os dois a um novo cômodo oculto.

Aquele devia ser o lugar mais desleixado que Genevieve já vira. As paredes eram de pedra. O assoalho, de madeira rangente. O sofá parecia prometer uma contaminação por tétano a qualquer um que se sentasse. Não havia um único detalhe aconchegante: nenhum tapete, nenhum toque de cor, nem mesmo o calor da luz de velas. Apenas um lampião a gás ao lado do sofá, que Rowin acendeu com um fósforo.

O único aspecto positivo sobre o esconderijo era o fato de não existir nenhum espelho à vista.

— Quer uma bebida? — ofereceu Rowin enquanto se dirigia para o carrinho de bar bem abastecido no canto.

Genevieve inclinou a cabeça.

— O que tem aí?

— Uísque… ou o que tenho quase certeza de ser mijo do Sevin da última Caçada.

Ela quase vomitou, horrorizada.

Rowin deu um sorrisinho irônico.

— Quando os outros ficam presos aqui por muito tempo, às vezes eles…

— Já entendi. Isso é *nojento*.

— Depois de ver o estado que deixou meu quarto, não sei se você tem o direito de julgar.

— Alto lá: eu sou *bagunceira*. Não sou *porca*. Tem uma diferença entre deixar vestidos espalhados e deixar uma garrafa de *urina* fermentando por um ano.

— Tudo bem, é um bom argumento. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— O quê? Ah. A bebida.

Ela sentiu a boca se contorcer de asco.

— Não, obrigada. Eu não bebo uísque. Também não confio que o resto dessas garrafas não tenha sido… contaminado.

Ele deu de ombros.

— O que acontece se outra pessoa tentar se esconder aqui? Ou se o Caçador nos encontrar e bloquear nossa saída? — perguntou ela.

— Depois que alguém entra, a porta não pode ser aberta de novo por fora, a menos que seja reajustada. Além disso, tem o alçapão.

Rowin caminhou até um ponto no meio da sala e se abaixou para procurar uma fenda entre as tábuas do piso. Quando a encontrou, ergueu a porta quase invisível para demonstrar.

— Estes degraus dão em um túnel que levam até a cozinha lá embaixo. É um dos melhores lugares para se esconder — revelou ele, depois devolveu a porta ao lugar. — Pode se acomodar e relaxar, porque temos mais algumas horas de espera antes de nos deslocarmos de novo.

Acho que este só pode ser o Inferno.



Rowin precisou tomar quase a garrafa inteira de uísque antes de decidir que estava cansado do silêncio.

— Por que não?

Genevieve estava em uma das extremidades do sofá, com a cabeça apoiada no braço estofado. Uma mola cutucava seu quadril. Em algum momento, seus olhos haviam pesado e se fechado.

— O quê? — murmurou ela.

— Por que você não bebe uísque?

Ela abriu os olhos aos poucos.

— Não gosto.

— Mentirosa. Se não gostasse, teria dito isso. Você disse que não *bebe* uísque.

— Achei que você não quisesse mais compartilhar verdades — retrucou ela.

Rowin a sondou com os olhos cor de âmbar.

— Hum… Ou é porque você exagerou uma vez e passou mal, ou… tem a ver com alguém em quem não gosta de pensar.

— Você está chutando.

Mas foram dois chutes certeiros.

— Qual é o nome dele? — quis saber Rowin.

Genevieve soltou um suspiro carregado.

— Por que tanto interesse? Está bêbado? Ou entediado? Se for só por tédio, tenho certeza de que podemos inventar outro jogo.

— Acho que, a esta altura, seria necessário um carregamento de uísque para me deixar bêbado. E você é minha esposa. Acho que é razoável querer te conhecer melhor.

Ela sabia que os imortais contavam com uma tolerância extraordinária à embriaguez, mas não tinha certeza se acreditava nele. E, sem dúvida, não cairia naquela historinha de "você é minha esposa".

Rowin suspirou ao ver o olhar incisivo dela.

— Talvez seja tédio.

— Pronto. Então que tal uma modificação no nosso joguinho anterior? — sugeriu ela. — Cada um de nós faz três perguntas ao outro. Duas das nossas respostas precisam ser verdades absolutas, mas podemos escolher sobre qual delas queremos mentir.

— Combinado.

Daquela vez, ela não o deixou ir primeiro.

— Grave mencionou alguma coisa sobre uma cura para a sua mãe. Ele disse não acreditar que tal coisa existia. Mas você acredita, certo?

Rowin ficou em silêncio por bastante tempo, como se estivesse decidindo se ainda estava entediado o suficiente para jogar.

— Acredito — admitiu ele, por fim. — A cura é a razão pela qual sou tão obcecado por vencer todos os anos. Estou… dedicado a pesquisas a respeito. Não conseguiria isso no Inferno. Knox iria me obrigar a fazer o trabalho sujo dele o tempo todo. E eu não confio em nenhum dos outros para fazer o que faço.

— Porque eles não acreditam na cura, é isso?

— Em parte. Mesmo que a gente encontrasse uma cura, Knox daria um jeito de ainda nos manter sob seu controle. Somos valiosos demais para o império dele. Grave acha que, se tentarmos vencer Knox no próprio jogo, ele vai fazer questão de piorar

ainda mais as coisas. O jogo é tolerável para Grave, desde que mantenha nossa mãe viva. Mas eu…

Rowin comprimiu os lábios, e Genevieve se endireitou no sofá ao ver a culpa abalar sua expressão.

— Está tudo bem — disse ela. — Juro que sou a última pessoa que te julgaria por ter sentimentos complicados em relação à sua família.

Rowin olhou para ela. Olhou *de verdade*. E, seja lá o que tenha visto, deve ter sido suficiente.

— Prefiro manter a esperança de que a cura existe. De que, se minha mãe puder ser salva com ela, se estiver fora de perigo, então o restante de nós poderá lutar contra Knox.

Ele passou a mão pelos cabelos enquanto confessava, num sussurro.

— Sei que querer salvar minha mãe apenas como uma forma de me salvar não é lá a mais pura das intenções…

— Algumas pessoas chamariam isso de egoísmo — concordou ela.

Por um momento, achou que o tinha magoado, mas ele apenas murmurou:

— Você já me chamou de coisa pior.

— Ah, *eu* não sou "algumas pessoas" — acrescentou ela depressa. — Estou aqui há apenas alguns dias e já percebi que preferiria estar em qualquer outro lugar do mundo. Se você chegou à conclusão de que não vai conseguir aguentar isso pelo resto da *eternidade*… acho que talvez tenha o direito de ser um pouco egoísta.

Rowin soltou uma risada incrédula e depois ficou em silêncio. Ela tentou deixar para lá, de verdade, mas logo não conseguiu mais se conter.

— Então é por isso que você parou de visitar sua família? Porque está dedicando todo o seu tempo a procurar essa cura?

— Por isso e por culpa — confessou ele. — Encarar minha mãe depois de não ter conseguido encontrar uma pista verdadeira em *quinze anos*…

Ele meneou a cabeça enquanto as palavras foram ficando pelo caminho.

— Se vencermos e você nunca mais precisar participar desse jogo, ainda procuraria pela cura?

— Não — respondeu ele, na lata.

— Você não deveria entregar sua mentira tão fácil assim — ralhou ela, com um suspiro. — Isso vai contra o propósito do jogo.

Rowin deu de ombros. E então, em uma voz tão baixa que ela quase não o ouviu:

— Eu não descansaria até libertar todos eles.

Genevieve inclinou a cabeça.

— Seja qual for o tipo de egoísmo que alguém atribua a você, Rowin Silver, é um que eu admiro muito.

Ele desviou o olhar, e ela não conseguiu conter o sorriso. Ver Rowin todo sem graça com um elogio era ainda melhor do que pegar no pé dele.

— Agora, minha próxima pergunta… — começou ela.

— Não. Você já fez todas as suas perguntas. É a minha vez.

Ela fez beicinho.

— Espere aí, a maioria delas foi só para obter mais detalhes…

— Isso é trapaça — acusou ele, devagar.

Todos os traços de vulnerabilidade já tinham sido escondidos.

Ela soltou um suspiro frustrado.

— *Tudo bem*. Vá em frente.

— Por que você não bebe uísque? Por que escreveu cartas para o meu pai fingindo ser a sua mãe? Quem é Farrow?

Genevieve congelou ao ouvir a última pergunta.

— Quem te disse esse nome? — sibilou.

Rowin arqueou uma das sobrancelhas diante da reação dela.

— Você mesma. Umbra te encontrou desmaiada por causa das frutinhas. Aí, quando eu estava te levando para fora, você perguntou se eu era alguém chamado Farrow.

— Foi só isso que eu disse? — quis saber ela.

Estava com o estômago embrulhado só de pensar que os dois tinham trocado palavras das quais ela não se lembrava.

A expressão dele permaneceu serena quando respondeu:

— Você não estava falando coisa com coisa. Só me lembrei do nome porque achei muito estranho. As habilidades de cura de Ellin são bem superiores às de todos nós, mas minha magia purificou o máximo possível das frutinhas do seu organismo. Mesmo assim, você continuou um pouco atordoada.

Genevieve guardou a informação sobre as habilidades de cura deles para revisitar mais tarde e, com relutância, contou:

— Eu não bebo uísque por causa de Farrow. Escrevi as cartas porque minha mãe escondia grande parte da vida dela da minha irmã e eu não aguentava mais. Quando

descobri que seu pai existia, achei que talvez ele também fosse um Necromante. Que alguém na família dele poderia saber como era ser o irmão que acabou sobrando… Se eu tivesse noção de que levaria a tudo isso, claro que teria deixado quieto.

Ele deu uma risada debochada.

— Não, não teria.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— E como é que você sabe?

— Nos últimos dois dias você não deixou nada quieto, nem *uma* vez sequer.

— Os últimos dois dias não se assemelham em nada ao resto da minha vida. Você não sabe do que está falando.

— Viu? Você sempre precisa contestar tudo — ressaltou ele com um sorrisinho.

— Eu não contesto *tudo*…

— Isso é você não contestando? — interrompeu ele. — Se for esse o caso, você é péssima nisso.

Ela fechou a boca, indignada, mas os olhos dele cintilaram com malícia, e algo naquela visão fez o sangue dela esquentar.

— E aí? — disse ele depois de um tempo.

— E aí *o quê*?

Os lábios dele se torceram.

— Você ainda não respondeu a última pergunta. Quem é Farrow?

E lá estava a pergunta da qual ela vinha tentando fugir.

— Ele não é ninguém importante.

Silêncio.

— Esta é a sua mentira.

Ela fechou a cara.

— Não achei que você estivesse levando as regras tão a sério. E por que acha isso?

— Porque todas as suas emoções transparecem no seu rosto. Você não parece ser o tipo de pessoa que permitiria que um homem qualquer a afetasse. E de um jeito tão profundo a ponto de *estragar* uísque, uma bebida envelhecida à perfeição.

— Sabe como é — disse ela, baixando os olhos para cutucar as unhas —, algumas pessoas são venenosas nesse nível. Elas te tocam uma vez e, de alguma forma, contaminam cada coisinha que você faz depois disso.

Inferno, ela quase perdera todos os amigos por causa daquele desgraçado. Quase perdera a vontade de viver. O senso de identidade. Por sorte, encontrou o rancor ao

longo do caminho.

— Espero muito que ele não seja a pessoa a quem você se referiu quando afirmou ter *experiência*.

Genevieve soltou um gritinho de surpresa e voltou a olhar para ele.

— E se for?

— Então você precisa muito de uma experiência diferente.

— Só porque alguém é um babaca não significa que não seja bom de cama — argumentou ela.

E logo se lembrou de que *tivera* a oportunidade de viver uma experiência diferente apenas algumas horas antes, e Rowin a impedira.

— Isso é verdade — murmurou ele.

Antes que pudesse piscar, Rowin se aproximou e pousou uma mão de cada lado do quadril de Genevieve no sofá, encurralando-a enquanto pairava o rosto a poucos centímetros do dela. Perto o suficiente para que, se ela estendesse a ponta da língua, conseguisse tocar a argola dourada no lábio inferior dele.

Pare de pensar nesse raio desse piercing, repreendeu a si mesma.

Rowin, por sua vez, olhava para ela com pura luxúria.

— Pelo jeito que a fruta da paixão afetou você, estou tentado a acreditar que ninguém te faz gozar direito há um bom tempo.

Não havia a mínima chance de ela admitir a veracidade daquela suposição, mas o sorriso irônico que se abriu no rosto de Rowin deixou claro que ele já sabia. Era difícil raciocinar direito tão perto dele. O cheiro dele era inebriante demais. O calor do corpo, convidativo demais.

A única coisa que ela conseguiu pensar em dizer foi:

— E daí? Por acaso está se oferecendo para consertar aquele erro? Para terminar o que começamos no baile de máscaras?

— Só nos seus sonhos, encrenca — murmurou ele.

Mas Genevieve percebeu como os olhos dele se voltaram para sua boca pouco antes de ele recuar e se empertigar.

— Então *por que* está flertando comigo? — acusou ela.

Os lábios dele se curvaram em um sorrisinho arrogante.

— Estou, é? Acho que você só me acha muito atraente e, por acaso, calhou de estarmos falando de sexo.

— Cacete, falta muito para a próxima troca? — resmungou ela ao se levantar do

sofá. — Acho que já atingi meu limite de tempo com você por uma noite.

Um momento depois, as badaladas anunciaram que estava na hora de saírem dali.

CAPÍTULO 22



BRUTAL

Genevieve e Rowin não trocaram uma palavra sequer durante todo o trajeto até a cozinha, após escaparem do pequeno cômodo oculto na biblioteca pelo alçapão e atravessarem a passagem secreta empoeirada. Tampouco disseram uma palavra enquanto ele arranjava comida suficiente para improvisar uma refeição para cada um deles, nem na hora seguinte. E, com certeza, não disseram uma única palavra quando Wellington Silver entrou a mil por hora na cozinha.

Rowin praguejou quando o irmão se chocou contra uma das bancadas de mármore no meio do cômodo, manchando a superfície branca com o sangue negro que escorria de suas mãos enquanto se equilibrava. Genevieve viu que um dos braços dele estava pendendo de forma estranha, como se tivesse sido arrancado da articulação, mas, quando deu um passo para perguntar se ele precisava de ajuda, Rowin agarrou a parte de trás do vestido dela e a puxou para si.

— Entre no elevador de pratos — ordenou ele antes de a empurrar na direção de uma pequena abertura na parede à esquerda deles.

Ela fez um som de escárnio.

— Não tem a menor chance…

— Agora não é hora de discutir, Genevieve.

Genevieve tinha aberto a boca para retrucar quando a visão de Wells tossindo sangue, somada ao calor repentino do sinete no dedo, a deteve. Sem protestar, deixou que Rowin a erguesse para alcançar o elevador, encolhendo-se em um dos cantos de modo a abrir espaço para Rowin ao seu lado. Ele baixou a porta de metal segundos antes de Grave irromper pela porta da cozinha.

Genevieve chegou mais para a frente, forçando a vista para espiar pela frestinha da

porta do elevador de pratos. Ela viu Wells pegar uma tigela de vidro de cima da bancada e a destruir no rosto de Grave, que mal vacilou. O sangue jorrou do seu nariz e o vidro se estilhaçou no chão. Um sorriso foi se espalhando pela expressão de Grave à medida que a derrota começava a se apoderar do irmão.

Quando a adaga golpeou e os grunhidos de dor começaram a ecoar contra a porta do poço oco, Genevieve recuou. Não podia fazer nada além de observar Rowin fechar os olhos e cerrar os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos, como se pudesse apagar da mente os sons dos irmãos lutando até a morte. A morte de Wells.

Ficar sentado ali, impotente, era brutal.

Foi então que ela de fato compreendeu. Enchantra explorava um terror diferente daquele vivido em Phantasma. Era mais íntimo. Talvez não houvesse assombros ali, nem banheiras cheias de sangue, nem prantos de desconhecidos. Mas a morte de entes queridos era algo mil vezes pior.

Olhando para Rowin, Genevieve estendeu a mão para dar um aperto suave na dele.

— Sinto muito…

Que você precise passar por isso. Que sua família precise suportar esse tormento. Ano após ano.

— *Não faça isso* — grunhiu ele baixinho.

Ela engoliu em seco. Quando foi puxar a mão de volta, porém, ele a agarrou com mais força.

O coração dela começou a martelar no peito enquanto ficavam de mãos dadas. Em algum momento, Genevieve cochilou, a cabeça apoiada nas paredes de aço duras da pequena caixa em que estavam confinados, mas despertou na hora quando um ruído metálico ressoou ao seu redor. Alguém tinha içado o elevador de pratos por cima.

Rowin soltou uma série de palavrões ao se jogar para a frente, tentando abrir a porta para que pudessem saltar. Mas a plataforma avançou rápido demais, e a oportunidade escapou.

— Chegue para lá — ordenou Rowin enquanto tentava se postar na frente dela, de modo a ficar mais perto da saída.

Houve um momento de calmaria quando o elevador por fim parou. Em seguida, a porta se abriu e o rosto sério e pálido de Grave surgiu no vão. O suor escorria por suas têmporas, e a única mecha preta do cabelo grudava na testa. A frente da camisa estava ensanguentada.

— Saia, irmão — ordenou Grave.

Genevieve sentiu um arrepio diante do tom vazio da voz dele.

O elevador de pratos os havia levado de volta à biblioteca, bem ao lado da lareira. Um cômodo com acesso a livros e comida. Em outras circunstâncias, ela imaginou que sua irmã iria adorar fazer uma visita a Enchantra.

— Eu não vou deixar você pôr as mãos nela — avisou Rowin.

Grave arreganhou os dentes.

— Então vou matar vocês dois. Vai ser moleza.

Um segundo depois, a adaga estava entre as costelas de Rowin, e ele grunhiu de dor quando Grave o agarrou pela camisa e o puxou para fora do elevador. Genevieve saiu toda atrapalhada atrás deles, mas, assim que seus pés tocaram o chão, Grave deu um murro na têmpora de Rowin.

Grave se virou para ela em seguida, e, se esperava que ela se sentisse intimidada pelo fato de ter acabado de nocautear o irmão, estava errado.

— Você poderia apunhalar Rowin agora mesmo e vencer, mas ainda quer vir atrás de *mim*?

— Eu já o matei várias vezes. Além disso, matar você pode me ajudar a ganhar o título de Favorito.

Ele avançou. Ela se esquivou.

— Vamos acabar logo com isso — insistiu ele, fervilhando de raiva.

Genevieve teve vontade de revirar os olhos. Não ia permitir que aquilo acabasse rápido coisa nenhuma. Não tinha como ela vencer aquela luta. Não sem sua magia. Mas vencer não era o mais importante. Ela só precisava ganhar tempo. E, de acordo com o relógio na parede atrás dele, se aguentasse apenas mais seis minutos, sua magia voltaria.

Uma ideia lhe ocorreu.

Talvez seja melhor eu não me defender dos golpes.

Havia o risco de ser acertada por um golpe fatal, claro. Rowin conseguia sobreviver a uma facada no flanco, mas não era assim que as coisas funcionavam para os mortais. Mesmo para os que tinham poderes. Ela e a irmã sempre tinham sido capazes de se recuperar de ferimentos graves com uma boa noite de sono. Ossos quebrados, picadas de bichos, como aquela vez em que Genevieve foi mordida por uma cobra-covinha. Tudo era curado durante a noite ou após alguns dias de descanso. Mas ela sabia que os ferimentos causados por Grave não seriam curados com tanta facilidade.

Grave desferiu outro golpe, e ela voltou a si quando a ponta da lâmina passou de

raspão no seu braço. O sangue escorreu pelo bíceps, mas os olhos dela permaneceram fixos nele. Em seguida, ela correu até uma das estantes, agarrou uma braçada de livros e os arremessou contra a cabeça de Grave. A força de seus arremessos surpreendeu até a si mesma, ainda mais quando um dos volumes o atingiu em cheio no rosto e mais sangue preto escorreu pela boca e pelo queixo dele.

Nem isso o fez vacilar.

Ele a atirou contra a prateleira e apertou o pescoço dela com uma das mãos. A cabeça dela bateu na madeira, e pontinhos pretos apareceram no seu campo de visão.

— Você está diminuindo o ritmo, mocinha — provocou Grave. — Pronta para desistir?

— *Está bem* — choramingou ela de maneira teatral, embora sua cabeça *estivesse* mesmo latejando por causa da pancada. — Mas… o mínimo que você poderia fazer é me deixar respirar um pouquinho para eu deixar um recado para a minha família.

Ele não protestou contra o pedido, apenas afrouxou o aperto, e ela conseguiu respirar fundo.

Quando estava recuperada o bastante, ela o encarou, com o queixo erguido, e declarou:

— Eu gostaria que soubessem que eu os amava. Ophelia deve queimar meus diários *o mais rápido possível*. E quero ser enterrada com alguma roupa rosa, segurando o sr. Margarida.

Grave pareceu confuso ao ouvir o último trecho, embora sua expressão permanecesse tensa.

— Meu bichinho de pelúcia da infância — explicou ela. — Um ursinho com uma margarida na orelha.

Na verdade, o sr. Margarida encontrara sua morte prematura quando ela tinha dez anos e o jogara no rio Mississippi para que desse uma nadada. Que ele descansasse em paz.

— É melhor fechar os olhos. — disse Grave, assentindo.

Ela fez que não.

Um brilho de respeito cruzou o olhar dele quando deu de ombros.

— Como preferir.

Grave ergueu a faca. Ela se preparou. E, quando o braço dele desceu, ela se jogou para a esquerda com toda a força que ainda tinha. A lâmina a atravessou logo abaixo da clavícula direita e saiu pelas costas. O golpe a prendeu à prateleira de madeira

maciça.

Genevieve soltou um grito rouco de dor quando o sangue vermelho-vivo escorreu pelo vestido, as lágrimas apertando sua garganta enquanto Grave tentava arrancar a lâmina da madeira. Devia ter exagerado na força do golpe, pois estava com dificuldade para recuperar a faca.

— Você só pode estar de sacanagem comigo — resmungou ele.

A visão dela foi ficando turva.

— Quem inventa um bicho de pelúcia chamado sr. Margarida? — reclamou ele quando enfim conseguiu puxar a lâmina.

— O sr. Margarida existiu *de verdade* — protestou ela, a voz se embolando conforme começava a tombar para o chão.

Seu corpo inteiro parecia estar em chamas.

— Vamos tentar uma última vez. — disse Grave, se posicionando de novo.

Quando ele desferiu o golpe, porém, Genevieve desapareceu por completo. Assim como a Faca de Caça na mão de Grave.

O golpe dele passou inofensivo por ela. Seis minutos. Tinha conseguido.

Genevieve se agarrou à sua magia apenas pelo tempo suficiente para passar por Grave, e então se materializou de novo. Antes que ela pudesse tombar no chão, Rowin apareceu de repente e a pegou no colo, embalando o corpo dela contra o peito. Pelo visto, os ferimentos dele haviam cicatrizado por completo nos últimos minutos.

— Deve ser bom — sussurrou ela, mas as palavras saíram confusas.

Houve um estrondo em algum lugar mais atrás e uma longa sequência de palavrões que ela presumiu vir de Grave, mas estava fraca demais para manter os olhos abertos por mais tempo.

— Dormir — murmurou ela no pescoço de Rowin.

Era o único jeito de curar aquelas feridas. Isso se ela conseguisse.

— *Ainda não* — ordenou ele.

Como sempre, ela não escutou.



— Por quê? — implorou ela. — Por quê?

— Você é uma criatura do Inferno — disse Farrow. — E merece queimar como tal.



Quando Genevieve acordou, não foi com o cheiro de fumaça, mas com o aroma de hortelã. Ela deu um pulo da cama, o coração disparado enquanto olhava ao redor, tentando entender onde estava, o que tinha acontecido…

— Calma.

Ela procurou a origem da voz irritada e avistou Rowin ao lado da poltrona no canto. Umbra pulou de seu colo quando ele se aproximou e cruzou os braços. O peito *nu*. Um frio na barriga inconveniente a afetou.

Genevieve não sabia o que era mais sexy: o abdômen esculpido à perfeição, as tatuagens serpenteantes que desapareciam abaixo do cós da calça ou as argolas douradas nos mamilos e no umbigo. Percebeu que queria dar outra mordida nele. E queria muito.

— O que aconteceu? — questionou ela com a voz rouca.

— Você quase morreu, foi isso que aconteceu — retrucou ele, impaciente. — Precisei subornar Ellin para te curar.

Ela levou as mãos às têmporas latejantes.

— Com o que a subornou? E por que está reclamando? Eu sobrevivi à primeira rodada, não foi? Não deveríamos estar comemorando?

— Vá se vestir. Vamos perder o jantar — respondeu ele, frustrado.

Só então ela se deu conta de que vestia apenas uma camisa folgada.

— O que aconteceu com meu vestido? — perguntou, o rosto corado.

— Ficou encharcado de sangue.

— Você *tirou* a minha roupa?

Queria soar irritada, mas, para seu azar, a rouquidão da voz deixou as palavras bem mais sensuais do que pretendia.

Rowin não sorriu, mas havia um leve brilho de divertimento em seus olhos quando disse:

— Não se empolgue tanto. Minha *irmã* tirou a sua roupa quando estava curando você. Eu só emprestei a camisa.

Ela revirou os olhos, mas, antes que pudesse retrucar, sua barriga roncou.

— Se você quiser comer, estarão todos na sala de jantar — avisou ele enquanto se dirigia para a porta. — Ou eu posso trazer alguma coisa…

— Não, eu vou — garantiu ela, dispensando-o. — Quero que todos que apostaram contra mim fiquem enjoados de ver a minha cara.

CAPÍTULO 23



BRECHAS

Genevieve entrou na sala de jantar sob grande estardalhaço.

— Ah, ela está viva — declarou Sevin quando a viu parada sob o arco, e bateu palmas de forma lenta e insolente.

— Fez muita gente perder um dinheirão, coelhinha — disse Covin com um sorriso largo.

Genevieve olhou torto para ele enquanto caminhava até o banquete sobre a mesa. Estava faminta depois de ter perdido tantas refeições enquanto dormia.

Covin, Sevin e Remi estavam acomodados a uma das pontas da mesa, devorando seu jantar. Rowin estava apoiado na parede, atento aos arredores enquanto tomava o mesmo drinque roxo que ela vira os outros pegarem no bar antes do casamento. Na extremidade oposta da mesa, Ellin espetava uma pilha de frutinhas vermelhas com o garfo, com uma expressão séria que, imaginava Genevieve, devia ter algo a ver com a eliminação do irmão gêmeo. Grave não estava presente.

— Ouvi dizer que vocês formaram uma equipe e tanto ontem à noite — comentou Covin, acariciando a cabeça escamosa do seu Familiar. — Grave não está nada feliz.

— Ele está tendo um chilique agorinha mesmo — acrescentou Sevin.

Até Ellin abriu um sorriso ao ouvir aquilo.

Genevieve os ignorou enquanto trocavam farpas e comentavam os eventos das últimas vinte e quatro horas. Os maiores destaques incluíam: as seis pessoas com quem Covin se envolvera na festa, o quase empalamento de Sevin em um dos cômodos encantados e as propostas picantes que Remi recebera de vários convidados que o confundiram com Rowin.

Genevieve se serviu de comida e foi até Ellin, ignorando o olhar de Rowin, que

acompanhava cada movimento dela. A garota a encarou, desconfiada.

— Rowin contou que você me curou — murmurou Genevieve, sem querer chamar a atenção dos outros para o fato, caso ainda não soubessem. — Eu só queria dizer…

— Eu te curei porque ele prometeu me poupar caso vocês dois sejam escolhidos como Caçador e nós não sejamos os únicos que sobraram… *não* pela bondade do meu coração.

Apesar de firmes, as palavras de Ellin não foram ríspidas. Ela afastou a cadeira da mesa e saiu da sala de jantar, deixando o prato intocado para trás.

Sevin reagiu à saída da irmã com um revirar de olhos antes de direcioná-los para Genevieve.

— Ela só está revoltada porque Wells já perdeu. Ele é o único que dá uma colher de chá para ela durante o jogo.

— Parem de perturbar Ellin — alertou Rowin a Sevin ao se aproximar para roubar algumas amoras do prato abandonado da irmã. — Wells pode dar uma colher de chá para ela de vez em quando, mas isso é porque vocês são uns cretinos.

— Não me inclua nessa — resmungou Remi enquanto se recostava no assento.

— Ei, eu sou tão legal com a nossa irmãzinha quanto sou com todos vocês — afirmou Covin com a boca cheia.

— Grande argumento — zombou Sevin.

Um momento depois, Umbra entrou aos trotes, emitindo um barulhinho agudo até Rowin lhe dar atenção. Os dois pareceram travar uma espécie de conversa silenciosa, com Rowin estreitando os olhos para a raposa por um tempo antes de pousar a taça de cristal na mesa e se dirigir à saída.

— Já volto.

E, sem mais nem menos, desapareceu porta afora com Umbra.

Os demais trocaram olhares curiosos, e Genevieve decidiu que seria um bom momento para pedir licença e voltar ao quarto para atualizar seu diário.

— Genevieve — chamou alguém assim que ela entrou no saguão.

Ela se virou e deu de cara com Sevin.

— Ah, pode me chamar de Vivi — avisou ela quando ele se aproximou.

Ele abriu um sorriso deslumbrante.

— Isso significa que sou seu favorito?

Ela bufou pelo nariz.

— Acho que Ellin merece ser minha favorita. Ela tem sido a mais prestativa.

— Verdade. Ela impediu, sozinha, que seu coração parasse de bater ontem à noite.

— Você estava lá? — perguntou Genevieve, constrangida só de pensar.

— Só porque eu estava escondido na biblioteca. E, caramba, foi um espetáculo! Ellin quase não chegou a tempo.

— Rowin disse que o restante de vocês não tem as mesmas habilidades de cura que ela.

— Rowin, Wells e Remi podem controlar e se tornar a própria escuridão, mas suas habilidades de cura são bem limitadas. Servem só para coisas como absorver veneno ou ajudar alguém a dormir. Covin e eu somos Assombrações de Sangue. Nossa magia não é um assunto lá muito agradável para discutir logo após o jantar, mas temos um pouco mais de capacidade de cura do que os outros irmãos. Mas nem de longe se comparam às habilidades de Ellin.

— E Grave? Ou ele só é capaz de destruir?

— É bem por aí mesmo — confirmou Sevin. — Ele é uma Assombração do Vazio. Muito raro. Muito poderoso.

— Poderoso *em que nível?*

— Apenas agradeça por ele não ter acesso à própria magia durante a Caçada.

— Que bom saber que poderia ser ainda pior.

— Você não faz ideia. Nunca vi meu irmão tão explosivo.

— Sério? — debochou ela. — Porque "explosivo" poderia ser até o segundo nome de Grave.

— Chegou perto, mas o segundo nome dele é Blade, de "lâmina" — revelou Sevin, com um olhar penetrante. — E eu não estava falando de Grave.

Estava falando de… Rowin?

— Enfim, eu só queria avisar que você pode ter sido subestimada na primeira rodada, mas ninguém vai cometer esse erro de novo. Seja qual for o desenrolar da Caçada deste ano, tenho a sensação de que as coisas vão ser irreparáveis no final. Portanto, tenha certeza de que quer vencer.

E, com isso, ele a deixou ali, aflita, tentando entender que merda quis dizer com aquilo.

Ainda sem sinal de Rowin, Genevieve se sentiu inquieta. Ficou andando de um lado para o outro no quarto dele durante uma hora enquanto tentava pôr os pensamentos

em ordem.

O que Sevin quis dizer com "tenha certeza de que quer vencer"?

Claro que ela queria vencer. Afinal, era a única maneira de continuar *viva*.

Mesmo sem saber se o que vinha fazendo no último ano era de fato *viver*. Estava mais para se afundar nas mágoas de seu passado com Farrow e se sentir sufocada pela vidinha que levava em Nova Orleans…

Sentiu um aperto no peito por enfim encarar as perguntas que antes tivera medo de se fazer: Qual *era* o verdadeiro motivo para querer vencer aquele jogo? Para querer viver?

O que diabos eu quero?

Ela vinha fugindo dos próprios problemas em Nova Orleans, da sensação de nunca ser o suficiente para ninguém lá, e de repente estava ali, uma peça importante do legado *daquela* família. Então, se não conseguia encontrar em sua vida antes de Enchantra algo pelo qual valesse a pena lutar, por que não lutar por quem estava naquela casa, pessoas que tinham milhares de motivos para querer se livrar daquele jogo maldito e viver em liberdade?

Sevin tinha razão: não importava como as coisas se desenrolassem, se ela sobrevivesse ou não, o próximo jogo seria muito diferente. Por que tentar libertar apenas Rowin e a si mesma?

Havia muito tempo que ela tinha perdido a esperança de que alguém em um cavalo branco apareceria para salvá-la. Mas isso não significava que não pudesse ser a cavaleira de armadura brilhante para si mesma. Para aquela família.

Assim que a ideia criou raízes na mente de Genevieve, uma onda de adrenalina a invadiu. E, antes que ela percebesse, já estava a caminho da biblioteca.

Genevieve vasculhou os índices de pelo menos cinquenta livros antes de encontrar um que mencionasse a Deterioração Carmesim. E, assim que começou a se concentrar de verdade na leitura, algo que nunca fora fácil para ela, o anel começou a esquentar em seu dedo. Claro.

Ela se apressou em enfiar o livro no bolso da saia verde-clara enquanto aguardava a chegada do responsável por ativar o artefato. Como nada aconteceu, ela ficou de pé e olhou feio para o cômodo vazio.

— Não seja covarde, apareça! — exigiu ela.

— Preciso admitir que gosto muito da sua ousadia, sra. Silver — respondeu a voz de Knox enquanto ele se materializava no meio da biblioteca. — Alguns Diabos podem considerar um desafio ser chamado de covarde.

— Não os Diabos que eu conheço — retrucou ela, dando de ombros. — Talvez você seja só inseguro.

Num piscar de olhos, Knox estava diante de Genevieve, os olhos violeta a meros centímetros dos dela.

— As regras do jogo não me permitem massacrar você com minhas próprias mãos. E pode ser que meus clientes a tenham achado divertida até agora. Mas, se continuar me provocando, sra. Silver, não hesitarei em lhe mostrar que *todo* pacto tem uma brecha.

Ela engoliu em seco, mas não recuou. A expressão hostil de Knox deu lugar a um charme forçado.

— Bom, eu vim aqui para lhe fazer uma proposta — anunciou, e deu um passo para trás.

— Já disse que não faço pactos com…

— Isso não é uma barganha. — interrompeu ele, erguendo a mão. — Só queria contar que seu público está esperando algo um pouco mais excitante entre você e Rowington. E confesso que acho muito *interessante* que os pombinhos tenham conseguido manter as mãos longe um do outro.

— Tenho certeza de que você percebeu que Rowin não é tão exibicionista quanto alguns dos irmãos dele — argumentou Genevieve, mantendo-se o mais próxima possível da verdade. — Já cogitou que podemos ser apenas reservados?

— Já cogitei muitas coisas — afirmou ele, estreitando os olhos com desconfiança. — Portanto, sugiro que entreter meus clientes passe a ser sua maior prioridade. E logo.

Antes que ela pudesse decifrar a ameaça por trás daquela sugestão, ele partiu.

— Um problema de cada vez — murmurou ela.

Primeiro, retomaria a leitura sobre a Deterioração Carmesim…

Quiii.

Genevieve se assustou com o som agudo.

Se tiver um rato aqui, nunca mais piso nesta biblioteca.

Quiii. Quiii.

Ela se virou na direção do barulho bem quando uma cabeça branca e peluda surgiu

por cima do encosto da poltrona no meio da biblioteca. Era uma espécie de doninha, ou talvez um vison. Um vison bem grande.

Quiii.

A criatura inclinou a cabeça para ela, com as orelhas redondas se contraindo enquanto o bicho se agarrava ao tecido e subia no encosto.

— Você é tão *fofa* — arrulhou ela.

Quanto mais se aproximava, mais percebia que o olhar atento do bicho estava voltado para ela. Como certa raposa que conhecia.

E só então se deu conta de que o sinete em seu dedo não havia esfriado.

A luz no cômodo começou a oscilar, e o ar ao redor dela se tornou rarefeito, dificultando sua respiração. Uma nuvem rodopiante de escuridão se formou a poucos metros de distância, ampliando-se cada vez mais até que uma grande silhueta musculosa emergiu dela.

Grave.

— Bem como eu esperava encontrar você. Sozinha — declarou ele conforme as sombras evaporavam feito fumaça. — Está dispensada, Lilith.

O vison branco logo saiu correndo.

Genevieve cruzou os braços.

— E por que você iria querer ficar sozinho comigo? Não me diga que decidiu confessar seu amor por mim. Eu não curto muito essa história de "escolher entre dois irmãos".

Pelo visto, ele não tinha achado graça.

— Esta é sua última chance. Se colaborar, prometo que vai ser uma morte rápida e indolor.

Genevieve se esforçou para manter a expressão neutra, mas o medo afundou em suas entranhas feito uma pedra.

Posso usar minha magia durante essas horas, lembrou a si mesma.

— Sua vingança é tão descabida que chega a ser ridículo — debochou ela. — Não entendo por que você não pode sacrificar mais *um* ano no Inferno para deixar seu irmão ajudar todos vocês.

— Não, você *não* entende nada mesmo — concordou Grave. — Sempre achei que tinha alguma coisa errada com essa brecha para casamentos que Knox ofereceu. E não tenho a menor dúvida de que, se Rowin escapar deste jogo, Knox vai dar um jeito de virar a situação contra nós. Ele não vai apenas abrir mão de um dos seus peões.

Alguém vai ter que pagar o preço. Os outros acham que sou paranoico, mas não vou correr esse risco.

— Tentar me matar durante as horas de segurança porque você deixou Knox perturbar a sua cabeça é meio desonroso, não acha?

— Eu nunca quis ser honrado — respondeu Grave, com um sorriso macabro.

Genevieve reuniu toda a sua bravata e deu de ombros.

— Tudo bem, tente a sorte.

Ele estreitou os olhos.

— Alguém já te disse o que eu sou?

— Sevin disse que você é uma Assombração do *Vazio* — respondeu ela.

— E você sabe o que isso significa?

Antes que ela tivesse a chance de responder, Grave sacou uma faca do cinto e a arremessou contra ela, mirando direto no coração. Genevieve esperou que suas habilidades de Espectro assumissem o controle e a tornassem invisível, mas sua magia não veio.

A faca também não. A lâmina estava imóvel em pleno ar. Ela tentou piscar, respirar, *gritar*, mas não conseguia se mexer.

O tempo ao seu redor havia parado por completo.

CAPÍTULO 24



FICÇÃO

Na última vez que o mundo tinha parado para Genevieve, ela estava usando um vestido verde horroroso.

Tinha sido uma tentativa de combinar o próprio traje com o de Farrow para o baile de Mardi Gras do Mystick, já que seria a ocasião em que conheceria os pais dele. A *Krewe* de sua família usava um tom de verde bastante medonho. Eles podiam ser a organização social mais elitista e cara da cidade, mas dinheiro com certeza não lhes comprava bom gosto. E, por mais que doesse a Genevieve, ela escolhera uma roupa da exata mesma cor, para mostrar como seria se ela fosse parte da família.

Ela havia caminhado da Mansão Grimm até seu lugar favorito no Riverwalk, vestindo aquela atrocidade pesada e cheia de babados, para encontrar Farrow. Não quis gastar com uma carruagem, pois sabia das dívidas que a mãe mantinha em segredo.

Era por isso que ela e Farrow formavam um casal tão maravilhoso: ela o amava e, de quebra, a família dele tinha uma fortuna exorbitante. Na época, parecera obra do destino. Quando Genevieve chegou ao local combinado, porém, descobriu que não tinha nada de destino ali. Apenas ingenuidade infantil.

Eu não entendo, dissera a ele.

Minha mãe descobriu sobre sua família. Ela me proibiu de acompanhar você esta noite. Aqui, tudo o que importa são as aparências. Mas podemos nos encontrar depois, na casa do Basile. Luci também vai estar lá…

Se você não consegue enfrentar sua mãe por causa de um baile, como vai fazer quando estivermos noivos?, perguntara ela.

Ele estremecera ao ouvir a palavra "noivos", mas logo assumira uma máscara de

indiferença zombeteira.

Você é um ***deles****, Genevieve. Eu me divirto com você, mas, acreditar que eu, ou qualquer outra pessoa de nível, casaria com alguém como você é querer se iludir. Ah, não comece a chorar. É patético.*

Mas por que eu não iria acreditar, me diga?, implorara ela. *Você me fez promessas. De aventuras. Um casamento grandioso. Filhos.* ***Amor****.*

Você nunca disse coisas a alguém sob os lençóis das quais se arrependeu depois?, indagara ele. *Sei que teve muitas oportunidades.*

Ela tinha ficado tão perplexa ao ouvir a acusação dos lábios dele que as lágrimas secaram num instante.

Você sabe direitinho a reputação que tem. Luci e os outros podem ignorar isso, podem ignorar seus laços familiares, mas eu sou de um mundo diferente de todos vocês. Tenho um ***verdadeiro*** *legado para preservar.*

Legados eram uma farsa. Genevieve preferia ficar por conta própria a participar de qualquer tipo de legado que tratasse as pessoas *daquele* jeito.

Você nem gosta da sua família, acusara ela. *Não foi por isso que passou todo esse tempo com a gente? Com seus amigos inferiores e sem classe? Porque você estava infeliz e entediado, à toa em sua mansão magnífica, completamente sozinho. Disse que nunca tinha se sentido vivo até me conhecer…*

Já superei tudo isso, interrompera ele. *Ia esperar até amanhã para te contar, mas partirei para Londres na semana que vem. Vou me encontrar com uma garota lá. A sobrinha de um colega do meu pai. Vamos nos casar no próximo outono. A festa do Basile e o desfile de amanhã são as últimas ocasiões em que eu e você poderemos nos ver. Então, você pode ir ou não, mas este é o final da linha para nós dois.*

E foi aquilo que ela sentiu quando ele lhe deu as costas e se afastou. O mundo ao seu redor desacelerando até parar. Os batimentos do coração enfraquecendo.

Pelo menos, nas atuais circunstâncias, ela estava usando algo bonito. Embora também fosse verde.

Acho que eu deveria evitar essa cor.

Grave pigarreou e a despertou daquele torpor, trazendo sua atenção de volta para a faca pairando entre os dois.

— Se serve de consolo, manipular o tempo me custa caro — admitiu ele. — Mas é um contraponto perfeito ao seu truquezinho de desaparecimento.

Quando o tempo voltou ao normal, foi sutil. O coração dela bateu forte no peito,

uma única vez; a faca flutuando à sua frente se aproximou dois centímetros; e seu corpo se esvaiu e retornou. Ela buscou a magia em seu âmago captando o máximo de poder que conseguia enquanto Grave acenava com a mão entre eles e deixava outro segundo correr. Ela desapareceu e reapareceu outra vez. E então as sombras começaram a se erguer.

Grave estendeu a mão para lançar a lâmina paralisada pela distância que faltava até o coração de Genevieve, e ela liberou tudo o que tinha de uma só vez.

A faca a atravessou, mas não houve dor. Embora o corpo dela permanecesse sólido, todas as outras coisas na biblioteca, incluindo Grave, desapareceram por um instante em uma onda de magia. E, quando Grave liberou seu controle sobre o cômodo ao redor, ela também o fez.

Genevieve soube o instante em que a faca reapareceu atrás dela pelo tilintar metálico reverberando pela biblioteca.

O rosto de Grave estava estupefato.

— Que porra é essa? — disse uma voz.

Genevieve suspirou de alívio ao avistar Rowin na entrada da biblioteca, Umbra sentada a seus pés com o Familiar de Grave pendendo entre os dentes, preso pela nuca. O vison guinchava de dar pena, e Umbra abriu a mandíbula para soltar a criatura, deixando-a fugir até Grave e escalar seu corpo para se enroscar no ombro dele.

— Ele estava tentando me matar — disse Genevieve, irritada, enquanto corria até Rowin.

— Não, eu quis dizer: que porra é essa que *você* acabou de fazer? — explicou ele ao levantar o braço para que ela pudesse se posicionar ao seu lado.

Ela lhe dirigiu um olhar irritado, mas nem por isso recusou o convite, aconchegando-se contra o corpo dele enquanto fazia cara feia para Grave, ainda perplexo.

— Eu me protegi — afirmou ela, como se fosse óbvio.

— Você *projetou* sua magia! — explodiu Grave, irritado. — Tenho mais de dois séculos e meio de idade e nunca ouvi falar de um Espectro capaz de uma coisa dessas.

Ela empinou o nariz.

— Tenho certeza de que existem muitas coisas que você não ouviu em dois séculos e meio. Alguém dizendo que você é divertido. O som de um amante chegando ao clímax…

Genevieve sentiu o peito de Rowin se mexer com uma risada silenciosa. Até Grave dar um passo ameaçador para a frente. Então a risada cessou.

Num instante, Rowin empurrou Genevieve para trás de si e mostrou os dentes para o irmão.

— Não se aproxime.

— Ou o quê? — sibilou Grave. — Tudo isso por uma garota que você nem…

— *Ela é minha* — esbravejou Rowin, e suas sombras começaram a rodopiar ao redor. — Não importa o que você acha disso, o problema que vê nisso, se tentar encostar num fio do cabelo dela de novo, eu vou tornar o resto da sua vida eterna ainda mais infeliz do que já é.

Grave fechou a cara diante da veemência nas palavras do irmão.

— Pelo Inferno, Rowington… Você está casado com ela só há alguns dias. Serei sangue do seu sangue por toda a *eternidade*.

— Azar o meu — declarou Rowin.

Genevieve observava a troca entre os dois com a expressão mais plácida possível, mas, a bem da verdade, ouvir Rowin dizer as palavras "ela é minha" com tanta convicção tinha feito seu estômago dar um nó.

Não é real, lembrou a si mesma. *Mesmo que pareça*.

— Nos últimos quinze anos, você vem alegando que não pode voltar para o Inferno porque sua *pesquisa* ocupa todo o seu tempo. É incapaz de aparecer para dar à nossa mãe um único sinal de afeto, mas arriscaria tudo por *essa aí*?

Genevieve fechou a cara ao ouvir as palavras de Grave, mas não disse nada.

— Nossos pais fizeram as próprias escolhas — declarou Rowin, impassível. — Ela foi jogada na minha.

O sorriso que Grave deu ao irmão foi de arrepiar, mas foi a Genevieve que ele se dirigiu quando disse:

— Você deveria ter me deixado acabar com isso de um jeito fácil e indolor.

Um grande portal de obsidiana se abriu no espaço entre eles. Grave o atravessou e desapareceu.

— Nossa, isso foi divertido — debochou Genevieve após um momento, tentando manter o tom de voz leve.

Rowin se virou para ela.

— Você está bem?

Genevieve encolheu os ombros.

— Aonde você foi? Mais cedo?

— Umbra sentiu o rastro de Lilith. Grave só a deixa perambular pela casa quando está aprontando alguma. Se não fosse por isso, eu não saberia que você estava encrencada. Embora você sempre esteja, não é?

Ela apoiou a mão na cintura.

— Ei, eu estava quietinha na minha aqui. Knox e Grave que vieram atrás de *mim*.

O olhar dele ficou mais carregado.

— Knox também esteve aqui?

Ela estendeu a mão e começou a girar o sinete no dedo, depois confirmou com um aceno.

— Parece que sou uma mercadoria bastante cobiçada nesta casa.

Ele estava com cara de quem queria rir.

— Vamos voltar lá para baixo — sugeriu, estendendo a mão. — Preciso me trocar, e acho que você não deveria ficar aqui sozinha. Caso um dos outros decida te emboscar também.

Ela engoliu em seco ao olhar para a palma da mão que ele lhe oferecia, voltada para cima, como uma serpente pronta para dar o bote.

Ela é minha.

Quanto tempo Genevieve havia esperado que alguém dissesse algo assim sobre ela com orgulho? Queria ter aproveitado o frio na barriga que as palavras dele provocaram, mas, infelizmente, não tinha certeza se sua barriga sabia a diferença entre ficção e realidade.

Ela olhou para a lareira, para o espelho pendurado acima da cornija, depois estendeu a mão e entrelaçou os dedos nos de Rowin. E deixou que ele a conduzisse em silêncio de volta ao quarto.

Assim que a porta foi fechada e eles ficaram de fato sozinhos, ela soltou a mão dele e disse:

— *Nunca* mais diga que sou sua.

Um lampejo de uma emoção que ela não reconheceu cruzou o rosto dele, mas ele não ofereceu nenhuma resposta.

Ela respirou fundo.

— Quando alguém me disser essas palavras, quero que sejam sinceras.

Ele desviou o olhar e prometeu:

— Combinado.

SEGUNDA RODADA

CAPÍTULO 25



OBSERVAÇÃO ASTUTA

Enquanto Rowin se trocava no banheiro, Genevieve escondeu o livro que pegara da biblioteca no fundo de um dos baús, junto ao diário e ao grimório. Por algum motivo, admitir seu interesse em ajudar a salvar a mãe e a família de Rowin era um pouco… íntimo demais.

Ela apanhou o diário antes de esconder o livro debaixo das roupas e foi se sentar à escrivaninha, abrindo-o na página em branco onde havia enfiado a caneta. Começou um novo registro, com a tinta da caneta fluindo com perfeição por quase metade da página antes de ficar irregular, deixando marcas em branco em vez de palavras. Ela sacudiu a caneta com força. Não adiantou.

Rowin deve ter tinta aqui, pensou ao puxar a gaveta ampla da escrivaninha. Afastou algumas miudezas e esticou a mão até o fundo, tateando em busca de algo que parecesse um vidrinho de tinta. Havia bastões de cera, selos, canetas e, então, algo que ela não conseguiu identificar bem no canto. Como um quadrado um pouco elevado na madeira. Ela apertou e…

… o painel frontal de madeira que ficava logo abaixo da gaveta foi aberto.

Um compartimento secreto.

Quando Genevieve fechou a gaveta de cima e abriu um pouco mais a de baixo, encontrou uma pilha grossa de papéis preenchidos com uma caligrafia que ela podia jurar que já tinha visto.

Então pegou uma das folhas e viu que era uma carta, datada de alguns meses antes e endereçada a… Ellin.

Querida Ellin, sinto muito por ter demorado tanto para encontrar as palavras para lhe escrever depois de todo esse tempo. Estou sentado à escrivaninha há cinco horas, sem

conseguir pensar em nada que justificasse o envio desta carta. Veja bem, não fiz nenhum progresso com a cura. Toda vez que encontro alguém com potencial para ajudar, essa pessoa desaparece logo em seguida ou decide que tem medo demais de ser pega por Knox.

Genevieve colocou a carta de volta na gaveta e tirou outra. Aquela era endereçada a Remi e continha apenas uma linha.

Remington, não sei como consertar essa rixa.

A última carta que ela retirou era endereçada a Grave.

Grave. Por favor. Eu imploro que considere a possibilidade de os boatos terem um fundo de verdade. Considere também os sentimentos da mamãe. Você sabe que ela também não quer que isso continue.

Genevieve sentiu um aperto na garganta ao sentir a iminência de lágrimas. Rowin vinha escrevendo cartas para a família ao longo dos últimos quinze anos.

O clique da fechadura da porta do banheiro lhe provocou um sobressalto.

Quando ela juntou os papéis, tentando fazer parecer que não tinha encostado em nada, algo chamou sua atenção no fundo da gaveta oculta. Um envelope com um lacre de cera vermelha com uma rosa em relevo. O endereço no canto lhe era bastante familiar.

Mansão Grimm
Avenida Esplanada
Nova Orleans, Louisiana

A respiração dela ficou presa na garganta.

Mais tarde eu volto a mexer nisso, prometeu a si mesma ao fechar a gaveta.

Rowin entrou e se acomodou na cama sem dizer uma palavra sequer, recostando-se na cabeceira enquanto Umbra se aconchegava em seu colo.

Genevieve achou melhor escrever em outra ocasião e foi até o baú para trocar o diário pelo grimório que trouxera da Mansão Grimm. Em seguida, foi se acomodar na poltrona no canto e começar a folhear o volume. Não conseguia se concentrar na leitura, já que as palavras das cartas de Rowin ainda fervilhavam em sua mente.

E assim permaneceram por um tempo: Rowin com os olhos fechados enquanto cochilava com Umbra, e ela fingindo ler sobre a magia de vários seres paranormais. Em algum momento, Sevin e Covin apareceram na porta do quarto, invadindo o cômodo antes que Genevieve ou Rowin pudessem protestar. Os dois se acomodaram

na cama com um prato de aperitivos trazidos da sala de jantar e uma garrafa inteira de uísque.

Os quatro passaram as horas que lhes restavam até a meia-noite jogando uma animada partida de *Pit*. E, em meio a gritos e disputas por cartas, Genevieve percebeu que quase havia se esquecido de onde estava. Mais para o final da partida, Sevin atirou suas cartas na cabeça de Covin, e Rowin começou a arrumar tudo enquanto os irmãos discutiam para convencer Genevieve de que o outro estivera trapaceando ao esconder cartas extras na manga.

No entanto, quando a meia-noite enfim soou, todos ficaram sérios num instante.

Remi, Grave e Ellin já se encontravam no salão de baile quando os demais chegaram, e, assim que o círculo de irmãos se completou, Knox surgiu dentro do cômodo com a Faca de Caça.

— Wellington manda lembranças de Nocturnia — anunciou o Diabo.

O rosto de Ellin se contorceu de raiva.

— Nocturnia? Que porra você o mandou fazer lá, Knox?

— Nada que ele não merecesse por ter sido o primeiro eliminado.

Knox sorriu, apesar da seriedade das palavras.

Ellin cerrou os punhos, mas não disse mais nada. Sem perder tempo com outras formalidades, Knox arremessou a adaga encantada no ar, como fizera no final do baile de máscaras. Genevieve observou a arma prateada com o coração na mão enquanto ela pairava por um momento tenso antes de girar em torno do círculo e disparar para as mãos de Remi.

— Qual jogo você escolhe? — perguntou Knox.

— Inícios Aleatórios — respondeu Remi.

Rowin se virou para Genevieve, abrindo a boca para falar, mas o som de sua voz se perdeu no tumulto enquanto os dois eram levados do salão.

Genevieve abriu os olhos e se viu em um espaço desconhecido. Sua cabeça girava com a magia de Knox, e ela demorou para entender que estava em uma espécie de copa. As paredes eram forradas de prateleiras de carvalho repletas de louças e utensílios, e Genevieve quis saber se Enchantra contava com uma equipe completa de empregados fora da Caçada. Ou se Rowin vivia todos seus outros dias em completa solidão.

Havia uma saída em cada extremidade do cômodo. Genevieve avistou uma teia de

aranha que se estendia de uma das portas até o teto. Ela se perguntou se o fato de a teia ter permanecido intacta durante a última rodada significava que aquele seria um bom lugar para se esconder. Mas, logo em seguida, ouviu alguém em movimento no cômodo do outro lado daquela porta. E correu para a saída oposta.

Com o ouvido encostado na porta sem teias de aranha, ela escutou até ter certeza de que não havia som algum vindo do outro lado. Então girou a maçaneta sem fazer barulho e foi parar…

… na sala de jantar.

Como nunca reparei nesta porta?, perguntou-se, preocupada com sua falta de atenção. Porém, ao olhar de volta para a saída, percebeu que os painéis haviam sido projetados para se mesclarem por completo com as paredes. As fendas na moldura eram tão imperceptíveis que, se ela não tivesse acabado de passar pela abertura, não teria acreditado que existia uma ali.

Genevieve se esgueirou do cômodo na direção do grande corredor. As saias farfalhavam em volta dos tornozelos com a velocidade de seus passos conforme se dirigia ao quarto de Rowin. Torcia para que ele também estivesse lá, mas, se não fosse esse o caso, seu plano B era pegar o livro que escondera no baú e correr para a sala secreta que ele lhe havia mostrado na biblioteca.

Quando ela agarrou a maçaneta, alguém a abriu por dentro. Uma descarga de adrenalina se espalhou pelo seu corpo, e ela pulou para trás, pronta para correr, até ver o rosto da pessoa.

— Ótimo — disse Rowin, aliviado, enquanto fazia sinal para que ela entrasse. — Achei que fosse levar uma eternidade para te encontrar.

— A gente não deveria se esconder em outro lugar? — perguntou ela.

— Remi não vai nos caçar igual a Grave.

Enquanto Rowin falava, ela notou uma pequena gota de sangue escorrendo do piercing no lábio dele.

Ela tocou o próprio lábio e avisou:

— Você está sangrando.

Ele passou o polegar pela boca.

— Mordi o lábio quando Knox nos transportou.

— Fazer todo mundo começar em um cômodo aleatório é muito inteligente — admitiu ela, a contragosto.

— E elimina o tempo que costumamos ganhar para nos esconder — concordou

ele. — Remi prefere um começo rápido. Na verdade, ele prefere qualquer coisa que faça a Caçada acabar o quanto antes.

— Ele parece bem indiferente em relação ao jogo — observou ela. — O que aconteceu?

Rowin deu de ombros.

— O restante de nós ainda tem esperança, de um jeito ou de outro. Ele desistiu há muito tempo de acreditar que isso pode ter um fim.

— É por isso que vocês dois não são mais próximos?

— Acho que você teria que perguntar a ele.

Uma resposta que não era resposta.

— Quer brincar de duas verdades e uma mentira de novo? — sugeriu ela, e as muitas perguntas que vinham queimando dentro de si nos últimos dois dias vieram à tona.

Ele entortou a cabeça e deu um passo na direção dela, inclinando-se apenas o suficiente para que os olhos dos dois ficassem na mesma altura. Alguns fios desgrenhados de seu cabelo preto caíram sobre os olhos.

— Tenho uma ideia melhor do que podemos fazer para passar o tempo — murmurou ele, com o olhar dourado descendo até os lábios dela.

Apesar da maneira como o coração de Genevieve disparou diante da sugestão, havia algo de errado. Especialmente a ausência do calor que ele costumava suscitar nela sempre que estava tão perto.

— Não acha que devíamos guardar um pouco de emoção para o nosso público? — contestou ela, cruzando os braços sobre o peito para impedir o avanço dele.

— Se você prefere assim — respondeu ele enquanto tentava prender uma mecha rebelde do cabelo atrás da orelha, mas estava curta demais para ficar no lugar.

Foi então que o sangue dela gelou. E o anel em seu dedo se transformou em fogo derretido. Ou talvez estivesse queimando esse tempo todo e ela nem tivesse percebido, porque, bem, Rowin fazia seu coração acelerar e era inegável que uma parte dela começara a associá-lo à segurança.

Foi por isso que ele me disse que eu não podia confiar no meu coração aqui.

Genevieve curvou os lábios num sorriso sedutor. Do tipo ao qual os homens pareciam nunca resistir. Farrow. Morello. Basile, naquela noite terrível em que ela quis magoar Farrow.

E Remington Silver.

O olhar de Remi se acendeu quando ela piscou para ele, exibindo seu doce sotaque de beldade sulista ao falar com toda a sensualidade:

— Por que não vai escolher o local perfeito para o nosso showzinho e depois me encontra aqui?

— Por que não praticamos aqui primeiro? — sugeriu ele, depois inclinou o rosto até quase encostar os lábios nos dela.

Era uma armadilha, claro que era. Genevieve se afastou dele.

— O que me entregou? — questionou Remi, com um sorrisinho de canto.

Ela teve o cuidado de não olhar para o anel.

— Você fez mesmo um piercing no lábio só para me enganar?

Ele fez um gesto indiferente ao enfim sacar a Faca de Caça de dentro da bota.

— Não foi só para enganar *você*, mas foi conveniente que eu tenha esbarrado com você primeiro.

E então ele atacou.

Genevieve pulou para o lado, mas não foi rápida o suficiente. Ela sibilou de dor quando a lâmina atravessou a lateral do espartilho e afundou na sua pele. Antes que Remi pudesse desferir outro golpe, ela agarrou a argola dourada na boca dele e a puxou, rasgando seu lábio.

Ele uivou de dor, tão chocado com o ataque cruel que soltou a lâmina, que caiu com um baque alto no chão. Genevieve não perdeu tempo e se esticou para apanhar a adaga, mas, assim que as pontas dos dedos roçaram o cabo, uma dor lancinante se espalhou por todo o seu corpo. *Merda. Então roubar a faca é contra as regras.* Ela soltou um palavrão e levou a mão de volta ao peito, chutando a lâmina para longe. Enquanto Remi corria até a arma, ela abriu a porta e saiu em disparada.

CAPÍTULO 26



CAMPINA

Genevieve estava de saco cheio de correr. E de sujar todos os seus vestidos de sangue.

Sangue não combina com rosa.

Ela sabia que não conseguiria chegar até o salão de baile e depois subir as escadas antes que Remi a alcançasse. Então, optou pela segunda melhor opção: ir direto para a sala de jantar, onde estragou as unhas ao forçar a abertura da entrada oculta para a copa. Como havia suspeitado, a saída oposta ia dar na cozinha, onde encontrou o corredor secreto que levava à escada e à sala secreta atrás da biblioteca que Rowin lhe mostrara na noite anterior.

Enquanto subia os degraus de madeira precários até o cômodo de pedra desleixado, ela pousou a mão no ferimento dolorido ao lado do corpo, suspirando de alívio com a pressão. Ao se apoiar de forma dramática no corrimão, as fitas de seda da gargantilha se engancharam na ponta de uma farpa saliente e, quando içou o corpo para o degrau seguinte, ela sentiu o aperto em volta do pescoço. Antes que conseguisse levar a mão à nuca para se soltar, a tábua decrépita cedeu e seu pé atravessou a madeira.

Ela soltou um arquejo estrangulado ao cair. Lascas afiadas arranharam seu tornozelo preso, deixando a pele em carne viva, enquanto as fitas se transformavam em um torniquete doloroso em volta do pescoço. Ela enfiou as unhas no meio do nó de seda até que ele se soltasse, rangendo os dentes contra a dor de tirar o pé do buraco no degrau oco. O som abafado de alguém gritando do outro lado de uma das paredes lhe provocou uma descarga de adrenalina, e ela receou ter feito barulho demais. Sentia uma pressão atrás dos olhos implorando que ela chorasse, um bolo na garganta que ela mal conseguiu engolir ao se endireitar na escada para seguir em frente.

Ela se recusava a dar aos espectadores de Knox a satisfação de suas lágrimas, e sabia que eles estavam assistindo. Os espelhos posicionados de forma estratégica nos cantos da passagem empoeirada não passavam mais despercebidos conforme ela os ultrapassava.

São só alguns arranhões, gritou em pensamentos. E ossos doloridos. Orgulho ferido.

No instante em que chegou à sala secreta, *felizmente* vazia, Genevieve já havia tomado uma decisão. Foi mancando até o carrinho com as garrafas e verificou duas, três, quatro vezes se não estava se servindo de um copo de urina. Mas Rowin devia ter resolvido aquele detalhezinho asqueroso quando reajustou a porta do cômodo em algum momento durante as horas de segurança, porque tudo o que ela encontrou dentro das garrafas foi puro uísque de bordo.

Tirou a rolha de vidro da garrafa e despejou um pouco da bebida em um copo. Ao levá-la ao nariz, teve ânsia de vômito com o cheiro, mas, assim que forçou o primeiro gole a descer e sentiu uma queimação boa se espalhar pelo organismo, prometendo um doce alívio, engoliu o resto com facilidade.

Dois copos depois, estava esparramada no sofá, com os olhos pesando até se fecharem enquanto o pesadelo recomeçava.

Após se sentar com um grunhido, Genevieve massageou as têmporas latejantes com as pontas dos dedos conforme os olhos se ajustavam à escuridão.

— Achei que você não bebesse uísque.

Genevieve arquejou de surpresa enquanto procurava Rowin no breu do cômodo, encontrando-o sentado junto da parede oposta, os cotovelos apoiados nos joelhos dobrados enquanto a observava com uma expressão indecifrável. Umbra estava encolhida contra o quadril dele, dormindo a sono solto.

Houve um momento de silêncio enquanto Genevieve ajeitava o vestido, e Rowin ficou de pé para ir até ela. Umbra resmungou por ter sido incomodada.

— Se estava querendo ser enforcada, era só pedir — murmurou ele, agachando-se diante dela e estendendo a mão para tocar a pele macia do seu pescoço com a ponta do polegar. — Eu não teria deixado nenhuma marca.

Genevieve sentiu as pontas das orelhas esquentarem diante das palavras, mas apenas o encarou enquanto gesticulava para que ele se afastasse e ela pudesse se levantar. Uma pontada de dor persistente fisgava o tornozelo, mas ela tentou não

demonstrar quando foi mancando até o carrinho de bebidas. Apanhou a bandeja espelhada que estava sobre ele e a ergueu para inspecionar a linha vermelha e inflamada no pescoço.

— Isso está um *horror* — reclamou ela.

— Você está *mancando*?.

— Escorreguei na escada quando subi para cá — explicou conforme ele se agachava mais uma vez à sua frente e afastava as saias para inspecionar o tornozelo inchado. — Meu pé afundou em uma das tábuas e minha gargantilha ficou presa em uma farpa do corrimão. Aquele Diabo é capaz de forjar proteções mais fortes que aço nos portões da frente e criar mundos fantásticos dentro dos cômodos, mas não consegue dar conta de algumas tábuas de madeira podre? Quem faz a manutenção desta casa?

— Eu. Knox só visita Enchantra durante a Caçada. Eu preparo os quartos de todo mundo antes de eles retornarem, mas consertar degraus quebrados em passagens secretas acabou ficando de lado enquanto eu procurava a cura.

Rowin apertou de leve o tornozelo dela, arrancando-lhe um chiado apesar da delicadeza.

— Está torcido — observou. — Agora me mostre o corte na lateral da barriga.

Ela se afastou enquanto ele se levantava.

— Estou *bem*.

— Ah, é? Então consegue se deslocar para outro cômodo? — incitou ele. — Correr se for preciso?

— Não podemos ficar aqui?

— Já estamos aqui há algum tempo. Acho melhor tentarmos ir para um dos cômodos encantados. Você não devia ter se permitido apagar desse jeito. Se outra pessoa tivesse te encontrado…

— Eu sei — disse ela, e estava sendo sincera.

O olhar dele se iluminou de surpresa, e ela revirou os olhos.

— Tive um momento de fraqueza, vi o uísque e não sei o que deu em mim. Também cruzei com Remi mais cedo, e ele estava fingindo ser você, então as últimas horas foram bem estranhas.

— Aconteceu… Aconteceu alguma coisa? — quis saber ele, e a seriedade de sua expressão a fez querer rir.

— Defina "alguma coisa" — provocou ela.

Um músculo na mandíbula dele se contraiu.

— Se ele tocou em você…

— Se eu não te conhecesse bem — interrompeu ela antes que ele ficasse nervoso demais —, poderia achar que está com ciúme, sr. Silver.

Rowin lhe dirigiu um olhar severo, como se insinuasse que ela tinha perdido o juízo, mas tudo o que disse foi:

— Vai conseguir andar?

— E se eu disser que não?

Ele abriu um sorriso presunçoso. E, antes que Genevieve pudesse protestar, ele a pegou no colo e a levou até a estante giratória.

— Achei que não poderia ser aberta de novo até que fosse reajustada — comentou ela enquanto os dois giravam para a biblioteca.

— Eu disse que não poderia ser aberta pelo lado da *biblioteca* até que fosse reajustada.

Assim que a parede parou de girar e ele a pôs de pé, Genevieve sentiu uma ardência no dedo.

— Rowin… — disse ela em meio a um arquejo, mas era tarde demais.

— E eu achando que tinha vindo para cá dar uma descansada — anunciou Remi enquanto entrava no cômodo.

Rowin cruzou os braços sobre o peito ao encarar o irmão gêmeo.

— Eu não entraria numa briga comigo agora, Remington. Não depois do que você aprontou com a minha esposa.

— Eu diria que sua esposa e eu estamos quites depois que ela arrancou aquele pedaço ridículo de metal do meu lábio — argumentou Remi.

Rowin lançou um olhar surpreso para ela.

— Você fez *o quê*?

Genevieve deu de ombros.

— Fique feliz por eu ter realizado essa fantasia com ele e não com você.

Os olhos de Rowin se acenderam com um brilho maldoso. Remi grunhiu de irritação, desembainhando a Faca de Caça e a apontando para o irmão.

— Vamos acabar logo com isso.

E, de repente, Remi se atirou para a frente. Ele saltou na mesinha de centro no meio do cômodo e usou a superfície de madeira para se lançar sobre a poltrona, balançando-a para trás com seu peso até que ela tombasse e lhe desse o impulso em

um arco perfeito para cravar a lâmina no ombro do irmão. Genevieve tentou engolir o grito de surpresa quando a lâmina retalhou a pele, pois tinha esperado que Rowin se esquivasse do golpe, mas estava óbvio que era isso mesmo que ele pretendia.

Quando Remi tentou arrancar a adaga, Rowin agarrou o braço esticado do gêmeo com as duas mãos e *o quebrou*.

Genevieve desviou o olhar e sentiu um pouco de enjoo conforme a visão do osso quebrado saindo da pele rasgada de Remi invadia sua mente. Um grito de agonia preencheu o ar, seguido por grunhidos de esforço enquanto os dois irmãos caíam no chão em um emaranhado de braços e pernas. Mesmo com apenas um braço útil, Remi não desistiu, assim como Rowin, com a adaga ainda cravada no ombro.

Por fim, Rowin conseguiu imobilizar Remi no chão, e Genevieve não pôde deixar de pensar em como a cena era bizarra. Como se Rowin estivesse lutando contra si mesmo.

— Vou ficar plantado aqui pelo restante da rodada se for preciso — ameaçou Rowin.

Em resposta, Remi libertou a mão boa e arrancou a adaga do ombro ferido antes de cravá-la de novo no flanco do irmão. O gemido de dor que Rowin emitiu foi tão contido que chegou a ser impressionante.

Genevieve estaria soltando tudo quanto era palavrão.

— Eu não aguento mais essa merda — sibilou Remi com os dentes cerrados. — *Quero sair*.

A última parte veio como um urro desesperado, e a cena pareceu quase mais angustiante para Genevieve do que qualquer osso quebrado.

— Então me deixe acabar com isso — rebateu Rowin, e ela não tinha certeza se ele se referia àquela luta em particular ou à Caçada como um todo.

De qualquer forma, não importava, porque, num piscar de olhos, Remi reuniu o que lhe restava de força e empinou as pernas com ímpeto suficiente para jogar Rowin de volta ao chão. Após arrancar a faca das costelas do irmão, Remi se preparou para golpear de novo, desta vez no coração de Rowin. Por sorte, a adaga não atingiu o alvo, pois a estante de livros atrás dele caiu com um estrondo.

Genevieve piscou, incrédula, diante do que acabara de fazer enquanto Rowin saía rastejando de debaixo do corpo de Remi, que despencou no chão, inconsciente, esmagado sob a pesada prateleira. O peito dela ainda arfava por conta do esforço quando Rowin se levantou, atordoado.

— Essas prateleiras são muito mais pesadas do que parecem — reclamou Genevieve antes de se virar para ele e dizer: — Desculpe. Mas não dava mais para ver aquilo.

Rowin passou a mão pelos cabelos à medida que o espanto enfim se dissipava.

— Vamos embora. Ele vai ficar com dor de cabeça, mas isso não é capaz de abater um imortal por muito tempo.

Assim que Rowin fechou a porta do cômodo encantado atrás deles, Genevieve arquejou ao perceber onde estavam. A campina. Só que no momento, em vez do céu azul e ensolarado, o abismo límpido e negro acima deles brilhava com um milhão de estrelas. O rio ainda borbulhava baixinho em algum lugar ao longe, e o manto de flores sobre as colinas se iluminava com o cintilar dos vaga-lumes.

Era o paraíso.

— Genevieve?

Ela olhou por cima do ombro.

— Eu só queria dizer que você se saiu bem lá — disse Rowin.

Como sempre, a expressão dele não deixava transparecer suas emoções. A tristeza nos olhos, no entanto, fez o peito dela apertar.

A frase da carta dele voltou-lhe à mente. *Remington, não sei como consertar essa rixa.*

Após descalçar os sapatos para sentir a grama sob os pés, ela se afastou, evitando apoiar o peso no tornozelo machucado.

— Duas verdades e uma mentira?

Ele assentiu, enfiou as mãos nos bolsos e a seguiu rumo ao som da água. Ficaram em silêncio por um tempo enquanto ela refletia sobre as perguntas e observava o ambiente ao redor, com uma sinfonia de sapos e grilos começando a ecoar em torno deles. Em determinado momento, ela passou a arrancar as pétalas da flor de lavanda que segurava, chegando até as duas últimas antes de voltar a falar.

— Onde você conseguiu este anel? Se a Caçada não existisse e você pudesse viver em qualquer lugar, aqui ou no Outro Lado, onde escolheria? — perguntou ela, e se abaixou para colher uma flor roxa ao passar. — E que pistas você encontrou para…

— Cuidado. Pode não haver espelhos aqui, mas tudo o que acontece nestes cômodos está sendo transmitido em alto e bom som.

— Para o… — retomou ela, buscando outra palavra — Para o presente de aniversário raríssimo que você vai me dar.

— Ganhei o Favorito há quinze anos, quando minha sequência de vitórias começou, e o anel foi o que escolhi como meu prêmio do tesouro de Knox. Grave e eu brigamos no baile de máscaras daquele ano, e isso resultou em um jogo bastante brutal. O público de Knox sem dúvida gostou de ver esse meu lado.

Rowin ergueu o olhar para as estrelas, e Genevieve se perguntou se ele estaria desejando que esse lado não existisse.

— Não sei onde gostaria de viver se algum dia for embora de Enchantra. Já faz muito tempo que não me sinto em casa de verdade aqui, e ainda assim não consigo pensar em outro lugar que mereça ser chamado de lar. E isso me leva ao seu… presente de aniversário. Infelizmente, tudo o que encontrei até agora foram becos sem saída. Tenho escrito cartas — admitiu ele, e, ao procurar os olhos dela, Genevieve jurou ter visto uma pontada de culpa ali. — Mas a maioria das pessoas nem responde. E quando elas respondem…

Tudo o que ele dissera soava verdadeiro, e Genevieve não sabia se ele tinha entendido direito as regras do jogo. Mas tudo o que perguntou foi:

— Por que você e Grave brigaram no tal baile de máscaras, tantos anos atrás?

— É a minha vez — frisou ele.

Genevieve suspirou e assentiu enquanto jogava fora a flor destruída antes de prosseguir até a ponte prateada logo à frente. Rowin a acompanhou. Umbra saltava para cima e para baixo no campo gramado ao redor, tentando abocanhar os vaga-lumes, e Genevieve não conseguiu conter o riso.

Rowin ainda continuava quieto quando alcançaram a ponte, e Genevieve estava ocupada demais explorando os arredores para se dar ao trabalho de insistir. De perto, a construção era muito mais larga do que ela esperava, e o rio abaixo, com sua correnteza incessante, era de uma profundidade surpreendente. A superfície da água parecia de vidro, refletindo as estrelas cintilantes feito um espelho. Quando ela começou a atravessar a ponte, uma das pedras cedeu um pouco sob seu peso e quase a fez tropeçar.

Rowin passou um braço firme em volta da cintura dela bem quando um peixe dourado e luminescente apareceu nadando rio abaixo.

— Viu aquilo? — perguntou ela, ofegante, enquanto dava um puxão na manga da camisa dele.

Ela caminhou até o parapeito e se inclinou para espiar a água, mas o único reflexo dourado à vista então era o dos olhos de Rowin, que se inclinava ao seu lado. Ela franziu a testa.

— Acho que você encontrou o jogo dentro do jogo.

Genevieve o encarou.

— Encontrei o quê?

Rowin apontou para a paisagem ao redor conforme se agachava para examinar a pedra que afundara.

— Lembra que eu mencionei que existem emblemas escondidos por Knox dentro desses cômodos? Cada um contém um enigma. Resolva-o, sobreviva a ele, e o emblema será seu.

— E o emblema nos dará imunidade na rodada seguinte — recordou ela.

Ele assentiu e então apoiou a palma da mão contra a pedra, transferindo seu peso para a frente sobre o degrau solto mais uma vez, gerando mais um fluxo de peixes luminosos pela água.

— Será que existem mais acionadores como esse? — perguntou ela.

Um canto da boca dele se curvou com expectativa.

— Acho que vamos ter que descobrir.

CAPÍTULO 27



LONGA HISTÓRIA

Depois de meia hora verificando todas as pedras soltas ao longo da ponte, descobriram que cada uma liberava um grupo de peixes dourados, com exceção de três ou quatro que liberavam também peixes brancos.

A princípio, Rowin achou que precisavam pegar um dos peixes brancos para localizar o emblema, mas, após conseguir capturar três, mesmo com os ferimentos em parte curados, ainda não havia pistas óbvias. Por fim, os dois se deitaram de costas na margem em declive, com os pés balançando na água corrente. Rowin ainda estava sem camisa por ter mergulhado no rio, e Genevieve tentava se concentrar ao máximo nas estrelas e *não* no abdômen reluzente dele. Até então, ela tinha inventado trinta e cinco novas constelações.

— O que aconteceu na noite em que você parou de beber uísque?

Foi a primeira pergunta dele.

— Cismou com isso, hein? — perguntou ela, ignorando a grama pinicante.

— Sou uma pessoa curiosa — murmurou ele.

Bem, com certeza temos isso em comum.

Ela respirou fundo. Havia apenas quatro pessoas no mundo que conheciam aquela história. Ela, Farrow, Basile e Salem. Cinco se Salem tivesse contado a Ophelia, contrariando o pedido de Genevieve.

— Essa história pode mudar o que você pensa de mim — alertou ela.

Ele a olhou de esguelha.

— Desde quando você sabe o que eu penso de você, encrenca?

Essa era uma baita verdade.

— É uma longa história — tentou ela de novo.

— Acho que temos tempo.

— *Está bem* — cedeu, enfim. — Acho que isso significa que terei que explicar quem é Farrow, afinal.

Rowin deu um sorrisinho. Pelo jeito, era mesmo o que vinha esperando. Isso só provava o que ela sempre soubera: os homens adoravam uma fofoca e um drama tanto quanto as mulheres.

— Conheci Farrow Henry quando tinha quinze anos. Eu tinha entrado de penetra em um baile de gala beneficente no Hotel Monteleone, na Royal Street. Na época, era meu segundo lugar preferido em Nova Orleans. Tanta gente elegante para observar…

Genevieve pensou em todas as mulheres que vira naquele tipo de festa, em quantas delas tinham influenciado seu estilo pessoal, seu gosto por coisas opulentas… sua aversão a tudo que era paranormal.

— Eu reparei nele logo de cara. Tanto por ser a única pessoa com idade próxima à minha, mas também porque ele estava no meio de um furto bem meia-boca, tentando roubar uma garrafa inteira de uísque de trás do balcão. Então, decidi intervir.

— Para o choque de ninguém — murmurou Rowin.

— O atendente do bar o havia flagrado e estava a ponto de mandar alguém expulsar Farrow do evento, mas, por sorte, sou muito boa em fingir desmaios. — respondeu ela, chutando-o com o pé bom.

Rowin bufou pelo nariz.

— E como alguém fica bom em fingir desmaios?

— Usando espartilhos.

— Hum. Continue.

— Enfim, eu criei uma distração. O atendente correu até mim, e Farrow fugiu com a garrafa. Assim que me recuperei, como num passe de mágica, procurei por ele, mas não o vi em lugar nenhum.

Se ao menos tivesse acabado por aí… Genevieve fitou as estrelas e reuniu coragem para contar o resto da história. Apesar de ver Farrow em seus pesadelos quase todas as noites, falar sobre ele em voz alta parecia bem mais torturante.

Algo roçou o dorso da mão dela: as pontas dos dedos de Rowin.

Suave. Reconfortante.

Ela respirou fundo.

— No caminho para casa, decidi parar no Riverwalk. Meu lugar *preferido* em Nova Orleans. Sob as estrelas e o brilho dos lampiões a gás, observando a água, eu podia

fingir que me encontrava na iminência de algo mais grandioso, em vez de empacada onde estava. Onde sempre estive. E, por obra desse destino desgraçado e cruel, foi lá que encontrei Farrow com um grupo de amigos. E, é lógico, o uísque. Foi a primeira vez que fiquei bêbada fora da Mansão Grimm. Farrow me levou para a casa dele, uma mansão luxuosa no Garden District. O tipo de glamour com que eu sempre havia sonhado. Quando os amigos dele foram embora, foi a primeira vez que fiquei sozinha com um garoto. A primeira vez que eu…

As palavras de Genevieve ficaram carregadas de emoção. Sua primeira relação sexual não fora dolorosa, constrangedora nem marcada pela vergonha. Farrow se mostrara gentil e apaixonado, tudo o que ela sempre sonhara para si. Naquela idade delicada, pelo menos.

Ele não a expulsou da cama assim que tudo terminou. Não se recusou a abraçá-la. E, por muito tempo, ela teve muito carinho pela lembrança daquela primeira noite juntos.

Rowin aguardou com paciência que ela encontrasse as palavras seguintes, mas ela sabia que tinha toda a atenção dele.

— Depois daquela noite, ele prometeu que me veria de novo — sussurrou ela. — E cumpriu a promessa. Ele me cortejou o verão inteiro, me levando a lugares aonde eu nunca tinha ido, me proporcionando experiências que nunca imaginei que teria. A família dele é muito, muito rica. Do tipo que tem um aparelho de jantar para todo tipo de ocasião imaginável. Do tipo que tem prédios históricos e placas de rua com o próprio sobrenome. Do tipo que manda os filhos para internatos de prestígio fora do estado para obter a melhor educação possível.

— Ah — murmurou Rowin.

Ela assentiu para o céu.

— Fiquei arrasada. Passei um mês sem sair da cama. Minha mãe mal percebeu. Ophelia, sim, mas eu não tinha contado a ela sobre Farrow, nem sobre tudo que havia acontecido entre nós dois, por isso menti e aprendi a esconder a verdade dela. Farrow prometeu escrever até voltar para me buscar. No começo, as cartas vinham uma vez por semana. Depois, algumas vezes por mês. Daí, recebi uma última carta no meu aniversário de dezesseis anos antes de… silêncio total. Levei anos para superar. Tentei usar outras pessoas para ver se o tirava da cabeça. E, depois de um tempo, funcionou. Até que enfim eu tinha parado de pensar nele… Mas aí aquele canalha voltou.

Genevieve arrancou um tufo de grama e se endireitou, frustrada, enquanto a

picotava em pedacinhos. Rowin também se sentou, dobrando os joelhos até o peito e apoiando a bochecha no punho enquanto a fitava.

— A história ainda vai piorar, acertei?

Ela deu uma risada amarga que serviu de confirmação.

— Farrow voltou e agiu como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse partido meu coração quando foi embora e eu não tivesse passado anos tentando me recuperar. Eu disse a ele, assim que retornou, que me deixasse em paz. Tinha feito outros amigos, como Luci, Iris e Basile, e estava ótima sem ele. Era a primeira vez que eu me sentia parte de um grupo. E ele conseguiu estragar isso também. Farrow e Basile se tornaram inseparáveis. Farrow havia apresentado Iris ao irmão dele, e ela ficou *caidinha*. Ela me implorava o tempo todo para sair com eles. Luci era a única que estava me apoiando, mas a família dela passava por momentos difíceis, e ela se distanciou por um tempo.

— Não me diga que você cedeu fácil assim — murmurou Rowin, arrastando as palavras.

— É lógico que não — debochou ela. — Fiz o cara correr atrás. Rastejar aos meus pés. Por três meses inteiros antes de enfim concordar em sair com ele de novo.

— Três meses? Isso é quase uma eternidade — respondeu Rowin, com o tom carregado de sarcasmo.

— Sem sexo que preste, é mesmo.

Rowin esboçou um sorriso.

— Tente ficar cinco anos sem e depois me diga como foi.

— Cinco *anos*? — perguntou ela, paralisada.

— Eu ando preocupado com assuntos mais importantes, lembra? Vamos voltar para a história. — respondeu ele, desviando o olhar.

Ela quase havia esquecido que estava no meio da própria história.

— Certo. Eu concordei em me encontrar com Farrow, e, desta vez, ele jurou que tinha voltado de vez. Estava até trabalhando na empresa do avô e disse que estava pronto para algo sério. Durante meses, dormi ao lado dele, ouvindo suas promessas. Ele dizia que me pediria em casamento e me daria a casa dos meus sonhos. Que ajudaria a cuidar da minha família. Porque minha irmã ainda não sabia, mas minha mãe estava à beira de nos levar à falência — revelou ela, com a respiração trêmula. — E aí, no dia 20 de fevereiro do ano passado, ele mudou de ideia.

Genevieve jogou o tufo de grama no riacho, observando cada folha criar pequenas

ondulações sobrepostas na água. Tinha medo de que a conversa que tivera com Farrow naquele dia só desaparecesse de sua memória quando estivesse morta e enterrada.

— Ele disse que a família dele era rica demais para ter alguém com sangue paranormal na linhagem *pura* deles. Que eu tinha me iludido por acreditar nisso. Contou que estava noivo de uma garota qualquer em Londres e que nós dois poderíamos passar mais duas noites juntos.

O rosto dela queimava de vergonha enquanto ela se concentrava em um ponto distante.

— Enfim. Mandei um bilhete para Farrow dizendo que queria me despedir. Pedi que me encontrasse dentro de um dos carros alegóricos do Mardi Gras às seis em ponto. E aí fiquei muito, muito bêbada.

— De uísque — adivinhou Rowin.

Lágrimas brotaram nos cantos dos olhos dela.

— Isso. Ele me flagrou com Basile em uma posição *muito* comprometedora. Eu queria que ele se sentisse tão mal quanto eu havia ficado. Queria mostrar a ele que eu tinha partido para outra primeiro.

— O que ele fez? — perguntou Rowin, estreitando os olhos.

— Me chamou de todos os xingamentos possíveis. Puta. Vagabunda. *Demônio*. Tanto faz. As palavras não importavam — contou, chorosa, e abraçou o próprio corpo. — Eu o tinha envergonhado. E, em resposta, ele ateou fogo no carro alegórico com Basile e eu trancados lá dentro.

— Genevieve — disse Rowin, com uma expressão descrente.

— Eu estava bêbada demais para usar magia. Acho que talvez tenha sido por *isso* que desmaiei na primeira noite aqui. Ter minha magia roubada trouxe de volta a sensação de impotência. Odeio me sentir assim.

Um breve lampejo de culpa cruzou o rosto de Rowin.

— Quando fomos resgatados, Basile estava com mais da metade do corpo queimado. Eu me recuperei, claro. Embora tenha levado *semanas*. Mas o pai de Farrow subornou a polícia, e depois um cheque chegou à Mansão Grimm também.

Ela respirou fundo e continuou:

— Basile me pediu que o ajudasse a usar o dinheiro dele do suborno para conseguir um elixir muito caro para suas cicatrizes, e, embora isso tenha funcionado bem, não ajudou muito a aliviar minha culpa.

— E quanto a Farrow? Você deixou que ele se safasse?

— Por sorte, há pouco tempo consegui os contatos de que eu precisava para obter a vingança que Farrow merecia, uma que fosse duradoura.

— Espero que a vingança tenha incluído atear fogo nele — declarou Rowin, bem sério.

— Chegou perto.

Para falar a verdade, Salem se mostrara um pouco disposto demais a incendiar a propriedade da família Henry. Mesmo com a condição imposta por Genevieve de que não poderia haver *ninguém lá dentro* quando o incêndio começasse. Nunca tinha feito Salem jurar que seguiria essa condição à risca, uma pequena parte dela torcia para que ele não a tivesse escutado.

— Qual parte dessa história deveria mudar o que penso de você? — questionou Rowin.

— Esta é uma das suas perguntas? — quis saber Genevieve.

— É.

— Não me orgulho de nada disso — admitiu ela. — Quero tanto esquecer, mas acho que não mereço. Não quando Basile precisa se lembrar. Desde então, tenho tentado encontrar algum tipo de luz no meio da escuridão do que aconteceu. Mas acho que talvez a luz nunca vá estar ao meu alcance, e preciso aceitar isso.

— Você não precisa ir em busca dessa luz, Genevieve. A luz está onde você estiver.

Uma onda de surpresa a invadiu diante da sinceridade daquelas palavras, e ela teve que desviar o olhar.

— Você entende que nada disso é culpa sua, não é? — perguntou Rowin. — A culpa é daquele desgraçado. Farrow. Que porra de nome ridículo.

— O sujo falando do mal lavado, *Rowington* — brincou ela, sem muito entusiasmo.

— Estou falando sério — insistiu Rowin, e estendeu a mão até o queixo dela, guiando seu olhar ao dele, o dourado das íris transbordando sinceridade. — Sabe que não tem culpa de nada disso, certo?

— Esta é sua última pergunta? — sussurrou ela.

— Genevieve.

— Eu não sei.

Ele balançou a cabeça, e sua expressão foi se tornando sombria.

— Porra, acho bom que esta seja a sua mentira.

CAPÍTULO 28



EMBLEMA

Durante as horas seguintes, Genevieve montou coroas de flores suficientes para um pequeno batalhão. Ela trançou uma em seus cachos macios e até fez outra menorzinha para se ajustar ao pescoço de Umbra feito uma coleira. A raposa não pareceu muito satisfeita. Estava mais satisfeita que Rowin, porém, que no momento usava flores trançadas no topo da cabeça, ao redor do pescoço e em cada um dos pulsos. As pétalas em tons pastel contrastavam muito com sua pele tatuada, mas, de alguma forma, só aumentavam a atração que Genevieve sentia por ele.

— Pare de ficar rindo sozinha aí — ordenou ele.

Genevieve comprimiu os lábios, achando mais graça ainda. Rowin andava de um lado para outro na ponte, soltando levas de peixes brilhantes rio abaixo sem parar enquanto tentava decifrar o jogo de Knox.

— Tem algo a ver com o peixe branco — repetiu ele pela milésima vez. — Não existe outra razão para eles terem uma cor diferente.

— Quantos acionadores existem mesmo?

— Oito.

— Quais têm peixes brancos? — questionou ela enquanto descartava outro anelzinho de flores e se colocava de pé.

— É aleatório.

Ele pisou em uma das pedras, e uma ondulação percorreu a água em resposta.

— Os dois primeiros liberam apenas peixes dourados. Mas o terceiro também tem peixes brancos. O quarto tem dourados, o quinto tem brancos, o sexto tem brancos, o sétimo tem apenas dourados e o oitavo tem brancos.

— É sempre o mesmo número de peixes brancos?

Ele fez uma pausa. Depois exclamou:

— Puta merda!

Ela o observou pressionar cada pedra responsável por soltar os peixes brancos. De fato, os números eram todos diferentes. Uma liberava três, outra quatro, outra um par e a última um solitário nadador cor de marfim.

Rowin logo começou a pisar nas pedras em ordem crescente. Os dois esperaram, mas nada aconteceu. Ele tentou a ordem decrescente em seguida. Nada.

— Tente em ordem crescente colocando cada uma das outras pedras entre uma e outra — sugeriu Genevieve.

E assim ele fez. Um peixe branco. Todos dourados. Dois peixes brancos. Todos dourados. E assim por diante, até que a sequência inteira estivesse completa.

Foi aí que algo aconteceu.

Todos os peixes voltaram para o rio de uma só vez e, em vez de desaparecerem correnteza abaixo, ficaram vagando a esmo. Seu brilho dourado se espalhava pela campina.

— Isso foi… um pouco decepcionante — opinou Genevieve, com a mão apoiada na cintura. — Eu esperava mais…

— Olhe!

Rowin apontou para alguma coisa na água. Genevieve forçou a vista, procurando por alguma novidade abaixo da superfície.

Ali. Um único peixe vermelho.

— Umbra, pegue — ordenou Rowin.

A raposa ergueu os olhos de onde se banhava, a poucos metros de Genevieve, na margem. Ao comando de Rowin, a criatura levantou a pata traseira, usou as garras para arrancar a coleira de flores do pescoço e, em seguida, mergulhou de prontidão na água.

Genevieve fez um muxoxo de irritação. Tinha se esmerado naquela coleira.

Eles observaram Umbra na água, a cabeça se mexendo para lá e para cá enquanto ela rastreava o alvo escarlate. Quando a raposa mergulhou, Genevieve avançou alguns passos, admirada, conforme ela capturava a presa com rapidez e precisão.

Assim que a raposa abocanhou o alvo, houve uma mudança.

As estrelas no céu começaram a piscar antes de adquirirem um tom agourento de carmesim. O brilho dos peixes abaixo também mudou, envolvendo tudo ao redor em um tom de vermelho vívido assustador. Parecia sangue. Os peixes foram se

transformando aos poucos, com as escamas mudando de um dourado luminescente para um tom escuro como piche, e os olhos de repente se fixaram todos em Umbra.

E foi aí que Genevieve viu os dentes.

Rowin gritou o nome de Umbra, mas era tarde demais. Os peixes dispararam todos de uma vez.

Antes que Rowin conseguisse pular pela lateral da ponte para ir atrás de seu Familiar indefeso, o corrimão prateado começou a se contorcer, avançando em sua direção e envolvendo o torso dele. Uma gaiola. Genevieve não soube o que deu nela naquele momento. Tudo o que viu foi a expressão de agonia no rosto de Rowin enquanto ele lutava para se libertar e ajudar Umbra. A nuvem vermelho-escura continuou a se espalhar no meio do rio.

Genevieve mergulhou.

Seu tornozelo ainda estava machucado, a lateral do tronco ainda doía por causa do golpe de Remi com a Faca de Caça, mas ela não parou de nadar. Como esperava, as piranhas não lhe deram atenção conforme abria caminho em meio ao frenesi, os olhos delas fixos apenas em Umbra e no prêmio carmesim reluzente. Assim que ela alcançou a raposa, soube que não teria muito tempo. Quanto mais se aproximava, mais espesso o sangue se tornava, turvando sua visão e dificultando que distinguisse o peixe vermelho na mandíbula de Umbra.

No instante em que Genevieve avistou os olhos âmbar agitados e as patas negras se debatendo em meio à escuridão, agarrou o máximo que pôde do flanco de Umbra e a puxou para longe do cardume. Apertando a raposa junto ao corpo com um braço e se impulsionando para a frente com o outro, ela bateu os pés em direção à margem, nadando o mais rápido que conseguia. Na mesma hora, as piranhas foram atrás.

Dava para ela ouvir os sons do vestido sendo rasgado, com o peso das saias ainda atrapalhando seus movimentos. Em seguida, vieram os dentinhos afiados se cravando na sua pele. Ela gritou, enviando todo o ar dos pulmões de volta à superfície em um redemoinho de bolhas, debatendo-se sem controle à medida que o próprio sangue se misturava na água ao redor. Batia os pés sem parar enquanto os peixe ferozes mordiscavam sua pele, mas não soltava Umbra por nada. O emblema continuava preso com firmeza entre os dentes da raposa.

Quando enfim chegaram à margem, Genevieve usou o que restava de suas forças para atirar Umbra para fora do rio, em direção à terra. Assim que o peixe vermelho saiu da água, as piranhas se afastaram, com as escamas assumindo devagar o brilho

dourado de antes. E, enquanto Genevieve sangrava no riacho, afundando cada vez mais, tudo escureceu.

A névoa em sua mente era tão densa que ela não conseguia distinguir o que era real do que não era. Mas, pelo menos daquela vez, não estava sonhando com fogo.

Não, ela estava com muito, muito frio.

O som das badaladas do relógio vibrou por todo o corpo dela, sincronizado com as batidas lentas do seu coração.

— Ela está tão fria… — resmungou uma voz grave.

— Perdeu muito sangue — disse outra pessoa.

Algo macio e felpudo encostou na lateral do tronco dela enquanto mãos escaldantes lhe afastaram o cabelo do rosto. Ela tentou dizer alguma coisa, mas as palavras não saíram.

— Eu te protejo — sussurrou a primeira voz. — Não vou deixar você partir.

— Desta vez vai custar muito caro — sussurrou alguém.

— Pode ficar com o emblema — prometeu uma voz familiar. — Desde que a ajude *agora*.

— E se eu me recusar? E ela morrer?

Nenhuma resposta.

Um minuto depois, uma sensação afiada e elétrica se propagava pelo corpo de Genevieve. Começou nas pontas dos dedos e subiu por cada centímetro da pele. Fosse qual fosse o tipo de magia, pinicava demais, e ela queria tanto se coçar, mas ainda não conseguia se mexer.

— Fique parada — tranquilizou a voz familiar. — Só mais um pouquinho, eu juro.

Mais silêncio. Os choques continuaram.

— Já entendi qual é a sua — disse a voz suave depois de um tempo.

Mais uma vez, nenhuma resposta.



Genevieve não soube dizer quanto tempo havia se passado quando a coceira por fim cessou.

— Você tem que aguentar firme por mim — exigiu a voz.

Aquela que a mantinha aquecida.

— Vai me dar o que se eu fizer isso? — ela tentou responder.

Uma longa pausa.

— O que você quer?

As palavras saíram quase num sussurro.

— Algo real — disse ela.

Silêncio.

CAPÍTULO 29



SANTUÁRIO

Genevieve sentia um calor reconfortante ao longo das costas e um peso enorme envolvendo sua cintura. Ela nunca estivera tão confortável na vida. Mas aí alguma coisa áspera e úmida deslizou por sua bochecha.

A língua de Umbra.

— Eca — reclamou ela, abrindo os olhos e limpando a saliva do Familiar.

— Umbra, chega.

Por um momento, o corpo de Genevieve ficou rígido quando sua mente registrou que era *Rowin* quem estava colado atrás dela. Ele levantou o braço de modo que a virasse de frente, e ela ficou grata pelo fato de o quarto estar escuro o bastante para esconder suas bochechas coradas.

— Você está do meu lado da cama — disse ela com a voz rouca.

— Boa constatação — murmurou ele.

Genevieve lhe deu um tapinha no braço, que ele ainda não havia retirado da cintura dela.

— Que raios aconteceu?

— Você perdeu muito sangue. Seu corpo ficou frio demais para uma mortal.

— E cobertores não poderiam ter ajudado nisso? — questionou ela enquanto começava a avaliar sua situação.

Mais uma vez, fora despida do vestido, que foi substituído por uma das camisas de Rowin. E sua pele estava limpa, sem qualquer vestígio de sangue.

— Essa foi a maneira mais fácil de eu garantir que você estivesse aquecida o suficiente.

O sorriso que aos poucos tomou conta do rosto dela foi retribuído com uma

expressão furiosa, mas ela não cairia naquela desculpinha.

— Bem, obrigada por ser tão *atencioso*.

— Depois do que fez por Umbra, você merece — disse ele em voz baixa.

A reverência nos olhos de Rowin era tão escancarada e genuína que provocou um aperto na garganta dela.

Ela estendeu a mão e tocou de leve a bochecha dele com a ponta dos dedos.

— Obrigada por me salvar da morte certa. De novo. Ou por convencer sua irmã a fazer isso, pelo menos.

— Não precisa agradecer. Você e eu somos parceiros. Salvamos um ao outro.

O coração dela parou.

Salvamos um ao outro.

Havia se passado menos de quatro dias, e mesmo assim ele tinha sido a primeira pessoa, além da irmã, a oferecer ajuda quando ela precisou. Todas as vezes. Da mesma forma, ele era a primeira pessoa, além da irmã, que ela quis salvar.

Genevieve tinha ido a Enchantra em busca de alguém como ela, alguém que pudesse entender o que era ser um pária dentro da própria família. Mas havia encontrado todos eles, uma família engraçada, barulhenta e brutal, com pessoas muito leais e capazes de realizar grandes façanhas se não fossem colocadas umas contra as outras.

— Mas eu gostaria de agradecer — continuou Rowin, sua voz penetrando os pensamentos dela daquele jeito que sempre fazia. Como se a mente dela estivesse sempre à espera das próximas palavras dele, querendo ouvir ou não. — Por salvar Umbra…

— Não precisa agradecer — respondeu ela. — Você não me deve nada, Rowin. Umbra é parte de você, e você é…

Ele é o quê? Não é meu. Não de verdade. Não de alguma forma que importe depois deste jogo.

— Eu sou o quê? — insistiu ele.

— Se você e eu somos parceiros, isso inclui sua pestinha peluda — respondeu ela, por fim.

Então desviou o olhar para Umbra, que a encarava sem piscar, com adoração.

Maravilha.

Rowin lançou um sorriso para a raposa antes de enxotá-la e voltar a atenção para Genevieve.

— Tudo bem. Não vou agradecer. Mas posso pelo menos mostrar como eu estou grato?

A respiração ficou presa na garganta de Genevieve, com o anseio que percorreu seu corpo de repente, mas Rowin não se mexeu. Apenas a observou com expectativa.

— Pode — sussurrou ela. — Por favor, mostre.

Assim que as palavras saíram da boca de Genevieve, Rowin mudou os dois de posição, até que ela estivesse com as costas coladas no colchão e ele pairasse logo acima. Então se inclinou para dar um beijo delicado no queixo dela, deixando um rastro enquanto seguia em direção ao pescoço. Ela viu as sombras de Rowin começarem a se desenrolar ao redor deles e quase gemeu com a expectativa de que elas tocassem sua pele de novo. Depois sentiu o sorriso dele contra sua clavícula quando as sombras passaram a deslizar por seu corpo e sob a camisa, arrancando-lhe um gemido. O coração deu um pulo quando as mãos dele começaram a explorar também, agarrando a bainha da camisa e a levantando aos poucos, até que estivesse acima das curvas dos seios. Os olhos dele foram escurecendo enquanto a admirava, com uma avidez que Genevieve nunca tinha visto em ninguém.

Ela se lembrava do que ele dissera sobre corações não serem lógicos nem leais, mas estava cagando para isso. Desejava Rowin tanto naquele momento que permitiria que seu coração a levasse para quaisquer incêndios perigosos, contanto que ele a tocasse e não parasse mais.

Sem aviso, Rowin se abaixou e passou a língua em um dos mamilos retesados de Genevieve, enviando uma descarga de prazer direto ao meio das pernas dela e a fazendo agarrar os lençóis para não se contorcer.

— Achei que você tivesse dito que não seria doce — murmurou ela, sem fôlego, quando ele começou a alternar beijos ardentes entre os dois seios antes de lamber o outro mamilo.

— Não vou ser doce por muito tempo, encrenca — jurou ele.

— Porque é *só uma foda*, certo? — perguntou ela, querendo avaliar a situação.

Ele ergueu a cabeça e encontrou os olhos dela. Por um momento, não respondeu. Então, pouco antes que uma centelha de esperança pudesse se acender dentro dela, disse:

— Certo.

Quando uma onda de decepção a atingiu em cheio, ela soube que sua promessa de que não houvesse sentimentos entre os dois tinha sido, na melhor das hipóteses,

otimista demais. Também sabia que poderia dar um basta naquele instante se achasse que havia mudado de ideia. Mas aí perderia qualquer experiência que ele estivesse prestes a lhe proporcionar, e isso quase parecia mais doloroso.

Antes que a decepção a inundasse por completo, Rowin se inclinou e cravou os dentes com delicadeza no mamilo dela. As costas de Genevieve começaram a arquear quando um gemido de prazer enfim lhe escapou dos lábios. Enquanto ele ia beliscar o outro mamilo, suas sombras se enrolaram nos pulsos e tornozelos dela, esticando braços e pernas até que ela estivesse à mercê dele.

Rowin tornou a olhar para ela.

— Consegue estalar os dedos?

Ela o encarou, sem entender.

— Se consigo…

— Mostre que consegue — exigiu ele.

Ela estalou algumas vezes, mas as sombras dele não a soltaram.

— Por quê?

— Você pode pedir que eu pare a qualquer momento. E, se não conseguir falar, estale os dedos, entendeu?

Ela se perguntou quais seriam as preferências dele para tornar necessário um sistema desses. *E será que estou prestes a ter um gostinho dessas coisas?*

Como se soubesse direitinho o que ela estava pensando, Rowin explicou:

— Covin é um grande defensor dos estalos. Os gostos dele são bem mais sádicos que os meus, mas formas extras de comunicação são sempre úteis quando as bocas estão… ocupadas.

Ela teve que engolir mais um gemido diante das imagens evocadas por aquelas palavras, e isso a fez perceber como estava alvoroçada. Ele soltou uma risada pelo nariz e mergulhou a cabeça para abocanhar os seios dela mais uma vez, fazendo os mamilos rosados se contraírem quase a ponto de doer conforme a excitação de Genevieve começava a encharcar os lençóis. Ele tomava o cuidado de manter o próprio peso todo sobre os antebraços enquanto a levava ao êxtase com a boca, o que significava que ela não estava recebendo fricção onde mais precisava.

— Me toca — implorou ela.

— Estou tocando você — respondeu ele, fazendo um movimento preguiçoso com a língua.

— Então *me fode* — pediu ela, grunhindo.

Rowin tinha posicionado a mão entre os dois, roçando de leve a ponta dos dedos naquele ponto mais sensível. Ela tentou se aproximar, mas as sombras dele apenas a puxaram com mais força, juntando seus pulsos e esticando os braços acima da cabeça enquanto abriam as pernas dela. Rowin riu outra vez enquanto se ajoelhava entre as coxas de Genevieve, percorrendo seu corpo com os olhos como se quisesse se deleitar com o tormento dela.

— Eu não vou te foder — declarou ele, pousando a mão espalmada nas curvas da barriga dela. — Ainda.

— Mas…

— Era para eu estar te agradecendo, lembra? — perguntou ele, sem tirar os olhos dela. — Vou mostrar como é ter a minha gratidão, encrenca.

Então deslizou a mão ainda mais para baixo, tão devagar que era quase doloroso, até o polegar roçar naquele ponto paradisíaco mais uma vez.

— Se você achou que eu era um oponente incansável, espere até me ver na cama.

Genevieve mal conseguiu registrar as palavras quando ele enfim proporcionou a fricção de que ela tanto necessitava, pressionando o polegar contra seu clitóris e o esfregando em círculos apertados e lânguidos sobre o ponto sensível. Ela choramingou de prazer enquanto se debatia contra as amarras de sombras dele, mas não encontrou um pingo sequer de piedade, nem do aperto nem de Rowin. Sem afastar o polegar, ele deslizou o indicador e o dedo médio para dentro dela, curvando-os para a frente e os contraindo até ficar com a mão encharcada.

— Por favor — pediu ela, ofegante. — Eu preciso…

— Do que você precisa? — murmurou Rowin, enquanto ela se debatia. — Seja específica.

— Preciso que você sinta o meu gosto — disse ela, o tom sensual saindo de seus lábios quase irreconhecível aos próprios ouvidos. — Preciso sentir você me *adorando*.

Ele deu um sorriso cínico.

— Sou uma criatura do Inferno. Adorar não é muito da minha natureza.

Em seguida, se abaixou entre as pernas dela e estalou a língua para prová-la.

— Mas, enquanto você permanecer na minha cama, farei dela o seu santuário.

— *Caralho!* — gritou Genevieve.

Vários novos tentáculos das sombras dele se separaram dos demais para começar a se acariciar a pele dela, apertando seus mamilos e se enroscando em seus cabelos enquanto Rowin usava a língua de forma incansável. A técnica dele era magistral: a

ponta da língua traçava círculos lentos sobre o clitóris até Genevieve estar à beira do êxtase. Quando ela estava quase lá, as amarras de sombra aumentaram seu aperto, apenas o suficiente para ser doloroso, interrompendo seu prazer e a afastando do clímax. Sentiu o sorriso dele quando a língua mergulhou na direção de sua entrada, dedicado a levá-la de volta ao limite.

Rowin continuou até ela sentir que não ia aguentar mais, a dedicação dele era tão implacável quanto a promessa que acabara de fazer. E, quando ela se aproximou do clímax mais uma vez, as sombras dele a impediram de novo.

— Eu juro que vou te matar — ameaçou ela, mas ele apenas riu enquanto se afastava.

— Respire fundo, encrenca — disse ele, com a voz rouca de desejo. — Você vai precisar.

Conforme ele falava, as sombras começaram a descer pelo corpo dela, exceto as que seguravam os pulsos e tornozelos, até chegarem lá embaixo. Rowin observou, ajoelhado diante dela, com os olhos semicerrados, sua magia começar a dar prazer a Genevieve, reduzindo-a a gemidos descontrolados mais uma vez. E, quando as sombras mergulharam ali *dentro* e proporcionaram a sensação de estar preenchida pela qual tanto ansiava, ela berrou.

Ondas de êxtase a atingiram repetidas vezes enquanto as sombras de Rowin entravam e saíam dela, desencadeando cada último suspiro que ela tinha a oferecer.

Quando enfim começou a voltar a si, a magia escura se dissipou feito fumaça, e Rowin trocou as amarras de sombras nos tornozelos dela pela própria mão, acariciando com suavidade a pele para aliviar a dor causada pelo aperto. O peito de Genevieve arfava enquanto ela tentava recuperar o fôlego e formular um único pensamento coerente.

Quando se deitou ao lado dela, ainda de roupa, e estendeu a mão para massagear seus punhos, ela pôde sentir a dureza da ereção dele contra o próprio quadril.

— Tudo bem aí? — perguntou ele.

Ela voltou o rosto para ele, os olhos ainda um pouco desfocados. Atordoados.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso presunçoso, e ela o fulminou com o olhar.

— Você está convencido demais.

— E você está satisfeita demais para reclamar.

Genevieve desviou o olhar. Ele tinha razão. Estava satisfeita *demais* para algo que

deveria ser *só uma foda*. Talvez ele fosse capaz de entrar e sair dos personagens que estava interpretando, dentro e fora daquela cama, mas de repente ela teve a sensação de que ninguém mais seria capaz de lhe proporcionar algo tão incrível de novo. E aquela era uma sensação muito perigosa.

Não vou deixar que ele me destrua.

— Preciso tomar um banho — avisou ela ao se sentar, ignorando a forma como suas pernas pareciam gelatina.

Saiu da cama abafada e, enquanto ajeitava a camisa e caminhava com passos leves até o banheiro, ouviu Rowin se levantar também.

Ela se virou com uma sobrancelha arqueada.

— Aonde você vai?

Ele a afastou para o lado e foi direto para a banheira preta com pés de garra que ocupava toda a parede dos fundos do cômodo, abrindo a torneira enquanto dizia:

— Grave não sabe sobre a passagem entre nossos quartos. Mas, mesmo assim, não vou correr o risco de deixar você sozinha aqui enquanto ainda está se recuperando.

Ela bufou.

— Não vou deixar você me ver *tomar banho*.

Ele deu um sorrisinho.

— Sou eu ou Umbra. Aliás, ela se recusa a sair do seu lado desde que você a resgatou.

Genevieve fitou a raposa, que estava, naquele exato instante, esfregando o focinho nas pernas dela.

Com um suspiro de derrota, resmungou:

— *Tudo bem*. A raposa pode ficar.

— As toalhas estão embaixo da pia. Use o sabonete que quiser — ofereceu Rowin, deixando as duas a sós.

— Pelo menos olhe para o outro lado até eu estar dentro da banheira — pediu Genevieve à raposa.

Umbra baixou a cabeça como se assentisse e se virou até ficar de frente para o armário das toalhas. Genevieve relaxou um pouco e se virou para a banheira enquanto desabotoava a camisa de Rowin. Tirou a peça de roupa da pele febril e a deixou cair no chão. Sem perder tempo, entrou na banheira fumegante, suspirando de prazer conforme a água lambia sua pele e relaxava os músculos doloridos. Logo abriu um dos pequenos frascos de sabonete na borda da banheira e despejou um pouco do líquido

perolado na palma da mão antes de ensaboar a pele. Enquanto inspecionava o próprio corpo em busca de quaisquer vestígios das mordidas horríveis das piranhas, percebeu que não havia uma cicatriz sequer.

Com certeza, Ellin é minha favorita.

As cicatrizes mentais, no entanto, ainda estavam lá.

Genevieve não sabia se algum dia conseguiria apagar da mente os lampejos de dor causados por uma centena de dentinhos afiados perfurando sua pele. De uma coisa tinha certeza: nunca mais queria ver outro peixe na vida.

Ela afundou mais na banheira, até ficar toda submersa. Assim que a água cobriu o rosto, a lembrança de estar no rio com as piranhas voltou à tona, e o pânico começou a apertar seu peito. Ela soltou um grito borbulhante e se debateu de medo enquanto se agarrava à lateral da banheira para se erguer. Antes que conseguisse, duas mãos fortes estavam lá, segurando seus braços e a puxando para fora da água.

Ela engasgava enquanto piscava para afastar as gotas grudadas nos cílios, com o peito arfando ao tentar levar oxigênio para os pulmões e o rosto tenso pela dor de conter as lágrimas.

— Genevieve, você está segura — disse Rowin ao se agachar ao lado da banheira, afastando a água e o cabelo dos olhos dela. — Eu estou aqui. Você está segura. Sem peixes. Sem rio. Você está bem aqui.

As palavras foram um bálsamo instantâneo, assim como o toque dele, e isso só a fez querer chorar mais. Como se permitira ficar tão dependente de Rowin?

Ela se esforçou para controlar a respiração por um minuto antes de conseguir responder, e ele esperou com paciência, sem que seus olhos *descessem* do rosto dela nem por um instante. Foi então que se deu conta de que ainda estava nua.

Aproximou os joelhos do peito, envolvendo-os com os braços antes de pedir:

— Pode me dar uma toalha, por favor?

Rowin fez que sim e voltou alguns segundos depois com a maior toalha que ela já vira na vida. Ele a desdobrou e esticou entre si e a banheira, virando a cabeça para o lado a fim de deixá-la mais à vontade enquanto ficava de pé. Em seguida, ele a envolveu com o tecido branco e felpudo.

Com a toalha firme ao redor do corpo dela, ele ofereceu a mão e a ajudou a sair da banheira, os respingos molhando o piso de mármore branco.

— Desculpe — disse ela enquanto ele suspirava e esvaziava a banheira. — Juro que não é minha *intenção* fazer tanta bagunça sempre.

Rowin a olhou com ceticismo, mas não pareceu muito incomodado ao pegar mais toalhas para secar o chão. Ver um homem como ele realizar uma tarefa doméstica tão mundana a fez sentir um calor no ventre, e na mesma hora ela se virou na direção da pia de modo a se distrair com o cabelo. Empurrou a ponta da toalha que cobria o espelho para o lado e conferiu o próprio reflexo. Bastou uma olhada rápida no estado deplorável do cabelo para ela soltar um gritinho agudo, voltando a cobrir o espelho antes que mais alguém pudesse ter um vislumbre daquela atrocidade.

— O que aconteceu? — perguntou Rowin, aparecendo logo atrás.

Ela apontou para o emaranhado de nós em seus cachos castanhos.

— Meu *cabelo*.

Começou a puxar as mechas para tentar soltar os fios, mas, quanto mais puxava, piores os nós ficavam, e seu estômago se revirava de desespero. Não havia como se livrar dos nós sem cortar o cabelo, e esse pensamento trágico fez as lágrimas que ela vinha engolindo nos últimos dias escorrerem pelas bochechas.

— Não, não, *não* — choramingou ela, desesperada enquanto as mãos começavam a tremer.

Tudo aquilo era um pouco demais. Um pouco intenso demais. Suas emoções estavam tão emaranhadas quanto aqueles nós. Sua vida sexual também. Mesmo os dois prometendo que não haveria nenhum sentimento entre eles, que não haveria um *nós*. E de repente, para completar, seu *cabelo*.

Os ombros de Rowin subiam e desciam enquanto ele afastava, incrédulo, as mãos dela dos fios embaraçados e murmurava:

— Foi esfaqueada no ombro com uma adaga mágica e por pouco não sangrou até a morte, mesmo assim não derramou nenhuma lágrima. Quase foi devorada por piranhas, e nada de lágrimas. Mas alguns nós no cabelo e…

— É fácil para você dizer isso quando acorda todos os dias *assim* — retrucou ela, bufando, ao girar de frente para ele.

Rowin a encarou com as sobrancelhas arqueadas e um sorrisinho nos lábios ao implicar:

— Assim como?

As lágrimas foram diminuindo conforme a frustração de Genevieve aumentava.

— Você sabe muito bem *como*. Não vou ficar aqui enaltecendo sua beleza porque você com certeza tem plena consciência dela.

— Contanto que seja só atração.

Ele apoiou as mãos nos ombros dela e a forçou a ficar de frente para o espelho coberto mais uma vez. Quando ele foi pegar um pente fino na gaveta do móvel, a pele de Genevieve se arrepiou com as palavras dele, com a insinuação por trás delas, e a raiva só aumentou.

— Porque seria terrível demais se eu por acaso gostasse da companhia do meu marido, não é? — debochou ela, cheia de sarcasmo, mas ficou esperando pela reação dele sem respirar.

Talvez fosse o fato de ela quase ter morrido, ou o prazer que ele lhe proporcionara em seguida, injetando adrenalina demais no seu organismo, mas tudo o que sabia era que estar perto dele a fazia sentir *alguma coisa*, e não era só por ele ser tão bonito que chegava a ser pecaminoso.

— Fique parada. E, sim, seria terrível. Por vários motivos. Estamos no meio de um jogo, Genevieve.

Ela se virou para Rowin. As sombras dele de repente se projetaram no ar, circundando os punhos e a cintura dela, depois a prenderam contra o balcão da pia enquanto ele se inclinava com um olhar exasperado.

— Pare de se mexer, ou vai piorar a situação — ordenou ele.

Ela tentou se livrar das mãos de sombras, mas elas não cederam.

— Puta merda, encrenca. O que houve? Seu humor mudou antes mesmo de você sair da cama… o que aconteceu? O que eu fiz?

— *Nada* — respondeu ela, com as palavras quase entaladas na garganta. — Você estava… está… *argh*. Não sei quando começou a ficar tolerável nos últimos dias, mas eu *odeio* isso. Eu disse que não era a garota certa para isso. Não sou boa em fingir. Não consigo agir como se você não tivesse me proporcionado o máximo de prazer da minha vida… ai, *pare de sorrir*.

Ela o fulminou com o olhar enquanto ele tentava dissimular o sorriso tossindo no punho fechado, depois acrescentou:

— Este casamento deveria ser um jogo, mas me sinto como um peão e não como uma jogadora.

— O que você deseja de mim? — perguntou ele, com sinceridade. — É só dizer que eu faço.

Ela engoliu em seco. A intensidade no olhar dele, a proximidade e aquela sensação esquisita e vibrante das sombras envolvendo sua pele… era difícil demais formular pensamentos coerentes.

— Eu digo que pode me pedir qualquer coisa e *agora* você escolhe ficar quieta? — murmurou ele.

— Acho que não devemos mais ter momentos íntimos — sussurrou ela. — Não tenho certeza se consigo…

Lidar com isso, quase falou, mas então a proposta de Knox voltou à tona, e ela pensou que talvez precisasse apenas reformular as coisas na própria cabeça.

— Tudo o que fizermos daqui em diante será só para dar um showzinho — decidiu ela. — Nada de *agradecer* um ao outro, a menos que seja diante de uma plateia. Quando Knox me procurou antes de você me encontrar com Grave na biblioteca, fez uma proposta para nós dois: oferecer algo um pouco mais *emocionante* à plateia dele. Então, já que você vai me deixar mal-acostumada para todos os meus futuros amantes, eu quero pelo menos tirar algum proveito disso. Quero ganhar o prêmio de Favorita.

Pelo menos assim terei uma desculpa para desejar o toque dele.

A expressão dele se suavizou por completo diante do pedido.

— Se é isso que você quer.

Genevieve assentiu e deixou que as sombras dele a virassem de costas, dando-lhe acesso aos seus cabelos outra vez. Os tentáculos sombrios afastaram as toalhas enquanto ele trabalhava, para que ela pudesse acompanhar o progresso.

— Se me interromper de novo, vai ter que lidar com esses nós sozinha — avisou ele.

A julgar pela delicadeza do toque, ela sabia que era da boca para fora. Ainda assim, não disse mais nada.

Levou quase uma hora para Rowin e suas sombras desembaraçarem o cabelo dela. Observar as sombras em ação era fascinante, e ela pensou que também poderia ser uma amante extraordinária se tivesse cinco pares de mãos extras.

No entanto, a ternura que ele dedicou à tarefa a deixou mesmo furiosa. Uma hora, estava evidente que ela não significava nada para ele, e logo depois ele cuidava dela *daquele* jeito? A vontade dela era mordê-lo de novo.

Quando ele penteava as últimas mechas, ela por fim perguntou:

— Como você ficou tão bom nisso?

Ele não puxou com força nenhuma vez, e ela era conhecida na família por ter o

couro cabeludo muito sensível.

— Ajudei Ellin a desembaraçar o cabelo muitas vezes. Nossa mãe nem sempre podia estar por perto, e os outros irmãos não tinham paciência.

Então apoiou o pente no balcão e deixou, enfim, que ela se virasse.

Os olhos de Rowin se demoraram no rosto dela por mais um instante antes de ele se afastar e admirar o resultado.

— Pronto. Está impecável para o jantar.

— Jantar? Que horas são?

Ele enfiou a mão no bolso do colete para tirar um relógio de bolso:

— Quase cinco. Você não dormiu muito.

— Sabe, a pior parte de quase morrer todas as noites é perder a noção do tempo. Não faço mais ideia de que dia é hoje.

— Vinte e três — respondeu ele enquanto voltava a cobrir o espelho.

Quando Genevieve congelou, Rowin a encarou, preocupado.

— Amanhã é meu aniversário — disse ela.

— *O quê?* Por que não me contou antes?

— Você teria se importado antes? E eu me lembro de ter mencionado que você deveria procurar um presente de aniversário raríssimo para mim.

Ele franziu a testa.

— Achei que fosse um código para falar sobre *a cura*.

— E era, mesmo. Mas também é meu aniversário.

— Beleza. Então preciso organizar algumas coisas — anunciou ele, já a caminho do quarto. — Vista algo digno de uma comemoração.

— Que tal um showzinho também? — sugeriu ela enquanto o seguia.

— Um showzinho? — perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

— É. Talvez ganhar o prêmio de Favorita possa ser meu presente de aniversário este ano.

CAPÍTULO 30



BASTANTE CONVINCENTE

23 de março

É véspera do meu aniversário e eu nem me lembrava. Neste momento, era para eu estar assistindo a uma ópera no Teatro Argentina, em Roma. Minha irmã me deu os ingressos de presente. E, em vez disso, eu decidi vir a este lugar abominável. Pela primeira vez na vida, vou passar meu aniversário longe da minha mãe e de Ophelia. Não haverá gumbo com linguiça andouille para jantar, nem pudim de pão com chocolate branco. Se Rowin não tivesse mencionado que dia é hoje, meu aniversário poderia ter passado em branco.

Rowin insistiu que eu o deixasse organizar uma comemoração no estilo da família dele hoje à noite, com a ajuda dos irmãos, sobretudo porque não existem garantias de que sobreviverei à próxima rodada da Caçada para podermos comemorar amanhã. É mórbido, mas, contanto que tenha bolo, quem sou eu para reclamar?

Pelo que percebi, a família Silver tem tradições bem rígidas quando se trata de aniversários. Como os irmãos dele têm comemorado todos os aniversários no Inferno nos últimos anos, Rowin sente falta das festas. Ele me garantiu que o jantar não será nada menos que maravilhoso e muito divertido.

E, óbvio, toda essa empolgação perde o brilho diante do fato de que em breve estaremos arrancando as roupas um do outro no corredor, para toda a sua família e os espectadores de Knox assistirem. Espero que nossa demonstração seja boa o suficiente para satisfazer aquele público depravado. E o desejo insaciável do qual não consigo me livrar.

Um beijo,
Genevieve

Genevieve travou o pequeno cadeado em formato de coração do diário e o guardou de volta no fundo do baú. Enquanto arrumava com cuidado os outros itens para esconder o diário, vislumbrou o livro que havia pegado na biblioteca, o com a seção sobre Deterioração Carmesim, e jurou dar uma folheada nele antes da próxima rodada da Caçada. Ou pelo menos levar o livro a tiracolo para ter alguma distração quando estivesse entocada com Rowin em algum esconderijo.

Isso significava que ela precisaria admitir para ele a sua vontade de ajudar. Mesmo depois que a Caçada terminasse, caso conseguisse sobreviver, ela queria ajudar.

E por falar em coisas que preciso admitir para ele… mais cedo ou mais tarde terei que mencionar as cartas que ele escreveu para a própria família, pensou. *Assim como os envelopes da Mansão Grimm…*

Tinha quase certeza de que os tais envelopes eram os das cartas que ela enviara para Barrington, mas que motivo *Rowin* teria para guardar todos eles entre os próprios pertences?

Sem dúvida ela fizera a coisa certa ao insistir que não poderia haver mais momentos íntimos entre os dois. Não se tratava apenas da capacidade irritante dele de se importar com ela em um momento e, no outro, alegar que era só sexo. Não, o buraco era mais embaixo. Ela tinha aberto seu coração para ele, revelado sua verdade mais sombria, mas estava na cara que ele ainda escondia segredos.

— Está pronta, encrenca? — indagou Rowin, da soleira.

Genevieve se assustou com o som da voz dele. Seus nervos estavam à flor da pele num misto de irritação e expectativa pelo que os dois estavam prestes a fazer. Rowin a deixara com Umbra enquanto preparava sabe-se lá o que tinha em mente para a festa de aniversário dela na sala de jantar… logo após o *showzinho* deles.

Todo mundo vai estar a caminho da sala de jantar às sete em ponto. O que significa que precisamos estar lá pelo menos quinze minutos antes.

Ela não estava pronta. Não apenas para o ato iminente, mas também ainda não tinha terminado de se arrumar.

O vestido escolhido era o mesmo que teria usado na ópera. Era feito de um veludo azul meio turquesa que combinava com os olhos dela, com o corpete de cintura baixa afunilando até um ponto logo abaixo do umbigo. Um decote profundo em formato de

coração deixava boa parte do colo à mostra, mas as mangas compridas devolviam um pouco do recato, volumosas nos ombros antes de se estreitarem ao redor dos bíceps e por toda a extensão dos braços. O corpete precisava ser amarrado nas costas, mas ela não conseguia fazer isso sozinha.

— Genevieve?

— Preciso de ajuda — disse ela, com um suspiro. — Pode amarrar para mim?

Rowin cruzou o quarto para dar uma olhada no vestido dela, permanecendo em silêncio ao puxar as fitas pelos ilhoses de seda. Ela estremeceu quando sentiu os dedos dele roçarem por acidente na pele nua das costas.

— Respire fundo — instruiu Rowin, e ela obedeceu enquanto ele esticava as fitas antes de amarrar tudo em um laço elegante.

Ela se afastou e deu uma voltinha.

— Como estou? Arrumada demais?

Ele não disse nada por um tempo, os olhos dourados se demorando em cada centímetro dela de um jeito que a fez sentir aquele maldito frio na barriga.

— Não. Você não está arrumada demais.

Ela fez uma careta. Não era isso que esperava ouvir. *Perfeita*, *deslumbrante* ou *sem defeitos* fazia mais o seu estilo.

— Pronta? — perguntou ele outra vez.

E, de novo, não, ela não estava, mas concordou mesmo assim.

Ele pareceu notar certa hesitação.

— Somos só você e eu, encrenca. Uns dias atrás você me *odiava* porque eu sou um "brutamontes de merda", lembra? É só canalizar essa fúria, e ninguém vai perceber a diferença.

Tinha mesmo dito aquelas coisas, não tinha? Mas foi antes de tudo o que aconteceu na cama dele. Não parecia certo dizer que o *odiava* quando ele a fizera sentir o exato oposto poucas horas antes.

Ela odiava Farrow. A cor das azeitonas verdes. Umidade. Corvos.

Com Rowin, ela se sentia… agitada. Não sabia mais em que caixinha o guardar dentro de sua cabeça. Eles não eram marido e mulher, não de verdade, mas também não eram amigos. Eram?

— Só não se empolgue muito — alertou ele, interrompendo seus devaneios.

Ela fez uma careta.

— Por que você acha que *eu* que vou me empolgar?

Rowin bufou pelo nariz, como se a ideia de que seria ele a se exceder fosse absurda. O que ela interpretou como um desafio.

Assim que Rowin a conduziu para o saguão, puxou-a para um canto escuro entre um dos pilares que delimitavam a entrada do salão de baile e a parede próxima. Então posicionou os dois de forma que ela ficasse encostada na parede e ele se debruçasse sobre ela, em frente a um dos enormes espelhos.

Por mais que Genevieve tentasse não se deixar afetar pela proximidade dele, as lembranças dos lábios dele em sua pele, poucas horas antes, a enchiam de expectativa. Ela já beijara muitas pessoas na vida, vinte e sete, para ser exata. Mas, além de Farrow, nunca havia pensado duas vezes em nenhum dos beijos de seu passado. E, embora tudo aquilo não devesse passar de *fingimento*, estava nítido que seu corpo ainda não havia entendido o recado. A maneira como seu coração disparou quando Rowin deslizou as pontas dos dedos pelo queixo dela e inclinou seu rosto em direção ao dele era uma prova disso.

— Relaxe, encrenca — cochichou ele no ouvido de Genevieve enquanto começava a invocar as próprias sombras, que se enrolaram em volta do corpo dos dois e roçaram nos cabelos dela antes de enlaçar sua cintura. — Não se preocupe com quem estiver olhando. Concentre-se apenas em mim.

Ela o encarou.

— Isso — murmurou ele. — E não esqueça que você pode estalar os dedos se quiser parar. Caso alguma coisa fique intensa demais e você não se sinta confortável com a ideia de outras pessoas estarem assistindo.

— Vale para você também — sussurrou ela.

Ele deu um sorriso debochado.

— Acho que não vai precisar se preocupar com isso, encrenca.

E lá estava aquele desafio de novo.

O sorriso que se formou nos lábios de Genevieve era inocente a princípio. Doce. Ela acomodou os ombros contra a parede atrás de si, inclinando um pouco a pelve para a frente, de um jeito que não era explícito, apenas para se sentir confortável. Havia prendido os cachos em um coque torcido frouxo, de modo que os únicos fios que tinha para ficar enrolando na ponta dos dedos eram os que emolduravam seu rosto. Foi o que fez.

— Sabe o que eu acho, sr. Silver? — cantarolou ela enquanto o fitava por entre os cílios espessos, batendo o dedo indicador no lábio inferior como se estivesse pensativa,

tentando atrair o olhar dele para sua boca de propósito.

Funcionou. Sempre funcionava.

— O que você acha? — perguntou ele, a voz um pouco mais grave.

— Acho que devíamos mostrar a todos o quanto você está disposto a se ajoelhar por mim — disse ela com a voz melosa, colando o corpo ao dele com um pouco mais de pressão.

Ela balançou o corpo para a frente e para trás, como se estivesse ajustando a postura, mas, quando viu as pupilas dele dilatarem e sentiu a dureza crescendo sob o cinto de Rowin, soube que tinha provocado nele a exata reação que queria.

— Você me quer de joelhos, encrenca? Então eu vou me ajoelhar. Mas primeiro…

Ele fez suas sombras deslizarem ao redor das coxas dela, depois a ergueu pelas pernas e as prendeu ao redor da própria cintura em um único movimento fluido, sem levantar um dedo sequer. Inclusive, espalmou as duas mãos contra a parede, uma de cada lado da cintura dela, como se quisesse provar que era capaz de excitá-la sem nem mesmo usar as mãos.

Rowin se inclinou para dar um beijo ardente na clavícula exposta de Genevieve enquanto outros fios de sombras mergulhavam nos cabelos dela, fazendo uma pressão suave em diferentes pontos do couro cabeludo, nas têmporas, nas depressões sensíveis da nuca. Quando sua boca começou a subir pela lateral do pescoço dela, com a argola do lábio arranhando sua pele de uma maneira deliciosa, todo o corpo de Genevieve vibrou de desejo. E, quando os lábios chegaram ao ponto delicado atrás da orelha esquerda, ela sentiu as sombras roçando devagar a parte interna de suas coxas em direção ao meio de suas pernas, onde estava latejando. Ela se viu contorcendo o corpo, tentando se aproximar mais de Rowin. Seus mamilos estavam endurecidos, implorando por atrito. A excitação encharcava a roupa íntima enquanto ela buscava a pressão pela qual ansiava. Ele esfregou o volume rígido dentro da calça no encontro de nervos sensível sob as saias dela, e, no mesmo instante, criou um colar de sombras para lhe apertar o pescoço, fazendo-a sufocar com o gemido inebriante que tentava escapar da garganta.

— *Caralho* — disse ela, com a voz estrangulada, quase ofegante ao sentir o sorriso dele contra sua bochecha.

— Quieta — ordenou Rowin, e as sombras aumentaram o aperto ao redor do pescoço dela para enfatizar as palavras.

— Estou ficando o mais quieta…

As sombras apertaram ainda mais forte como punição pela desobediência, e ela gemeu, desejando que aumentassem a pressão em *outros* lugares também. Jamais experimentara tantas sensações avassaladoras, e precisava de *mais*.

Genevieve cravou as unhas nos ombros de Rowin quando a boca dele desceu até seu queixo, depositando beijos ali enquanto se esfregava nela de novo. As sombras foram subindo ainda mais sob as saias dela, roçando-lhe a roupa íntima com um toque leve feito uma pluma. Sem querer, ela soltou mais um gemido, e toda a pressão que ele vinha exercendo sobre ela se dissipou, exceto pelo aperto punitivo em volta do pescoço.

Mas ela já estava farta de provocações.

Agarrou a frente da camisa de Rowin e aproximou com força a boca dele até a sua, e os lábios dos dois se chocaram com avidez. Quando as línguas se enroscaram, ela deslizou as mãos até os cabelos dele, enrolando as mechas mais longas nos dedos e puxando como vingança pela provocação. Ele tinha o mesmo gosto do mel que o perfume que exalava. Rowin grunhiu de prazer, e ela engoliu o som, puxando-o com mais firmeza enquanto o corpo dele respondia com entusiasmo e a pressionava ainda mais contra a parede. Quando ele se afastou o mínimo possível para deixar os dois respirarem, ela mordeu a argolinha de ouro no lábio dele e a puxou de leve com os dentes.

Pela maneira como cada músculo do corpo dele se retesou e pelo palavrão que ele soltou, Genevieve concluiu que seu ato foi apreciado.

Ela deu uma risadinha, e ele capturou de volta sua boca com a dele, abafando o som enquanto finalmente, *finalmente*, colocava as mãos no corpo dela. Uma começou a levantar a saia até o quadril, ao passo que a outra envolveu a lateral do rosto e inclinou a boca em uma posição mais propícia para aprofundar o beijo. Os músculos da barriga dela se contraíam conforme a mão dele se aproximava da fonte de sua excitação, e ela precisou de todo o autocontrole para não *implorar* que a tocasse ali.

Quando ela se afastou para tomar fôlego outra vez, trêmula, os lábios dele não perderam o ritmo, percorrendo a bochecha até chegarem ao ouvido, sussurrando:

— Eu… Eu sempre estive certo sobre você, não é? Você só vai me trazer encrenca.

— Está na hora de você se ajoelhar…

Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Rowin a firmou de pé e seguiu mesmo sua ordem. E ela estaria mentindo se dissesse que aquela visão não foi a mais incrível de todos os tempos.

Ele levantou devagar as saias dela, levando o tecido até o umbigo enquanto depositava um beijo na parte interna de sua coxa.

— Tem certeza… — começou ele.

Mas a frase foi interrompida por um pigarro vindo dos arredores, e foi nesse momento que Genevieve percebeu que o anel em seu dedo estava *queimando*. Ela e Rowin viraram a cabeça para o lado e encontraram Ellin, que parecia muitíssimo abalada, e Sevin, sorrindo com o pirulito na boca. E logo atrás deles? Grave. Com uma expressão de repulsa no rosto.

Genevieve retribuiu com uma careta. Como se ele tivesse o direito de julgá-la.

— Pelo jeito é um *feliz* aniversário mesmo — gracejou Sevin antes de aplaudir devagar o showzinho e sair andando.

Rowin se desvencilhou de Genevieve enquanto Ellin permanecia plantada no lugar. Ele deixou Genevieve ajeitar as saias e olhou para a irmã com cautela.

— Interessante — disse Ellin a Rowin, com um sorriso de quem sabia das coisas.

Genevieve não entendeu bem o que aquilo significava.

Quando os irmãos enfim desapareceram na direção da sala de jantar, Rowin se virou para Genevieve com um aceno de aprovação.

— Bom trabalho, encrenca — murmurou ele antes de seguir os outros.

Enquanto o observava se afastar, sem olhar para trás, Genevieve percebeu que ele acertara em cheio: ela tinha se empolgado. E não havia nada que ela quisesse mais do que repetir a experiência.

CAPÍTULO 31



TRADIÇÕES

A mesa de jantar estava decorada com um arranjo central de flores douradas e cor-de-rosa. Cada lugar estava posto com pratos do mesmo conjunto, e um banquete vibrante de dar água na boca se estendia pelo centro. Em cada parede, pendiam metros de seda dos mesmos tons das flores, cobrindo todos os espelhos do cômodo.

— Já nos exibimos o bastante nas duas primeiras rodadas. Acho que merecemos uma folga — disse Rowin quando ela mencionou este último detalhe.

Genevieve se sentou ao lado dele à mesa, em frente a Sevin, que parecia muito entretido. Porém, antes que o rapaz pudesse implicar com ela sobre a cena que interrompera no corredor, Remi chegou, e todos logo voltaram suas atenções para o irmão gêmeo de Rowin. Como Remi não havia conseguido eliminar ninguém durante sua vez, pelo visto ele ia ter que enfrentar a zombaria dos irmãos pelo resto da noite. E, embora mostrasse que preferiria estar em qualquer outro lugar, ele permaneceu sentado… o mais longe possível de Rowin.

Quando todos estavam presentes, sendo Covin o último a chegar, as festividades enfim começaram. E não deveria surpreender que as tradições de aniversário da família Silver fossem um verdadeiro *caos*.

— Quem decide como vamos comemorar não deveria ser *eu*? — perguntou Genevieve enquanto discutiam sobre o melhor jeito de começar.

— Se quer ser uma Silver, meu bem, vai ter que lidar com o fato de que aniversários são um assunto de família — argumentou Sevin. — Nós comemoramos como se fosse o aniversário de *todos* nós.

Ela cruzou os braços.

— Por quê?

— Porque, se não for assim, alguém ia ter um chilique e soltar uma matilha de Cães do Inferno pela casa — explicou Rowin, com um olhar incisivo para Sevin e Covin. — É mais fácil apenas deixar que façam o que quiserem.

Ela suspirou.

— Está bem, então. O que vem primeiro?

Começaram com o presunto de aniversário.

Para decidir quem receberia a honra de cortar a iguaria, eles se reuniram ao redor da mesa e passaram o enorme pedaço de carne de porco adiante como se fosse uma batata quente, até todos serem eliminados, exceto Covin. Genevieve foi eliminada após a primeira rodada, quando o deixou cair, provocando muitos resmungos, porque se recusava a ficar com cheiro de *presunto* pelo resto da noite. Ela também se recusou a provar um pedacinho depois porque, bem, ela o havia *deixado cair no chão*. Francamente.

Depois do jantar excelente, apesar de ela ter sentido muita saudade do *gumbo* da mãe, Barrington chegou trazendo uma caixinha com um laço cor-de-rosa.

— Crianças — cumprimentou ele antes de acenar para Genevieve e lhe entregar o presente. — São só chocolates. Os preferidos da sua mãe. Feliz aniversário, querida. Embora eu deva admitir que a ocasião do seu aniversário seja bastante infeliz para mim.

— Por quê? — perguntou ela enquanto colocava o presente de lado, tentando não pensar que eram os *preferidos da mãe*.

— Porque toda vez que comemoramos um aniversário, o papai leva uma facada nas costas como um presente para todos nós — explicou Covin conforme a expressão de Barrington ficava tensa. — Você é uma Silver agora. Então também conta.

Genevieve estava prestes a perguntar se Covin estava brincando quando Grave voltou da cozinha com sete facas grandes na mão.

— Puta merda! — exclamou ela, boquiaberta, enquanto Rowin lutava para conter um sorriso diante do choque dela.

— Certo. Quem tem o melhor segredo vai primeiro — anunciou Sevin. — Ellin foi pedida em casamento por Gareth Serpentine no baile de máscaras.

O rosto de Ellin foi ficando vermelho conforme todos viravam a cabeça para encará-la.

— Sevington Silver, seu *fofoqueiro* de merda. Quem te contou isso?

O rapaz deu um sorrisinho.

— Eu não revelo minhas fontes.

— Nossa irmãzinha será a próxima a se casar! — anunciou Covin, e ergueu sua taça de vinho.

— Eu não aceitei, seu idiota — protestou Ellin.

— Por que não? A família Serpentine é um dos clãs de Demônios mais poderosos do Inferno — opinou Remi, que estava encostado na parede. — De repente, se você se casar com um deles, pode tentar usar a brecha no ano que vem.

— Eu não vou me juntar àquela família. Eles são muito arcaicos. Têm tradições que fazem a gente parecer normal. Covin devia saber disso. Ele anda fodendo a Nessa Serpentine já tem um tempinho.

Todos se voltaram para Covin em choque, e Genevieve tinha certeza de que teria a mesmo expressão estampada no rosto se soubesse de quem estavam falando.

Ellin sorriu.

— Eu estava guardando essa já fazia um tempo.

— *Nessa?* — questionou Barrington, olhando feio para o filho. — Covington, você sabe o que a família Serpentine faria com você se eles descobrissem que…

— Estou ciente, pai, obrigado por avisar — retrucou Covin.

— Viu? Mentalidade arcaica — ecoou Ellin. — Gareth poderia foder qualquer uma que ninguém ia se importar.

— Gareth não vai herdar o império Serpentine. Ninguém se importa com nada que ele faça — palpitou Sevin.

— Ah, que se dane — murmurou Ellin.

— Conte logo seu segredo, Covin — incentivou Rowin, e Genevieve conseguiu ver a perna dele se sacudindo, impaciente, embaixo da mesa.

— Grave parou de visitar a mamãe há meses — declarou Covin.

O rosto de Grave assumiu uma expressão assassina quando seus olhos se concentraram no irmão.

— Eu sabia que você estava me seguindo, seu escroto.

— Fazia um tempo que eu queria abordar o assunto com você — disse Barrington ao filho mais velho.

— Como se eu desse a mínima para o que o senhor tem a dizer — devolveu Grave para o pai antes de voltar a atenção para Sevin. — Foi Remi quem roubou seu estoque de sangue, Sevin.

— *Eu sabia!* — exclamou Sevin enquanto se lançava sobre Remi e o acertava com

um soco no ombro. — Onde foi que você botou?

— Nem se dê ao trabalho de procurar — retomou Grave. — Ele trocou por Sopro do Demônio.

— Remi — repreendeu Ellin. — Você não está meio velho para essas drogas recreativas sem graça?

— É, não seja infantil — disse Covin. — Vá logo para as mais pesadas.

— O Sopro do Demônio não era para mim — defendeu-se Remi.

— Era para um amigo, certo? — perguntou Sevin, rindo.

Remi não se dignou a responder.

— Remi? Um segredo? — insistiu Ellin.

— Eu passo — declarou ele, com o tom carregado de tédio.

— Tudo bem. Rowin? Genevieve? — prosseguiu Ellin.

— Não, obrigada — retrucou Genevieve ao mesmo tempo que Rowin revelava:

— Eu matei Cedric Wrathblade no baile de máscaras e Sevin me ajudou a me livrar do corpo.

Sevin bufou.

— Eu estava sentindo que você ia revelar esse.

Grave engasgou com o vinho, e Barrington quase ficou roxo. Ellin, no entanto, parecia eufórica.

— Meu voto vai para Rowin — declarou ela.

— Vocês fizeram *o quê*?! — gritou Barrington para os filhos.

Sevin deu de ombros.

— Acredite, ele mereceu.

— Mexer com alguém da Daemonica, alguém que tenha laços familiares com ela, é arranjar sarna para se coçar — repreendeu Barrington. — E um Wrathblade, ainda por cima? Vocês dois perderam o juízo?

— Largamos o corpo no meio de um grupo de Vampiros poderosos — disse Rowin. — Se alguém ficar sabendo, vai achar que Cedric foi longe demais durante a iniciação e os vampiros se empolgaram.

Enquanto Barrington emendava um palavrão no outro e seus filhos começavam a votar em quem merecia o título de Melhor Segredo, Genevieve se inclinou para cochichar para Rowin:

— Você o matou porque ele ia me machucar?

— Ele encostou na minha esposa sem permissão. Eu o teria matado por menos

que isso. Mesmo com os riscos de colocar a Daemonica contra mim.

— O que é a Daemonica, afinal? — indagou ela.

— Uma sociedade secreta prestigiosa para Demônios — explicou Ellin. — Como um daqueles clubes universitários, com capas sinistras e um aperto de mão especial. Eles são uns babacas, mas dão as festas mais incríveis. Sevin sempre quis entrar.

— *Por quê?*

Genevieve voltou o olhar para Sevin.

— Não ouviu a parte sobre as festas? — disse Sevin, sorrindo, mas a expressão não alcançava os olhos.

Ela se lembrou de como Sevin havia ficado de fora no baile de máscaras e suspeitou de que havia algo bem mais complicado em jogo. Pelo visto, ninguém ali, exceto o próprio Sevin, sabia do que se tratava.

— Muito bem, Rowin — retomou Barrington, com a voz firme. — Parece que você venceu este ano.

Rowin sorriu ao se levantar da cadeira e caminhar até as facas, que Grave havia disposto de maneira organizada no meio da mesa. Genevieve observou com curiosidade quando Rowin pegou uma das armas e foi até o pai, mas logo percebeu que a tradição não estava tomando um rumo muito divertido.

— Feliz aniversário, sra. Silver — disse Rowin a ela antes de enfiar a faca bem entre as costelas de Barrington.

Genevieve arquejou, mas Barrington se manteve de pé com apenas um ligeiro estremecimento. A resistência de um imortal sempre a surpreendia.

Sevin riu com prazer.

— Bem-vinda à família, Vivi. Não se esqueça de fazer um pedido por cada faca.

Rowin voltou para o lado dela, e os outros foram se revezando com as facas. Barrington cerrou os dentes contra cada investida, mas não se encolheu nem protestou. Quando só restava uma, Covin a ofereceu a Genevieve.

— Nem fodendo — reagiu ela.

— Eu vou! — gritou Sevin na hora.

Logo após o derradeiro golpe, Barrington murmurou:

— Feliz aniversário, Genevieve.

Então ele arrancou as facas das costas e saiu do cômodo, deixando um rastro de sangue por onde passava.

Tudo o que Genevieve conseguiu pensar em dizer foi:

— Eu não entendo esta família.

Mas, em outra vida, acho que teria adorado fazer parte dela.

— Meu pai é a razão de estarmos presos neste jogo fodido — explicou Ellin, dando de ombros. — É justo que sofra de vez em quando.

— E aí, quem quer bolo? — perguntou Sevin.

Uma hora depois, Genevieve e Rowin retornaram ao quarto dele para se trocarem e descansarem antes da próxima rodada da Caçada. Ele trocou os lençóis usados enquanto ela tirava os grampos do cabelo desgrenhado.

— Precisa de ajuda? — perguntou Rowin quando terminou de ajeitar a cama, a sobrancelha arqueada ao ver como ela lutava para alcançar as fitas das costas.

Ela se deteve.

— Foi por isso que amarrou tão apertado? Para poder desamarrar também?

Não havia o menor sinal de diversão no rosto dele quando fez sinal para que Genevieve se virasse, e ela mordeu o lábio, sem saber como interpretar seu humor. Então o sentiu puxar um dos laços para desfazer o nó, depois soltar as fitas de forma meticulosa até que o espartilho se afrouxasse o suficiente para que a respiração dela voltasse ao normal.

— Duas verdades e uma mentira? — perguntou ele.

Ela se virou, surpresa com a sugestão.

— Pode ser.

— Você se divertiu? Qual foi o seu aniversário favorito até hoje? Qual foi o melhor momento da noite?

— Foi… interessante — começou Genevieve. — Muito diferente dos meus aniversários em casa. Minha mãe preparava meu prato preferido enquanto eu ficava brincando com Ophie. Acho que meu aniversário favorito foi o de treze anos. Foi quando minha mãe começou a me deixar ir à cidade sozinha.

Enquanto ouvia, Rowin desabotoou o colete, tirou e o dobrou sobre a cômoda. Em seguida, passou para os sapatos sociais e a gravata.

— E o melhor momento da noite…

Genevieve parou de falar enquanto tentava se concentrar em qualquer coisa que não fosse ele se despindo.

— Hum? — insistiu ele quando começou a desabotoar a camisa.

Sentir sua boca em mim. Sem a menor dúvida.

— Ver Covin engolir uma faca maior do que meu antebraço — mentiu ela.

Na verdade, a cena lhe causara profunda angústia. Não queria ver algo parecido nunca mais.

— Ele sempre faz essa gracinha nas festas — contou Rowin.

Pelo jeito como a observava, porém, ficou claro que sabia que ela não tinha gostado. Mas, para a alegria dela, não disse nada.

— Sua vez — devolveu ele.

— Vocês odeiam mesmo seu pai tanto quanto dão a entender?

Ela ainda não tinha coragem de fazer a outra pergunta.

— Não é… tão simples assim — admitiu ele. — Mas, às vezes, sim. Não porque ele cometeu um equívoco num momento em que temia pela vida da esposa, mas porque nem se dá ao trabalho de estar *presente*. Ele tem vergonha demais do que nos forçou a fazer. Mas, tendo cometido um erro ou não, quando uma pessoa aprisiona seus filhos em uma maldição como a Caçada, deveria pelo menos se dignar a olhar na cara deles mais de duas vezes por ano.

Genevieve concordou com a cabeça.

— Minha mãe nunca nos contou sobre o meu pai… sobre como o conheceu em Phantasma e as maldições que destruíram nossa família… nem sobre a dívida que ela fez usando a nossa casa como garantia. E daí ela morreu e apenas nos abandonou para lidar com a questão sozinhas. Ela nos abandonou, me deixando despreparada para a vida.

Rowin cruzou os braços sobre o peito exposto e se recostou na cômoda, pensativo.

— Nunca é fácil se dar conta de que as pessoas que deveriam nos proteger são aquelas capazes de deixar as cicatrizes mais profundas.

Genevieve suspirou. Tentava engolir aquela verdade havia muito tempo.

— Acho que era por isso que eu estava tão determinada a entrar aqui, apesar dos seus avisos — reconheceu ela. — Queria encontrar outras pessoas como eu. E queria conhecer seu pai porque pensei que a proximidade dele com minha mãe poderia me dar alguma ideia do motivo para ela… ter feito o que fez. Mas, em vez disso, descobri…

— Que ele é tão fodido da cabeça quanto ela era? — concluiu Rowin.

— Na mosca — confirmou ela, tentando achar um jeito de aliviar o clima. — Quanto tempo falta até a meia-noite?

— Menos de uma hora.

— Vou me trocar. É impossível correr com este vestido.

— Genevieve?

Ela o encarou.

— Oi?

— Você ainda tem mais duas perguntas.

E eu estava fugindo delas, obrigada.

— Acho que não tenho mais nada para perguntar esta noite — declarou ela, um pouco despreocupada demais.

— Mentirosa. Você é um poço sem fim de perguntas, Genevieve Grimm.

Ela deu de ombros.

— Talvez o poço tenha secado.

Tentou seguir até a cômoda, mas ele bloqueou o caminho.

— Você está sendo muito irritante — protestou ela.

— E você não está jogando direito. Quer que a gente construa confiança? Então me faça uma pergunta.

Por que você não está tendo tanta dificuldade com "só uma foda" quanto eu?, pensou, mas a única coisa que teve coragem de dizer foi:

— Por que você tem cartas da Mansão Grimm escondidas na sua escrivaninha? As *minhas* cartas.

Rowin ficou paralisado diante da pergunta, mas, antes que pudesse responder, o relógio bateu meia-noite.

TERCEIRA RODADA

CAPÍTULO 32



REFLEXOS E REFLEXÕES

O badalar do relógio dourado de Enchantra logo havia se tornado sinônimo do Inferno na mente de Genevieve.

Rowin ainda estava de cara fechada quando chegaram em cima da hora para a cerimônia de escolha.

Knox surgiu dentro do cômodo.

— Ouvi dizer que temos uma aniversariante — disse, com um sorriso largo para Genevieve. — Espero que tenha feito um pedido, sra. Silver.

— Bem, meu pedido foi nunca mais ter que olhar para a sua cara, então isso é bem decepcionante — retrucou Genevieve.

O sorriso de Knox se estreitou quando Sevin e Covin riram. Rowin, no entanto, se recusava a olhar para ela.

Ellin pigarreou.

— Eu tenho um emblema para trocar, Knox.

O olhar de Knox foi de Ellin para Rowin e voltou, mas ele não disse nada enquanto a garota exibia o peixe carmesim. Aquele que Genevieve e Umbra quase tinham morrido para capturar. Só que não era mais um animal. Havia se transformado em uma espécie de pedra preciosa em formato de peixe.

Ellin lançou o emblema para Knox, que o pegou no ar.

— Bem, Ellin tem imunidade nesta rodada — anunciou ele. — Agora, quanto ao restante de vocês…

Ele ergueu a Faca de Caça no ar, seguindo a cerimônia com a qual Genevieve já estava acostumada, e daquela vez a lâmina foi direto até Sevin, que sorriu.

— Qual jogo? — perguntou Knox, acenando para que prosseguisse.

— Cela Solitária — respondeu Sevin antes de olhar para Genevieve e dar uma piscadinha. — Considere este meu presente de aniversário, Vivi. De nada.

— Vejo vocês mais tarde, seus trouxas — avisou Ellin, aos bocejos enquanto se afastava. — Vou tomar um banho de espuma bem demorado. Nem *cogitem* invadir o meu quarto.

Todos se prepararam para ir embora, exceto Sevin, que tinha que esperar dez minutos antes de começar a perseguição. Rowin conduziu Genevieve em silêncio pela escada. No topo, Umbra os esperava.

— Cela Solitária? — perguntou ela, por fim. — Isso significa que temos que escolher um cômodo e ficar lá, certo?

Era um dos jogos que Rowin lhe explicara antes do casamento. Enquanto a guiava pelo corredor, ele não se deu ao trabalho de responder.

— Você está sendo infantil — murmurou Genevieve quando ele se posicionou para abrir uma porta à esquerda deles.

Antes que ele pudesse completar o movimento, ela se colocou na frente da porta e decretou:

— Eu não vou entrar aí até você falar comigo.

— Genevieve, temos oito minutos para escolher um esconderijo.

— Nossa. Você desistiu muito rápido de me dar o gelo — comentou ela. — Precisava ver só por quanto tempo minha mãe aguentava.

Rowin olhou feio para ela antes de agarrar sua mão e a rebocar pelo corredor até o lavabo no andar de cima, onde a havia encontrado com Cedric durante o baile de máscaras.

Quando ele fechou a porta, ela perguntou:

— Vamos ter que ficar presos aqui durante toda essa rodada?

— A magia não nos aprisiona até o nosso tempo de vantagem acabar em relação a Sevin — explicou ele, usando uma toalha de mão para cobrir o espelho sobre o lavatório. Depois se virou para ela e cruzou os braços. — Você mexeu nas minhas coisas.

— É, eu sei, já te contei isso.

— Você mexeu nelas *de novo* — frisou ele.

— Talvez — admitiu ela, girando o sinete no dedo.

— Não era para você ver aquelas cartas — repreendeu ele, embora a pontada de culpa nos próprios olhos amenizasse qualquer aspereza nas palavras. — Você sabia do

sortilégio esse tempo todo?

O sortilégio. Ou seja…

— Espere aí, pode ir parando — disse ela, um pouco sem fôlego. — Você está falando do sortilégio no convite que *me trouxe aqui*? Aqueles corvos malditos foram obra *sua*?

Ela se lembrou de um pensamento fugaz que tivera ao encontrar as cartas para os irmãos dele, de como a caligrafia nelas parecia estranhamente familiar…

O convite.

— Foi *você* quem me convidou para vir aqui?

— Eu disse que você era um fardo que eu tinha que carregar. Acredito nisso por causa da forma como você veio parar aqui. Não era minha intenção que acontecesse *desse* jeito. Meu pai jamais leria as cartas, Genevieve, e, mesmo que lesse, teria reconhecido que a letra não era a da sua mãe. Foi a primeira coisa que verifiquei, aliás. Mas venho tentando há muito tempo encontrar pessoas que pudessem me ajudar a achar a cura. E, mesmo percebendo que não era Tessie escrevendo, pensei que talvez Ophelia…

O mundo pareceu se inclinar ao redor de Genevieve, e ela cambaleou para trás, afastando-se dele.

— Ophelia?

— Eu achei…

Genevieve riu.

— É *lógico* que o convite era para Ophelia. É lógico. Porque nem mesmo uma *maldição* poderia ter sido destinada para mim.

— Genevieve, eu não sabia que você *existia*. Faz ideia de como sou grato por ter sido você quem entrou por aquela porta e…

— Não — interrompeu ela. — Não faça isso. Não minta para mim. Você quis que eu fosse embora. Ficou puto por eu ter desobedecido às suas ordens para partir.

— É verdade, fiquei mesmo. Até te conhecer. Você é teimosa, obstinada e determinada, e pode ser minha única chance de me livrar deste jogo. Enviei aquele convite porque quero salvar minha família. Não posso pedir desculpas por tentar fazer isso.

— Então você deveria pelo menos pedir desculpas por ter mantido isso em segredo. *É você* quem fala em construir confiança, e mesmo assim continua escondendo coisas de mim.

— Eu sei. Mas eu venho vivendo neste Inferno há tempo demais. Ou sozinho ou com a minha família tentando me matar. E pelo visto isso prejudicou minha capacidade de começar a confiar em alguém de uma hora para outra, por mais que eu tente. Você pode achar fácil falar comigo sobre qualquer coisa, mas…

— Só parece fácil porque, sabe-se lá como, eu comecei a *gostar* de você, Rowin! — confessou ela. — Tem noção de como isso é descabido? A última vez que me abri para alguém, ele… ele…

— *Eu não sou ele* — vociferou Rowin. — Quero encontrar esse sujeito, esfolar toda a carne do corpo dele e tacar fogo *nele* pelo que fez com você. Nunca me compare a ele.

Genevieve engoliu em seco ao ouvir a convicção na voz dele, a verdade em suas palavras. Mesmo assim, respondeu:

— Você não é ele. Mas, quando me apaixonei, acha que ele parecia a pessoa que acabou se tornando? Você me aconselhou a não confiar no meu coração, então tudo o que me resta é confiar nas suas ações, no que você me diz… no que você omite. Eu dei a você minha confiança, meus votos de casamento, minha lealdade neste jogo. O que você me deu em troca? Nem *ouse* mencionar nada sobre sexo.

Rowin a encarou com um ar exasperado, mas se limitou a dizer:

— Você está certa.

Por aquela ela não esperava.

— Sei que eu deveria ter contado que fui eu quem enviei o convite. E acho que deveria ter me esforçado mais para te fazer ir embora, para começo de conversa. Mas preciso que continue tentando confiar em mim. Você me dá outra chance?

Ela engoliu em seco. Ele soava sincero.

— Precisamos voltar para os cômodos encantados — insistiu ele. — Vamos.

Ele a conduziu pelo corredor até o mesmo cômodo que estivera prestes a escolher antes. E, quando abriu a porta e a fez entrar, ela ficou de queixo caído com a cena ao redor.

Uma floresta sombria, feita apenas de árvores escuras retorcidas e… espelhos.

Que maravilha.

Havia espelhos por toda parte, refletindo vinte versões diferentes dela. Nenhuma era a *correta*. As árvores tinham galhos emaranhados que pendiam até o chão. Seus ramos, com folhas cinzentas e cor de ébano do tamanho da cabeça de Genevieve, a faziam pensar nos carvalhos de sua terra natal. Fáceis de escalar, carregados de barba-de-velho esponjosa.

Rowin fechou a porta atrás dos dois enquanto ela caminhava pelo tapete de folhas para se aproximar de um espelho enorme bem à frente. A versão dela que observava através do reflexo era assustadora. No espelho, usava o mesmo vestido branco, tinha a exata mesma pele, rosto e cabelo, mas seus olhos… eram todos pretos. Sem íris, pupilas ou parte branca à vista. Apenas uma escuridão sem fim.

Quando Rowin se aproximou por trás, ela viu que o olhar dele havia se tornado o mesmo. Um abismo impassível. Ela estremeceu.

— Qual você acha que é o propósito de tudo isso? — sussurrou ela assim que Umbra apareceu entre os dois, inclinando a cabeça para o espelho como se não conseguisse entender o que era.

O olhar da raposa pareceu ainda mais perturbador do que o deles. Talvez porque o preto dos olhos dela refletidos se mesclava um pouco bem demais com a pelagem escura.

Umbra emitiu um som agudo e se afastou apressada do espelho circular. Genevieve a seguiu, avançando mais fundo na floresta, passando por reflexos por todos os lados. Eram semelhantes aos Espíritos que ela vira em Phantasma. Sólidos, porém anormais. Um espelhinho oval encaixado em um dos troncos das árvores a mostrava com cabelos brancos e um vestido preto. Um quadrado, enfiado na dobra de um galho, deixava seus olhos dourados como os de Rowin. Um deles a exibia com chifres coroando a cabeça.

No entanto, o que a fez parar de repente mostrava um reflexo que alterava seus olhos para uma cor gélida e familiar demais: azul Grimm.

Genevieve se aproximou do espelho, com as pontas dos dedos indo até o rosto e roçando com delicadeza a parte debaixo dos olhos assombrosos. Nunca havia percebido como se parecia com a irmã, nem mesmo na época em que o olhar de Ophelia era do mesmo tom de azul-celeste que o dela. Ali, a semelhança ficou óbvia. Genevieve entendeu como as duas de fato eram parecidas. E vislumbrou o futuro que ela poderia ter vivido se fosse a filha mais velha no lugar de Ophie.

Foi tomada por uma onda de gratidão pela irmã… por ser a filha modelo que ela própria jamais conseguiria ter sido. Às vezes, ela se perguntava se teria sucumbido sob a pressão à qual Ophelia fora submetida.

Vou dar um presente bem especial para Ophie se nos reencontrarmos.

Se? Não. Quando. Porque ela *iria* sair dali. Mesmo que Rowin fosse um insuportável cheio de meias-verdades, ela iria arrastá-lo até a linha de chegada do

mesmo jeito que ele a arrastara até o altar.

O som de um galho partindo sob seus pés a fez se encolher, mas, quando girou o corpo, viu que era apenas Rowin.

— Como acha que vamos encontrar um emblema aqui? — indagou ela.

Rowin deu de ombros.

— Eu diria para a gente procurar algo que parece errado em um dos espelhos, mas deve ter uns mil aqui.

— E todos eles têm algo estranho.

— Mandei Umbra vigiar a entrada. Ela vai me avisar se Sevin aparecer. É melhor nos acomodarmos. Temos doze horas pela frente.

Os olhos dos dois se encontraram. A insinuação de Sevin ao escolher o jogo ecoava na mente dela enquanto a expressão de Rowin esquentava. Genevieve queria dizer a ele que esquecesse a briga e a beijasse de novo e a distraísse de todos os sentimentos complicados que insistiam em vir à tona. Por outro lado, ainda não era capaz de determinar em que pé estavam, se confiava nele, se isso importava ou não, porque, afinal, eles eram obrigados a jogar juntos de qualquer maneira.

Ela suspirou e foi se sentar, apoiando as costas no tronco de uma árvore. Seus pensamentos eram uma confusão só.

Rowin permaneceu onde estava, mudando o peso do corpo de um pé para outro, como se estivesse esperando que ela lhe dissesse que não havia problema em se aproximar.

— Rowin?

— Oi?

— Você falou sério? Quando me pediu outra chance para confiar em você?

— Falei— respondeu ele. Sem hesitar.

— Então me conte tudo o que sabe sobre a Deterioração Carmesim — pediu ela, dando um tapinha no espaço ao lado. — Quero entender como isso afetou sua mãe.

Rowin havia se recusado a conversar sobre a mãe antes, mas, se quisesse a confiança dela, teria que começar de algum lugar.

Então, assentiu.

— Está bem.

Sentado bem próximo, com a lateral do corpo colada ao dela, ele começou a falar. Ela fitou o reflexo no espelho à frente. Era o maior que tinha visto até então. Com quase dois metros de altura e emoldurado por frisos barrocos que a lembravam dos

portões de Enchantra. As diferenças nos reflexos dos dois ficaram visíveis de imediato, e Genevieve revirou os olhos diante do joguinho óbvio que o encantamento de Knox estava reproduzindo. Estavam vestidos com as exatas mesmas roupas do baile de máscaras. Rowin como uma raposa negra; ela como um coelho dourado.

E talvez fosse para aquele reflexo ser o mais angustiante de todos. A raposa astuta sentada bem ao lado da lebre de olhos arregalados. A lebre tão confiante diante da presença da outra…

No entanto, Genevieve sabia que uma raposa de verdade a perseguiria. Em vez de montar uma armadilha reluzente e a atrair, e depois reduzir a cinzas tudo em que ela estava começando a acreditar.

CAPÍTULO 33



A RAPOSA MANDOU

— Mais um ponto para mim — gabou-se Genevieve quando sua pedrinha cinza parou ao lado de uma enorme rocha plana.

Rowin resmungou depois da quarta derrota consecutiva. Alegou que era porque nunca havia jogado bocha (não que fosse uma versão muito fiel do jogo, considerando os recursos limitados), mas a verdade era que ele não entendia o conceito de arremessar *com delicadeza*.

Os dois tinham passado as duas primeiras horas repassando todas as informações disponíveis sobre a Deterioração Carmesim. Rowin contou os boatos sobre a origem da doença. Explicou como a Deterioração se infiltrava devagar no sangue de um Demônio, de modo que eram mortos pela própria força vital, que os corroía de dentro para fora. A solução temporária que Knox administrava à mãe de Rowin depois da Caçada limpava a Deterioração do organismo dela, mas, no decorrer de um ano, a doença a consumiria de novo.

A disposição e a paciência de Rowin para responder a todas as perguntas de Genevieve tinham liquidado aos poucos qualquer desconfiança que ela ainda tivesse sobre a omissão do sortilégio. Duas outras coisas também ajudaram: o fato de ele ter tentado convencer Genevieve a ir embora de Enchantra logo de cara e de ter persuadido Ellin a salvar a vida dela *várias* vezes. Além do mais, era difícil continuar chateada quando ela mesma sabia como era sentir a necessidade de guardar tantos segredos. Quantos ela havia escondido de Ophelia ao longo dos anos? Quantos *ainda* escondia?

Depois da conversa pesada, Genevieve achou que brincar de algum jogo poderia ajudar a aliviar o clima.

— Merda.

O palavrão de Rowin ao arremessar a pedrinha a despertou dos devaneios.

Ela tentou conter o riso.

— Você é mesmo *péssimo* nesse jogo.

— E você está se mostrando uma vencedora muito arrogante — repreendeu ele enquanto largava as pedrinhas no chão. — Vamos jogar outra coisa.

— Você é muito competitivo. Mas tudo bem. O que *você* quer jogar? Ou prefere… fazer outra coisa?

Um brilho malicioso surgiu no olhar dourado dele ao ouvir a pergunta.

— O que está insinuando, sra. Silver?

Genevieve olhou ao redor.

— Bem, parece que talvez este seja o lugar perfeito para o nosso público testemunhar como nós… trabalhamos bem juntos.

O calor no olhar dele estava entrando em ebulição, e ela teve a sensação de que o desafio que acabara de lançar para o próximo showzinho não seria tão brando quanto o último.

— Tem certeza? — questionou ele, afastando uma mecha do rosto dela. — Quer mostrar tudo a eles?

— Quero — concordou ela.

Firme. Confiante.

A verdade era que Genevieve nunca havia parado para pensar se ficaria incomodada com tal coisa. Sabia que os dois já tinham oferecido um espetáculo e tanto para os espectadores de Knox, mesmo que tenham permanecido de roupa o tempo todo. De qualquer forma, Genevieve sempre gostara de sexo e de expressar sua sexualidade. Ora, por que não deveria? Os mascarados com certeza não tiveram problema algum em exibir seus atos sexuais para todos verem, de modo que Genevieve não conseguia se imaginar chocando nenhum deles.

Fosse como fosse, o jeito faminto como Rowin olhava para ela não a deixava pensar em mais ninguém.

— Já brincou de A Raposa Mandou? — perguntou ele enquanto a rodeava.

Genevieve cruzou os braços.

— Essa brincadeira não é meio infantil?

— Não do jeito que vamos jogar — murmurou ele.

A imagem mascarada de Rowin no grande espelho à frente imitava seus

movimentos predatórios. Uma raposa, de fato.

Ela encontrou o olhar dele ao erguer o queixo e dizer:

— Me mostre.

O sorriso de Rowin se alargou.

— A raposa mandou tirar o vestido.

O sangue dela começou a esquentar.

Ah, então estamos indo direto ao ponto.

Rowin continuou a andar em torno dela, com as mãos cruzadas atrás das costas, atento a cada movimento. Ela estendeu a mão para desatar o laço da gola do vestido, puxando a fita até que se soltasse. Em seguida, devagar, começou a desabotoar cada botão forrado de cetim que descia em linha reta até o umbigo. No instante em que o vestido delicado formou uma pilha de tecido no chão da floresta, ela já nem se importava em estar estragando mais uma peça de roupa que adorava. Não quando a expressão no rosto dele prometia que iria valer a pena.

— Agora, tire o resto — ordenou ele.

Ela não se mexeu, um sorriso cínico se formando nos lábios enquanto arqueava uma sobrancelha. Não era novata nesse jogo. Ele sorriu.

— *A raposa mandou* — cedeu ele.

Então tirou a camisola e a calcinha e, mais uma vez, ficou nua enquanto ele permanecia vestido. A situação poderia refletir um desequilíbrio de poder. Mas ela sabia, pela forma como o corpo de Rowin reagiu à sua nudez, quem detinha o poder ali, por mais que ele tentasse manter a ilusão de que era o oposto.

Rowin se posicionou e, com um movimento gentil do pé, afastou mais as pernas dela. Genevieve cedeu, apesar da falta de instruções verbais.

— A raposa mandou — prosseguiu ele, e se inclinou até que a boca estivesse perto da orelha dela, o metal frio do piercing contra a pele aquecida a fazendo estremecer — colocar um dedo dentro dessa bocetinha linda para mim.

Genevieve ficou molhada no mesmo segundo. Deveria ter esperado um linguajar tão perfeito e pecaminoso de um ser do Inferno, mas a forma como ele conseguia provocar nela uma reação tão potente com apenas algumas palavras a surpreendia todas as vezes.

Ela obedeceu, esticando o braço para deslizar um dedo para dentro de si, uma, duas vezes, antes de traçar um círculo escorregadio sobre o encontro de nervos retesado e latejante entre as pernas…

— De jeito nenhum — repreendeu ele, estendendo a mão para agarrar o pulso dela. — Eu não disse para você se tocar *aí*. Se não jogar direito, vai ser castigada.

— Agora eu quero ainda mais — sussurrou ela.

Rowin emitiu um som baixo e gutural, vindo do fundo da garganta, antes de avisar:

— Acho bom você se comportar, encrenca, ou nosso joguinho vai acabar antes que qualquer um de nós consiga o que quer.

Ela mostrou a língua ao ouvir a ordem e, para sua surpresa, ele a *mordeu*. Com força. Ela guinchou em choque ao arrancar a própria língua dos dentes dele, sugando a dor aguda enquanto ele sorria.

— Comporte-se — alertou ele de novo.

O corpo dela quase vibrava de tanta vontade de estrangular o pescoço de Rowin e transar com ele ali mesmo. Ele havia soltado o pulso dela, e ela voltou à missão anterior, mergulhando um dedo dentro de si, arquejando ao sentir como já estava molhada.

— Ótimo — murmurou ele. — Agora, sinta seu gosto.

Sem hesitar, Genevieve retirou o dedo e o levou à boca, chupando sua excitação molhada e reluzente com um gemido.

Uma risada profunda retumbou no peito dele, e ela parou, identificando o erro. Ele não tinha dito "A raposa mandou".

Devagar, ele se ajoelhou diante dela.

— Você está mesmo louca para ser castigada, não é?

Genevieve ficou na dúvida se deveria dizer que ver Rowin de joelhos era o oposto de um castigo. Um segundo depois, porém, a ponta da língua dele desenhava um círculo lento e provocante em volta do clitóris dela, e todos os outros pensamentos evaporaram.

Ela agarrou os cabelos dele, precisando de algo em que se segurar enquanto ele a mordiscava e chupava. Suas pernas começaram a tremer conforme a boca dele se mexia contra ela e a língua a penetrava com tanta habilidade que a fez revirar os olhos. Bastou um instante para que ela chegasse à beira do clímax, quando apertou os cabelos dele com mais força, preparando-se para desabar…

… e então ele parou.

Rowin se afastou e ficou de pé, lambendo os lábios ao sorrir para a expressão enfurecida dela.

— Castigo, lembra?

— Isso não é castigo, é *tortura* — protestou ela.

Ele a ignorou e ordenou:

— A raposa mandou ficar de joelhos.

Genevieve cruzou os braços e não se mexeu enquanto ele a rodeava, fitando as feições dela por meio dos reflexos mascarados dos dois. Ela se perguntou quantos outros pares de olhos estariam sobre eles naquele momento, se alguma das admiradoras de Rowin do baile também os observava, cientes de que ela estava prestes a conseguir o que muitas desejavam havia anos.

Mas ele é meu.

Seu parceiro. Seu amante. Seu marido.

Rowin deu um passo para a frente, ainda vestido, de modo a colar o corpo inteiro ao dela, pressionando a ereção contra a lombar de Genevieve, e ela observou pelo espelho quando ele estendeu o braço para envolver seu pescoço com a mão. Ele a beijou no ombro enquanto apertava sua garganta com autoridade.

— Está sendo malcriada de novo — murmurou contra a pele dela. — Você ou pode me escutar ou pode me mandar parar.

Ela não queria escutar. Também não queria que ele parasse. Nunca. E uma guerra entre essas duas vontades foi travada na cabeça dela antes que enfim, bem devagar, ela se ajoelhasse no chão. Rowin afrouxou o aperto no pescoço conforme ela se abaixava, ainda de pé quando ela afastou os joelhos para que ele pudesse alcançar as partes íntimas dela por trás. Ela observou a própria boca se abrir no espelho e o peito arfar enquanto ele desabotoava a calça e a deslizava para baixo o suficiente para liberar seu membro grosso. Os músculos esculpidos do abdômen estavam contraídos quando ele bombeou o pau no próprio punho, uma, duas, três vezes, com as tatuagens do peito e da barriga se contorcendo com os movimentos. Foi quando ela viu o piercing dourado na cabeça do pau dele.

Puta merda.

Quando Rowin enfim se ajoelhou atrás de Genevieve, com a pontinha cutucando sua entrada, o metal do piercing a fez ofegar. Ele então passou um braço pela barriga dela, subindo até beliscar um dos mamilos, ao passo que a outra mão agarrou um punhado de cabelo, inclinando o rosto dela para o lado. A boca de Genevieve foi capturada em um beijo ardente enquanto seus cachos eram puxados com força e um gemido alto lhe escapava da garganta.

Rowin interrompeu o beijo e disse:

— Vamos jogar algo diferente agora. O Jogo do Silêncio.

Ela gemeu quando a mão sobre o seio trocou de lado, rolando o mamilo negligenciado entre o polegar e o indicador até ela quase gozar só com a fusão daquela dor com o prazer. Ele soltou o cabelo dela, deixando as mechas caírem sobre o ombro, e liberou a mão para se posicionar na sua entrada.

— Pronta? — perguntou ele. — Para tudo?

Ela assentiu com avidez. *Estou, sim. Por favor.*

Rowin deu uma estocada, e Genevieve teve que engolir o grito para não ser castigada de novo. Ele era grande e ela, apertada, e foi preciso certo ajuste antes que ele conseguisse deslizar todo o seu comprimento para dentro dela. Rowin lhe deu um beijo encorajador na têmpora enquanto ela recebia as investidas sem fazer barulho e espalmava a mão sobre o próprio ventre para sentir o movimento dele em seu corpo. Em seguida, ele colocou a mão entre as coxas dela para traçar círculos preguiçosos sobre o clitóris, e, assim que a tocou ali, ela soltou um gemido involuntário de prazer.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Isso não foi nada silencioso, encrenca.

Então afastou os dedos das coxas de Genevieve e, num movimento fluido, mudou a posição dela ao redor do seu pau. Ele a empurrou para a frente até que estivesse com a testa apoiada no chão e as costas arqueadas para o alto, e então a penetrou com tudo. Genevieve cravou os dedos no solo, com a terra se acumulando sob as unhas imaculadas enquanto tentava ao máximo não emitir nenhum som. Quando ele a segurou com força pela cintura para ter mais controle, ela quase perdeu a batalha. Adorava as pequenas pontadas de dor que eram dissipadas pelo prazer.

Depois de um longo minuto sem nada além dos grunhidos de satisfação dele, dos apertos vigorosos e do martelar de seus corações, ele enfim a puxou de novo para cima. Uma das mãos logo voltou ao clitóris latejante, compensando o último minuto de negligência e lhe arrancando um orgasmo em um tempo tão curto que chegava a ser vergonhoso. Ele abafou uma risada presunçosa contra o ombro dela enquanto Genevieve quase convulsionava com o esforço de sufocar o grito de êxtase que tentava irromper da garganta.

Quando o momento passou, Genevieve se recostou nele, mas ele não parou. Apenas continuou traçando círculos preguiçosos sobre o clitóris, e o ritmo ininterrupto se tornou quase agonizante. Através das pálpebras pesadas, Genevieve o

observou penetrando-a pelo espelho, repetidas vezes, seus seios quicando com o impacto. Em seguida, percorreu com o olhar as marcas vermelhas que os dedos dele haviam deixado nas laterais do seu quadril, e a mera visão delas enviou mais uma onda de umidade entre suas pernas. Um som desumano de prazer escapou da boca de Rowin. Seu olhar encontrou o dela na superfície espelhada, e nunca uma imagem a deixara tão excitada quanto a dos dois admirando seus corpos em movimento juntos.

— Desta vez — disse ele, rouco, a voz tão carregada de luxúria que soava quase irreconhecível —, você tem permissão para dizer o meu nome.

Sem aviso, ele beliscou o clitóris de Genevieve com força, e ela de fato gritou o nome dele, com a voz áspera por sufocar o grito anterior. Enquanto ela desfrutava do restante do clímax, ele se afastou com um movimento fluido e usou a mão para buscar o próprio orgasmo. Quando ele estava prestes a gozar, Genevieve o interrompeu, girou o corpo e abocanhou o membro latejante, saboreando a própria excitação conforme o sêmen dele começava a escorrer por sua garganta. Ele a observou em êxtase. Quando terminou, ela se afastou, lambendo os lábios e sorrindo para ele.

— Esse foi meu jogo favorito até agora — declarou ela, com a fala arrastada.

Rowin limpou a terra do rosto dela antes de capturar sua boca em outro beijo ardente. Ela sentiu as mãos dele começarem a massagear os lugares que estivera segurando com força excessiva, e ela gemeu contra seus lábios com ternura.

— Desculpe se deixei marcas — disse ele ao se afastar.

— Não peça desculpas. Talvez eu deixe uma marca em *você* na próxima vez.

Ele se endireitou e ofereceu a mão para ajudá-la a se levantar.

— Desde que não envolva mordidas — aceitou ele.

Genevieve fez beicinho.

— Mas é tão divertido morder você!

Ele lhe lançou um olhar fulminante ao apanhar as roupas íntimas dela e as entregar.

Enquanto ambos se vestiam, ela perguntou:

— Acha que isso nos renderá o título de Favoritos?

— Só um de nós pode ser o Favorito — explicou ele enquanto abotoava a camisa. — Knox pode nos deixar vencer a Caçada como dupla, mas jamais abriria mão de dois prêmios do seu tesouro.

— O que Sevin costuma fazer para vencer? — indagou ela, alisando o vestido com as mãos.

Assim que as palavras saíram da própria boca, ela sentiu o anel em seu dedo começar a esquentar. E rápido.

— Rowin… o anel! — gritou conforme o calor aumentava.

Um segundo depois, Sevin emergiu da floresta, *encharcado* de sangue escuro e sorrindo de orelha a orelha.

— Genevieve, *corra* — ordenou Rowin.

— É só Sevin — rebateu Genevieve.

Mesmo enquanto dizia isso, porém, ela percebeu a ferocidade nos olhos vermelhos de Sevin, tão diferente da alegria habitual.

— É isso mesmo, Vivi, sou só eu — disse Sevin devagar. — Já decidiu se quer ganhar?

Genevieve engoliu em seco e deu um passo para trás.

— Já.

— Ótimo. Isso significa que vai lutar com mais afinco.

Um galho estalou em algum lugar atrás dele, e Genevieve quase ofegou ao ver um enorme lobo prateado saindo das árvores, com Umbra se contorcendo entre as presas do bicho. Então aquele era o Familiar de Sevin. O lobo jogou Umbra no chão e, para a surpresa de Genevieve, a raposa disparou até ela, não até Rowin.

— G*enevieve, corra* — ordenou Rowin de novo.

Sevin abriu um sorriso macabro.

— Dante. *Pega*.

O lobo deu um salto para a frente.

CAPÍTULO 34



IMPOSTORA

A determinação do lobo era implacável ao perseguir Genevieve, que disparava pela floresta enquanto os sons de Rowin e Sevin lutando entre si ecoavam às suas costas. Umbra corria em paralelo a ela, olhando para trás de vez em quando a fim de avaliar a distância do Familiar de Sevin.

— As árvores! — gritou Genevieve para a raposa. — Temos que subir!

Genevieve sabia que não era capaz de correr mais rápido do que um lobo, *ainda mais* um com alterações paranormais. Mas era capaz de subir em uma árvore. Passara muitos dias nos galhos dos carvalhos em Nova Orleans. Ela examinou a mata ao redor em busca de uma opção com um ramo próximo o bastante do solo.

Logo à frente, à direita, estava a árvore perfeita. O galho mais baixo quase tocava o chão, nodoso e fácil de usar como um ponto de apoio para os mais altos. Genevieve pisou na casca áspera, seguida por Umbra, que mantinha os olhos dourados fixos no lobo. Bem quando Genevieve começou a tomar impulso, com braços e pernas ainda bambos graças ao momento tórrido, porém em hora inoportuna, entre ela e Rowin, sentiu uma bocarra afiada agarrar seu tornozelo.

Ela gritou de frustração e chutou o lobo com violência, tentando soltar sua perna. Umbra surgiu um instante depois, lançando o corpo ágil bem na cabeça do lobo e arranhando seus olhos até que ele soltasse Genevieve com um rosnado feroz. Assim que Genevieve conseguiu escalar o suficiente, com a adrenalina correndo pelas veias feito um raio, ela olhou para baixo em busca de Umbra. Não havia salvado aquela criaturinha das piranhas para perdê-la agora.

Por sorte, encontrou Umbra escalando a árvore no nível logo abaixo. Genevieve se abaixou e estendeu o braço, puxando a raposa para cima e contra o peito enquanto o

lobo tentava escalar o tronco. Umbra roçou o focinho frio no pescoço dela com carinho.

— Está bem, está bem — resmungou Genevieve para a raposa.

O lobo não parecia ser muito bom em escalar árvores, e Genevieve se sentiu grata enquanto tentava recuperar o fôlego. A paz durou pouco, pois Sevin surgiu entre as árvores instantes depois. Ele riu ao ver as duas no galho acima enquanto caminhava para dar um tapinha na cabeça de seu Familiar.

— Olhe só! — gritou Sevin enquanto pulava no primeiro galho e se balançava com agilidade para o seguinte. Ele parou para espiar um espelho encravado no tronco, franzindo a testa para o reflexo. — Este cômodo é assustador, não acha?

— Acho, sim — concordou ela enquanto empurrava Umbra para o galho seguinte antes de começar a escalar mais uma vez.

— Meu bem, não acho que subir mais vá te ajudar muito — avisou Sevin, com um tom sincero.

— Cadê Rowin?

— Deve aparecer daqui a um minuto — respondeu Sevin, descontraído, enquanto se erguia até o galho seguinte. — Ele escapou por dois segundos, e eu o perdi no meio das sombras.

— Por que você está coberto de sangue? — quis saber ela, esperando ganhar tempo enquanto tentava decidir o que fazer em seguida.

Ao passar os olhos pelo restante da floresta, avistou um espelho bem grande na árvore ao lado, mas algo no reflexo a paralisou.

— Ah, é — disse Sevin, olhando para si mesmo. — Eu matei Remi. Sem querer o acertei perto demais da carótida. Bem, talvez não *sem querer*. Já que vocês e Rowin começaram a ficar se pegando nos corredores, imaginei que precisaria de algo especial para ganhar o prêmio de Favorito. Além disso, ele roubou todo o meu estoque de pirulitos.

Genevieve mal registrou as palavras quando enfim percebeu o que havia de tão diferente no espelho que chamara sua atenção. Ele não estava imitando seus movimentos. Não, o reflexo a *observava*. Como se estivesse à espera dela. Genevieve percorreu com os olhos a extensão do galho no qual se encontrava, vendo que o ângulo de descida ia na direção do galho logo abaixo do espelho na outra árvore, com apenas uma pequena distância entre os dois. Uma distância que parecia próxima o suficiente para um salto.

Sevin disse mais alguma coisa, mas, fosse o que fosse, ela não escutou. Já estava se mandando dali; com um pé na frente do outro, foi descendo pelo galho como se fosse uma corda bamba.

— *Ei!* — gritou Sevin antes de subir atrás dela.

O equilíbrio de Genevieve sempre fora acima da média, em parte por não ser tão alta quanto a irmã. Ela oscilou um pouco conforme o galho afinava até a ponta, mas seguiu em frente. Sevin pousou atrás dela, pulando algumas vezes para lhe tirar o equilíbrio. Ela se abaixou para se agarrar ao galho antes que caísse.

— Não pare — incentivou a voz de Rowin lá de baixo.

Genevieve se inclinou para espiar o solo da floresta e na mesma hora o avistou nas sombras no chão, com a mandíbula travada ao observar o irmão atrás dela. Genevieve respirou fundo e começou a engatinhar. O tecido delicado do vestido se enroscava no galho, as mãos e os joelhos raspavam de forma dolorosa na casca áspera. Quando olhou por cima do ombro, viu que Sevin estava com as mãos enfiadas nos bolsos, indiferente à gravidade enquanto vinha na sua direção. Ela deu uma guinada para a frente, firmando-se ao chegar ao final e saltar do galho para a árvore ao lado.

— *Desça* — chamou Rowin, e ela sabia que deveria obedecer.

O certo era voltar para terra firme, onde ele pudesse alcançá-la. Mas algo dentro dela gritava para que fosse até o espelho que tinha acabado de ver.

Apesar de toda a estranheza dos outros espelhos, eles ainda refletiam os movimentos dela.

Ela começou a escalar de novo.

Rowin praguejou.

— *Droga*, Genevieve, agora não é hora de me arranjar encrenca.

Sevin riu.

— Não dê ouvidos a ele, meu bem. No fundo, ele gosta de ser desafiado. Isso o excita.

— Ah, mas isso não é segredo — retrucou ela.

Em seguida, alçou o corpo para cima enquanto Sevin pulava para a outra árvore. Ele estava a apenas alguns segundos de alcançá-la, e já a teria alcançado se estivesse se esforçando para valer, mas parecia achar que não havia para onde ela fugir. Quando ela girou no galho de modo a encarar o espelho, sentiu o coração disparar com a sensação arrepiante provocada pelo objeto. Lá estava ela, dentro da superfície vítrea, sem nenhum detalhe fora do lugar, exceto pelo fato de que o reflexo parecia ter vida

própria. Genevieve ergueu a mão em direção à superfície. A versão espelhada de si mesma observava, atenta a seus gestos, mas se recusava a repeti-los. Então ela apoiou as pontas dos dedos no vidro frio.

Ondas se espalharam pela superfície e Genevieve arquejou, com a sensação quente da magia vibrando sobre sua pele conforme ela levava a mão à frente… *através*… até ser sugada para dentro do espelho.

Um zumbido agudo ecoava nos ouvidos dela.

Genevieve se encontrava em uma versão silenciosa da floresta de onde acabara de sair. A quietude foi a primeira coisa que chamou sua atenção. E o fato de não haver nada para sentir ao seu redor. O cheiro de folhas e terra úmida tinha desaparecido, a leve brisa que soprava entre as árvores não existia. Até a árvore em que ela se encontrava, uma réplica exata daquela de um instante atrás, era de alguma forma uma cópia inferior da própria árvore.

E então *ela* apareceu.

A impostora fez a pele de Genevieve arrepiar. Tinha um olhar tão azul-celeste quanto o dela, mas inexpressivo. Como se não houvesse um único pensamento por trás daqueles olhos.

— Oi? — sussurrou Genevieve.

— Oi? Oi? Oi? Oi? Oi? Oi? Oi? — repetiu a impostora.

O som penetrante em seus ouvidos piorou.

— *Pare* — pediu Genevieve enquanto tapava as orelhas com as mãos.

— *Pare. Pare. Pare. Pare. Pare. Pare. Pare.*

Genevieve se lançou para a frente, na intenção de tapar a boca da impostora. Mas, no instante em que tocou a pele da outra, o verdadeiro pesadelo começou.

Horrorizada, ela observou o exterior da impostora começar a aparecer e desaparecer, revelando uma monstruosa criatura sombria sob a superfície. Conforme a réplica de seu próprio rosto se desfazia, a criatura sem face emitia um som baixo que fez a pele dela formigar de pavor. A nova forma do monstro parecia quase transparente, como uma espécie de Aparição.

Hora de meter o pé.

Antes que ela pudesse se virar de novo para o espelho, algo carmesim brilhou dentro da cavidade torácica da criatura, em meio às sombras que se contorciam sobre

seu corpo.

O emblema.

Genevieve engoliu em seco conforme ele se solidificava em uma pedra com formato de coração negro. Seria a segunda vez que ela arriscaria a vida tentando conseguir um dia de imunidade no jogo.

Um dia de folga seria mesmo um ótimo presente de aniversário.

Dane-se.

— Lá vamos nós — murmurou.

Assim que as palavras saíram dos lábios dela, a criatura soltou um uivo monstruoso. Genevieve cerrou os dentes para suportar o som e se lançou em um mergulho para a frente, enfiando a mão no peito do monstro e tateando ao redor até agarrar o emblema. Assim que o segurou, a criatura tornou a se solidificar.

O monstro arranhou o rosto dela, provocando uma dor lancinante no olho direito enquanto sua visão daquele lado escurecia por completo. Genevieve soltou um grito ao arrancar o emblema do peito da criatura, atravessando tendões viscosos e ossos triturados.

A impostora começou a se desfazer em uma nuvem de fumaça escura e ondulante. O peito de Genevieve arfava quando ela levou as mãos ao rosto, com o olho bom embaçado pelas lágrimas. Ela encontrou o espelho e correu até ele, sem se importar que Sevin estivesse à espera do outro lado. A dor era intensa demais.

Ao atravessar o portal, ela descobriu que não havia retornado ao mesmo ponto de partida. Não, ela tinha voltado por um espelho muito diferente. Aquele bem em frente à saída que a levaria ao corredor do andar de cima de Enchantra.

— *Genevieve*.

Ela girou o corpo, ainda cobrindo o olho com uma das mãos, enquanto a outra aninhava o emblema contra o peito, de forma protetora.

— O que aconteceu? — perguntou Rowin ao se aproximar, afastando a mão dela para avaliar o ferimento.

— Encontrei o emblema — respondeu ela, fungando, enquanto permitia que ele examinasse seu rosto.

A expressão dele não lhe dava nenhum pista da gravidade da ferida, mas, pela dor explosiva que ainda irradiava por sua cabeça e pela maneira quase imperceptível como as pupilas dele se contraíram, ela concluiu que a situação não estivesse nada boa.

— Ellin não vai nos ajudar desta vez — declarou ele, em tom de lamento. — Mas

farei o que puder, está bem? Precisamos voltar para o meu quarto.

— Não temos que esperar dar meio-dia? — perguntou ela, com a voz embargada. — E cadê Sevin?

— Por quanto tempo você acha que ficou fora? — indagou ele, cauteloso.

— Só por alguns minutos. Por quê?

Ele estremeceu.

— Você sumiu há horas. Já é de tarde. Estou andando de um lado para o outro nesta floresta desde que você desapareceu. Sevin e eu ficamos em um impasse por horas antes de ele desistir de tentar me pegar e resolver caçar os outros. Tentei ir atrás de você, mas, depois da sua travessia, a superfície do espelho escureceu.

Um soluço ficou preso na garganta dela, e, quando tentou respirar mais devagar, sentiu um aperto no peito.

— Ei, você voltou. Está tudo bem — afirmou ele, afastando o cabelo dela do rosto. — Você pegou o emblema. Foi perfeita.

A respiração dela falhou ao ouvir o elogio, e ela fechou os olhos trêmulos enquanto se aconchegava nas mãos frias dele.

— Rowin?

— Oi?

— Obrigada por esperar por mim — sussurrou ela.

A única reação dele foi erguê-la nos braços, segurando-a pela parte de trás das coxas e envolvendo as pernas dela na sua cintura. Então aninhou o rosto dela na curva do próprio pescoço, enquanto sangue e lágrimas escorriam pelas bochechas de Genevieve.

CAPÍTULO 35



ALGO REAL

Rowin lhe dissera, antes de curar o ferimento, que deixaria uma cicatriz. Mesmo assim, Genevieve ficou horrorizada ao se deparar com o próprio reflexo. A garra do monstro deixara uma marca de dez centímetros, da sobrancelha até quase o queixo. Quando a viu chorar, o único conforto que Rowin conseguiu oferecer foi que ela tivera sorte de não perder a visão.

Com certeza Salem consegue consertar isso, dissera ela a si mesma.

Enquanto Rowin e Ellin jogavam cartas, ela estava debruçada sobre o diário na sala de jantar, onde Rowin tivera o cuidado de cobrir todos os espelhos enquanto ela comia, para que não tivesse nenhum vislumbre indesejado de si mesma.

24 de março

Parabéns para mim. Vinte e dois anos... Acabei de ler meu registro de um ano atrás e é difícil acreditar em como minha vida era diferente naquela época. Eu estava com o coração partido. De luto. Me sentindo presa em Nova Orleans. Na Mansão Grimm.

Muita coisa mudou de lá para cá. Agora estou presa nesta propriedade amaldiçoada com pessoas que não sei dizer se odeio ou não. Com o homem que me proporcionou o melhor sexo da minha vida. Um homem em quem ainda não posso confiar e cujos segredos ainda estou descobrindo.

Depois de tudo o que aconteceu aqui, uma pequena cicatriz não deveria me afetar tanto, mas imagino que seja o indício de que tanta coisa mudou em tão pouco tempo e, ainda assim, eu não mudei em nada. Continuo tão vaidosa como sempre. Tão desiludida. Eu só quero ir para casa, mas a essa altura não

tenho certeza se encontrarei consolo lá. O que me espera lá? Minha irmã, sim. E o lembrete de que ela tem um propósito em Nova Orleans que nunca terei. Onde eu me encaixo nessa história? Ela e Salem tiveram que se livrar de mim só para aproveitar o tempo juntos.

Farrow queria se livrar de mim. Minha mãe também.

Rowin teria se livrado de mim desde o início, se pudesse, apesar do que sente por mim agora. E eu odeio ter começado a gostar da companhia dele. A gostar dele. Porque eu gosto. Ele é competitivo e controlador, mas também inteligente e acolhedor. E receio que nem mesmo vencer a Caçada e o libertar será suficiente para ficar com ele. A culpa sempre o manterá acorrentado a este lugar. Assim como a minha me acorrenta à Mansão Grimm.

Um beijo,

Genevieve

— Genevieve?

Ela ergueu os olhos do diário e encontrou Rowin e Ellin a encarando com expectativa.

— Falou comigo? — perguntou ela, um pouco seca.

— Falei — respondeu Rowin. — Quer jogar cartas?

— Não, obrigada. Estou cansada de jogos no momento.

Ela arrastou a cadeira para longe da mesa e pôs o diário debaixo do braço. Ellin e Rowin trocaram um olhar carregado. Ela saiu da sala de jantar bem quando Sevin dobrava o corredor, com o pirulito na mão. Por pouco ela não o derrubou.

Sevin saiu do caminho dela, inclinando a cabeça com curiosidade quando percebeu sua expressão azeda… e a cicatriz no rosto.

— Eu estava vindo te contar como me diverti ontem à noite — revelou Sevin, apontando para o ferimento dela com o pirulito. — Isso te deixou…

— Porra, cale a boca, Sevin — vociferou Rowin, com os lábios retorcidos de raiva.

— O que foi? — perguntou Sevin, com ar de inocência. — Eu ia dizer *durona*. Dá personalidade a ela, não acham? Como se tivesse derrotado um monstro ou algo assim.

— Eu derrotei um monstro — resmungou ela.

Sevin assentiu enquanto devolvia o doce à boca, agitando a mão no ar como se dissesse "É, foi o que eu acabei de dizer".

— Vá encher o saco de outro — sibilou Rowin para o irmão.

— Vocês dois não estão transando? — perguntou Sevin. — Minha esperança era que isso te deixasse menos desagradável, para variar um pouco. Sem dúvida te colocou em primeiro lugar na fila para ser Favorito.

— E como você saberia disso? — perguntou Rowin com desdém ao posicionar uma carta na mesa em frente a Ellin.

— Knox acabou de aparecer para me avisar que corro o risco de perder meu título. Além disso, quer que todos os espelhos daqui sejam descobertos. Agora mesmo. Palavras dele, não minhas.

Rowin não pareceu feliz com o pedido.

— Pelo que fiquei sabendo sobre o showzinho de vocês na floresta, achei que ficariam animados com essa ordem — provocou Sevin.

Genevieve fechou a cara e declarou:

— Você está sendo rude.

— Não, rude foi eu ter apostado com Covin que Rowin não dormiria com você, já que ele jurou que nunca faria isso — reclamou Sevin. — E, no entanto, cá estamos nós.

Genevieve olhou para Rowin.

— O quê?

— Eu vou te matar, seu merda — esbravejou Rowin para o irmão.

Sevin arqueou as sobrancelhas.

— O que foi que eu disse?

Ellin deu um longo suspiro, batendo as cartas na mesa enquanto se virava para Genevieve e dizia:

— Esses imbecis fizeram uma aposta assim que Rowin contou do casamento. Covin apostou que vocês dois iriam transar apesar… das circunstâncias. Sevin apostou que não.

— Porque eu sou um cavalheiro — argumentou Sevin. — Mas aí Covin ofereceu metade dos ganhos dele a Rowin se isso acontecesse, e eu disse…

— Você foi pago? — perguntou Genevieve para Rowin, incrédula. — É por isso que você… por isso que nós…

Rowin se levantou da mesa na mesma hora.

— *Não*. Inferno, *Genevieve*…

Mas ela já estava indo embora. Precisava sair dali.

De longe, ouviu Rowin vociferar para os irmãos:

— *Vão se foder*, vocês dois.

— O quê? A culpa é minha se você tem mais de dois séculos de idade e ainda não faz ideia de como tratar uma mulher? — retrucou Ellin.

Genevieve não sabia para onde ir, mas com certeza não queria voltar para o quarto dele. Então, foi para o primeiro lugar que lhe veio à mente. O labirinto de sebes.

24 de março
Esqueça tudo o que escrevi antes, levada pela insensatez da juventude. Eu odeio ele.
Um beijo,
Genevieve

Quando Rowin a encontrou algumas horas depois, ela estava sentada na beirada da fonte, tremendo.

— Está mesmo determinada a morrer de frio enquanto estiver aqui, não é? — murmurou ele com as botas fazendo barulho sobre a neve.

— Me deixe em paz.

O frio a deixara entorpecida de novo, e ela tentava desfrutar em paz daquela sensação.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Pode me dar uma chance de me explicar?

— Mais uma, você diz? — retrucou ela, com uma risada seca. — Eu sei que mexi nas suas coisas e acho que não deveria ter feito isso…

— Acha? — repetiu ele, bufando.

— Mas, caso contrário, você teria me contado? Sobre as cartas? O sortilégio? Se Sevin não tivesse tocado no assunto, você em algum momento ia me falar que estava ganhando dinheiro por estarmos transando?

— Eu não concordei com o suborno ridículo do meu irmão, Genevieve. Na verdade, eu mandei os dois irem se foder na hora. Só fui lembrar que eles tinham feito a tal aposta agora, porque costumo ignorar metade das merdas que eles dizem. Não acho que isso deveria pesar contra mim.

Ela baixou o olhar para as mãos. Ele estava certo.

Rowin se agachou diante dela.

— Genevieve. Olhe para mim.

Ela não olhou. Ele suspirou.

— Sei que você deve sentir que não tem mais controle de nada. Que está sendo sempre usada ou manipulada. Essa é a realidade de estar na mão de um Diabo — declarou ele com amargura. — Mas você e eu *fizemos* nossas próprias escolhas. Não importa o que digam, apostem ou votem, *nós* escolhemos nosso caminho até aqui. Não consigo imaginar como isso tem sido difícil para você. Como deve ser exaustivo pensar que enfim conseguiu controlar suas emoções, só para o jogo virar tudo de cabeça para baixo uma hora depois. E sei que boa parte disso é culpa minha. Mas você não está sozinha.

Ela engoliu em seco enquanto girava o anel no dedo.

— Agora eu tenho uma cicatriz no rosto que talvez nunca suma por causa de um jogo que eu… e vocês… nem queremos jogar. É a primeira vez em que passo um aniversário longe da minha família, sem a minha *mãe*, e cheguei perto da morte tantas vezes que perdi a conta. Estou sobrevivendo somente porque outras pessoas permitiram. Não quero mais sobreviver. Quero *viver*. E não pela minha mãe, pela minha irmã ou por qualquer outra pessoa. Eu só quero encontrar um motivo para viver por *mim mesma*. Alguma coisa *real*.

Rowin ficou quieto por tanto tempo que ela ergueu o olhar para conferir se ainda estava ali.

— Genevieve, você tem que escolher viver por *si mesma*. *Você* é a coisa mais real que poderá experimentar na vida. Sua luz. Sua determinação. Você pode procurar em todos os cantos do mundo por outro motivo, mas nunca será suficiente se estiver tentando fugir de si mesma. Não sei quem a convenceu de que você não é boa o bastante, mas essa pessoa está errada. Você é mais do que boa o bastante. Seu coração é mais do que bom o bastante. Não importa quantas vezes ele tenha sido queimado por alguém. Quantas cicatrizes ele possa ter. Ele continuará batendo, corajoso e determinado, desde que você permita que isso aconteça.

As lágrimas arderam nos olhos quando ela sussurrou:

— Achei que você tivesse dito que nunca se pode confiar de verdade no coração.

— Quando se trata de outras pessoas — corrigiu ele. — Não quando se trata de você mesma. Acho que você sabe que seu coração é bom. Acho que é por isso que o protege tanto.

A respiração dela ficou presa na garganta.

Rowin ficou de pé e lhe ofereceu a mão.

— Nós ganhamos aquele emblema, lembra? Temos o direito de ficar fora desta rodada. Pensei em sairmos daqui. Fingir que a Caçada não existe por um tempo.

Ela o encarou, confusa, enquanto pegava a mão dele.

— Sair daqui? Como? Para onde?

Ele a conduziu de volta para casa.

— Você vai ver. Além do mais, você está ficando roxa de frio.

— Pelo menos eu fico muito bem de roxo — resmungou ela para si mesma. Em seguida uma ideia lhe ocorreu. — Ei, Rowin?

— Diga, encrenca.

— Vamos apostar corrida — sugeriu ela, e, antes que ele desse outro passo, ela se transmutou para seu estado de Espectro e saiu em disparada.

QUARTA RODADA

Imunidade

CAPÍTULO 36



INFERNO

25 de março
Hoje eu vou para o Inferno. Rá-rá.

Além disso, risquei o registro anterior. Não odeio Rowington Silver.

Odeio como ele consegue me tirar do sério. Como parece ser especialista em guardar segredos. Como, infelizmente, temos isso em comum.

E, acima de tudo, odeio que a ideia de ir para o Inferno com ele pareça divertida. Um ano atrás, eu jamais teria escrito uma frase tão absurda.

Acho que não conheço esta minha nova versão. Então, talvez, ir para o Inferno seja um bom ponto de partida para procurar por ela.
Um beijo,
Genevieve

Genevieve não sabia qual roupa deveria escolher para ir ao Inferno, mas rosa era uma cor adequada para qualquer ocasião. Ela prendeu parte do cabelo com um pente dourado e passou um pouco de pó no rosto na esperança de que isso atenuasse a cicatriz. Não adiantou.

O vestido que escolhera era de um tom perfeito de malva, com um decote em formato de coração e borboletas bordadas sobre o tecido cintilante.

Ela deu uma voltinha.

— Como estou?

Rowin a admirou sem pressa.

— Como se não pertencesse ao Inferno.

— Perfeito. Era esse o estilo que eu queria: um Anjo que se perdeu.

— Mas eu não diria que você parece angelical.

Ela deu um sorriso para ele.

— Umbra vai com a gente?

— Ela não gosta muito do Inferno. Está ficando mal-acostumada.

Genevieve inclinou a cabeça.

— Para onde ela vai, falando nisso? Quando não está por perto?

— Ela está sempre por perto, nas sombras. Você que não a vê. Prefiro que ela fique livre, ao contrário de alguns dos outros, se é isso que quer saber. Familiares são parte da alma de seus hospedeiros. Podem ser evocados *dentro* de nós sempre que quisermos.

O relógio soou meia-noite, e eles caminharam juntos até o salão de baile, Genevieve, com uma animação renovada, e Rowin, com um sorriso de quem estava achando graça na situação.

Quando Knox apareceu, Rowin estava com o emblema a postos.

— Queremos acesso à Boca do Inferno — anunciou Rowin.

O Diabo assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Encontro vocês no gabinete.

Rowin não perdeu tempo e conduziu Genevieve para fora, deixando os outros quatro concluírem a cerimônia de escolha sozinhos. Quando ela espiou por cima do ombro para o grupo ao sair, Sevin lhe deu uma piscadinha.

— Quando chegarmos lá, não olhe *ninguém* nos olhos, entendeu? — avisou Rowin enquanto a levava ao gabinete. — Os seres que rondam as Bocas do Inferno não são do tipo com quem você quer se envolver.

— Pode ser difícil de acreditar, Rowington Silver — cantarolou ela quando entraram no cômodo —, mas não há *nenhum* ser no Inferno com quem eu queira me envolver. Só estou indo com você por puro tédio e uma pitada de curiosidade.

— Bem, guarde sua curiosidade para quando chegarmos à propriedade de Knox.

— É para *lá* que estamos indo?

— Sim, é onde minha família mora quando estamos no Inferno — explicou ele. — A residência de Knox fica no Terceiro Círculo: Ganância.

Salem e Ophelia ficariam incrédulos.

— Olá, meus pombinhos… — saudou a voz de Knox antes que ele se manifestasse por completo. — Vão dar uma voltinha pelo Inferno hoje?

— Podemos pular a conversa fiada — disse Rowin ao Diabo.

Knox deu um sorriso cínico.

— Que grosseria. Ansioso por um reencontro emocionante com sua mãe? E com seus irmãos, claro…

Só então a ficha de Genevieve caiu.

— Ah. Wells e Remi vão estar lá?

— Vão, claro que vão — informou Knox. — Wellington acabou de retornar de um serviço que realizou para mim esta manhã, na verdade. Bem mais rápido do que eu imaginava. Mas não vou entediar vocês com *negócios*. Está empolgada para ver como o Outro Lado vive?

— Estou empolgada para sair da porra desta casa — respondeu ela, animada.

Knox se aproximou do portal negro no fundo do cômodo, e ela observou com toda a atenção quando ele esticou a mão para o abismo escuro, sussurrando algo baixinho, e o transformou em um tom fantasmagórico de azul.

— Vocês primeiro — declarou Knox em tom firme.

Rowin estendeu o braço e entrelaçou a mão na dela, dando-lhe um aperto reconfortante enquanto a conduzia na direção da entrada para o Inferno.

— Respire fundo e feche os olhos — instruiu ele.

Genevieve obedeceu enquanto ele a puxava com delicadeza para a frente. O portal parecia feito de uma gelatina espessa, e só restou a Genevieve torcer para que não estragasse seu cabelo nem o vestido. O poder em torno dela era inconfundível, e, por um instante, o medo se insinuou em seus ossos, com os instintos de lutar ou fugir surgindo na iminência do perigo. Rowin apenas apertou sua mão com mais força.

E então passou.

— Abra os olhos.

Mais uma vez ela obedeceu, esperando que se adaptassem à escuridão ao redor. A primeira coisa que viu foi Rowin… e ela ficou sem fôlego ao assimilar sua aparência. As tatuagens por toda a pele dele estavam *vivas*. Ela sempre achara que as linhas em espiral se assemelhavam a sombras ou fios de fumaça, e, no momento, elas se contorciam em torno dos antebraços dele como se fossem de fato.

— Uau — sussurrou ela, roçando os dedos nas linhas que serpenteavam em volta do pescoço dele. — Como…

— Tinta Infernal. Ela ganha vida no Inferno.

— Fascinante.

Logo Knox saiu do portal atrás deles.

— Vocês podem ficar aqui até o meio-dia — informou o Diabo enquanto acenava na direção deles.

Genevieve observou, horrorizada, algemas roxas luminosas aparecerem em cada um de seus pulsos.

— Se vocês sequer cogitarem continuar aqui um segundo a mais, elas vão arrastar os dois de volta. E *não* será agradável — ameaçou Knox, antes de voltar sua atenção só para Genevieve. — Está liderando a eleição para Favorita com uma vantagem enorme, sra. Silver. Aquela sua travessura na minha floresta encantada causou bastante comoção.

Seu tom era de aprovação.

— Quando vai anunciar o vencedor? — indagou ela.

— Antes da rodada final. Quando chegarem à minha propriedade, lembre-me de lhe mostrar uma coisa.

Antes que Genevieve pudesse perguntar o significado daquilo, Knox desapareceu diante dela.

— Vamos — chamou Rowin. — Precisamos pegar a balsa.

Genevieve começou a reparar no seu entorno à medida que ele a conduzia. Tinham saído em um beco que dava para uma espécie de aldeia ou mercado ao ar livre. As construções eram em sua maioria cinzentas; o chão sob seus pés, feito de pedras. Um céu noturno sem estrelas se estendia acima. Era bem como ela imaginava que o Inferno seria: cinza e entediante. Exceto pelas pessoas. Para a surpresa dela, a miríade de seres que vagavam pelo beco era colorida, vestida com trajes em tons vívidos e adornada com pedras preciosas.

— *Apulcra adomin, epulcra icapill* — ecoou uma voz áspera do outro lado do beco.

Genevieve se assustou quando Rowin moveu o corpo em sua direção, em uma postura protetora. Ela não tinha reparado no pequeno Demônio logo de cara. Ele devia ter cerca de um metro de altura, com uma pele acinzentada que se confundia com a parede onde estava encostado. Quando se deslocava, no entanto, sua tez se aquecia na mesma hora para algo mais humano, e os cabelos cresciam em segundos, mudando para um tom comum de castanho. Ela sabia que Rowin a instruíra a não encarar ninguém por ali, mas não conseguiu se conter enquanto observava os ângulos do rosto dele se transformarem em algo mais suave, os olhos passando do preto para um tom claro de azul. Quase parecia um mortal comum… Uma espécie de camaleão demoníaco.

— O que ele disse? — perguntou ela a Rowin.

— Ah, *mortal* — sussurrou o Demônio na língua dela conforme avançava, com os dentes pontiagudos pingando saliva ao lamber os lábios. — Moça bonita, cabelo bonito. *Olhos* bonitos.

Que nojo.

Rowin mostrou os dentes.

— Dê mais um passo e eu arranco sua cabeça fora.

— Eu quero os olhos dela — choramingou o estranho enquanto observava Genevieve com avidez. — Ainda não tenho dessa cor.

Com essa última declaração, as íris do Demônio tremeluziram em um arco-íris de cores, e o estômago de Genevieve começou a se revirar com a ideia de que todas as feições dele haviam sido *roubadas* de outras pessoas.

— Ouse tocar nela para você ver o que acontece — grunhiu Rowin.

O Demônio se virou para Rowin, como se estivesse avaliando a seriedade de suas palavras. Se olhares pudessem matar, a criatura teria caído dura de imediato. Parecendo se dar conta do perigo, recuou para o lado, abrindo espaço para Rowin e Genevieve passarem.

Rowin enlaçou a cintura dela com o braço e a posicionou ao seu outro lado, criando a maior distância possível entre ela e o Demônio. Depois os levou até o fim do beco. Não tirou os olhos do Demônio por um segundo enquanto caminhava, e Genevieve só relaxou quando estavam a meio metro da saída.

E, assim que o suspiro de alívio deixou os lábios dela, o Demônio atacou.

Genevieve gritou quando a mão com garras puxou seu cabelo por trás.

Em uma fração de segundo, Rowin havia agarrado a criatura pelo pescoço e a prendido contra a parede. Genevieve não entendeu como Rowin se deslocara tão rápido, mas então percebeu que os braços e as mãos dele eram feitos apenas de sombras, se solidificando aos poucos de volta ao estado normal enquanto ele arreganhava os dentes para o Demônio que se contorcia.

— Se estava com tanta vontade assim de perder a vida, era só ter pedido — ameaçou Rowin.

— Não! — gritou a criatura, tentando se livrar do aperto de Rowin. — Eu só queria os olhos dela! Um já basta. Nada mais que isso. Por favor, não…

Genevieve se encolheu ao som de ossos e tendões se partindo enquanto Rowin arrancava a cabeça do Demônio, como prometido. Ela desviou o olhar quando ele

deixou a cabeça e o corpo tombarem no chão com um baque nauseante.

Rowin se virou para ela, baixando o olhar para as próprias mãos e fazendo uma careta ao ver a gosma preta que as cobria.

— Vamos. Preciso encontrar um lugar para me lavar.

Ela o encarou, boquiaberta.

— Isso era mesmo necessário? Você não tem medo de arrumar problemas?

Ele sorriu, achando graça.

— Estamos no Inferno. Esta é uma noite como outra qualquer. E, sim, era necessário. Não cumprir ameaças aqui torna os predadores ousados demais. Lembre-se disso.

Genevieve soltou um muxoxo, mas não protestou mais enquanto ele a guiava para fora do beco.

Ficou surpresa ao descobrir como a rua era larga quando avançaram rumo ao tumulto. Diversos tipos de estabelecimentos comerciais se alinhavam de cada lado, levando ao que parecia ser uma praça que lembrava a ela o French Quarter em Nova Orleans. Para onde quer que olhasse, encontrava algo que jamais tinha visto antes. Um lugar anunciava "sangue fresco" na placa do lado de fora, outro oferecia polimento para os crânios de seus entes queridos. Ela deu uma espiada em mais becos conforme passavam e viu de tudo, desde pessoas transando nos cantos feito animais até gente dando banho em um… avestruz?

— Que porra é essa? — perguntou ela ao ver um Demônio ensaboando o pássaro enorme.

— Perfeito — murmurou Rowin, como se não houvesse nada de estranho naquela cena.

Então a guiou até o Demônio e o animal de aparência ridícula. Enquanto Rowin pegava a mangueira emprestada para lavar o sangue do Demônio das mãos, ela tentou se convencer de que não estava desmaiada em Enchantra de novo, em meio a um delírio febril.

O avestruz inclinou a cabeça para ela. Genevieve o olhou de volta, desconfiada.

Por que alguém precisaria de um avestruz no Inferno?

Ela devia ter falado as palavras em voz alta, porque o Demônio deu um tapinha na cabeça calva da ave horrenda e respondeu:

— O Rato aqui come os ratos da minha loja para mim.

Genevieve o encarou, inconformada.

— Você deu o nome de *Rato* ao seu pássaro comedor de ratos?

O sujeito encolheu os ombros.

— Quis um nome simples.

— Ah, claro — foi tudo o que ela conseguiu responder.

O avestruz lhe lançou um olhar fulminante.

Como Rowin ainda limpava o sangue das mãos, Genevieve direcionou sua atenção para a loja ao lado. Uma substância azul esquisita vazava pela fachada e escorria para o chão, pingando das velhas calhas de madeira. O cheiro era enjoativo de tão doce, e, quando Genevieve ergueu os olhos para a placa que dizia "Veneno e Poção", avistou nuvens de fumaça azul e roxa saindo de uma chaminé lá em cima.

Deu mais uma espiada em Rowin, ainda ocupado em lavar as mãos, e então andou devagar rumo ao estabelecimento. Ao entrar pela porta da frente, um sino tilintou no alto para anunciar sua chegada. Não havia ninguém à vista lá dentro, apenas prateleiras e mais prateleiras de líquidos de cores diferentes em pequenos frascos de vidro. Todos tinham rótulos em idiomas que ela não conseguia ler sem a magia de Knox.

— Genevieve? — chamou uma voz desconhecida com um arquejo, seguido por algo em uma língua que Genevieve não compreendia.

Ela se virou e viu uma mulher com cabelos cor de vinho e uma gargantilha feita de dentes.

— É você mesmo! — exclamou a mulher, dessa vez em inglês, antes de correr rumo à porta da loja e a escancarar. — Mathilde! Astoria!

Genevieve tentou se tornar invisível, mas logo percebeu que as algemas de Knox não permitiriam que sua magia funcionasse direito. De qualquer forma, era tarde demais, pois a ruiva e duas outras mulheres, que deviam ser Mathilde e Astoria, já a cercavam.

— Sou Gladys — apresentou-se a ruiva. — Estas são Mathilde e Astoria.

A mulher apontou para as amigas, uma de cada vez. Genevieve tinha quase certeza de que Mathilde era uma vampira, a julgar pelo tamanho de suas presas, enquanto Gladys e Astoria seriam algum tipo de Demônio, mas era difícil dizer.

— Nós amamos você e Rowin juntos — comentou Gladys, efusiva. — Venho apostando em você desde o início. Eu sabia que Rowin não ia se casar com um mortal se ela fosse inútil.

— Astoria não achou que você sobreviveria depois daquela primeira rodada —

contou Mathilde.

— Mudei de ideia quando você mergulhou atrás de Umbra — defendeu-se Astoria. — No começo, não achei que você fosse nada de especial. Mas nós *adoramos* Umbra. Ela e Safira são nossos Familiares preferidos.

— Transar com Rowin é tudo de bom? — quis saber Mathilde.

— Com certeza é o que parece — complementou Gladys.

— Sempre tive uma quedinha por ele — admitiu Mathilde, com um suspiro, sonhadora.

Astoria deu um sorriso largo.

— Meu favorito é Grave. Quero que ele me odeie do mesmo jeito que odeia todo mundo. Bem em cima de um colchão.

Conforme as mulheres se empolgavam discutindo os detalhes da Caçada, tanto da atual quanto das anteriores, voltaram à sua primeira língua, e Genevieve aproveitou para ir se afastando aos poucos.

Ela correu até a porta e saiu. Rowin estava terminando de se lavar.

— Obrigado pela ajuda — disse Rowin ao homem com o avestruz.

— Você sabia que temos *fãs*? — indagou ela. — Porque acabei de ser encurralada por um grupo de fãs.

Rowin esboçou um sorriso, achando graça.

— É lógico que temos fãs. Olhe só para nós.

— É mesmo — admitiu Genevieve, jogando uma mecha de cabelo por cima do ombro. — Mas é estranho que tenham agido como se me conhecessem. Isso acontece direto com você e seus irmãos aqui? Quer dizer, antes de você ter parado de vir pra cá.

Ela se apressou em dizer a última parte.

— Quando você oferece qualquer tipo de entretenimento para as pessoas, algumas delas começam a te ver como uma mercadoria. Elas te tratam da maneira que acham que você merece, com base no nível de diversão que proporciona. Esse é outro motivo pelo qual passei a manter distância daqui.

Genevieve apertou a mão dele em um gesto reconfortante. Ele levou a dela aos lábios e depositou um beijo em seus dedos.

— Vamos direto para a propriedade de Knox? — perguntou ela.

Ele negou com a cabeça.

— Preciso parar em um lugar antes de pegarmos a balsa.

A lojinha para onde ele a levou era um *sonho*. O exterior não tinha nada de

especial, mas o interior era hipnotizante. Havia objetos brilhantes por todos os lados e prateleiras de vidro repletas de pedras preciosas raras e bugigangas.

A mulher perguntou algo a Rowin do outro lado do balcão, na mesma língua usada pelas fãs da loja de poções, com um sorriso nos lábios cor de cereja enquanto avaliava o casal.

Rowin se aproximou, acenando para que Genevieve desse uma olhadinha ao redor enquanto ele inclinava a cabeça em direção à mulher e cochichava alguma coisa. Genevieve o observou por um momento, mas logo um objeto reluzente chamou sua atenção em uma das prateleiras. Vários minutos depois, a vendedora trouxe uma caixa dos fundos da loja, e Rowin colocou algo que parecia moedas de ouro na mão dela antes de se virar para a porta.

— Vamos? — perguntou ele.

Ela fitou a caixa e assentiu.

— Para a propriedade de Knox agora?

Rowin fez que sim.

— Está na hora de visitar minha mãe.

CAPÍTULO 37



UM PRESENTE

A propriedade de Knox era na verdade um *castelo* completo com torres, ameias e uma ponte levadiça bastante imponente.

— Bem-vinda ao verdadeiro Inferno — anunciou Rowin quando desembarcaram da segunda balsa para o cais de pedra.

A primeira viagem de balsa transcorrera sem incidentes, exceto pelo alerta do capitão de que, se caísse na água, seria afogada pelas sereias demoníacas que viviam sob a superfície. Ela passara a viagem toda agarrada a Rowin.

Na segunda balsa, Rowin explicou que todos os Círculos do Inferno eram estruturados de forma muito semelhante: dois anéis de terra que circundavam um centro sólido maior do reino e um rio encravado entre os trechos. Ela não havia memorizado o nome do primeiro rio que cruzaram, mas Rowin chamara o segundo de Avareza e dissera que, se alguém bebesse dele, o pecado da ganância o consumiria por completo.

O anel externo de terra no qual haviam chegado a princípio era a Periferia, onde a maioria dos moradores demoníacos de cada círculo vivia e trabalhava. Ele abrigava Demônios mais poderosos; o anel interno, Diabos mais poderosos. Era neste último que encontrariam o lar de Knox: *Knoxium*.

— Sério que ele batizou a casa em homenagem a si mesmo?

— Na verdade, o nome dele não é Knox — revelou Rowin enquanto se aproximavam de uma alavanca de ferro ao lado da ponte levadiça. — Nós o chamamos de Knox *por causa* do Knoxium. Diabos não usam seus Nomes Verdadeiros.

Verdade. Ophelia mencionou uma vez que Salem costumava ser conhecido por

outro nome. Seu Verdadeiro Nome. Mas, como Phantasma havia ruído, todos o esqueceram de imediato.

Rowin parou em frente à engenhoca da alavanca. Uma haste afiada se projetava do cabo. Enquanto Genevieve observava, ele fechou o punho sobre a ponta com tanta força que o sangue escorreu cabo abaixo, e então o puxou para trás.

— A ponte só abre para aqueles que ela reconhece — explicou.

As correntes chacoalharam à medida que a ponte baixava devagar até o chão, convidando-os a entrar no covil. O castelo era coberto pelas mesmas trepadeiras de frutinhas-do-demônio que cercavam Enchantra, com um estilo muito semelhante ao da casa da família Silver. Genevieve chegou a se perguntar se o Diabo também havia contribuído para a construção da outra propriedade.

Quando por fim entraram, Knox já estava lá, preparado para receber os dois.

— Bem-vindo de volta, Rowington. Já faz muito tempo — comentou ele, acenando para que cruzassem a soleira. — Pixie, traga um pouco de vinho para nós.

— Não — cortou Rowin antes que um pequeno Demônio com tranças cor-de-rosa saísse apressado para buscar o pedido de Knox. — Genevieve não vai comer nem beber nada, Knox.

O Diabo fingiu inocência.

— Ah, falha minha. Esqueci dessa regrinha boba.

Rowin olhou feio para Knox. Estava na cara que sabia que era mentira.

— Se estiverem à procura de Wellington e Remington, vão encontrar os dois na ala da sua família — prosseguiu Knox, e os dispensou com um gesto. — Sintam-se à vontade para explorar, mas não toquem em nada, a menos que queiram que um membro da minha equipe devore suas mãos. E, não se esqueça de que, antes de partir, sra. Silver, eu gostaria de lhe mostrar o meu tesouro.

Rowin estreitou os olhos para o Diabo, mas Knox nem reagiu antes de desaparecer de vista.

— Venha — murmurou Rowin. — Vamos ver o que meus irmãos estão aprontando.



— *Rowin!* — exclamou Wells.

Eles encontraram Wells e Remi descansando em uma sala de estar na ala leste da casa. Pelo visto, tinham acabado de jantar, pois havia uma equipe de mordomos e

criados recolhendo bandejas e copos. Genevieve se perguntou se o fuso horário ali era o mesmo de Enchantra.

Remi, deitado em um sofá de couro preto, se endireitou quando avistou o irmão gêmeo na entrada.

— Cacete, o que você está fazendo aqui? — perguntou Remi. — E com ela?

Genevieve fechou a cara. Achava que vinha se dando bem com Remi. Se bem que, considerando que ela havia arrancado uma argola de metal da boca dele e ainda atirado uma estante em cima do cunhado nos últimos dias, talvez não fosse bem o caso.

— Ela encontrou mais um emblema de imunidade. E ela é minha esposa — respondeu Rowin. — Aonde eu vou, ela vai.

— Que fofo — debochou Remi, com tédio.

— Viemos aqui para dar um tempo de Enchantra — informou Rowin ao irmão. — Não estrague isso.

— Não sei se aqui é muito melhor que lá — interveio Wells.

— E... eu vim visitar a mamãe — avisou Rowin. — Achei que ela deveria saber do nosso casamento. Por mim.

— Ah, me poupe — murmurou Remi, e se levantou. — Vou dormir.

Rowin cerrou os punhos ao lado do corpo, e Genevieve mordeu o lábio, pousando a mão no antebraço dele. O gesto o relaxou. Só um pouco.

— Mamãe está acordada. Estive com ela ainda há pouco — contou Wells. — Papai está por aqui, em algum lugar. Voltei de Nocturnia hoje.

Rowin olhou para o irmão.

— Ficamos sabendo. Tem alguma coisa interessante acontecendo no coração do Inferno?

— Mais do que você imagina — murmurou Wells. — Depois a gente conversa.

Rowin conduziu Genevieve para fora da sala de estar e depois por um corredor com muitas correntes de ar frio. Cada detalhe da casa era preto ou de um tom intenso de violeta, a mesma cor dos olhos do Diabo, sem dúvida, sua marca registrada. As janelas eram vitrais em roxo e preto; as cortinas de veludo e os tapetes de jacquard, todos cor de ébano. Até as paredes eram escuras.

Os dois pararam diante de uma porta ornamentada no final do corredor. E foi isso. Ele ficou só ali, parado, olhando.

— Rowin? — sussurrou ela.

Ele não disse nada por um minuto inteiro, e então:

— Faz muito tempo que não a visito. Não sei o quanto piorou…

Genevieve esticou o braço para acariciar o dorso da mão dele.

— Você não vai estar sozinho.

Ele se virou para ela. Os olhos dourados brilhavam com uma emoção que ela não conseguia definir, uma mistura de terror e gratidão, talvez, mas ele apenas assentiu e ergueu o punho para bater à porta.

Após um instante de silêncio, eles ouviram:

— Pode entrar.

Rowin abriu a porta e, assim que entraram, Genevieve pôde sentir que alguém doente residia ali. O frio da morte pairava no ar, e o cheiro de algo pungente e estéril queimou seu nariz quando se aproximaram. Genevieve conseguiu distinguir uma mulher através do tule preto que pendia do dossel da cama. Ela vestia uma camisola escarlate e teria a exata mesma aparência de seu retrato em Enchantra se não estivesse tão frágil. Na mesma hora Genevieve entendeu por que Rowin dissera que Grave era a cara da mãe.

— Remington?

A mulher franziu a testa e então arquejou.

Genevieve viu reconhecimento e incredulidade cruzarem o semblante dela quando Rowin afastou a cortina de tule ao lado da cama. Ele se agachou até ficar na altura dos olhos da mulher.

— Oi, mãe. Espero que não seja uma hora ruim para uma visita.

Em seguida falou alguma coisa em sua língua materna, gesticulando para Genevieve, que estava postada aos pés da cama.

Lágrimas começaram a rolar pelo rosto da mulher.

— Ah, Rowington. Você está mesmo aqui?

Ele manteve os olhos voltados para Genevieve.

— Sim. Estou aqui. E esta é minha amiga.

Genevieve se aproximou, e os olhos da mulher se concentraram no rosto dela. Um sorriso maravilhado se formou nos lábios da mãe de Rowin.

— Oi, querida. Sou Vira.

Genevieve assentiu.

— É um prazer conhecer a senhora. Meu nome é Genevieve.

— Rowington nunca trouxe ninguém para me apresentar — comentou Vira,

espiando Rowin com um sorriso gentil. — Você deve ser especial. Qual é o seu nome completo? Genevieve…

— Silver — declarou Rowin.

Vira se endireitou na cama.

— Está dizendo que…

Rowin confirmou com a cabeça.

— Genevieve e eu nos casamos. Há alguns dias.

— Que fique registrado que nunca discutimos a possibilidade de eu adotar o sobrenome dele — declarou Genevieve. — Tudo aconteceu rápido demais. Acho que ele deveria adotar o meu, aliás. Rowington Grimm. Soa bem, não acha?

— Não seja malcriada — repreendeu ele com ironia.

Genevieve deu um sorrisinho.

— Você adora quando eu sou malcriada.

Vira sorriu para ela com um ar conspiratório.

— Você é encantadora.

Genevieve ficou radiante.

— Obrigada.

Rowin bufou pelo nariz.

— Não se deixe enganar, mãe. Ela tem se mostrado uma peste desde que a conheci.

Genevieve soltou um muxoxo de escárnio. Mas, antes que pudesse implicar mais com Rowin, Vira começou a tossir. Os espasmos sacudiram seu corpo inteiro e salpicaram sangue escuro feito tinta nas mãos e nos lençóis. Rowin virou a cabeça e fechou os olhos. Como se a visão lhe causasse dor física.

— Desculpe, querida — sussurrou Vira quando a tosse passou. — Piora nesta época do ano. Quando a solução está quase saindo do meu organismo. Você devia vir me visitar depois da Caçada. É quando estou melhor. Consigo até ficar de pé.

Rowin fez uma careta.

— Vamos deixar você descansar um pouco, mãe. Poupe suas energias.

Vira estendeu a mão para segurar a do filho.

— Por favor, volte logo. *Evald et odesider.*

— Também senti saudade — disse ele, mas não fez nenhuma promessa.

Vira, no entanto, pareceu satisfeita com as palavras do filho. Ela se virou para Genevieve.

— Foi maravilhoso conhecer você, querida. Seja bem-vinda à família.

O peito de Genevieve doeu quando ela assentiu e respondeu:

— Foi um prazer conhecer a senhora também.

Assim que Rowin fechou a porta atrás deles, Genevieve se virou e questionou:

— Por que não deu o presente a ela?

— Do que você está falando?

— Você comprou alguma coisa na loja aonde fomos. Achei que fosse um presente para sua mãe.

Ele suspirou, enfiando a mão no bolso escondido do colete para retirar a caixinha da loja.

— Eu ia esperar para entregar lá em Enchantra.

Genevieve prendeu a respiração.

— Você comprou um presente para mim?

— Feliz aniversário, encrenca — disse ele, estendendo a caixinha.

Com cuidado, ela pegou a caixa da mão dele e abriu a tampa.

— *Rowin!* — exclamou ela com um arquejo, quase derrubando a caixa.

Dentro, aninhada em uma almofada de veludo preto, havia uma fina pulseira dourada. Entre uma fileira de diamantes brancos de um lado e outra de diamantes pretos do outro, havia uma inscrição.

A luz está onde você estiver.

— Deixe comigo — ofereceu ele, tirando a pulseira da caixa para colocar no pulso dela.

Genevieve se jogou nos braços de Rowin, enlaçando seu pescoço. Ele a abraçou de volta, apertando o corpo dela com força enquanto mergulhava o rosto em seus cabelos.

— Obrigado. Por visitar minha mãe comigo.

Genevieve assentiu de leve. Ela entendia muito bem. Quando mortais tinham que ver seus entes queridos adoecerem e morrerem, essas experiências em geral duravam meses ou anos. Não conseguia imaginar como seria suportar essa dor por uma *eternidade*.

Ele se afastou, apenas o suficiente para dar um beijo doce e demorado em sua boca.

— Rowin? — chamou ela enquanto voltavam pelo corredor.

— Oi?

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, um grito agonizante ecoou pelo castelo.

CAPÍTULO 38



FINAL TRÁGICO

Sevin havia chegado ao Inferno e gritava em desespero. Sua barriga e seu peito estavam cobertos de vermelho, mas não era essa a causa dos grunhidos angustiados. Era o fato de que cada centímetro de sua pele borbulhava e fumegava, como se ele tivesse sido lançado em um tanque de ácido. Genevieve quase vomitou no tapete ao lado dele.

Rowin, no entanto, nem piscou. Pegou uma manta grossa do encosto de uma poltrona na sala de estar e a colocou em volta do corpo convulsionante do irmão. Depois, agarrou uma das mãos de Sevin e apenas segurou firme. Poucos minutos depois, Wells e Remi se juntaram a eles.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Genevieve aos outros.

— É isso que acontece quando a Faca de Caça atravessa nossos corações — explicou Remi.

— É muito doloroso — completou Wells, como se isso não fosse *muito óbvio*.

Sevin rugiu de agonia mais uma vez. Sevin, que sempre tinha um sorriso cínico nos lábios e uma piada na ponta da língua. Estava pálido, com os olhos embotados enquanto a dor o dominava em ondas ininterruptas.

— Quanto tempo isso dura?

— Às vezes, horas — respondeu Wells.

Ele e Remi saíram de fininho da sala, deixando Genevieve e Rowin observarem Sevin estremecer de dor. Demorou cerca de meia hora até que ele enfim se aquietasse, embora ainda segurasse a mão de Rowin.

Knox surgiu de repente na sala de estar. Mal olhou para Sevin, gesticulando para Rowin em vez disso.

— Venha — ordenou.

Genevieve torceu os lábios com desdém para o Diabo.

— Não dá para esperar?

— Não — disse Knox antes de tornar a desaparecer.

Com delicadeza, Rowin soltou a mão de Sevin e ficou de pé.

— Você pode ficar com ele?

Ela assentiu.

— É claro.

Já sozinha, ela se ajoelhou ao lado de Sevin. Segurou a mão dele entre as suas. Ele se forçou a abrir os olhos.

— Ser imortal é um privilégio, não acha? — comentou com a voz rouca.

Ela lhe deu um sorriso triste.

— Nunca achei isso.

Ele tentou mexer a cabeça, mas estremeceu de dor.

— Está certa. Os mortais têm sorte. Você vive, você ama, você *morre*. Viver para sempre significa apenas que não há limite de tempo para sentir dor.

— E eu pensando que Grave fosse o irmão sério — disse ela, tentando fazer piada.

— Ah, é verdade, tem razão. É que acabei de morrer, sabe. Mas logo retomarei o meu posto como o palhaço da família.

Ela começou a desenhar círculos suaves e reconfortantes nas costas da mão dele, e ele lhe deu um aperto fraco de incentivo, para que ela soubesse que poderia continuar.

— Se Grave é o sério e você é o palhaço, onde os outros se enquadram? Que tal darmos títulos a todos eles? — sugeriu, tentando distraí-lo enquanto ele se preparava para uma nova onda de dor.

— Covin é o bad boy — afirmou Sevin, ofegante. — Ou o gigolô. O que parecer mais divertido.

Ela pensou na língua bifurcada de Covin e no suposto caso escandaloso com seja lá quem fosse Nessa Serpentine.

— Concordo. Ele sem dúvida me assustou naquele primeiro dia.

— Ah, é? Como?

Ela corou.

— Eu o vi, hum… se cortando…

Sevin se sacudiu com uma risada sofrida.

— Quer dizer que o viu se aliviando.

Ela soltou um guincho de constrangimento.

— *O quê?* Está dizendo que ele estava…

Sevin tentou sorrir.

— Não foi *esse* tipo de alívio. Somos Assombrações de Sangue. Nossa magia vai ficando no sangue e, se não sangrarmos uma determinada quantidade, ela pode se acumular. O que não é bom. Também consumimos sangue, mas aí é outra história.

— Eu sei, tem seus pirulitos. Você os consegue com os Vampiros, certo?

Sevin estremeceu enquanto tentava assentir.

— Isso. Mas eu devia ter deixado você acreditar na outra versão da história. Covin teria achado graça.

— Você é uma peste — murmurou ela.

— E você fica muito fofa quando está envergonhada.

— Pare de flertar comigo.

— Ah, é, esqueci que só tem olhos para Rowington. O romântico.

Foi a vez dela de rir.

— Em que mundo Rowin é o romântico?

— No mundo em que ele quase arrancou minha cabeça depois que você desapareceu através daquele espelho na floresta. E ainda jurou que não sairia de lá até trazer você de volta — contou Sevin. — Para ser sincero, eu achei que você tivesse batido as botas. Sem mencionar que ele quebrou quase todos os ossos do corpo de Cedric Wrathblade depois que o canalha te encurralou no baile de máscaras. Rowin alega que nós dois tivemos participação nisso, mas, na verdade, tudo o que eu fiz foi quebrar o pescoço de Cedric para acabar com o sofrimento dele.

— Muito dramático — elogiou Genevieve ao visualizar a cena. Então, depois de um instante: — Sevin?

— Oi, meu bem.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Essa foi uma pergunta.

— Juro, você e seus irmãos são as pessoas mais insuportáveis que existem — resmungou ela.

Um sorriso se formou nos lábios de Sevin.

— Nós fizemos por merecer.

Isso é verdade.

Genevieve mordeu o lábio.

— Acha que é possível amar alguém depois de apenas alguns dias?

— Com certeza somos capazes de odiar alguém em um curto período de tempo… até à primeira vista. Não vejo por que deveria ser diferente com o amor. Mas, lamento, não sinto o mesmo por você, meu bem. Você não faz o meu tipo.

Genevieve deu um suspiro profundo, revirando os olhos para o teto. Então, sem conseguir se conter, perguntou:

— Qual é o seu tipo?

— Sádico e indisponível — murmurou ele. — Por que está me perguntando sobre amor? Meu irmão conseguiu mexer com você?

— Não sei — sussurrou ela. — Rowin disse que tudo é mais intenso em Enchantra, e ele tem razão. Não sei reconhecer o que é adrenalina e o que é emoção de verdade. Caramba, não sei nem se posso confiar nele ou não.

— Tudo é *real*. É mais intenso, sem dúvida, mas só porque a Caçada é uma questão de vida ou morte não significa que a decisão sobre o que vocês vão sentir um pelo outro depois também tenha que ser. Permita-se tanto se apaixonar quanto se desapaixonar. Você nunca sabe quando pode perder alguém e não ter a oportunidade de viver isso outra vez. Vai por mim.

— Não tem medo de partir seu coração de um jeito que depois seja irremediável? Se você se apaixona e desapaixona com tanta facilidade?

— Sem riscos, não acho que a jornada da vida valha a pena

Ela ficou em silêncio depois disso, refletindo sobre as palavras dele.

— Fazia anos que Rowin não vinha ver a gente nem nossa mãe — contou Sevin após um tempo. — Ele tem se sentido solitário. Muito mais do que jamais deixaria transparecer, mas eu conheço meu irmão. E sei que, seja qual for o tipo de parceria entre vocês dois, fez algo nele mudar de novo.

— Acho que isso vale para nós dois.

Ela se mantivera cercada de amigos que só existiam nos bons momentos e amantes sem importância sempre que a solidão se tornava particularmente fria, mas seus relacionamentos eram como acender um fósforo. Quente por um breve e feliz segundo, apenas para se extinguir depressa antes de ser jogado fora. Nenhuma daquelas pessoas jamais compreendera nada de verdade sobre ela. Sabiam o que ela deixava que soubessem. E nada mais. Nos últimos tempos, acontecia o mesmo em relação a Ophelia. Talvez Rowin fosse capaz de conhecer Genevieve a fundo. Talvez pudessem vencer a Caçada, libertá-lo daquela maldição e então decidir o quanto

estavam dispostos a se entregar.

Quase uma hora depois, Sevin tinha caído no sono e Rowin ainda não retornara.

Knox surgiu no cômodo.

— Venha, garota, está na hora de ir ao meu tesouro — ordenou o Diabo, com um quê de frustração na voz.

— Não posso deixar Sevin aqui assim — argumentou ela.

— Está tudo bem — disse Sevin, piscando para abrir os olhos. — Escolha alguma coisa divertida.

Ela sorriu e deu um tapinha na mão dele antes de se levantar e acompanhar Knox para fora da sala. O Diabo a conduziu pelo corredor de pedra, por um saguão, curvando-se para seguir por um arco baixo no canto.

Quando se aproximou da passagem, Genevieve viu que a abertura levava a uma escada em espiral estreita. Ela levantou a barra do vestido e começou a seguir Knox escada acima. Ao chegarem ao topo, ela se deparou com uma pequena sala redonda com um espelho ornamentado encostado na parede oposta. A moldura era uma obra de arte elaborada, esculpida com trepadeiras e serpentes retorcidas, galhos com frutas e flores. Ao se postar diante dele, a superfície começou a ondular feito água.

— Antes de prosseguirmos, você precisará concordar com um pequeno acordo.

Genevieve desviou a atenção do espelho para encarar o Diabo.

— Quantas vezes preciso dizer que não farei um pacto com você?

— Por favor, lindinha. Esse é mera formalidade. Um com o qual todos os outros antes de você concordaram. Estou lhe concedendo um prêmio do meu acervo. Por livre escolha. Tudo o que peço em troca é que concorde em perder a memória inteira do tempo que passou dentro do acervo. Você se lembrará apenas do item que escolher como recompensa. É uma medida de segurança. Tenho certeza de que entende que não quero que todos os meus pertences sejam de conhecimento público. Existem alguns seres muito gananciosos e espertos neste Círculo do Inferno, e eles podem cismar de tomar o que é meu.

— Então eu não vou me lembrar do meu tempo dentro do acervo? Só do item que eu decidir levar? É isso?

— Sim.

Genevieve repassou as palavras dele em sua cabeça, repetidas vezes, enquanto

girava o sinete no dedo. O anel era um lembrete constante e abrasador do ser com quem ela estava lidando.

Quem dera eu o tivesse quando conheci Farrow.

— Tudo bem. Eu concordo. Vamos ver o que você tem.

Knox deu um sorriso largo e atravessou a superfície reflexiva. Genevieve mergulhou no portal atrás dele.

— Bem-vinda ao meu acervo de tesouros — anunciou Knox enquanto gesticulava com o braço para mostrar o cômodo resplandecente ao redor.

Para onde quer que Genevieve olhasse, havia algo magnífico. Joias, poções coloridas, móveis de prata e ouro, artefatos mágicos que ela não sabia sequer nomear.

— Posso escolher qualquer coisa? — perguntou.

— Qualquer item, sim.

Genevieve prendeu a respiração enquanto observava Knox avançar para dentro do cômodo. Ela foi atrás de mansinho conforme ele seguia por um caminho estreito entre as pilhas de tesouros. Tentou assimilar o máximo possível de artefatos e joias, na esperança de que algo se destacasse. Havia adagas feitas de ossos e poções aleatórias. Bússolas que pareciam nem funcionar e dados mágicos. Bonecas feitas de cabelo e livros com cadeados escritos em idiomas que ela não conseguia entender.

— O que seu coração deseja? — perguntou Knox. — Talvez um relógio de bolso que lhe permita voltar dez minutos no tempo à custa da sua memória a cada uso?

Enquanto ele falava, o item que descreveu surgiu em sua mão. Em seguida, ele o jogou para o lado e caminhou até os objetos acumulados. Quando ela fez menção de ir atrás, a ponta do seu sapato esbarrou em um enfeite e o mandou voando pelo chão; ela baixou os olhos para ver onde ele havia ido parar. E ficou paralisada.

Era um pequeno medalhão dourado com uma pedra escura incrustada na frente. Um Cadeado da Alma. Talvez até o que ela vira Barrington usando na fotografia.

Ela se agachou para apanhar o colar do chão e o suspendeu pela corrente diante de si, imaginando quais almas ele poderia conter.

Ophie e eu iríamos combinar, refletiu ela, um pouco triste. Quanto tempo ela passou querendo um medalhão como aquele?

Genevieve se levantou e aninhou o medalhão no topo de uma das pilhas.

— Sra. Silver, faça a gentileza de vir aqui.

Ela se apressou ao longo do caminho até onde Knox a esperava.

— Tenho bolsas de moedas que jamais são esvaziadas, poções que concedem força e beleza sobrenaturais, flechas encantadas para nunca errarem o alvo — ofereceu o Diabo, com cada artefato aparecendo no ar entre os dois enquanto falava. — Ou uma poção que pode apagar uma única pessoa da sua mente e você da mente dela.

A respiração de Genevieve ficou presa na garganta quando ela fixou os olhos no frasco com o líquido vermelho brilhante.

O Diabo sorriu.

— Ah, tem alguém que deseja esquecer, lindinha?

Farrow.

Um milhão de vezes seguidas.

— Mas, antes de tomar uma decisão, *existe* uma coisinha que pensei que poderia interessar a você e ao seu marido mais do que todas as outras…

Os objetos flutuando diante dela desapareceram quando Knox tirou algo do bolso. Um frasco de vidro em forma de caveira. Dentro, havia um líquido azul brilhante.

De alguma forma, Genevieve soube o que ele estava mostrando a ela assim que viu.

A cura.

— Você é um filho da puta — vociferou ela. — Estava guardando isso *esse tempo todo*? Poderia ter curado a mãe de Rowin a qualquer momento?

— Eu sou um Diabo, Genevieve Silver. Você já deveria saber o suficiente sobre Diabos para não se surpreender com nossa natureza. Afinal, nosso Príncipe está no momento brincando de casinha com sua irmã.

— É, acho que já te contei isso — disse ela, bufando.

Knox inclinou a cabeça.

— Mas como eu ia saber que você não estava mentindo? Agora eu sei, claro, que sua ameaçazinha era bem real. Wellington acabou de voltar de Nocturnia para confirmar a informação. O Rei sabe que Salem está livre e se mostrou muito bravo com a decisão do filho de não voltar para o Inferno. Mas o que ele podia esperar depois de amaldiçoar o Príncipe com tamanha crueldade, não acha?

Genevieve estreitou os olhos. Ela não tinha ideia de onde Knox queria chegar com aquilo.

— A menos que Salem retorne ao Outro Lado por vontade própria, o Rei não poderá tocar nele. Tradições antigas, sabe? Então você pode imaginar o entusiasmo do Rei ao descobrir que a irmã da garota a quem Salem vinculou a alma se encontra nas

minhas mãos. Ele me ofereceu um pacto que não posso recusar, de modo que vou lhe oferecer um pacto que você também não poderá.

O estômago de Genevieve se revirou de medo quando Knox sacudiu o frasco, fazendo um tornado de bolhas flutuarem até o topo do líquido brilhante.

— Se concordar em convencer Salem a retornar para o Inferno, eu deixarei você escolher este frasco quando ganhar o título de Favorita — ofereceu Knox. — A mãe de Rowington será curada. Todos ganham. Mas, se não me ajudar…

Knox deixou a garrafa cair das mãos.

— *Não!* — gritou Genevieve ao se lançar para a frente, com o braço estendido, porém o frasco nunca atingiu o chão.

De repente ele estava de volta às mãos de Knox.

— Todos perdem — concluiu o Diabo.

— Você está pedindo que eu convença Salem a abandonar minha irmã. Algo que eu *nunca* farei.

Genevieve *jamais* roubaria a felicidade da irmã. Preferiria morrer a fazer aquilo.

Knox soltou um muxoxo de escárnio.

— O Príncipe seria recebido de braços abertos. Todo mundo sabe que o Rei tem um carinho especial por ele.

— Eu não vou trair minha irmã — declarou Genevieve. — Agora que sei que a cura existe, Rowin e eu a encontraremos nós mesmos.

O sorriso de Knox se tornou assustador.

— Mas *você sabe* que ela existe? Não se esqueça de que, no instante em que voltar para Knoxium, toda a nossa conversa será apagada da sua memória.

— Nós mesmos a encontraremos — insistiu ela.

Os olhos violeta dele tornaram-se hostis.

— Sabe como a Deterioração Carmesim começou, garota?

Ela cruzou os braços.

— Ninguém sabe.

— Ah, mas eu sei — respondeu Knox, com uma reverência teatral. — Porque eu sou o criador dela.

— *Por quê?* — perguntou Genevieve, horrorizada.

— Eu já falei: quando eu perco, todos perdem.

Genevieve sabia que não deveria ficar chocada por ele ter criado algo tão hediondo. Sabia que Knox era um vilão, mas se deu conta de que deveria ter pensado nele como

o vilão.

— Ao longo dos anos, venho negociando alguns frascos com outras pessoas que se dispuseram a pagar o preço que eu queria — revelou Knox. — O suficiente para dar início aos boatos sobre uma cura, mas não para que alguém conseguisse localizá-la.

— Então está dizendo que existem outros por aí. O que significa que eu não preciso de você.

Knox a observou por um longo e tenso momento, depois olhou para o frasco e disse:

— Ora, se está certa disso.

E então fechou a mão e esmagou o frasco. Genevieve arquejou quando o líquido escorreu pelos dedos e pelo antebraço dele.

— Dê uma última olhadinha ao redor antes que eu a devolva ao seu marido, sra. Silver — prosseguiu Knox com um sorriso forçado enquanto se livrava dos cacos de vidro. — E não se preocupe: ninguém mais ficará sabendo da oportunidade que você desperdiçou aqui.

Genevieve se obrigou a dar as costas para os indícios da cura arruinada. Ela sabia, no fundo, que havia tomado a decisão certa, mas isso não amenizava a culpa por ter estado a centímetros daquilo que Rowin procurava havia quase duas décadas e apenas ter deixado a oportunidade passar.

O que mais eu poderia querer daqui?

A poção que Knox descrevera lhe ocorreu primeiro, óbvio. A ideia de conseguir esquecer Farrow era algo que ela desejara inúmeras vezes…

— Está na hora de partir — anunciou Knox. — Já tomou sua decisão?

Genevieve deu uma última olhada ao redor e assentiu.

— Sendo assim, vamos ver se você vence o título de Favorita — disse o Diabo, apontando para o portal. — Hora de ir embora.

Ela se afastou devagar, engolindo em seco enquanto dava meia-volta e se apressava até a saída. Antes de atravessar, porém, disse a si mesma que precisava se lembrar do que acabara de acontecer. Precisava registrar cada detalhe em sua mente.

A cura existe. A cura existe. A cura existe. A cura existe. A cura existe.

Ela atravessou.

A cura existe. A cura existe. A cura… a… a… hum… Onde… estou?

Genevieve piscou algumas vezes diante do cômodo velho e empoeirado.

— Que diabos? — murmurou para si mesma, e então se virou para o grande

espelho atrás de si.

Ela estivera olhando para seu reflexo e então…

O pacto dela com Knox. Ele roubou suas lembranças.

— *Genevieve*.

Ela girou o corpo ao ouvir a voz de Rowin.

— Procurei você por toda parte — disse ele, com uma expressão inexpressiva, de um jeito que a deixou nervosa. — Precisamos ir. Agora.

Ela assentiu, entorpecida, e deixou que ele a guiasse pela torre estreita, olhando para trás apenas uma vez em meio ao vazio perturbador do cômodo.

Rowin a conduziu por um corredor diferente, que estava vazio, exceto pela Boca do Inferno girando no final.

— O que Knox quis discutir com você mais cedo? — perguntou ela em voz baixa ao avançarem lado a lado.

— Assuntos de família — respondeu Rowin, com um tom de voz cortante que deixava evidente sua vontade de encerrar a conversa.

— Sobre a Caçada? Sobre a cura da sua mãe? — insistiu ela enquanto era arrastada até o portal. — Além disso, por que fomos parar naquele beco se Knox tem uma Boca do Inferno aqui na casa?

— Esta é só para sair, não para retornar — informou ele. — Uma medida de segurança.

— E quanto às minhas outras perguntas?

Ainda sem responder, Rowin apenas agarrou o pulso dela e a puxou através do portal. Estavam de volta à Enchantra, e o gabinete se materializou ao redor deles igualzinho a como o haviam deixado.

Genevieve não fez nenhum esforço para se mexer, olhando para Rowin com expectativa. Sobre o que Knox quisera conversar com ele lá na casa? Seria sobre a relação dos dois? Knox estaria começando a desconfiar? Teria oferecido algum tipo de acordo a Rowin?

Quantos outros segredos Rowin guarda? E qual deles vai ser a minha ruína?

Ele passou a mão pelos cabelos. Estava nervoso.

— Wells foi até Nocturnia em busca de informações e as obteve — disse ele, por fim.

Ela inclinou a cabeça.

— Por que você está tão irritado? As informações não eram boas?

— Depende de para quem você pergunta.

— Estou perguntando a *você*.

— Hoje foi um dia cheio. Eu não devia ter te levado lá. Devia ter te deixado aqui para descansar.

Ela deixou os braços caírem, magoada. Os olhos dele suavizaram, mas a mandíbula continuou travada com firmeza.

— Acho que nós dois deveríamos dormir um pouco — sugeriu ele. — Os próximos dois dias serão os mais longos.

Genevieve não disse mais nada enquanto voltavam para o quarto dele. Ao se deitarem em lados opostos da cama, uma semente de medo começou a florescer dentro do peito dela. Havia alguma coisa muito errada.

Ela passou a ponta dos dedos sobre as palavras gravadas na pulseira e não pôde deixar de se perguntar: se ela estava onde a luz estava, por que de repente se sentia tão no escuro?

QUINTA RODADA

CAPÍTULO 39



QUALQUER OUTRA PESSOA

Quando chegou a cerimônia de escolha seguinte, Rowin ainda estava agindo de forma estranha. Os dois mal haviam conversado e, mesmo assim, ele não permitia que ela se afastasse.

Tinham passado a maior parte do tempo em silêncio, tentando evitar os irmãos dele, demorando-se na biblioteca, onde ela enfim conseguiu lhe mostrar o livro que encontrara sobre a Deterioração Carmesim. Ele pareceu espantado por ela ter se preocupado em pesquisar sobre o assunto, mas não se deu ao trabalho de dizer mais nada. Infelizmente, ela não havia descoberto nada sobre o vírus que Rowin já não tivesse lhe contado, e isso a frustrava demais.

Havia uma sensação inexplicável e incômoda às margens da consciência de Genevieve, a impressão de que ela estava deixando passar alguma coisa.

Depois de um tempo, os dois saíram da biblioteca para jantar com Ellin, que passou a refeição inteira divulgando todas as fofocas sobre a infame família Serpentine, sobre a qual Genevieve tanto ouvira falar em sua festa de aniversário. Ela se perguntou se era assim que Ophelia se sentia sempre que Genevieve voltava para casa com histórias das festas agitadas ou dos encontros com os amigos.

Após o jantar, Genevieve registrou os eventos da semana anterior em seu diário, escrevendo com detalhes minuciosos todas as informações que vinha negligenciando. Tentou pôr no papel seus sentimentos por Rowin, mas ainda não conseguia definir nenhum deles, sobretudo naquele momento, quando estava paranoica de que ele tivesse feito algum pacto ardiloso com Knox. Afinal, o Diabo oferecera a ela muitas oportunidades de realizar acordos, e todo mundo havia deixado bem claro que o principal interesse de Knox era criar um bom espetáculo para os que estavam pagando

para assistir.

— E então sobraram cinco — observou Knox quando enfim apareceu no salão de baile com o restante deles, trazendo Genevieve de volta ao presente.

Sem preâmbulos, o Diabo lançou a Faca de Caça no ar, e todos assistiram enquanto ela ia direto para Ellin.

— Ah, Covington Silver — disse Ellin, afastando uma mecha de cabelo platinado do rosto. — Depois da noite passada, é melhor você correr.

Covin abriu um sorriso largo.

— Venha com tudo, maninha.

— Jogo de preferência? — indagou Knox.

— Coelhos e Cajados — declarou Ellin.

Knox assentiu.

— Podem começar.

Grave e Covin saíram andando como de costume, mas Genevieve ficou surpresa ao ver Rowin fazer o mesmo sem esperar por ela. Grave pareceu notar também.

Ela correu atrás de Rowin, que entrou no lavabo e fechou a porta antes que ela o alcançasse. Ao bater, ouviu um estrondo vindo lá de dentro.

Que diabos foi isso?

A porta se abriu.

— Você não ia mesmo me esperar? — reclamou ela. — Ou explicar o que raios significa *Coelhos e Cajados*? O que você *fez*?

O espelho acima da pia fora completamente destruído. A superfície não era mais reflexiva, mas de uma cor preta opaca. Cacos de vidro cobriam a bancada, assim como gotas de sangue preto. Ela olhou para o punho de Rowin. A pele das juntas estava cortada, mas já cicatrizando.

Rowin a puxou para o lavabo e os trancou lá dentro. Quando Genevieve deu uma olhada incisiva para o espelho, Rowin passou a mão pelos cabelos.

— O jogo de Ellin é um trocadilho com matar dois coelhos com uma cajadada só — explicou ele, monótono, como se esse fosse o assunto mais urgente. — Se tivesse me deixado terminar o tour alguns dias atrás, saberia disso. Caso dê de cara com outros jogadores em qualquer momento da rodada, terá que permanecer com eles até tudo acabar. Fica mais fácil para o Caçador agrupar todo mundo. Embora, em geral, seja um jogo mais interessante quando jogado mais cedo.

— Rowin, o que *aconteceu*? Em Knoxium… que porra aconteceu lá? Porque você

com certeza não estava agindo desse jeito antes.

A expressão dele não revelava nada.

— Como eu estava agindo então, encrenca?

— Como se… como se…

— Seja *específica* — provocou ele.

— Não aja como se não se importasse com…

Num piscar de olhos, ele a tinha encurralado contra a parede.

— E é esse mesmo o problema — disse ele, em um tom ríspido. — Eu me *importo* com você, Genevieve.

Era um pensamento incompleto, mas ele não parecia capaz de dizer mais nada. A mente dela retornou à reunião dele com Knox. O Diabo devia ter lhe oferecido algo. Mas Rowin *aceitou*?

— Você é um covarde — acusou ela, por fim. — Seja lá o que não tenha me contado… você é um *covarde*.

Os olhos dele faiscaram de raiva.

Antes que ele pudesse dar outra resposta enigmática ou mais uma desculpa vaga sobre o motivo para se recusar a se abrir com ela, Genevieve explodiu:

— Saia.

Rowin arqueou uma sobrancelha.

— Quer que eu vá embora?

— Quero. Encontre seu próprio esconderijo.

Ele assentiu e, sem dizer mais nada, saiu do lavabo. Ela ficou lá parada por bastante tempo, encarando o papel de parede rasgado de onde ele havia arrancado o espelho. Por fim, também saiu, seus pés a conduzindo ao saguão e à porta da frente. E, antes mesmo de perceber o que estava fazendo, ela se viu de volta ao coração do labirinto, deitada na neve, ansiosa pelo entorpecimento que logo a envolveria mais uma vez.

Ela achou que talvez tivesse ido longe demais e ficado com hipotermia.

Sem querer, adormecera na neve, sonhando com uma floresta cheia de espelhos, sendo que cada um dos reflexos mostrava uma raposa de olhos dourados segurando um coelho morto na boca. Pelo menos Farrow não a assombrava mais. Aliás, ela não sonhava com ele desde…

Desde que acordara com Rowin enroscado nela.

A revelação a abalou, mas por ora tinha preocupações mais importantes. Como o fato de que não conseguia sentir o próprio corpo. Ela rolou no chão, com os membros tão rígidos que gritou ao tentar ficar de pé. Não tinha sido sua intenção passar tanto tempo ali fora, mas sabia que os irmãos não costumavam vasculhar o labirinto, e tinha sentido necessidade de espairecer.

Não procuram aqui porque nenhum deles é burro para se esconder na neve e morrer congelado, repreendeu a si mesma.

Ela foi se arrastando até a soleira da porta, desfrutando do calor da casa conforme se dirigia ao quarto de Rowin. Precisava de cobertores.

Para seu azar, quando passou pela primeira porta do corredor, o anel começou a esquentar em seu dedo. O calor contra a pele fria era insuportável, e ela arrancou o aro de prata, com lágrimas brotando nos cantos dos olhos, até que o objeto se soltou e voou pelo saguão. Após bater na parede oposta, quicou no chão com um tilintar antes de rolar mais alguns metros e tombar de lado. Ela disparou até ele o mais rápido que conseguia.

Assim que o catou do chão, percebeu que estava queimando. E então ouviu um suspiro.

Genevieve se aprumou com um sobressalto, os olhos se voltando para o arco da sala de jantar. Encontrou Ellin passando por ele, alertada pelo barulho do anel. A Faca de Caça brilhava à luz das velas conforme a garota se aproximava.

— Eu torcia, de verdade, para que não chegasse a esse ponto — declarou Ellin, com um arrependimento sincero nas palavras. — Na verdade, estava gostando da sua companhia.

Genevieve recuou um passo enquanto segurava o anel em chamas, fechando a mão em punho. Ele havia esquentado perto daquele primeiro cômodo. O que significava que havia outro irmão ali que queria lhe causar mal, e o jogo escolhido por Ellin exigiria que ele ficasse por perto.

Ellin acompanhou os movimentos dela.

— Sabia que existem avestruzes no Inferno? — soltou Genevieve.

Ellin a encarou, meio perplexa.

— Quer mesmo que estas sejam suas últimas palavras?

— Bom, que tal "Sinto muito, mas o mundo está prestes a ficar bem mais chato"? — sugeriu Genevieve, recuando mais um passo.

Ellin deu um passo para a frente.

— Melhorou…

Genevieve recuou mais um pouco.

— Já que estamos falando nisso, gostaria que fosse escrito na minha lápide: "Aqui jaz Genevieve Silver. A menos que você seja um ladrão de túmulos. Nesse caso, aqui jaz uma pessoa muito menos fabulosa."

Ellin suspirou de novo.

— Bom, acho que vamos ter que acabar logo com isso.

Genevieve aproveitou a deixa para se virar e correr. Ela disparou rumo ao corredor, chegando à porta onde sentira a presença de um dos irmãos de Ellin e girando a maçaneta para, claro, perceber que estava trancada. Então chutou a porta com toda a força, mas seus ossos ainda pareciam feitos de vidro e não lhe restava muita energia.

Chega dessa história de ir lá para fora.

Ellin a alcançou, desferindo um golpe despreocupado com a Faca de Caça em direção ao peito dela. Genevieve tentou se abaixar e cambaleou para trás, caindo com tudo sobre o cóccix. Em questão de segundos, Ellin estava em cima dela, montada em sua cintura, e apontava a ponta da lâmina para seu coração.

A garota cerrou os dentes enquanto seus olhos de carvão se enchiam de lágrimas.

— Eu sinto muito, de verdade.

Genevieve engoliu o orgulho e fez a única coisa que lhe ocorreu.

— *Rowin!* — gritou ao estender a mão e lutar para deter Ellin, enquanto a faca continuava a descer. — *Rowin!*

Ellin era forte. Não era de surpreender, considerando seu corpo musculoso e definido. E Genevieve sabia que não conseguiria resistir por muito mais tempo. Quando percebeu, já era tarde: sua força se esvaía depressa e a lâmina estava no topo do seu corpete, perfurando a pele e arrancando uma gota de sangue.

Genevieve fechou os olhos com força.

Pelo menos, morrer entorpecida é melhor do que morrer no fogo.

O peso sobre seu peito desapareceu de repente, e, quando Genevieve abriu os olhos, encontrou Rowin segurando Ellin, que se debatia. Ele tinha um braço em volta do pescoço da irmã e o outro agarrava o topo da cabeça dela.

— Perdão, Ellin — grunhiu ele, e quebrou seu pescoço.

Genevieve se encolheu ao ouvir o som dos ossos de Ellin quebrando e ao ver o corpo caindo sem vida no chão.

— Vamos — ordenou Rowin a Genevieve.

Ela engoliu em seco e se levantou, passando por Ellin antes de correrem juntos para outro esconderijo.

Mais uma vez, Genevieve se viu sentada, aborrecida, no sofá surrado da sala secreta da biblioteca. Rowin não lhe dirigira uma palavra sequer após o incidente com Ellin, mas o jeito como andava de um lado para o outro já dizia o suficiente. Do canto da sala, Umbra observava os movimentos dele: para lá e para cá, para lá e para cá.

Genevieve estava decidida a não romper o silêncio primeiro.

— Puta merda, fala alguma coisa — esbravejou ela, uma hora depois, levantando-se do sofá para bloquear o caminho dele.

Deu certo. Rowin se aproximou com tanta firmeza que ela se viu tropeçando nos próprios pés para recuar.

— Qualquer outra pessoa — disse ele. — *Qualquer outra pessoa* no mundo poderia ter aberto aquela merda de carta, mas tinha que ser você.

A princípio, ela pensou que as palavras tinham sido ditas com fúria, mas, quando fitou os olhos dele, viu que estavam repletos de dor.

— Só *me conte*, Rowin — implorou ela. — Não me faça te acusar de ser um covarde de novo…

— Knox me propôs um pacto.

Genevieve sentiu o sangue sumir do rosto. Ela sabia. *Sabia*.

— Wells me avisou que Knox estava procurando uma maneira de eliminar você da Caçada. E que eu deveria considerar com muito cuidado qualquer oferta que recebesse dele. Knox pediu que eu me voltasse contra você em troca de…

— De quê?

— Da minha liberdade — revelou ele, piscando para encará-la com seu olhar dourado. — Ele não pode te matar enquanto você estiver na Caçada. Tem que ser um de nós.

Ela prendeu a respiração.

— Eu recusei, Genevieve — murmurou ele. — Eu nunca iria… Eu nunca poderia…

As lágrimas ardiam nos olhos de Genevieve. Porque, embora aquelas fossem as palavras que ela queria ouvir, de repente também se dava conta daquilo a que ele havia renunciado.

— Você mal me conhece, Rowin… — Ela se forçou a dizer. — Knox te ofereceu liberdade eterna e…

Ele balançou a cabeça.

— Nada é eterno. Exceto o fato de que você me *arruinou*. Tudo o que eu sempre quis foi me libertar deste jogo desprezível, e mesmo assim não hesitei nem por um segundo em recusar.

— Por que não me contou? Você prometeu que ia…

— Porque estava tentando te proteger. Não consegue enxergar isso? Estou convencido de que você foi feita pelo próprio Rei dos Diabos para me torturar pelos meus pecados.

Ela zombou da suposição e cutucou o peito dele.

— Você é muito narcisista. Eu mereço ser a protagonista da minha própria história. Não fui feita para *você*.

— Verdade, verdade, mentira — disse ele.

O coração dela deu um pulo.

Você é muito narcisista. Verdade. *Eu mereço ser a protagonista da minha própria história*. Verdade. *Eu não fui feita para* você. Mentira.

— Eu não fui feita para você — repetiu ela, embora muito menos convincente.

— Então talvez *eu* tenha sido feito para *você* — declarou ele, como se estivesse zangado com o fato. — De que outra forma explicar como você conseguiu me afetar tanto em tão pouco tempo? Por que toda vez que tento imaginar como seria romper nossos votos, sinto como se a Faca de Caça estivesse perfurando meu coração? Durante quinze anos, eu vivi para todos os outros ao meu redor. Eu vinha definhando neste maldito lugar. Até que você apareceu e me fez rir. Você me deu esperança.

Genevieve queria dizer que era absurdo pensar que ele tinha sido feito para ela. Mas então se lembrou de que ele estivera ali, naquele mesmíssimo lugar, esperando que ela aparecesse à sua porta. Lembrou-se da sensação do corpo dele dentro do dela, do êxtase que ele conseguia lhe proporcionar, algo que ninguém mais havia conseguido. Das cicatrizes que partilhavam. Da compreensão mútua. Dos votos.

Minha alma é sua alma. Meu sangue é seu sangue. Por toda a eternidade.

— As sombras só podem ser vistas na presença da luz — disse Rowin, com as palavras cheias de angústia. — Tenho medo de que, quando você for embora, não haverá mais ninguém para me ver.

Genevieve não soube dizer qual deles tomou a iniciativa primeiro.

CAPÍTULO 40



ABRASADOR

Se ela tinha se preocupado com hipotermia pouco antes, com certeza não se preocupava mais. Rowin foi aprofundando o beijo ao mesmo tempo que desamarrava seu espartilho com habilidade e tirava seu vestido. Um desejo abrasador a queimava de dentro para fora. Ela enfiou as unhas nos botões da camisa dele, antes de arrancar todos de uma só vez e os mandar voando pelo quarto. Rowin segurou uma risada diante do fervor desesperado dela.

Quando nenhum dos dois tinha uma peça de roupa sequer, Rowin se curvou para deslizar as mãos por baixo das coxas dela e a erguer até que ela pudesse envolver as pernas em volta da sua cintura. Então os levou até a lateral do sofá, apoiando-a no braço do móvel e se ajoelhando até o chão.

— Levante — exigiu ele enquanto a agarrava pelas laterais do quadril.

Genevieve obedeceu, e ele a puxou para a frente até que estivesse empoleirada na beiradinha, com os joelhos bem afastados, facilitando à boca de Rowin o acesso à entrada dela. Ele não perdeu tempo com nenhum preâmbulo, apenas enterrou o rosto entre as pernas dela, lambendo o clitóris até que ela estivesse toda molhada, levantando a mão para deslizar dois dedos, com anéis e tudo, dentro dela. Curvou os dedos conforme os subia e descia, continuando a lambê-la como um homem faminto.

— Você é o meu sabor preferido — murmurou ele conforme seus gestos se tornavam mais preguiçosos, torturantes. — Caralho, eu poderia ficar aqui para sempre.

Ao ouvir as palavras dele, o clímax veio rápido e intenso, e Genevieve agarrou o sofá enquanto rebolava, trêmula, no rosto dele. Seu peito arfava com o esforço conforme ela foi voltando à realidade, mas ele não se preocupou em parar. Ela estava

tão molhada que o sofá embaixo já estava ensopado.

— Rowin. Por favor.

— Por favor, o quê? — perguntou ele, ainda chupando aquele encontro de nervos retesados.

— Me come, *por favor*.

Ele enfim se afastou, com um sorriso arrogante nos lábios. Então a segurou pelas coxas e se sentou nas almofadas do sofá, mantendo-a com as pernas abertas no seu colo. Ele a beijou do pescoço até os seios enquanto ela se contorcia contra seu membro rígido, em busca de atrito. Rowin chupou um dos mamilos dela, fazendo-a gemer. Um pouco alto demais do limite aceitável.

— Se você não ficar quieta, vou ter que parar — avisou ele, mudando para o outro mamilo.

Genevieve choramingou baixinho daquela vez. Ele roçou os dentes no bico intumescido em sua boca, em sinal de aprovação. Ela levou a mão ao espaço entre os dois e envolveu o pau dele com força. Rowin deu uma estocada para cima, e daquela vez foi ele quem gemeu alto demais.

Ela lhe lançou um sorriso arrogante.

— Ah, agora você vai ver, encrenca — disse ele enquanto deslizava as mãos para cada lado da cintura dela e a erguia do seu colo…

… para descê-la com tudo no seu pau.

Genevieve gritou o nome dele, e Rowin se apressou a tapar a boca dela com a mão.

Quando teve certeza de que ela estava silenciada, cruzou os braços atrás da cabeça e disse:

— Cavalga em mim.

Quando ela se inclinou para a frente para espalmar as mãos no peito dele, Rowin balançou a cabeça.

— Estique os braços para trás e se segure às minhas coxas. Quero ver você fodendo meu pau com toda a força que puder.

Ela seguiu as orientações, arqueando o quadril e o peito para a frente enquanto agarrava as pernas dele às suas costas. Rebolou uma, duas vezes, e o pau o pênis dele alcançou lugares dentro do seu corpo que ela nem imaginava ser possível.

— Isso mesmo — encorajou ele. — Agora, mais rápido.

Ela ganhou velocidade, rebolando no colo dele em um ritmo constante até os músculos queimarem com o esforço e as têmporas gotejarem de suor. Depois de um

minuto, ela começou a gemer de desejo.

— Eu sei — murmurou Rowin, desviando o olhar do corpo dela para encontrar seu olhar. — Eu sei. Você está indo tão bem… — grunhiu ele. — É a pessoa mais deslumbrante que eu já vi.

A única coisa que ela conseguiu pensar em dizer foi:

— Mas é óbvio.

O sorriso que Rowin dirigiu a ela era luminoso. Ele os mudou de posição de repente, em um movimento fluido, com o pau ainda dentro de Genevieve enquanto empurrava as costas dela contra o sofá. E ele acelerou o ritmo, dando arremetidas implacáveis até ela estar *implorando* por alívio.

— Por favor — choramingou ela. — Por favor. *Rowin*.

Ele estendeu a mão no espaço entre os dois e pressionou a parte macia do polegar contra o clitóris dela, arrancando-lhe mais orgasmo pouco antes de deslizar para fora dela e…

— Ah, *puta merda* — uma voz profunda e descontente ecoou pela sala.

Uma hora depois, Covin e Rowin ainda estavam discutindo, enquanto Genevieve riscava com a unha mais uma grade de jogo da velha em uma das tábuas do assoalho. Como as regras escolhidas por Ellin exigiam que todos ficassem juntos pelo restante da rodada, Genevieve vinha tentando distrair os dois com vários jogos para evitar que brigassem.

— Você começa desta vez — disse ela a Covin.

Ele interrompeu a rixa com Rowin por tempo suficiente para observar o jogo e marcar um "X" no centro. Ela torceu o nariz. Ele sempre escolhia o centro.

— Grave não devorou o irmão gêmeo no útero — repetiu Rowin pela décima vez. — Sevin inventou isso para assustar Ellin quando a gente era criança.

— A mamãe me contou que não era só uma historinha, juro para você. E Sevin ouviu o papai falando sobre isso uma vez.

— Vai ver que é por isso que ele é tão grande — brincou Genevieve.

Covin fez um gesto na direção de Genevieve enquanto enfatizava para o irmão:

— *Viu só?*

Após mais uma disputa terminar em empate, Genevieve se levantou do chão e caminhou até onde Rowin estava sentado no sofá, já de roupa. Ele ergueu o braço em

um convite, e ela logo se aninhou ao seu lado.

— Vocês dois me deixam enjoado — comentou Covin, embora o tom fosse alegre. — Não estão com medo de que isso possa acabar em tragédia? Sabem que Knox não gosta de perder. Não consigo nem imaginar as cartas que ele vai tirar da manga caso algum de vocês escape daqui.

Genevieve e Rowin trocaram um olhar carregado.

Covin já havia feito uma pergunta semelhante antes, quando surgiu pelo alçapão e os encontrou na posição mais íntima possível. Rowin quase arrancara a cabeça do irmão por interromper os dois em um momento tão inoportuno, mas, claro, Covin não podia ir embora por causa das regras do jogo.

— Pare de falar sobre Knox — retrucou Rowin.

Covin ergueu as mãos, como se quisesse provar sua inocência.

— Só estava puxando assunto.

— Então escolha outro — murmurou Rowin.

— Ah, já sei! — interveio Genevieve. — Isso aí na sua língua… doeu?

Covin sorriu, deixando a língua bifurcada se projetar entre os dentes feito uma cobra.

— Na verdade, não. Mas tenho uma tolerância *muito* alta à dor.

Genevieve se virou para Rowin.

— E quanto à sua tolerância à dor? É alta?

— Nascer nesta família é uma garantia disso — confirmou Rowin.

Covin se levantou e foi até o carrinho de bebidas. Genevieve se inclinou no ouvido de Rowin e cochichou:

— E o piercing no seu…

Rowin deu um sorrisinho.

— Ah, esse doeu para caralho.

— Colocou há quanto tempo? Eu sou a primeira a…

— Ver? Lamber? — murmurou Rowin. — É, sim.

— Eu consigo ouvir vocês cochichando, sabiam? Que tal parar de falar do pau do Rowin na minha presença? Acho que já sofri o bastante por hoje. O bastante para uma eternidade, na verdade — resmungou Covin antes de inclinar a cabeça para trás e entornar o copo de uísque.

Era um argumento válido.

— Quanto tempo falta? — perguntou Genevieve.

Os dois verificaram seus relógios de bolso ao mesmo tempo.

— Quinze minutos — respondeu Covin primeiro.

— Acho que já podemos descer — sugeriu Rowin, levantando-se do sofá e se espreguiçando. — Estou a fim de ir para a cama. Quem sabe ler um livro.

Covin lhe lançou um olhar que dizia: *Aham, sei.*

— Está sentindo falta do seu exemplar de *Os desejos mais desprezíveis do Diabo*? — provocou Genevieve.

— Estou — respondeu Rowin. — Parei na parte em que o Diabo leva a amante para a sala do trono e enfia seu…

— Se você disser a palavra "pau", eu vou te dar uma surra — ameaçou Covin.

Genevieve começou a rir, até sentir o anel esquentando. Bastou uma espiada no rosto dela para Rowin entender o que estava acontecendo.

Ele praguejou e correu para o alçapão, mas era tarde demais.

— Ora, ora, — disse Ellin, rindo, enquanto entrava no cômodo, fechando a porta atrás de si. — Parece que encontrei a festinha. Nenhum de vocês sabe que tem que fazer *silêncio* quando brinca de esconde-esconde?

— Ficamos entediados esperando você ficar boa neste jogo — alfinetou Covin.

— Ellin… — começou Rowin, mas a garota lhe mostrou os dentes e o interrompeu antes que pudesse terminar.

— Não começa — retrucou ela. — Cuido de você depois.

E então se voltou para Covin.

— Ei — disse Covin na defensiva —, eu estava só brincando.

— Você cortou minha *orelha*! — gritou ela. — Sabe muito bem quanto tempo partes do corpo demoram para crescer de volta! Foi pior que Rowin quebrando meu pescoço!

Genevieve a observou com mais atenção, tentando identificar qual orelha poderia estar faltando, mas o corte de cabelo de Ellin a cobria muito bem.

— A esquerda — sussurrou Rowin.

— Cale a *boca* — grunhiu Ellin.

Covin aproveitou os breves segundos de distração da irmã para atacar, porém Ellin foi rápida. Ela desviou para o lado, avançou com a lâmina e a enterrou no abdômen dele.

Ele soltou um palavrão, curvando-se para a frente a fim de arrancar a adaga da barriga enquanto esbravejava:

— Rowin, uma ajudinha?

Rowin não se mexeu.

— Não, acho que você dá conta.

— Você é um cretino — afirmou Covin, fervilhando de raiva, enquanto desviava de mais um dos golpes de Ellin.

O embate continuou por um tempo, com os dois cansando um ao outro e mudando os móveis de lugar em meio à perseguição. Enquanto isso, Rowin mantinha Genevieve fora de perigo. Por fim, Covin levou a melhor, desferindo um murro na barriga de Ellin, que deixou a faca cair com um estrondo no chão e vomitou o jantar com a força do soco.

Genevieve fez uma careta e agarrou a mão de Rowin.

— Porra, El — lamentou Covin, arrependido.

E Genevieve percebeu que ver a irmã sofrendo acabava com ele.

Ellin começou a fungar enquanto terminava de pôr os bofes para fora.

— Já deu para mim. *Já deu*. Seja quem for o próximo, acabe logo comigo! Eu odeio essa merda de jogo!

Covin deu um passo cauteloso para a frente conforme Ellin se endireitava, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— El, vai ficar tudo bem…

— *Não!* — exclamou ela. — Não vai! Rowin tem mais em jogo que qualquer um de nós, e ele vai ser o próximo Caçador! Eu perdi minha *orelha*, Safira ainda está ferida do confronto com o lobo desgraçado do Sevin, e para mim *chega*. Quero que isso *acabe*.

Covin se aproximou mais um pouco, e Rowin apertou a mão de Genevieve duas vezes bem rápido. Como se dissesse "Preste atenção".

Genevieve percebeu então como a ponta do pé direito de Ellin se enfiara de forma bem sutil sob o cabo da adaga. Em uma fração de segundo, Ellin chutou a faca para a mão já posicionada e a cravou no coração de Covin, pouco antes das badaladas dos sinos anunciarem o fim da rodada.

Covin e a Faca de Caça desapareceram num piscar de olhos, e Genevieve olhou boquiaberta para a outra mulher.

— A cartada da pobre irmãzinha — disse Ellin, e piscou um olho marejado para Genevieve. — Nunca falha.

Algo nas palavras dela fez Genevieve hesitar, mas, um momento depois, Rowin a

estava afastando dali.



Genevieve e Rowin passaram o resto do dia no quarto dele. Mais especificamente, debaixo dos lençóis.

Mais tarde naquela noite, enquanto Genevieve pegava no sono aninhada no peito de Rowin, uma ideia vaga começou a se formar em sua mente. Ela murmurou algo a respeito, porém estava cansada demais para ver se ele ainda estava acordado.

Em algum momento, Rowin saiu da cama. Ela abriu um pouco os olhos e o observou se vestir e, em seguida, pegar Umbra, toda sonolenta, da poltrona do canto. Ele a pousou ao lado da cabeça de Genevieve, e a raposa deu uma lambida carinhosa na bochecha dela.

— Aonde você vai? — sussurrou Genevieve.

— Encontrar Ellin — murmurou ele antes de ajeitar as cobertas ao redor do corpo dela. — Volte a dormir.

Ele saiu em silêncio, com o clique da fechadura reverberando na escuridão, e ela deixou que o cansaço a dominasse e a arrastasse de volta para a inconsciência.

CAPÍTULO 41



DADA COMO MORTA

Foi o anel que a acordou.

A princípio, ela achou que os pesadelos com Farrow estivessem de volta, como se o fogo que a consumia todas as noites durante o sono tivesse retornado para estragar a primeira semana de paz que tivera em muito tempo. Ao abrir os olhos no escuro, no entanto, ela soube que não estava sozinha, e que a queimação em torno do dedo era bastante real.

— Ótimo. Está acordada — disse Grave ao pé da cama.

Ela se sentou num impulso, com a adrenalina correndo pelas veias enquanto segurava os lençóis com firmeza contra o peito nu. Umbra havia sumido.

— Como entrou aqui? — questionou ela.

— Consigo criar meus próprios portais — lembrou-lhe Grave.

Verdade.

— Cadê Umbra?

Grave se virou para a esquerda, e Genevieve seguiu seu olhar até encontrar o corpo inerte da raposa caído no chão, ao lado da parede. Ela arquejou de horror, saltando da cama para ir até lá, mas, quando viu o peito de Umbra subir e descer, uma onda de alívio a percorreu.

Ela se virou para Grave com uma expressão furiosa.

— *Por que* você está aqui?

Grave cruzou os braços.

— Porque Knox confirmou minhas suspeitas. Sobre a maldita brecha dele. Eu sabia que tinha que haver uma pegadinha. Não era possível que ele permitisse a saída de alguém deste jogo sem ganhar algo em troca. E eu estava certo. Knox me explicou

tudo como um pequeno agrado: apenas *um* de nós pode escapar de servi-lo a cada ano. Se Rowin se libertar, para sempre, então Knox não será obrigado a deixar mais ninguém sair do jogo. Seremos forçados a jogar todos os anos sem que haja um vencedor de fato. Todos os anos voltaremos ao Inferno para servir Knox.

A informação abalou Genevieve. Knox tinha mesmo pensado em tudo.

— Então, se alguém vai dar o fora desta porra, serei *eu* — declarou Grave. — O que, para o seu azar, significa que seu tempo aqui acabou.

— Você já tentou me matar uma vez. E não deu muito certo, lembra?

— Mas agora eu conheço todos os seus truques. Você não tem mais o elemento-surpresa, não é?

Genevieve congelou. Ou melhor, ela estava *congelada*.

— Vá em frente, tente usar sua magia — encorajou ele.

Ela fez isso e… nada. Nem uma faísca. O domínio que ele exercia sobre o corpo dela, seja lá qual fosse, havia deixado tudo, exceto seus pensamentos, completamente paralisado.

Tentou falar. Não saiu nada.

Grave a ergueu no ar, não com as mãos, mas com a própria magia. E Remi estava certo: Grave era poderoso. De um jeito que ela conseguia sentir no fundo dos ossos. Os únicos outros seres dos quais ela já sentira emanar tamanho poder eram Knox e o próprio Príncipe dos Diabos.

— Vai acabar antes que você perceba — prometeu ele.

Em seguida, tudo ao redor dela explodiu.

Quando Genevieve voltou a si, não conseguia ver nem ouvir nada.

O quarto ao redor estava repleto de sombras turbulentas. E, no meio delas, um único lampejo de dourado. Os olhos de Rowin cintilavam.

Ela tentou perguntar o que estava acontecendo, mas sua voz foi abafada pelo estrondo de poder crepitando ao redor.

Alguém irrompeu pela porta, e as sombras desapareceram em um clarão ofuscante.

— Que *porra* está acontecendo aqui?! — gritou Ellin.

Uma luz branca emanava de suas mãos enquanto ela sugava as sombras de Rowin para que todos pudessem enxergar.

— *Ele estava tentando matar Genevieve* — vociferou Rowin.

— Qual é a novidade nisso? — esbravejou Ellin. — Vocês dois não podem se matar por causa de uma garota que conhecem há menos de uma semana. — Ela lançou um olhar de desculpas para Genevieve. — Sem querer ofender.

Genevieve esfregou as têmporas latejantes.

— Não me ofendi.

Na verdade, ela meio que concordava. Havia zombado de Ophie sem dó nem piedade por quase ter morrido por um Espírito gato de olhos verdes que conhecera apenas alguns dias antes. Sem dúvida devia um pedido de desculpas à irmã. O amor pouco se lixava para o tempo.

— Então que tal eu matar Rowin por estar armando uma cilada para toda a nossa família? — retrucou Grave.

— De que raios você está falando? — perguntou Ellin.

— Se Rowin for dispensado da Caçada, maninha, o restante de nós vai continuar jogando sem que exista um vencedor — explicou Grave mais uma vez. — O próprio Knox confirmou isso.

Ellin olhava boquiaberta de um irmão para outro.

— Puta merda.

— Vamos acabar com isso aqui e agora — declarou Rowin ao irmão. — Eu já te falei uma vez, Grave: ela é *minha*. Você não vai tirar Genevieve de mim.

A respiração de Genevieve ficou presa na garganta.

Ellin pareceu se recompor.

— Você precisa sair, Grave.

Grave a encarou, incrédulo.

— Jogue para vencer se quiser — continuou Ellin. — Mas também não vou deixar você matar a garota fora do jogo. Eu gosto dela. Ela conquistou o próprio lugar neste jogo.

O orgulho de Genevieve cresceu com as palavras de Ellin.

Pelo visto, Grave ponderou bastante sua decisão antes de, por fim, libertar Genevieve de seu domínio. Ele se teletransportou do quarto sem dizer mais nada.

Ellin olhou para Rowin e disse:

— Ponha a cabeça no lugar. Para eu confiar em você, preciso ter certeza de que sabe o que está fazendo.

Então ela também saiu.

— Umbra está bem? — sussurrou Genevieve.

Rowin confirmou com a cabeça, virando-se para acenar na direção da raposa, e Genevieve observou o Familiar se dissolver em fumaça.

— Não poderei invocar Umbra por um tempo. Até ela se curar. Ossos quebrados e veneno não são fatais para Familiares. Ser devorada por piranhas teria sido.

Ele andou até a cama, puxando Genevieve para os próprios braços e enterrando o rosto no pescoço dela.

— Você está bem?

Ela assentiu.

— Essa foi qual? A quarta? Ou a quinta vez que ele tentou me matar? Já estou até me acostumando… Então você falou com Ellin?

— Falei. Ela não gostou, mas… Bom, você ouviu o que ela disse. Estamos quase lá.

Genevieve sussurrou:

— Isso é tudo culpa minha.

— Não, não é. Eu comecei isso há muito tempo. Você só acelerou o final.

Ela engoliu em seco.

— Rowin?

— Diga.

— Você me chamou de sua de novo — murmurou ela.

Ele desviou o olhar.

— Desculpe. Sei que pediu que eu não fizesse isso.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele a beijou na testa.

— Volte a dormir. Desta vez estarei aqui — prometeu.

Ao se aconchegar de novo contra o peito dele, Genevieve percebeu que não conseguiria voltar a dormir. Não por causa do ataque de Grave ou porque não estivesse mais exausta, mas por causa da expectativa de tudo o que estava por vir.

E das palavras de Rowin ainda ecoando em sua mente.

Ela é minha. Ela é minha. Ela é minha.

SEXTA RODADA

CAPÍTULO 42



FAVORITA

Como Genevieve não conseguiu voltar a dormir, ela e Rowin foram para a biblioteca. Conversaram sobre tudo, menos sobre a Caçada. Por fim, Genevieve cochilou no colo de Rowin enquanto ele lia *Os desejos mais desprezíveis do Diabo*, esperando a meia-noite enfim chegar outra vez.

Pouco antes das badaladas do relógio, eles se dirigiram ao salão de baile e encontraram Ellin pelo caminho. Grave chegou momentos depois, seguido por Knox, que girava a Faca de Caça no ar. Quando a cerimônia de escolha começou e a faca foi disparada direto para Rowin e Genevieve, Rowin a pegou com facilidade.

— Qual jogo? — indagou Knox.

— Pronto ou Não — declarou Rowin.

Ele já havia explicado a ela que escolheria este jogo por não permitir uma vantagem inicial para os competidores como a maioria dos outros.

Knox assentiu.

— Podem começar.

Genevieve observou Ellin erguer o queixo e caminhar empertigada até Rowin. Grave acompanhou a cena com uma expressão de espanto no rosto.

— Isso agora é entre vocês — anunciou Ellin a todos. — Rowin, como combinamos.

Rowin não hesitou. Enfiou a lâmina direto no coração da irmã, que desapareceu num instante.

Um rosnado de frustração veio de Knox, mas ninguém deu atenção para o Diabo.

Rowin se virou para Grave e disse:

— Posso te perseguir por esta casa inteira agora, se preferir, ou você pode

concordar em nos deixar em paz até o confronto final amanhã, quando poderemos caçar um ao outro em um combate para valer.

Houve um silêncio longo e carregado.

Então, por fim, Grave resmungou:

— Combinado.

— Vocês todos se esqueceram do que devem fazer aqui? — interveio Knox.

— Não se preocupe — garantiu Grave ao Diabo. — Isso significa apenas que toda a nossa energia será direcionada para garantir um encerramento bombástico.

O comentário pareceu apaziguar Knox, embora não muito.

Depois que os outros dois desapareceram, Genevieve se virou para Rowin e perguntou:

— E agora?

— Agora esperamos pelo fim — respondeu ele, em tom solene.

Ela não sabia se ele estava falando do fim deles ou do jogo.



Em algum momento no meio da madrugada, Genevieve se viu na biblioteca com Rowin mais uma vez. Nunca havia passado tanto tempo rodeada por livros, mas descobriu que tinha gosto pela leitura quando encontrava os livros certos.

Rowin tinha razão. *Os desejos mais desprezíveis do Diabo* era mesmo uma obra-prima.

Ela descobriu também que preferia compartilhar aquele silêncio cúmplice com ele do que com qualquer outra pessoa. Mas não durava muito, claro, porque logo se via doida para falar com ele de novo.

— Está com medo? De amanhã? — sussurrou ela, em dado momento. — De como isso vai acabar?

— Sim, estou — admitiu Rowin.

— Mas vai ficar tudo bem. Certo? Já que não existem mais segredos entre nós.

Um instante de silêncio.

— Certo.



Genevieve acordou com o rosto apoiado no peito de Rowin e o braço dele firme em

torno de sua cintura. Ela bocejou e se espreguiçou.

— Não me lembro de ter adormecido aqui — comentou, com a voz rouca de sono, ao olhar para o rosto dele.

— É porque isso não aconteceu. Você dormiu na biblioteca. Eu te carreguei até aqui.

Ela assentiu.

— Genevieve, preciso te falar uma coisa — murmurou ele.

— Diga.

— Ainda bem que você não me escutou quando eu mandei que fosse embora naquele primeiro dia. Não importa o que aconteça, preciso que saiba que me salvou.

— Você também me salvou — declarou ela enquanto passava o polegar pelo anel e depois pela pulseira.

Rowin a puxou para mais perto e a beijou de um jeito que nunca havia feito. Como se aquele pudesse ser o último beijo deles.

SÉTIMA RODADA

O combate final

CAPÍTULO 43



A RAPOSA

— Bem-vindos ao combate final — anunciou Knox quando se materializou no salão de baile à meia-noite, fazendo o anel de Genevieve arder.

Rowin passara a maior parte do dia calado, embora tivesse feito questão de satisfazer todos os caprichos dela. Jogou cartas com ela durante o almoço, levou-a para um último passeio pelo labirinto e pela neve, zombou dos retratos a óleo da família. Ela não havia percebido, até então, que nunca se dera ao trabalho de reparar de verdade na pintura dele. Umbra o ofuscava, dissera ela. Rowin concordara.

No momento, os dois estavam de pé encarando Knox e Grave, preparados para uma luta até a morte.

— Antes de mais nada, gostaria de lhe dar meus parabéns, sra. Silver — disse Knox. — Foi oficialmente eleita a Favorita deste ano. É hora de reivindicar o seu prêmio. Espero que se lembre do que é…

— Eu me lembro — declarou ela.

— Visualize o prêmio, então, e ele aparecerá para você.

Genevieve seguiu as instruções do Diabo e, um momento depois, sentiu algo pesado no bolso do vestido.

— Este final é bastante especial — continuou Knox. — A última rodada da Caçada costuma ser um duelo limpo. Cada um tem a chance de disputar a faca, e o último sobrevivente vence. Mas, como nenhum membro desta família conseguiu completar a simples tarefa de matar uma *garota mortal*, resolvi mudar um pouquinho as regras. E o prêmio.

Genevieve congelou. Rowin ocultou as emoções por trás de uma máscara. Grave sorriu.

— Se eu morrer, Salem virá atrás de você — prometeu Genevieve ao Diabo.

Knox sorriu.

— Não se eu ameaçar torturar a sua alma por toda a eternidade no caso de ele sequer *olhar* na minha direção.

Genevieve se virou para Rowin, mas ele mantinha o olhar fixo à frente.

— Então, aqui vai a minha oferta, rapazes: se ela morrer, dentro de uma hora, eu libero vocês e o restante dos seus irmãos dos contratos que têm comigo. Para sempre. De imediato.

Genevieve sentiu o peito apertar. O Diabo estava usando todos os trunfos que tinha.

— E vou facilitar bastante para vocês — continuou Knox. — A Faca de Caça vai me entregar a alma dela. Rowington, eu quebrei o encantamento que vinculava sua vida à dela. Vou até devolver a magia dos dois irmãos. Já que a garota parece ser tão fugidia…

Genevieve cambaleou para trás quando Grave se virou na direção dela… não. Na direção de Rowin. Que ainda não havia demonstrado qualquer reação às palavras de Knox.

— Quer fazer as honras? — perguntou Grave ao irmão. — Ou prefere que eu cuide disso?

— Que gesto nobre — comentou Knox, pousando a mão sobre o coração com sarcasmo. — Não obrigar o irmão a matar a própria esposa.

Genevieve balançou a cabeça enquanto se afastava do círculo.

— *Não*.

Knox lhe sorriu com ar de superioridade, e as batidas do coração de Genevieve começaram a rugir nos ouvidos.

Foi então que Rowin se virou para ela, sua máscara de apatia enfim se desfazendo.

Ele sorria como uma raposa prestes a capturar a lebre.

— Se servir de consolo, quero que saiba que lamento muito pelo que estou prestes a fazer — declarou a ela.

CAPÍTULO 44



A LEBRE

Genevieve saiu em disparada. Bem como a presa indefesa que o Diabo sempre esperou que ela fosse.

Estava com a mente a mil quando irrompeu no saguão e acelerou até a porta da frente. Forçando as pernas até queimarem, disparou para o labirinto. Àquela altura, conhecia cada curva como a palma da mão.

Enquanto avançava por ali, tinha vislumbres de si mesma nos espelhos que ladeavam os muros espinhosos. Uma garota desvairada em um lindo vestido sendo perseguida pela raposa que havia roubado seu coração.

Ao chegar ao centro do labirinto, encontrou Rowin já esperando por ela.

Grave se materializou logo atrás do irmão.

Knox apareceu em seguida, bem ao lado de Grave, sorrindo de orelha a orelha. O anel dela estava tão quente que quase derretia sua pele.

— Obrigado — disse Knox, com sinceridade. — Este será um final muito grandioso.

Rowin começou a avançar, e Genevieve recuou, até colidir com uma das cercas vivas.

O Inferno era feito de um turbilhão de escuridão e segredos, assim como o homem à frente dela.

— Eu te odeio — vociferou ela, conforme os tentáculos negros de magia que deslizavam das mãos dele se enroscavam nos punhos e no pescoço dela, empurrando-a de costas contra o muro do labirinto.

A energia sensual que sempre percorria a pele dela quando estavam tão próximos assim a fez cerrar os dentes para resistir à onda de atração que aos poucos aquecia

suas veias. Da última vez que as sombras dele a envolveram daquele jeito, havia bem menos roupa entre os dois.

Ele seguiu as próprias sombras, avançando até seu peito encostar no dela.

— Amor. Ódio. Mesma paixão, nomes diferentes — declarou. — E é incrível a facilidade e rapidez com as quais a linha entre os dois pode se tornar tênue, não acha?

— Não — retrucou ela. — Sempre será muito claro para mim que eu te *odeio*.

Inclinando-se devagar, até seus lábios estarem bem próximos à orelha dela, ele disse:

— Então prove.

Knox riu atrás dele, em êxtase.

Então Rowin sussurrou para ela:

— Duas verdades e uma mentira?

Por cima do ombro de Rowin, ela viu Knox e Grave compartilharem um olhar confuso.

— Vai se foder. Como se eu fosse acreditar em uma única palavra sua depois disso.

— Vamos lá, encrenca. Jogue comigo — provocou Rowin, com um sorriso malicioso.

Genevieve retribuiu com um sorriso feroz.

— Tudo bem. Vá em frente.

— Você me ama — começou ele.

A garganta dela ficou apertada com o choque.

Rowin estendeu a mão e segurou o rosto dela, com delicadeza, roçando a ponta do polegar em sua bochecha ao falar:

— Você é minha.

Ele encostou a testa na dela.

— E, por último: seu plano é brilhante, mas acho que não vai funcionar.

O coração de Genevieve ainda estava acelerado com as duas primeiras coisas que ele dissera. Enquanto bolavam esse plano nas duas últimas noites, ela tinha sugerido que ele a surpreendesse com os segredos que escolhesse. Um último joguinho só deles.

— Mas que merda é essa que está acontecendo? — esbravejou Knox, dando um passo para a frente.

Genevieve sorriu quando Rowin se afastou, e ela tirou o Cadeado da Alma do bolso.

— Verdade. Verdade. *Mentira*.

— *O que está acontecendo?* — sibilou Knox.

Atrás dele, Grave ergueu a mão. E paralisou o Diabo no lugar.

Knox rugiu, e Genevieve viu cada músculo do corpo de Grave contrair com o esforço, as veias dos bíceps saltando tanto que ela pensou que poderiam estourar.

— Ande logo com isso — pediu Grave. — Não consigo conter a força dele por muito tempo.

Genevieve prendeu o colar no pescoço e abriu o medalhão. Tudo começara quando ela viu o Cadeado da Alma pela primeira vez. Mas, quando contou sua ideia a Rowin, ambos sabiam que precisariam convencer Grave. Não tinha sido fácil, ainda mais depois da briga no quarto de Rowin. Foram necessárias horas, cerca de um milhão de promessas e a invocação do nome de Salem inúmeras vezes, mas, no fim das contas, os dois o convenceram de que aquela era a última chance de salvar *toda* a família Silver.

Grave tinha ido falar com Knox logo de manhã e plantado a ideia de capturar a alma de Genevieve em vez de matá-la. Também sugerira a Knox que colocasse os dois irmãos contra ela. E que poderia devolver a magia dos dois para não restar nenhuma dúvida. O público de Knox ficaria hipnotizado.

Ele não resiste a um bom espetáculo, comentara Rowin. E acertara em cheio.

— Pronta? — perguntou Rowin.

Genevieve começou a assentir e então parou.

— Rowin?

— Diga — sussurrou ele.

Genevieve tinha ido até Enchantra para descobrir por que sempre se sentira deslocada na própria família. E encontrara *Rowin*. Alguém que a tornara parte da família dele. Estivesse ela pronta ou não.

Ela havia passado muito tempo no último ano querendo voltar a ser a garota que fora antes de Farrow partir seu coração. Antes de ele incendiar suas esperanças e sonhos e mergulhá-la na escuridão. Mas Rowin estava certo.

A luz estava onde quer que ela estivesse.

— Vocês dois podem se apressar? — perguntou Grave, furioso com o esforço.

— Eu sou sua — jurou ela. — Cuide bem da minha alma, está bem?

Então Genevieve estendeu a mão até a de Rowin e, sem hesitar, o forçou a enfiar a faca no coração dela.

CAPÍTULO 45



DESVANECER

Cada centímetro de sua pele parecia queimar enquanto ela olhava boquiaberta para a lâmina cravada no peito. E, pela primeira vez, as chamas não a assustaram, porque era *ele* quem a incendiava.

Como se estivesse se observando de cima, Genevieve viu Rowin arrancar a faca do seu corpo e uma luz azul resplandecente ser extraída junto à adaga. Rowin ergueu o medalhão aberto na direção da estranha energia azul, e o Cadeado da Alma a sugou para dentro antes de se fechar.

Eu te protejo, sussurrou ele.

Ela viu lágrimas nos olhos de Rowin. Mas, antes que pudesse erguer a mão para consolá-lo, tudo começou a desvanecer devagar até a escuridão total.

Rowin.

Rowin.

Row…

Ro…

…

…




DE VOLTA AO INÍCIO




CAPÍTULO 46



ENCRENCADA

Genevieve acordou com a mente confusa, em um lugar familiar. Ela foi abrindo as pálpebras pesadas e forçando a vista em meio à escuridão do seu quarto da infância. Sentiu os braços e as pernas pesados e a boca seca enquanto se sentava aos pouquinhos e se recostava na cabeceira da cama. Então esticou os braços e esfregou os punhos sobre os olhos sonolentos, tentando clarear a mente ao buscar na memória uma pista que explicasse como diabos ela havia ido parar em casa.

A última coisa de que se lembrava era de uma carruagem a deixando em frente a um portão prateado, de segurar um convite na mão…

— Ah, até que enfim acordou.

Genevieve se assustou, levando a mão ao coração ao ver Salem aparecer de repente a poucos metros da cama. Ela odiava quando ele se materializava daquele jeito, mas ele não tinha o sorriso presunçoso que costumava exibir quando conseguia pegar alguém desprevenido. Na verdade, parecia bastante sério. O que era muito desconcertante.

— Você está encrencada — declarou ele com a voz arrastada, em tom reprovador de um irmão mais velho.

Em seguida, despreocupado, enfiou a mão num saco de papel pardo e tirou um pedaço do que parecia ser… doce de alcaçuz preto.

Genevieve o fitou com curiosidade enquanto ele levava o doce à boca, fazendo careta ao mastigar.

— Ophie não ameaçou te estrangular se você não parasse com esse sotaque sulista irritante?

Ele engoliu e pegou outro doce.

— Ophelia saiu, foi a French Quarter. O que significa que você vai ter que aturar a mim e ao meu sotaque horrível como punição.

— Punição? — questionou ela quando Salem mordeu o doce mais uma vez e fez cara feia. — E você detesta alcaçuz, é isso? Parece que está sofrendo.

Ele olhou com desgosto para o saco de papel.

— Ophelia gosta dos vermelhos, mas naquela loja de doces da Chartres Street eles só vendem misturados com os pretos. Ela sempre fica eufórica quando podemos dividir um saco, porque come todos os vermelhos… e eu como todos os pretos.

— Só que dá para ver que você detesta alcaçuz preto.

— Algo que nenhum de nós jamais contará à sua irmã — insistiu ele, incisivo, enquanto levava outro à boca. — Combinado?

Genevieve bufou pelo nariz.

— Você não pode apenas estalar os dedos e fazer com que desapareçam? Em vez de ficar sofrendo?

Salem a encarou com um olhar intenso.

— Vou sofrer um milhão de vezes se fizer sua irmã feliz. O que significa que comerei um milhão de pedaços desse doce Infernal.

Alguns segundos de silêncio.

— Ou vou só atear fogo na loja. Ainda não decidi — completou.

Genevieve sentiu uma dor repentina e inexplicável no peito ao ver Salem dobrar a parte superior do saco de papel e o guardar no bolso interno do casaco azulado. Ela sabia como seria fácil para Salem pegar todos os atalhos na primeira oportunidade que tivesse, transformar em realidade qualquer coisa que ele ou a irmã dela desejassem com apenas um pensamento. Mas dedicar um tempinho até para os gestos mais simples, ainda mais quando podiam ser desagradáveis, era seu jeito de demonstrar amor por Ophelia.

Ele cruzou os braços sobre o peito e estreitou os olhos para ela.

— Falando em fazer sua irmã sofrer, em que diabos estava pensando quando se desviou do roteiro que ela elaborou para você?

— Eu… queria encontrar uma coisa — sussurrou ela.

— Vivi — disse Salem, incisivo.

— Você e Ophie não entenderiam. Vocês têm um ao outro. *Compreendem* um ao outro. Eu queria encontrar isso para mim também.

Ele soltou um suspiro carregado. Sabia que não tinha como contestar.

— O que aconteceu? — perguntou ela, por fim. — Como vocês me encontraram? Quando foi que eu voltei para cá?

Havia um brilho severo nos olhos esmeralda dele.

— Do que você se lembra?

Genevieve refletiu sobre a questão. Na verdade, não sabia direito. Era como se traças tivessem aberto buracos no tecido de sua memória. Um dia, ela estava em Roma, sendo perseguida por corvos. No dia seguinte, estava de pé diante de um imenso portão, colhendo estranhas frutinhas de trepadeiras espinhosas…

Só podia ser isso. As frutas lhe tinham feito algum mal. Deviam ser tóxicas.

Ela explicou isso em voz alta, mas, ao ver a expressão impassível de Salem, perguntou:

— O que foi? O que houve?

— As frutinhas-do-demônio não têm nada a ver com isso — explicou ele com cautela. — Você… morreu, Genevieve.

— *O quê?!* — perguntou ela, incrédula e achando graça. — Pare de brincar comigo.

— Uns quatro dias atrás, Ophelia e eu estávamos desfrutando de uma tarde muito agradável quando dois caras grandões abriram um portal em nossa sala de leitura e entregaram seu *cadáver*.

Genevieve o encarou boquiaberta. Ele parecia estar falando sério.

— A boa notícia é que você estava morta apenas *temporariamente*, porque um dos homens também entregou um medalhão contendo sua *alma* — contou Salem, em tom exasperado. — Tem ideia de como é difícil ressuscitar um corpo mortal depois que a alma foi tirada dele?

— Não — sussurrou ela.

Ainda estava em choque com as palavras dele.

— Muito difícil — respondeu ele, impassível. — Muito mesmo. E custoso.

Genevieve afastou as cobertas e se levantou da cama com as pernas bambas. A dor no peito foi ficando mais oca a cada segundo.

O que é isso?

Quando se sentiu estável o suficiente, ergueu o queixo para Salem e implorou:

— Eu me sinto… diferente. O que aconteceu comigo?

Salem meneou a cabeça.

— Fundir sua alma e seu corpo de volta exigiu mais magia do que eu tenho a meu

dispor. Para fazer isso, para manter o encantamento, fui obrigado a tirar algo de você.

— O quê?

— Todas as lembranças de uma pessoa que você ama. E teve sorte de eu não ter precisado tirar mais.

— Quem? — perguntou, suplicante. — Quem é a pessoa que foi apagada?

Ela repassou na mente todas as pessoas que mais amava.

Ophelia. Salem. Luci. Basile. Iris. Poe. A mãe…

Todos ainda estavam lá.

Então o que é essa sensação de vazio dentro de mim?

— O tecido da memória é frágil… Acredite em mim, eu sei bem disso — declarou Salem em tom solene. — Sobrecarregar você com detalhes agora pode causar mais mal do que bem.

— Então você espera que eu permaneça na ignorância? Sem a menor recordação do que aconteceu? De eventos que, pelo visto, *mudaram minha vida*?

Ele tinha aberto a boca para responder quando uma voz familiar soou lá de baixo.

— Salem?

Os lábios de Salem se curvaram num sorriso ao ouvir Ophelia chamar seu nome.

— Aqui em cima, anjo. Adivinhe quem finalmente acordou.

Houve um segundo de silêncio, e, logo depois, passos estrondosos escada acima.

Assim que Ophelia entrou no quarto, correu até Genevieve.

— *Vivi*. Graças ao Inferno. Eu estava morrendo de preocupação.

Genevieve abraçou a irmã o mais forte que pôde, com a presença dela funcionando como um bálsamo instantâneo para a dor que ainda persistia no seu peito.

— Ophie, o seu Diabo não quer me contar o que aconteceu.

— Dedo-duro — acusou Salem, com um sorriso debochado.

Ophelia recuou com um olhar furioso, mas não era para Salem; era para Genevieve.

— É porque ele está tentando desfazer toda a encrenca em que você se meteu. Que *diabos* estava pensando, Genevieve? Viajar para um lugar estranho sem contar a ninguém?

— Eu só… queria respostas. Sobre a mamãe. Sobre mim mesma. Queria saber se existem outros como eu. Como nós.

— Eu sei que a mamãe nunca te deu o que você precisava ou merecia. Sei disso. Mas *eu* te darei, Genevieve. Eu te darei qualquer coisa. É só você ficar longe de

encrencas *uma vez* na vida — disse Ophie, suave.

Genevieve fechou os olhos e encostou a testa na da irmã.

— Eu sei, Ophie. Eu só precisava encontrar algo para mim.

— Entendo isso também — declarou Ophelia. — Podemos conversar mais tarde. Enquanto isso, você deveria tomar um banho e depois ler a primeira carta.

— Primeira carta? — perguntou Genevieve.

Salem tirou algo de outro bolso do casaco. Um envelope. Com um selo muito familiar no verso.

— Comece por aqui — orientou ele. — Todos concordamos que seria melhor que você fosse recebendo a história inteira em partes.

Genevieve torceu o nariz enquanto arrancava a carta da mão dele.

— Que perda de tempo ridícula. Por que não desembucham logo?

Salem abriu um sorriso largo.

— Ele disse que você daria trabalho nessa parte. Por isso não nos informou todos os detalhes do que aconteceu. Mesmo que quiséssemos contar tudo, não teria como. Mas não se preocupe: a cada semana, vai chegar um novo trecho da história.

Antes que Genevieve pudesse perguntar quem era *ele*, ou discutir mais, Salem sumiu do quarto com Ophelia, deixando-a sozinha para encarar o envelope misterioso. Após romper o lacre e desdobrar o grosso pergaminho, ela jurou ter reconhecido a caligrafia na página, a forma como as letras se curvavam com elegância, numa réplica exata da caligrafia daquele maldito convite enfeitiçado. Porém, ao olhar para a assinatura, não foi o nome de Barrington Silver que ela encontrou.

Rowington.

No instante em que leu o nome, um arrepio percorreu sua espinha. A reação foi tão visceral que ela cambaleou para trás até as coxas tocarem a cama. Ela se sentou enquanto lia o restante da carta com avidez.

Querida Genevieve,

Você não me conhece, mas eu te conheço muito bem. Sei que deve estar impaciente por ter que esperar para ouvir esta história uma carta de cada vez.

Ela estava mesmo.

Sei que, após acordar, todas as frases que saíram dos seus lábios devem ter terminado com um ponto

de interrogação.

Terminaram mesmo.

E sei que, apesar da sua proximidade com o mundo peculiar da paranormalidade, é possível que você ache a história que estou prestes a lhe contar difícil de acreditar. Mas garanto que cada palavra é verdade. A verdade é algo precioso, ainda mais entre nós dois. Algo que você logo perceberá.
Que tal eu começar do início?

E foi o que ele fez.

CAPÍTULO 47



CARTAS

A história deles veio em ondas, como as cores da primavera e o calor do verão da Louisiana.

Mas a memória dela não.

Naquelas primeiras semanas, Genevieve ficava esperando o correio chegar, rasgando os envelopes lacrados antes mesmo de passar pelo alpendre, desesperada para ler o relato de seus dias em Enchantra e do jogo perverso de que tiveram que participar. A princípio, ela se viu cativada pela capacidade dele de fazê-la se sentir compreendida, vista, embora não tivesse qualquer recordação de haverem se conhecido.

No fim de junho, no entanto, a apreensão tomou conta dela. Foi depois que ele lhe revelou a natureza do relacionamento dos dois. O casamento forçado. Desde então, a sensação era a de que levava um soco no estômago toda vez que uma nova carta chegava. Havia alimentado a esperança de que, conforme mais informações viessem, suas lembranças enfim começassem a se encaixar, como peças de um quebra-cabeça, e ela pudesse se sentir inteira outra vez. Mas, a cada nova mensagem, o anseio devastador só piorava.

Genevieve não sentia afeto nem nutria expectativas pelo estranho sem rosto que enviava as cartas, seu *marido*, por mais que desejasse que fosse esse o caso. E ela desejava mesmo. Tanto que chegava a ser desesperador. Afinal, pelo jeito, ela se importava tanto com o homem que se deixara *ser morta* para salvar a família dele. Mas sua esperança também era egoísta, já que os pesadelos do incêndio com Farrow haviam retornado.

Naquele instante, ela estava deitada na cama, ao meio-dia e quinze, aguardando a

carta seguinte. A que ele disse que seria a última.

— Vivi? — chamou Ophelia do andar de baixo.

Genevieve fechou os olhos com força por um tempinho, antes de se arrastar para fora da cama e seguir até a escada. Enquanto descia, observou Salem levar Poe e seu focinho rabugento até Ophie, que coçou o gato Espírito atrás das orelhas. Ophelia sorriu para o gato antes de receber um beijo demorado de Salem. Genevieve pigarreou ao entrar no vestíbulo.

— Você me chamou?

Ophelia se afastou de Salem e estendeu o braço na direção da irmã. Estava segurando um pacote.

— Isto acabou de chegar para você.

O pacote estava endereçado com a letra dele, porém era muito mais grosso do que as outras cartas. E, quando ela rasgou o papel do embrulho, entendeu o motivo. Dentro, havia uma caixinha preta junto à carta habitual. Ophelia e Salem trocaram um olhar de curiosidade quando Genevieve abriu a caixa primeiro.

Aninhada em seu interior, havia uma pulseira dourada com a inscrição "A luz está onde você estiver".

Genevieve engoliu em seco.

Em seguida, abriu a carta.

Querida Genevieve,

É na parte final da nossa história que tudo desmorona. Quando Knox confirmou que o Príncipe dos Diabos estava, de fato, comprometido com sua irmã, ele ficou desesperado para controlar você. E isso o deixou vulnerável.

Você elaborou um plano quase perfeito. Ninguém lhe dá o devido crédito por sua habilidade em extrair e guardar informações das pessoas.

Foi graças à sua visita ao tesouro de Knox que você teve a ideia.

Você se perguntou se havia como potencializarmos a ganância de Knox a tal ponto que ele nos oferecesse a coisa que sabia que mais queríamos: nossa libertação da Caçada. Se conseguíssemos convencê-lo a tentar manter sua alma refém, então ele iria preferir que a extraíssemos em vez de te matar. Se a colocássemos em um Cadeado da Alma e conseguíssemos escapar, seu amigo Salem poderia trazer você de volta.

Extrair sua alma seguiria à risca as exigências do pacto dele, e todos nós poderíamos nos libertar.

Então, falamos com Grave. Foi um risco. Mas, no fim das contas, meu irmão ainda é meu irmão.

E você é você. E você o convenceu de que daria certo. De que ele conseguiria plantar a semente na cabeça do Knox. A ironia é que Grave era o mais apto a ser bem-sucedido porque ele próprio quase tinha matado você tantas vezes antes. Você o convenceu de que, se Knox concordasse em libertar todos nós, cabia a Grave fazer a escolha certa.

Quando contei a Ellin sobre seu plano, ela concordou em desistir do jogo, pois percebeu que, ao retornar ao Inferno, poderia tirar nossa mãe de Knoxium com a ajuda de Wells e Sevin. Knox ainda seria obrigado a cumprir a parte dele do pacto após o fim da Caçada e ministrar a solução à nossa mãe, mas pelo menos ela não estaria mais no covil do Diabo.

E, assim, a última pessoa que precisávamos convencer da minha traição era o próprio Knox. Apenas por tempo suficiente para que ele devolvesse a mim e a Grave nossa magia.

Extrair sua alma foi uma atitude arriscada. Salemaestrus quase nos matou quando Grave e eu levamos você para casa naquele estado. Acho que somente sua irmã o convenceu a poupar nossa vidas

No entanto, por mais que nosso plano tenha funcionado, Genevieve, houve uma coisa que deu muitíssimo errado.

Salemaestrus de fato fez o que você suspeitava que ele faria: extraiu sua alma do Cadeado de Alma e a devolveu à sua forma corpórea. Acho que nunca sofri tanto quanto naqueles minutos antes de seu coração voltar a bater. Mas então ele voltou e você acordou e... não me reconheceu. E isso foi quase insuportável.

É uma situação cruel. Ser visto como um estranho por quem te conhece melhor do que ninguém. É cruel eu ter tido um gostinho de como minha eternidade poderia ter sido preenchida com seu sorriso, seu prazer, seu humor, apenas para ter tudo isso arrancado de mim em segundos.

É cruel que, se sua memória jamais voltar, a atitude correta da minha parte seria deixá-la em paz.

O problema, Genevieve, é que eu não consigo. Jamais conseguirei.

E eu sei que talvez suas lembranças não retornem nem com estas cartas, e isso significa que não devem retornar nunca. Mas eu jamais vou parar de procurar uma maneira de recuperar todas elas para você. Vou procurar pelo resto da minha eternidade se for preciso, porque ela já pertence a você. Eu prometi isso a você nos meus votos.

Vou entender se você não sentir o mesmo. Se precisar seguir em frente com a sua vida. Nossos votos podem ter dito "por toda a eternidade", mas, como eu afirmei naquela ocasião, nada é eterno de verdade.

Exceto meu anseio por você.

Com carinho,

Rowin

DOIS MESES DEPOIS

CAPÍTULO 48



O ANEL

Genevieve caminhava pelo French Quarter logo atrás de Salem e Ophelia. Os dois se dirigiam a uma livraria onde adoravam passar horas e horas, um tempo muito maior do que a paciência de Genevieve para coisas velhas e empoeiradas permitia.

Salem parou em frente a uma banquinha de rua com truques de copos e bolinhas de borracha, deixando o mágico louco toda vez que ele escolhia o copo errado e, no entanto, de alguma forma, uma bolinha sempre aparecia. Ophelia escondia o rosto no peito de Salem para não cair na gargalhada.

— Vou comprar um *praliné* na confeitaria da Laura — avisou Genevieve aos dois quando avistou a loja na esquina.

— Compra um para mim também? — pediu Ophelia.

Genevieve assentiu, mexendo na pulseira enquanto se dirigia até lá, com a mente longe ao abrir caminho entre os turistas. Ao se aproximar da porta, alguém de repente estendeu a mão antes dela e a abriu.

— Obrigada — disse ela, no automático, enquanto erguia o olhar para o rosto do estranho.

E então congelou.

Ele talvez fosse uma das pessoas mais bonitas que ela já tinha visto na vida. Seus olhos tinham uma cor âmbar incomum. O cabelo era preto e desgrenhado, um pouco rebelde nas pontas. E a argola dourada no lábio inferior carnudo fez o estômago dela dar cambalhotas. Ele sorriu para Genevieve ao reparar na pulseira em que ela mexia sem parar.

— Olá — murmurou ele.

— Oi — cumprimentou ela.

O homem tinha aberto a boca para dizer mais alguma coisa quando o som de algo metálico reverberou no chão entre os dois. Ambos baixaram os olhos para um grosso anel de prata.

Ele se agachou para apanhá-lo.

— É seu?

Era um sinete, com o aro entalhado com uma filigrana espiralada em torno de uma pedra de ônix plana.

Genevieve negou com a cabeça, achando graça.

— Eu jamais usaria algo desse tipo. É…

— Horroroso? — completou ele.

Ela voltou a fitar aquele olhar dourado.

— Você também acha?

Mas ele não respondeu. Apenas inclinou a cabeça e a encarou com expectativa. Como se estivesse esperando por algo.

Depois de uma longa pausa, ela perguntou:

— Tem alguma coisa errada?

A decepção lampejou naqueles peculiares olhos dourados, e ela não pôde deixar de pensar que ele pareceu… arrasado. Mesmo assim, tudo o que ele disse foi:

— Vai entrar?

— Ah.

Só então deu por si, percebendo que ele ainda segurava a porta aberta.

— Na verdade, não. Acho que mudei de ideia.

— Espero que tenha um bom dia, então — disse ele, assentindo.

— Você também.

Ele deixou a porta se fechar e passou por ela sem dizer mais nada, e ela o observou desaparecer pela rua. No entanto, quanto mais ele se afastava, mais algo a incomodava. Algo lhe dizendo que devia ir atrás dele. E, antes que percebesse, seus pés estavam em movimento. Devagar no começo. Com alguns passos hesitantes. Mas de repente ela estava correndo.

— Espere! — gritou.

Ele girou o corpo.

— Eu me enganei — explicou ela, um pouco ofegante. — O anel… é meu. Eu só tinha esquecido.

A esperança brilhou no rosto do estranho quando ele enfiou a mão no bolso e

tirou a monstruosidade prateada. Quando lhe entregou, ela jurou que sua expressão continha um sinal mínimo de *alívio*.

Ele a observou com atenção.

— Obrigada.

Sem perder mais um segundo, ela deu meia-volta e se apressou em direção ao French Quarter para encontrar a irmã. Antes que o estranho mudasse de ideia e pegasse o anel de volta.

Nas duas semanas seguintes ao passeio no French Quarter, Genevieve não conseguiu dormir.

Ela ficava se revirando na cama enquanto visões de labirintos e espelhos se repetiam nos seus sonhos. Com o mesmo vulto sombrio ao seu lado em cada um deles. E, então, certa noite, teve um vislumbre.

De um homem. Com olhos dourados.

Ela acordou com um sobressalto.

Já passava da meia-noite quando afastou as cobertas e correu até a penteadeira, abrindo a primeira gaveta para pegar o anel feio que o estranho lhe dera diante da confeitaria.

Contemplou o objeto por bastante tempo, com o coração disparado. Então, fez algo inusitado: colocou-o no dedo anelar.

E as lembranças começaram a aflorar em sua cabeça.

Voltaram todas de uma vez, feito fumaça preenchendo cada canto de sua mente, deixando-a tonta conforme as cenas se desenrolavam em sucessão.

A chegada aos portões de Enchantra.

A primeira vez que viu o rosto dele.

Quando colocou o vestido de noiva.

Os votos dos dois.

O primeiro beijo deles.

A sensação de morrer nos braços dele.

Ela gritou ao cair de joelhos no chão, segurando as têmporas enquanto a dor das lembranças se entrelaçando em sua mente quase a fazia desmaiar.

No entanto, nunca se sentira tão grata por sentir dor. Como não estaria grata, quando ele enfim retornava para ela? Em uma série de visões de tirar o fôlego, uma

após a outra.

CAPÍTULO 49



LEMBRANÇAS

A cena no Inferno, no entanto, não pertencia à memória dela, mas à dele.

— Fui informado de que veio fazer um pacto comigo, Rowington Silver.

Do alto do trono, o Rei do Inferno deu um sorriso sarcástico para Rowin, as chamas que cercavam o cômodo aumentando com o volume de sua voz.

— É verdade — confirmou Rowin. — Gostaria de negociar algo em troca da capacidade de devolver as lembranças de uma pessoa amada.

— As lembranças da sua esposa, correto? — inferiu o Rei, pensativo.

— Isso — declarou Rowin, com orgulho.

— Lembranças são coisas delicadas — disse-lhe o Rei. — Uma vez que abandonam a mente por completo, dissipam-se feito fumaça ao vento. É por isso que esconder lembranças é muito mais vantajoso do que as destruir. Recuperá-las exige uma grande quantidade de magia.

Rowin esperou.

— Não vejo com bons olhos que criaturas do Inferno se envolvam com mortais — comentou o Rei. — Mas, talvez, pelo preço certo, eu esteja disposto a ajudar.

Rowin ergueu o queixo.

— Diga seu preço.

O sorriso do Rei era perverso.

— Quero que use sua proximidade recém-adquirida para convencer meu filho a me fazer uma visita.

Rowin fechou a cara.

— Não. Se Genevieve descobrisse que traí a irmã dela para recuperar suas lembranças, ela jamais me perdoaria.

O Rei deu de ombros.

— Isso não é problema meu. Se não concordar com meus termos, pode procurar ajuda em outro lugar.

Rowin cerrou os punhos. Tinha que haver algo que ele pudesse oferecer. Ficaria postado ali pelo resto da eternidade se fosse preciso. Até que…

Uma ideia surgiu em sua mente.

— E quanto à minha imortalidade? — perguntou ele ao Rei. — Se acha que criaturas do Inferno não devem conviver com mortais, então por que não vincula meu tempo de vida ao dela?

O Rei se animou com a sugestão.

— Interessante.

Os dois se encararam por um período de tempo desconfortável, com o Rei dando a impressão de estar disposto a fazer Rowin cumprir sua promessa de esperar ali para sempre.

Por fim, ele disse:

— Aceito sua barganha. Possui algum objeto para o qual eu possa transferir as lembranças dela?

Rowin baixou os olhos para a mão e tirou o sinete do dedo. Aquele que costumava ser a aliança de casamento dela. Ele o entregou ao guarda Demônio que se encontrava na base do púlpito, e este o entregou ao governante.

— Só há uma ressalva — começou o Rei, deslizando o anel para lá e para cá sobre os nós dos dedos. — Você precisa entregar o objeto a ela pessoalmente, e ela deve decidir colocá-lo no dedo por conta própria. Quando ela o fizer, a duração de suas vidas será unificada. Está de acordo com estes termos?

— Estou — disse Rowin.

— Muito bem. E, quando você vir meu filho outra vez — prosseguiu o Rei, com um sorriso estreito —, o que sem dúvida acontecerá, diga-lhe que estou esperando pelo retorno dele.

Rowin baixou o queixo em um único aceno.

O Rei então ergueu a mão para Rowin, que a princípio não sentiu nada. Em seguida, Sua Majestade cerrou o punho, e Rowin sentiu a magia ancestral do Rei dos Diabos atravessar seu corpo feito uma lança. Ele quase vomitou por todo o assoalho polido conforme uma parte vital dele era arrancada de sua alma, extraída de sua magia e sugada dele por completo.

Quando o processo terminou, o Rei voltou sua atenção para o sinete que Rowin lhe dera, mas Rowin mal conseguiu prestar atenção no que aconteceria em seguida. O peso da mortalidade o esmagava, revirando seu estômago. Ele se sentiu fraco, quase incapaz de se manter de pé. Então mergulhou dentro de si mesmo e buscou a magia em seu núcleo, suspirando de alívio ao perceber que ela, pelo menos, permanecia intocada.

Um clarão intenso de poder irrompeu na mão do Rei e se propagou por todo o ambiente, fazendo Rowin tapar os olhos. Quando a claridade diminuiu, o Rei ergueu o anel entre eles, admirando seu trabalho.

— Uma eternidade em troca de um momento tão breve na vida de uma mortal — refletiu o Rei antes de jogar o anel de volta para Rowin.

Rowin o pegou no ar com um sorriso.

Depois fez uma reverência e se virou para sair. Quando chegou à entrada principal, porém, alguém se colocou em seu caminho. Um Diabo com olhos vermelhos, pupilas de gato e longos cabelos escuros.

— Poderia levar a Salem uma mensagem minha também? — grunhiu o Diabo.

Rowin estreitou os olhos.

— Quem é você?

— Não importa — retrucou o Diabo. — Apenas diga a ele que estou chegando.

CAPÍTULO 50



VERDADE

Genevieve saiu correndo do quarto e desceu os degraus da escada aos pulos.

Rowin. Rowin. Rowin.

Seus passos devem ter sido bastante ruidosos, porque Salem se materializou enquanto ela vestia o casaco no vestíbulo.

— Que porra é essa, Vivi? É meia-noite.

— Rowin — disse ela, apressada. — Rowin. Minha memória. Enchantra. Knox. Ai, merda.

— *O quê?* — questionou Salem quando ela parou de repente.

— A *cura*, Salem. *A cura!* Preciso contar para Rowin. Preciso contar para Grave. Knox roubou essa lembrança de mim, mas a magia do Rei deve ter restaurado tudo.

Salem a observava como se ela tivesse enlouquecido. E talvez isso tivesse acontecido mesmo.

Então, ao encarar o olhar preocupado e verde-esmeralda dele, algo mais lhe veio à mente. Um nome pelo qual ela costumava chamá-lo.

Genevieve escolheu não se demorar naquela constatação. Seria uma conversa para outro momento.

— Vivi? Salem? — chamou a voz grogue de Ophelia do topo da escada.

— Volte para a cama, anjo — sugeriu Salem, com a voz gentil. — Sua irmã está tendo uma espécie de epifania. Eu cuido disso.

— Salem — disse Genevieve, com cuidado. — Eu preciso ir. *Por favor.*

Ele suspirou.

— Acho bom que desta vez você não volte casada com outro desconhecido nem semimorta.

Genevieve saiu para o calor agradável da noite.

Assim que viu o brilho dos lampiões a gás que ladeavam o Riverwalk, Genevieve era a personificação do caos, toda desgrenhada e dolorida. Não sabia bem onde estava com a cabeça.

— Isso é absurdo — sussurrou para si mesma, tentando recuperar o fôlego, com o peito arfando por conta da caminhada. — Por que diabos ele estaria aqui?

Ela olhou ao redor. Não havia uma única alma.

— Eu deveria voltar. Isso é…

As palavras foram interrompidas quando uma silhueta emergiu das sombras em uma nuvem de fumaça escura.

— Oi, encrenca.

Genevieve ficou paralisada ao encontrar os olhos cor de âmbar dele. Um soluço escapou de sua garganta.

No instante em que Rowin percebeu o reconhecimento no rosto dela, atirou-se para a frente e a envolveu num abraço tão forte que ela mal conseguia respirar.

— Você voltou para mim — disse ele, com a voz rouca. — Quando te vi algumas semanas atrás e você não colocou o anel, pensei…

— Levou algum tempo — sussurrou ela, com lágrimas brotando nos olhos. — Só um tempinho. Mas eu me lembro. Eu me lembro. *Rowin*.

Ele se afastou, apenas o suficiente para ver o rosto dela, as lágrimas que escorriam pelas bochechas.

— Eu fiquei preso naquela casa, naquele jogo de merda, por séculos, e, mesmo assim, estes últimos dois meses pareceram os mais longos da minha vida.

Então ele a beijou. Com desespero. Mergulhando a mão em seus cabelos enquanto demonstrava o quanto sentira sua falta. Quando ele se distanciou, ela mal conseguia ficar em pé.

— Há quanto tempo está aqui esperando? — perguntou ela.

— Desde o dia que te trouxemos para casa. Estive pelas sombras até você me encontrar.

— Como você pôde fazer isso? Como pôde trocar sua imortalidade por mim? — murmurou ela. — Onde estava com a cabeça?

Ele recuou, chocado.

— Você viu aquilo?

— Eu vi *tudo*. Não acredito que não te reconheci naquele dia no French Quarter. Dói pensar em como você deve ter ficado…

— Arrasado — admitiu ele. — Ophelia me avisou que você ainda não se lembrava. Mas nem isso me preparou para o jeito como me olhou e… nada.

— Isso não é verdade. Mesmo sem nenhuma das minhas lembranças, eu me senti atraída por sua presença. Podíamos ser inimigos, ou marido e mulher, ou só uma foda, mas *jamais* nada, Rowington Silver.

O sorriso dele era luminoso.

— Antes de você, eu ia passar minha eternidade sozinho, nas partes mais sombrias do Inferno. Prefiro passar uma única existência mortal à sua luz. Ou, pelo menos, o tempo que você me quiser por perto — declarou Rowin, e encostou a testa na dela. — Quero que saiba que eu teria mesmo esperado por você, bem aqui, para sempre se fosse preciso. Eu teria ficado plantado neste lugar até não conseguir mais distinguir minha própria alma das sombras. Até que sua luz voltasse para mim.

Ela sorriu.

— Eu sei.

Era a verdade.

— Isso significa… significa que agora estamos envolvidos de verdade, com sentimentos, atados um ao outro?

— Isso, com todos os sentimentos que quiser, sra. Silver — respondeu Rowin. — E estamos atados de verdade.

Ela lhe lançou um sorriso malicioso.

— Eu meio que estava querendo atar você de outra maneira…

— Ah, encrenca, a gente vai se divertir muito.

EPÍLOGO



LUZ

Genevieve adorava Louisiana pouco antes da chegada do verão. As magnólias floridas, a moda vibrante, os últimos ensopados de lagostins. Ela gostava ainda mais do fato de não estar fazendo quase quarenta graus lá fora, o que significava que podia passear sem que o cabelo ficasse um desastre.

— Quem é que está vindo mesmo? — perguntou Luci, afastando as longas madeixas loiras do rosto enquanto caminhavam de volta para a Mansão Grimm, vindas do Garden District.

Umbra trotava logo à frente delas. Nos últimos tempos, a raposa era mais sombra de Genevieve que de Rowin.

— Grave e Sevin. São irmãos de Rowin. Você com certeza vai gostar de Sevin. De Grave, talvez nem tanto.

— Para essa cura, certo? — perguntou Luci. — Você disse que eles só têm um ano.

— Menos que isso agora. Como a família Silver ainda jogou a Caçada este ano, Knox foi forçado a ministrar à mãe deles uma última dose da solução, pelo menos. E Grave tem se dedicado a uma busca incansável, porém sem sorte. Rowin e eu temos medo de que ele acabe enlouquecendo a si mesmo, e a todos os outros, se não descobrir alguma pista logo.

As duas foram desacelerando conforme se aproximavam da Mansão Grimm, onde a própria Luci havia se estabelecido pouco tempo antes, após alguns desfortúnios da vida. Afinal, a Mansão Grimm era um refúgio, e Ophelia estava muitíssimo empenhada em tentar ajudar Luci após o início desgastante da amizade delas em Phantasma.

Genevieve e Luci mal haviam colocado os pés dentro de casa quando Rowin

apareceu, erguendo a esposa em seus braços para um beijo enquanto Luci passava por eles com um sorriso triste.

— Senti uma saudade do caralho de você — murmurou Rowin ao devolver Genevieve ao chão. Umbra chiou a seus pés, e ele se abaixou para fazer um carinho na cabeça da raposa. — De você também.

Fazia duas semanas que não se viam. Ele vinha correndo contra o tempo com Grave e Sevin, todos desesperados para encontrar a cura para a mãe uma vez que a família havia sido libertada do domínio de Knox. Bem, exceto por Barrington, com quem nenhum deles conseguira entrar em contato desde que o plano de Genevieve os libertou e a Boca do Inferno de Knox desapareceu de Enchantra. Isso a enchia de preocupação.

Alguém atrás deles pigarreou.

Quando Rowin se recusou a desfazer o abraço, Genevieve ficou na ponta dos pés para espiar por cima do ombro dele.

— Oi, Grave.

— Oi, mocinha — murmurou Grave.

— Oi — interveio Luci, também de onde estava. — Sou Luci. Genevieve me contou tudo sobre você. Bem-vindo a Nova Orleans.

Grave olhou rápido para Luci. O máximo que ofereceu foi um pequeno cumprimento com o queixo.

— Onde está… — disse Genevieve, lançando um olhar de desculpas a Luci.

— *Vivi!* — exclamou Sevin antes de empurrar Grave e Rowin para fora do caminho.

Um pirulito pendia de sua boca sorridente quando ele abraçou Genevieve e a girou no ar.

— Enchantra tem sido um pouco menos emocionante sem você — comentou Sevin enquanto a colocava de pé e dava um peteleco carinhoso na ponta do seu nariz. — E Rowin, *muito* mais insuportável.

Rowin revirou os olhos.

— Nenhuma dessas coisas me surpreende, na verdade — comentou Genevieve, rindo.

— Tenho uma carta da Ellin para você. Embora, na maior parte, seja só fofocas fúteis— avisou Sevin, tirando um envelope do colete.

Genevieve agarrou a carta com avidez e descobriu que já havia sido rasgada.

— Você leu? — acusou ela.

— Fiquei entediado. Meus irmãos são companheiros de viagem meio chatos — argumentou Sevin, dando de ombros. — A página três é até empolgante.

Genevieve lhe dirigiu um olhar irritado, mas, antes que pudesse retrucar, um movimento chamou sua atenção pelo canto do olho. Ao se virar, viu Salem se materializando sob o arco aberto que levava à sala de leitura.

— Ah. Vocês já estão aqui. Peço desculpas. Eu estava visitando um conhecido na cidade — disse ele, arqueando uma sobrancelha ao ver todos reunidos.

Pelo cheiro de tabaco impregnado nele, Genevieve apostaria um bom dinheiro que o tal conhecido era Jasper.

— Anjo? — chamou Salem, indo até a escada.

Todos observaram Ophelia aparecer no topo da escada, com seu vestido vermelho farfalhando enquanto ela descia. Salem ofereceu a mão para ajudá-la a transpor o último degrau, dando um beijo rápido na ponta de seus dedos.

— Bem na hora — disse Ophie, e sorriu para Salem.

Salem estendeu a mão para cumprimentar Rowin. Quando a soltou, Rowin flexionou os dedos de leve, e Genevieve presumiu que o Príncipe dos Diabos havia exagerado um pouco no aperto. Levara algum tempo para convencer Salem a ajudar a família Silver, sobretudo após ele descobrir tudo o que havia acontecido em Enchantra, bem como a mensagem que Rowin trouxera do Rei dos Diabos.

Sem mencionar como Ophie ficou uma irritadíssima pela irmã ter voltado das férias *casada*.

— Isso significa que você se lembra de tudo agora? — perguntou Ophelia depois que Genevieve correu do Riverwalk para casa no meio da noite.

— Lembro — confirmou Genevieve.

Ophelia assentiu.

— Maravilha. Porque agora eu vou estrangular você, Genevieve Lila Grimm…

— Bem, agora é Silver. — disse Genevieve, se encolhendo.

— É! Porque você se casou *— retrucou Ophelia, bufando. — Está maluca? Não me importa se foi uma questão de sobrevivência. Eu perdi o seu casamento!*

Ophelia deu uma cotovelada em Salem, trazendo a atenção de Genevieve de volta ao presente.

— *Comporte-se* — sibilou Ophie a Salem, que lançava um olhar presunçoso para Rowin.

Salem abafou uma risada.

— E eu achando que você preferia quando eu me comportava mal, anjo.

Ophelia deu um longo suspiro ao dirigir o olhar para Rowin e Grave.

— Só o ignorem, por favor. Os Diabos não conseguem aprender boas maneiras.

— Temos isso em comum — concordou Sevin.

Salem deu um beijo afetuoso na têmpora de Ophelia antes de olhar para Rowin e seus irmãos.

— Alguma novidade? — indagou.

— Ouvimos boatos de que uma das curas está sob a guarda de um membro da Daemonica — contou Rowin a todos. — O que significa…

— Que vocês estão olhando para aquele que se tornará o mais novo membro da instituição demoníaca mais elitista do Inferno — declarou Sevin, abrindo um sorriso largo.

Rowin e Genevieve trocaram um olhar. Grave, por outro lado, não pareceu nada feliz.

— Só para constar, ainda acho que sou eu quem deveria ir — argumentou Grave.

— Dividir para conquistar, irmão — recitou Rowin pelo que devia ser a milionésima vez. — Invadir uma organização ancestral que prioriza farras e decisões imprudentes está quase no sangue de Sevin.

— Além do mais — disse Sevin após tirar o pirulito da boca —, eles jamais deixariam você entrar. Não existe um pingo de diversão na sua pessoa.

Grave resmungou.

— Venham! Vamos tomar uma bebida — interveio Salem, acenando para que se encaminhassem à sala de estar.

Rowin fez menção de ir com os outros, mas Genevieve puxou o braço dele, segurando-o para que tivessem um momento a sós.

— Diga — murmurou ele ao afastar uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Eu também senti saudade de você. Uma saudade absurda. Ainda mais à noite. Minhas mãos nunca foram tão habilidosas quanto as suas…

— Vai se meter em encrenca se continuar dizendo coisas assim — avisou ele, os olhos dourados faiscando com malícia enquanto ela deslizava as palmas das mãos pelo peito dele, até sentir seu coração acelerado.

— E desde quando isso é novidade? — respondeu ela, com um sorriso inocente.

Quando ele a pegou no colo e se dirigiu para a escada, Genevieve riu. Estava grata

a si mesma por ter lutado para abrir caminho através da escuridão e encontrar a luz que os seguia por toda parte.

AGRADECIMENTOS

Olá, meus amigos! Vocês acreditam que chegamos ao fim de mais um livro meu sobre todos os demônios e os seres mágicos sedutores que vivem na minha cabeça? Porque eu não acredito! Quando meu editor disse que estava na hora de escrever estes agradecimentos, precisei de um tempo para me recompor do choque. Minha sensação era a de que tínhamos perambulado pelos corredores assombrados de *Phantasma* um dia antes, mas, infelizmente, o tempo de fato voa quando estamos nos divertindo. E eu me diverti. Eu me diverti *muito* escrevendo este livro. Isso quando não estava chorando ou me torturando, sem saber se ele era bom o suficiente para fazer jus ao livro anterior. Mas esse é o fardo de ser uma artista, acho. Viver nessa busca por superar a si mesmo pode ser estressante e exaustivo, mas posso dizer com toda a sinceridade que eu amo Vivi e a história dela, e mal posso esperar para ver o que mais este universo e estes personagens nos reservam!

Metade deste livro foi escrita vendo reprises de *Buffy, a caça-vampiros* e ouvindo playlists melancólicas de Lofi Girl. A outra metade foi escrita ouvindo *O castelo animado* ao fundo onze vezes por dia. E o livro inteiro foi escrito durante um período bastante caótico da minha carreira, mas estou falando do tipo bom de caos, e com certeza não teria acontecido sem todas as pessoas incríveis à minha volta.

Agradeço muito a Iz, sempre. Não, ainda não fiz a tatuagem, para quem estiver acompanhando a saga. Mas *finalmente* li aquele livro que você me implorou para ler e assisti àquela série que me implorou para assistir, e acho que isso é um gesto romântico, certo? (Eu sei, eu sei, vou marcar a tatuagem agorinha mesmo.) E para Kai, nosso menino preferido. Você é o melhor cachorrinho do mundo inteiro. Por favor, viva para sempre.

Aos amigos que me mantiveram sã durante a escrita deste livro e juraram que não seria um fracasso, mesmo quando tive medo de que fosse diferente demais de *Phantasma* para agradar a alguém: Night, Becca, Darci, Deanna, Em, Elba, Hayley,

Andrea, Dev, Loretta, Hannah, Gabi, Matou, Meryn. Night, nossos telefonemas altas horas da noite me ajudaram a superar as partes mais difíceis do processo de escrita deste livro; Becca, nossas conversas à luz do dia e nossas intermináveis mensagens de voz me acalmaram quando eu mais precisei. Amo vocês demais.

Ao ícone que é Emily Forney: você acredita que este é o nosso quarto livro juntas??? Cinco anos, quatro livros, berros intermináveis sobre *Danny Phantom*, *Diários de um vampiro* e os lanches na Disney. Estou ansiosa por todas as outras histórias que estão por vir. Obrigada por ser sempre a melhor incentivadora. Iurrú!

Ao meu editor, Jack Renninson, por ser o colaborador mais maravilhoso e sempre saber direitinho como me guiar rumo à melhor narrativa possível, mesmo quando eu estava tendo uma crise de última hora (como de praxe). Além disso, é aqui que todos nós dizemos em coro "Obrigado, Jack!" por me incentivar a tornar todos os meus interesses amorosos *mais* românticos e por não me deixar matar nenhum dos nossos amiguinhos animais. Não precisamos falar sobre a versão deste livro em que Umbra morre…

À minha equipe da Second Sky por ser uma rede de apoio tão incrível. Para Noelle Holten, minha assessora de imprensa, que fez um trabalho primoroso com *Phantasma*. E a todos os outros que contribuíram para o sucesso de *Phantasma*. É um prazer trabalhar com todos vocês!

À minha equipe na Forever, por também serem parceiros tão espetaculares. A Sam Brody, meu editor, e Caroline Green e Brieana Garcia, minhas assessoras de imprensa, por todo esse trabalho excelente. Sou muito grata a todos vocês!

À talentosíssima Laura Horowitz, que deu vida aos audiolivros. Eu a admiro demais e sempre ficarei impressionada com suas habilidades.

A Rositsa Popova (Rosalynnarts) por seu trabalho maravilhoso de dar vida a todos os meus personagens com sua arte. Seu talento sempre me deixa boquiaberta e espero que possamos colaborar juntas para sempre.

A Lily, minha cunhada, sempre. Acho que você deve ser mais viciada em livros que eu a esta altura, e estou nas nuvens com isso. Nossos telefonemas caóticos são sempre os meus preferidos. À minha família, sinto muito por ter precisado me mudar para o outro lado do país. Mas eu amo muito todos vocês.

A todos os livreiros e bibliotecários que recomendam meus livros aos leitores: se algum dia precisarem de uma alma, podem ficar com a minha! Sou infinitamente grata por tudo o que fazem e por seu trabalho incansável nesta comunidade!

E, por último, a vocês, queridos leitores. Meu Deus, não sei se existem palavras suficientes para dizer como sou grata por tudo o que fizeram. Vocês não só leram *Phantasma*, como também surtaram por ele, postaram sobre ele, o amaram e o levaram a lugares que eu nunca imaginei que chegaria. Para cada um de vocês que entrou em contato para me contar suas próprias histórias sobre viver com TOC e como viram a si mesmos em Ophelia: quero que saibam que seu amor pelo meu livro e por esses personagens é algo que me tocou tão a fundo que é difícil expressar. A verdade é que eu amo todos vocês. Espero que a história de Genevieve tenha sido tão divertida para vocês quanto a de Ophelia, mas, acima de tudo, aconteça o que acontecer, espero que continuem por aqui e embarquem comigo em mais aventuras. Estou encantadíssima por estar aqui na sua companhia.

P.S.: Como acontece com a maioria dos agradecimentos, estes foram escritos nos estágios finais da edição, pouco antes de o livro seguir para a etapa de revisões. Desde então, muitas coisas incríveis aconteceram com este livro, bem como com todos os outros livros extraordinários que planejei para este universo e para os novos. Escrever uma história é uma empreitada muito solitária às vezes, mas publicar um livro, dar vida a ele e o levar às mãos dos leitores requer muito apoio. *Enchantra* foi uma jornada e tanto por vários motivos diferentes (nunca tive uma obra tão aguardada, e eu quis ter certeza de que coloquei nela cada gota de sangue, suor e lágrimas possível), mas isso jamais teria acontecido sem o trabalho estupendo dos meus editores, Jack e Sam, e da minha agente, Emily. Tenho uma sorte imensa de estar cercada por uma equipe tão fabulosa. Um *agradecimento* a mais a vocês.

SOBRE A AUTORA



© DK Hebert Photography

KAYLIE SMITH (ela/elu) é apaixonada pelo universo da fantasia. Cresceu em Louisiana, nos Estados Unidos, onde costumava assombrar livrarias e praticar a arte da escrita. Depois da graduação em Belas Artes, elu decidiu seguir o sonho de escrever em tempo integral. Quando não está escrevendo ou lendo, pode ser encontrada em casa na companhia de seus animais de estimação, cuidando das plantas ou tirando a poeira de sua coleção de sapos de crochê. Pela Intrínseca também publicou *Phantasma*, primeiro volume da série *Jogos perversos*.

kayliesmithbooks.com